

## *IΦ-SOPHIA*

Revista eletrônica de investigações filosóficas, científicas e tecnológicas

### **Religião no mundo Antigo**



GRUPO DE PESQUISAS FILOSOFIA, CIÊNCIA E TECNOLOGIAS - IFPR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – UFPR  
ASSIS CHATEAUBRIAND & CURITIBA



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**ORGANIZADA POR:**



Grupo de Pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – IFPR – Assis Chateaubriand

**EM PARCERIA TÉCNICO PEDAGÓGICA INFORMAL COM:**



DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - PGFILOS

**EDITADA E PUBLICADA POR:**



JPJ Editor



**PARCEIROS FORMAIS E INFORMAIS**

E OS CAMPI: Coronel Vivida, Umuarama e Campo Largo.



INSTITUTO FEDERAL  
PARANÁ  
Câmpus Assis Chateaubriand



**unesp**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR – Reitor *pro tempore* – Odacir**

Antônio Zanatta

**Pró-reitor de Ensino – Amarildo Pinheiro Magalhães**

**Pró-reitor de Pesquisa, Ensino e Inovação – Marcelo Estevam**

**Diretor Geral do campus IFPR – Assis Chateaubriand – Vicente Estevam Sandeski**

**Diretor de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação – Tatiane Martinazzo Portis**

**Coordenador de Pesquisa, Extensão e Inovação – não possui.**

**Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR – Assis Chateaubriand**

**Coordenação Geral – José Provetti Junior**

**Coordenação de Publicações – Claudia Dell'Agnolo Petry**

**Editor – José Provetti Junior**

**Comissão Editorial – Claudia Dell'Agnolo Petry, Vicente Estevam Sandeski, José Provetti Junior**

**Diagramador – José Provetti Junior**

**Revisor do periódico – José Provetti Junior**

#### **Conselho Editorial**

Professora Ms. (RSCIII) Claudia Dell'Agnolo Petry – IFPR – Assis Chateaubriand

Professor Doutor Vicente Estevam Sandeski – IFPR – Pitanga

Professor Ms. (RSCIII) José Provetti Junior – IFPR – Assis Chateaubriand

Professor Doutorando Daniel Salesio Vandresen – IFPR – Coronel Vivida

Professora Especialista Kátia Cristiane Kobus Novaes – IFPR – Assis Chateaubriand

Professor Ms. (RSCIII) Rafael Egidio Leal e Silva – IFPR – Umuarama

Professor Dr. Leandro Neves Cardim – UFPR – Curitiba



**IF-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Professor Dr. Rodrigo Brandão – UFPR – Curitiba

Professor Dr. Paulo Vieira Neto – UFPR – Curitiba

**Conselho Consultivo**

Professor Dr. Luiz Fernando Dias Pita – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Leandro Neves Cardim – UFPR – Curitiba.

Rodrigo Brandão – UFPR – Curitiba.

Paulo Vieira Neto – UFPR – Curitiba.

**Capa** – José Provetti Junior.

**Imagens encaminhada pelo líder do Grupo de pesquisas e estudo sobre Filosofia e ensino de Filosofia, extraída do sítio**  
<https://radionovaerabrasilia.wordpress.com/tag/karma/>

**Editoração eletrônica** - José Provetti Junior

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

PROVETTI JR., José (Org.) . **IF-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológica**. Ano IV, Volume 4, nº XVII (2018) – Assis Chateaubriand e Curitiba: JPJ Editor; Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR & Departamento de Pós-graduação em Filosofia – UFPR, 2018.

Trimestral

ISSN - 2358-7482

1. Filosofia – Periódicos. I. Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias - IFPR. II. Departamento de Pós-graduação em Filosofia.– UFPR.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **Endereços para correspondência**

Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia –  
IFPR

Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Paraná – IFPR

Av. Cívica, 475 – Centro Cívico – Assis Chateaubriand/ PR  
- Brasil

CEP – 85.935-000

Tel.: 44-98813-1127

Departamento de Pós-graduação em Filosofia – UFPR

Campus da Universidade Federal do Paraná – UFPR

R. Dr. Faivre, 405, sexto andar – Curitiba/ PR – Brasil

Tel.: 41-3360-5098

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## SUMÁRIO

<b>Religião no munto Antigo – Por José Provetti Junior.....</b>	<b>7</b>
<b>A Filosofia como modo de vida: uma análise a partir dos diálogos <i>Alcibiades, Laques e Carta VII</i>, de Platão – Por: Daniel Salésio Vandresen .....</b>	<b>10</b>
<b>A mulher trágica e a mulher ateniense: contradição ou confirmação de um modelo para o feminino? – Por: Lisiana Lawson .....</b>	<b>26</b>
<b>Foucault e o primado do cuidado de si na Antiguidade Clássica – Por: Murilo Sérgio Almeida Rabelo .....</b>	<b>47</b>
<b>Do mito à razão entre os Gregos Clássicos: o problema da religião helênica e a Filosofia – Por: José Provetti Junior .....</b>	<b>60</b>
<b>From myth to the reason of the Classical Greeks: the problem of the Hellenic Religion and the Philosophy – By: José Provetti Junior .....</b>	<b>88</b>
<b>La second tour de Babel: difficulté de la multiplication des langues dans la recherche historique sur le mouvement Espéranto – Par: Christian Lavarenne .....</b>	<b>115</b>
<b>A participação feminina na política: as perspectivas das mulheres na atual legislatura em Cruzeiro do Oeste/ PR – Por: Rafael Egídio Leal e Silva &amp; Ana Letícia Stori Mendes .....</b>	<b>132</b>
<b>História cultural da Ciência: uma possibilidade para a formação de professores e para o ensino de Ciências – Por: Angélica Antonechen Colombo .....</b>	<b>152</b>
<b>A transposição do Rio São Francisco nos discursos de Fernando Valença e Frei Gilvander Luis Moreira – Por: Delton Mendes Francelino .....</b>	<b>181</b>
<b>O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova de 1932 – Por Elis Regina da Luz .....</b>	<b>209</b>
<b>War and environment: a reflection on the impacts of war in East Timor – By: Julião Pereira; Nelson Roberto Antoniosi Filho &amp; Aldo Muro Júnior .....</b>	<b>230</b>
<b>O conhecimento e o problema corpo-mente em Karl Popper – Por: José Provetti Junior .....</b>	<b>250</b>
<b>Observatório das artes do IFPR: uma ferramenta de apoio para acompanhar a produção artística e cultural da instituição – Por: Luciana Milcarek .....</b>	<b>275</b>
<b>Isolamento existencial e a busca ontológica pela experiência do sagrado em “O amanuense Belmiro” (1937), de Cyro dos Anjos – Por: Rafael Lucas Santos da Silva - .....</b>	<b>290</b>



*IF-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Editorial

### Religião no mundo Antigo

Por: José Provetti Junior<sup>1</sup>

[joseprovetti@fpr.edu.br](mailto:joseprovetti@fpr.edu.br)

A religião é um importante fenômeno social. Presente em todas as sociedades e em todas as épocas da história, a religião é mais do que uma instituição com abrangências política, econômica, social e filosófica, mas uma vivência de

---

<sup>1</sup> É Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Professor Darcy Ribeiro – UENF, é Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa UEPG, Especialista em Saúde para Professores e Alunos dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, é Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, campus da cidade de Assis Chateaubriand- PR, professor de Filosofia nos cursos Técnicos Integrados de Informática, Eletromecânica, Agricultura e Agropecuária, professor, pesquisador e Coordenador Geral do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR, Editor-Chefe da JPI Editor e da “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”. É pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC e da Associação Nacional de Pós-graduações em Filosofia – ANPOF. É autor de artigos científicos na mídia nacional e internacional. É autor, co-autor ou Organizador das seguintes obras: “Filosofia no Ensino Médio: pequena apologia do trabalho docente” (2016); “As origens gregas do racionalismo popperiano: visão cosmológica da conexão entre Metafísica e Ciência na Antiguidade para a prática epistemológica contemporânea” (2016); “IF-Sophia – Umuarama: Filosofia, Educação e autonomia – 2012” (2015); “O dualismo em Platão” (2014); “A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental” (2011); “Filosofia Contemporânea, Lógica e Ciência” (2013); “Gravidez e adolescência” (2009) e “Vida, morte e magia no mundo Antigo” (2008).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

relacionamento entre seus participantes e as peculiaridades de suas crenças.

Muito desprezada em épocas de cientificismo, em especial em meados do século XIX, a Religião perdeu muito de sua credibilidade científica, por ater-se à dogmática e por se apegar, institucionalmente, a pontos de vista intolerantes e unilaterais.

No entanto, enquanto mística e um dos modelos de explicação de mundo, em variada diversificação, a religião traz paz ao fiel, lhe explica as particularidades existenciais do cotidiano e dá destinação escatológica do homem, embasando suas práticas sociais e políticas, de acordo com suas perspectivas típicas.

Se poderia, contudo, afirmar que o fenômeno social “Religião”, é a mesma desde os princípios do homem? Ou é algo mutável e adaptável às características históricas e contextuais das sociedades que as vivem e praticam?

Enquanto instituições sociais e políticas, as grandes religiões são parametrizadoras da compreensão global de seus fiéis sobre suas existências, se modificando e se adaptando a novas práticas sociais? Ou são Verdades inquestionáveis, fruto de revelações divinas e cristalizadas enquanto Verdades ortodoxas, cristalizadas no tempo-espço de modo a atravessarem todos os tempos e peculiaridades sociais, históricas e econômicas; construindo, portanto, um *templum* não de pedra, mas nas práticas de todos os humanos que conhecem a Verdade e que devem reedificar suas orientações dogmaticamente e excluindo todos aqueles que delas divergem em qualquer nível?

A IΦ-Sophia de outubro se destina à reflexão sobre a Religião na





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Antiguidade, a compreendendo como fenômeno humano atribuído ao divino, ao sobrenatural, dependendo da versão religiosa, mas, sobretudo, como uma construção social e historicamente consolidada em cada sociedade. Bem como o elo fundador da moral e das bases filosóficas da Ética na sociedades.

Convidamos todos a uma excelente leitura e reflexão!



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **A filosofia como modo de vida: uma análise a partir dos diálogos *Alcibíades*, *Laques* e a *Carta VII* de Platão**

Por: Daniel Salésio Vandresen<sup>2</sup>[daniel.vandresen@fpr.edu.br](mailto:daniel.vandresen@fpr.edu.br)

### **Resumo**

O objetivo desse artigo é descrever a filosofia como um modo de vida que se realiza pelo exercício de si. A partir da perspectiva teórica foucaultiana, apresentamos uma leitura dos diálogos platônicos em que a filosofia aparece como prática existencial. Desse modo, inicialmente abordando os diálogos de *Alcibíades* e *Laques*, nos quais se desenvolvem dois modos diferentes de se fazer a história da filosofia no Ocidente. Em seguida, com a apresentação da *Carta VII* descrevemos a crítica ao conhecimento como transmissão e expomos o real da filosofia como o aprendizado do *coabitar* problemas como forma de estar atento a si mesmo. Por fim, pensamos o aprender em filosofia como uma permanente *inquietação* que nos move na incompletude do

---

<sup>2</sup> É doutorando em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESPE – Marília, é Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Toledo, é Especialista em História do Brasil pela Universidade Paranaense – UNIPAR, é Graduado e Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Possui Reconhecimento de saberes e competências de nível III, Doutorado (RSCIII) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, de Filosofia, lotado junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR da cidade de Coronel Vivida-PR. É pesquisador, professor e Coordenador Financeiro e de Fomento do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR., atuando na Linha de Pesquisa de Filosofia. Desenvolve o Projeto de Pesquisa sobre O ensino de Filosofia no Ensino Médio Técnico do IFPR: questionemos nossa experiência técnica e no Projeto de pesquisa sobre Filosofia, Ciência e Tecnologias. É membro do Corpo Editorial da “IΦ-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica” desde 2014. É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional e internacional. É co-autor do livro “IΦ SOPHIA UMUARAMA: filosofia, educação e autonomia” (2012), “Filosofia francesa contemporânea” (2015) e Filosofia contemporânea: Deleuze, Guattari e Foucault” (2013).



ΙΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*desprender-se de si mesmo.*

**Palavras-chave:** Filosofia; Exercício de si; Modo de vida; Diálogos platônicos.

### **Resumo**

*La celo de ĉi tiu artikolo estas priskribi filozofion kiel vivmaniero, realigita per la ekzercado de mi mem. De la Foucaŭta teoria perspektivo ni prezentas legadon pri la platonaj dialogoj, en kiuj filozofio aperas kiel ekzistanta praktiko. Tiel, komence alproksimiĝanta al la dialogoj de Alciades kaj Laks, en kiuj disvolvas du malsamajn manierojn por fari la historion de la filozofio en la Okcidento. Tiam kun la prezento de Letero VII ni priskribas la kritikon de scio kiel transdono kaj ni elmontras la realan filozofion kiel lernado de vivantaj problemoj kiel rimarki sin mem. Finfine ni pensas pri lernado en filozofio kiel konstanta maltrankvilo, kiu movas nin en la nekompleteco deturni nin de ni mem.*

**Ŝlosilvortoj:** *Filozofio; Ekzercado mem; Vivstilo; Platonaj dialogoj.*

### **Abstract**

*The purpose of this article is to describe philosophy as a way of life that is realized by the exercise of self. From the foucaultian theoretical perspective, we present a reading of the platonic dialogues in which philosophy appears as an existential practice. Thus, initially approaching the dialogues of Alcibiades and Laches, in which are developed two different ways of making the history of the philosophy in the West. Then with the presentation of Letter VII we describe the critique of knowledge as transmission and we expose the real of philosophy as the learning of living problems as a way of being aware of itself. Finally, we think of learning in philosophy as a permanent restlessness that moves us in the incompleteness of detaching ourselves from ourselves.*

**Keywords:** *philosophy; exercise of self; lifestyle; platonic dialogues.*

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Introdução

O presente trabalho<sup>3</sup> apresenta, a partir da leitura foucaultiana dos diálogos platônicos, a filosofia como um exercício de si e modo de vida. Foucault ao analisar os diálogos (*Alcibíades* e *Laques*) e a *Carta VII*, descreve certa concepção da filosofia como prática existencial. Referencial teórico que nos possibilita problematizar certo modo de transmissão da história da filosofia em que o ensino se dá de modo abstrato e em que a vida é colocada em segundo plano. Desse modo, nosso olhar para estes textos antigos tem unicamente por objetivo enfatizar o exercício filosófico existencial como a tarefa filosófica a ser praticada no ensino de filosofia.

É importante destacar que o objetivo de Foucault ao retomar a filosofia grega não é o de reuplicar os conceitos desenvolvidos naquela época, mas por meio deles pensar o deslocamento das relações de poder no presente. A perspectiva proposta por Foucault nos leva a refletir sobre outro modo de pensar e fazer filosofia, em que a história da filosofia é uma ferramenta indispensável no diagnóstico de “quem nós somos?”, isto porque, a problematização do presente depende de uma análise histórica de nós mesmos e, também, condição para que se produza a transformação de si. Assim, a partir de Foucault, a filosofia tem a tarefa de dar outro sentido para a história da filosofia, não o de descobrir uma verdade escondida, abstrata e eterna, prática que conduz ao ensino como transmissão, mas o de potencializar o diagnóstico dos processos

---

<sup>3</sup> Esse trabalho faz parte de minha pesquisa de doutorado, iniciada em 2015 com o título “Foucault e o ensino de filosofia no Ensino Médio Técnico” sob a orientação do prof. Dr. Rodrigo Peloso Gelamo e desenvolvida na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Marília-SP.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de subjetivação em que estamos inseridos e das possibilidades de ultrapassagem deles.

### **Ostextos *Alcibíades* e *Laques* dois modos de fazer filosofia**

Em seu último curso intitulado *A Coragem da Verdade* (1983-1984), ao realizar a história da noção de *parresía* Foucault defende (2011, p. 111, p. 140 e p. 216) que houve duas práticas filosóficas no Ocidente que é oriunda da filosofia platônica e que é representada pelos diálogos de *Alcibíades* e *Laques*. “Uma vai à metafísica da alma (o *Alcibíades*), a outra a uma estilística da existência (o *Laques*)” (2011, p. 140).

Segundo Foucault (2004a) Platão no diálogo *Alcibíades*<sup>4</sup> afirma que para ocupar mo-nos de nós mesmos é preciso saber o que significa este “nós mesmos”. “Na fórmula *epimelésthai heautoû*, o que é o *heautoû*? É preciso *gnônai heautoû*, diz o texto” (2004, p. 66). E mais adiante afirma (2004, p. 84s) para que Alcibíades pudesse bem cuidar e governar os outros precisava primeiro governar a si mesmo, por isso, tornava-se necessário superar a deficiência em sua formação, ocupando-se consigo mesmo através do conhecimento de si e por meio de exercícios práticos. Desde modo, nesse texto de Platão existe toda uma relação recíproca entre o conhecimento de si e o cuidado de si<sup>5</sup>. Platão deixa claro que para Alcibíades

<sup>4</sup> O diálogo *Primeiro Alcibíades* ou *Alcibíades I* (PLATÃO, 1975a), tratasse de uma conversa entre Sócrates e Alcibíades, em que Platão aborda a questão da má educação e da ambição pelo poder do jovem governante.

<sup>5</sup> Para Foucault, na filosofia grega há uma ligação indispensável entre o cuidado de si e a verdade/ conhecimento de si. Ligação que para o autor é rompida na Idade Moderna com a filosofia de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pudesse governar os outros, precisava primeiro governar a si mesmo. Segundo Carvalho (2014, p. 9) Alcibíades não aprendeu a praticar o trabalho paciente do exercício de si a fim de aprender a dominar a si mesmo, ele tinha pressa em exercer o poder de governar e, por isso, era incapaz de governar a si mesmo. E para Platão, se faz necessário primeiro produzir “condutas pelas quais poderemos efetivamente cuidar dos outros. Começemos porém por cuidar dos outros e tudo estará perdido” (FOUCAULT, 2004, p. 244). Por isso, se faz necessário ocupar-se consigo mesmo através do conhecimento de si e de exercícios práticos.

Segundo Foucault (2004, p. 66-67) o conselho de prudência dado por Sócrates a Alcibíades para que prestasse um pouco de atenção a si mesmo é uma primeira referência passageira do conhecimento de si, porque para Platão o importante é saber o que esse *heautoû*, sua resposta é a alma. E para Foucault isso é bem conhecido nos diálogos de Platão, onde o autor grego defende que é

---

René Descartes, pois nesse momento se produziu um esquecimento do cuidado de si em função do predomínio do conhecimento de si, o qual se tornou princípio fundamental para a constituição do *cogito*. Para situar a discussão, Foucault desenvolve no curso *A Hermenêutica do Sujeito* (2004) um estudo sobre a história do cuidado de si (*Epiméleia heautou*), também denominada de história das técnicas de si, no qual aponta seu início com o modelo platônico do princípio socrático do “conhece-te a ti mesmo” e tendo seu apogeu no período helenístico, aonde o cuidado de si visava a autonomia do indivíduo através de práticas que tinha como principal objetivo a transformação de si em busca de um estilo de existência. Já durante a pastoral cristã as técnicas que compõem o cuidado de si (*epiméleia heautou*) foram gradativamente sendo deslocadas para um cuidado pelos outros (*epiméleia ton allon*). Na pastoral cristã houve um governo de si através de um conjunto de práticas que visavam a sujeição do indivíduo a padrões de conduta externos (as técnicas de confissão, exame da consciência e dramatização das penitências constituíram verdadeiros processos de sujeição e de renúncia de si). Optou-se por relatar rapidamente este percurso, pois descrever os diferentes momentos deste percurso histórico não faz parte do objetivo deste trabalho.

preciso ocupar-se com a própria alma a fim de que ela se torne a melhor possível. Desse modo, no *Alibíades* a questão da alma direciona o cuidado para um exercício puramente intelectual, como afirma: “[...] um modo de conhecimento de si que tinha a forma da contemplação da alma por si mesma e do reconhecimento por si mesma de seu modo de ser” (2011, p. 139).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Já no diálogo *Laques*, Platão descreve sobre a questão da formação dos jovens que estão destinados a ocupar cargos civis e militares na cidade. O diálogo se inicia com a preocupação de Lisímaco e Medias com o modelo de educação que desejam oferecer a seus filhos. Lisímaco e Medias levam dois amigos, Laques e Nícias, a exibição de um mestre de armas e perguntam se devem confiar seus filhos a esse mestre de armas. Nícias acha as lições úteis e fornecem um bom exercício. Já Laques critica os exercícios, pois mostra a aptidão do mestre de armas apenas na cidade. Devido ao impasse, ocorre a intervenção de Sócrates. Segundo Kohan (2008, p. 102-103) Sócrates não toma partido de nenhuma das posturas, isto porque, a questão não é de quem está a favor de uma postura ou outra, não é o modelo político que deve prevalecer, mas que se trata de uma questão própria de uma arte (téchne). E então pergunta: “como se mede a atitude de alguém no âmbito de uma téchne?” e sua resposta afirma que Sócrates expõe dois critérios: pelos bons mestres que se tem ou pelas obras que é capaz de realizar. Para Platão (1970, 185a e 185e) é necessário um conhecimento técnico para cuidar da alma como convém. E mais adiante, Nícias explica a Lisímaco que o modo como Sócrates

envolve seu interlocutor no diálogo “o obriga a prestar-lhe contas de si próprio, de que modo vive e que vida levou no passado” (PLATÃO, 1970, 188a). E ainda, “quem não se furta a esse exame, passará necessariamente a tomar mais cuidado consigo mesmo” (PLATÃO, 1970, 188b).

A partir da ligação entre *prestar conta de si mesmo (parresía)* e cuidar de si



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(*epiméleia heautou*) desenvolvido no *Laques*, Foucault (2011) procura mostrar como no pensamento grego a existência (*bíos*) se constitui como objeto fundamental do cuidado, ou seja, trata-se do tema da “*parresía* ética” (2011, p. 121). “Aqui, o objeto designado ao longo do diálogo como aquilo de que se deve cuidar não é a alma, é a vida (o *bíos*), isto é, a maneira de viver. É essa modalidade, essa prática da existência que constitui o objeto fundamental da *epiméleia*” (2011, p. 111). Assim, não se trata nem de uma questão política, nem técnica, mas do problema de constituição do *éthos*, isto é, “a maneira como se vive, a maneira como se viveu, é disso que é preciso dar conta” (2011, p. 139).

E é a partir deste princípio da *parresía* socrática que Foucault (2011, p. 127) apresenta que o cuidado de si supõe um dizer verdadeiro como prova de vida. “É preciso submeter a vida a uma prova de toque para separar exatamente o que é bom do que não é bom no que se faz, no que se é, na maneira de viver” (2011, p. 127). Diferentemente do que acontece na competência técnica, que uma vez adquirida pode ser utilizada depois, na prova socrática o modo de vida não pode ser renovado para toda a vida. O exame do modo de vida deve ser perseguido durante toda a vida, pois



não há modelo a ser seguido, ou seja, não há competência técnica que uma vez adquirida possa ser reativada. Por isso, Sócrates recusa o papel de mestre que domina uma *tékhnē* capaz de ser transmitida (2011, p. 133). Foucault afirma (2011, p. 141) que esta linha da filosofia foi encoberta e dominada pela história da metafísica da alma (tarefa encontrar e dizer o ser da alma). E que seu objetivo é realizar uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“história da vida como beleza possível” (2011, p. 141).

Diante dessas duas concepções - a de *Alcibiades* em que o conhecimento de si se desenvolve como um modo de descoberta da alma (a *psykhê*) e a de *Laques*, onde a questão de si aparece como um modo de condução da vida (*bíos*) - conduzimos nossa reflexão da filosofia a partir da perspectiva do texto de *Laques*, porque compreendemos a filosofia como uma maneira de pensar e de fazer que é a prática da vida livre

### **A Carta VII: a filosofia como modo de coabitar problemas**

Foucault na obra *O governo de si e dos outros – curso de 1983* (2010), especificamente na aula de 16 de fevereiro de 1983 (2010, p. 223s) descreve que Platão na *Carta VII* relata sobre o fracasso de Dionísio na prova da filosofia, isto porque este recusa fazer da filosofia um exercício de práticas e escolhe escrever um tratado de filosofia. Dionísio acreditava que era filósofo por ser capaz de dominar e reproduzir algumas *fórmulas de conhecimento* (*mathémata*). Por isso define:

E aqui deve-se entender a palavra *mathémata* em seu duplo significado. As *mathémata* são, claro, conhecimentos, mas também são as próprias fórmulas do conhecimento. São ao mesmo tempo o

conhecimento em seu conteúdo e a maneira como esse conhecimento é dado em matemas, isto é, em fórmulas que podem provir da *máthesis*, isto é, do aprendizado de uma fórmula dada pelo mestre, escutada pelo discípulo, aprendida de cor pelo discípulo, e que se toma assim seu conhecimento (FOUCAULT, 2010, p. 225).

A partir desse diagnóstico de que “[...] o discurso filosófico não pode encontrar seu real, seu *érgon*, se assumir a forma de quê? Das *mathémata*” (2010, p. 225),



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Foucault descreve como na *Carta VI* se aborda a questão da transmissão. Então, pergunta: “como se transmite?”, sua resposta será que não se transmite por *mathémata* (fórmulas), mas por *synousía* (coabitar). Como afirma:

Esse percurso das *mathémata*, essa enformação do conhecimento em fórmulas ensinadas, aprendidas e conhecidas, isso não é, diz o texto de Platão, o caminho pelo qual passa efetivamente a filosofia. **As coisas não acontecem assim, não é ao fio das *mathémata* que a filosofia se transmite.** [...] *Synousía* é o ser com, é a reunião, é a conjunção. [...] Mas **quem deve se submeter à prova da filosofia deve “viver com”**, deve, empreguemos a palavra, “coabitar” com ela - aqui também, vocês sabem, com os possíveis sentidos da palavra coabitar. Que aquele que filosofa tenha de coabitar com ela, é o que vai constituir a própria prática da filosofia e sua realidade. *Synousía*: coabitação. *Syzên*: viver com. E, diz Platão, é à força dessa *synousía*, à força desse *syzên* que vai se produzir o quê? Pois bem, a luz vai se acender na alma, mais ou menos como uma luz (“*phôs*”) se acende (a tradução diz “um lampejo”), isto é, como uma lamparina se acende quando é aproximada do fogo. [...] É dessa maneira, **sob essa forma de coabitação**, da luz que se transmite e se acende, da luz que se alimenta da própria alma, é assim que a **filosofia vai viver**. Vocês estão vendo que é exatamente o contrário do que acontece nas *mathémata*. **Nas *mathémata* não há *synousía***, não é preciso *syzên*. **É preciso haver enformação de matemas**, é preciso haver conteúdos de

conhecimento. Esses matematas têm de ser transmitidos e têm de ser guardados no espírito até que, eventualmente, o esquecimento os apague. Aqui, ao contrário, **não há fórmula, mas uma coexistência** (FOUCAULT, 2010, p. 225-226, grifos nossos).

A partir disso, pensamos que no ensino de filosofia o essencial não é a transmissão de um conteúdo em que o é suficiente a sua apreensão. Ao contrário, a filosofia precisa ser praticada em uma *coexistência*, em um *coabitar* problemas, onde



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não há respostas imediatas e definitivas, mas como um “longo caminho da filosofia, isto é, tomar a via rude dos exercícios e práticas” (FOUCAULT, 2010, p. 224). Sobre isso, Foucault (2010, p. 233, nota 6) cita em nota o texto de Platão, em que este afirma que é necessário frequentar por muito tempo os problemas, somente convivendo com eles que é possível a verdade brotar na alma. Nas palavras de Platão:

Não é possível encontrar a expressão [*mathémata*] adequada para problemas dessa natureza, como acontece com outros conhecimentos. **Como consequência de um comércio prolongado e de uma existência dedicada à meditação de tais problemas** é que a verdade brota na alma como a luz nascida de uma faísca instantânea, para depois crescer sozinha (PLATÃO, 1975b, 341c-d, nossa indução e grifo).

Também aponta, que a filosofia como *mathémata* conduz a ideia de que “dava-se ares de saber muitas coisas e de dominá-las” (PLATÃO, 1975b, 341b) e isso para Foucault (2010, p. 224) acarreta na ideia de que “agora que já sabia o bastante, não precisava se formar mais”. Nesse modo de filosofia como transmissão, a posse da verdade conduz a um modo de ser em que as relações de poder são autoritárias, como por exemplo, em práticas de ensino em que o professor se coloca como detentor da

verdade a ser transmitida e o aluno sendo apenas receptor e reprodutor desse saber. E isso para Foucault tem consequências éticas, isto porque, torna-se *perigoso* o modo de proceder daqueles que praticam a *mathémata*, como afirma:

Mas na verdade seria ou inútil, ou perigoso. **Seria perigoso** para os que efetivamente, não sabendo que a filosofia não tem outro real senão suas próprias práticas, **imaginariam conhecer a filosofia, tirando disso vaidade, arrogância e desprezo pelos outros**, e portanto seria perigoso. Quanto aos outros, aos que sabem perfeitamente que o



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

real da filosofia está nesta, na sua e nas suas práticas, pois bem, para *esses* o ensino pela escrita, a transmissão pela escrita seria totalmente inútil (FOUCAULT, 2010, p. 226, grifos nossos).

Nessa perspectiva, o ensino de filosofia como transmissão através do reconhecimento pela verdade produz a dogmatização de posicionamentos e, como consequência, dificultando as relações com o outro. Por isso, pensamos que a filosofia precisa se realizar como um aprendizado do *coabitar* problemas, no qual a filosofia é um caminho de práticas que jamais se completam. Desse modo, aprender a *coabitar* problemas pressupõe que o sujeito esteja em uma relação viva com seu presente, ou seja, constitui um modo de estar atento ao que se passa consigo e em seu modo de agir ético em relação ao mundo e aos outros. E nesse real da filosofia como *coabitação* nas práticas demanda que a atenção ao presente produza a desaprendizagem das práticas arbitrárias para que, então, novas práticas possam ser construídas.

No ensino como transmissão do conhecimento a ênfase está na reprodução da representação da verdade, o que tem consequência para a relação professor-aluno, pois

enquanto o primeiro detém o conhecimento a ser transmitido, o segundo está em uma situação de ignorância passiva. Trata-se de um processo de transformação apenas do aluno, da passagem do não-saber para um estado de sabedoria. Nesse registro, se está mais preocupado com o ensinar do que com o aprender, com a reprodução conceitual da história da filosofia do que com o conhecimento como aprendizagem do processo de construção de um problema. O real da filosofia como o aprendido do *coabitar*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

problemas como forma de estar atento a si mesmo

Na aula de 16 de fevereiro de 1983, Foucault (2010) compreende a filosofia como exercício de si que se realiza por práticas. Ao interpretar a *Carta VII* de Platão (2010, p. 203-222), que trata sobre o relato de Platão sobre sua missão de conselheiro político na ocasião de sua segunda viagem a Sicília, Foucault percebe que o que está em jogo na missão de Platão é o próprio sentido da filosofia: não ser puro e simples discurso (logos), mas *érgon* (tarefa, obra). Assim, a *Carta VII* é para Foucault uma reflexão que trata sobre o real da filosofia, contudo, não o real enquanto parâmetro para medir se a filosofia é verdadeira ou não, mas enquanto espaço parresíástico se refere a verdade enquanto modo de vida. E cita o exemplo do homem doente relatado por Platão (1975b, 330d), demonstrando que, para que a filosofia não seja apenas discurso, mas realidade, precisa fazer como o médico, convencer o doente a mudar seu regime de vida, onde o que está em jogo é seu modo de vida, pois com essa transformação ele evitará outras doenças.

Disso se conclui que o real da filosofia não é sua prática como prática do

logos, como discurso ou como diálogo, mas deve ser a filosofia como “práticas” no plural, em suas práticas e em seus exercícios. “Aquilo que a filosofia encontra seu real é a prática da filosofia, entendida como conjunto das práticas pelas quais o sujeito tem relação consigo mesmo, se elabora a si mesmo, trabalha sobre si. O trabalho de si sobre si é o real da filosofia” (2010, p. 221). A prática do trabalho sobre si é a tarefa da filosofia que Platão descreve em sua missão na Sicília, evidencia



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

isso ao examinar se o governante Dionísio é capaz de fazer em sua vida um exercício cotidiano dos ensinamentos filosóficos. Platão descreve “[...] meu primeiro cuidado foi certificar-me se Dionísio era mesmo unha e carne com a filosofia” (1975b, 340b) e explica que de apesar de pretender-se filósofo não a praticava como atividade existencial.

### **A filosofia como exercício de si**

Na leitura de Foucault (2004, p. 513) o cuidado de si se relaciona com a *tékhnē* grega, a qual estava associada a certos procedimentos técnicos que agem sobre a vida em busca da formação de um estilo de vida, uma forma de vida que se constitua em uma obra bela. A *tékhnē* grega é também uma arte, uma arte da existência, que Foucault chama de *tékhnē taû bíou* (técnica da vida). Como afirma:

Se existe esta liberdade [...] não se deve esquecer que tudo isto se passa no quadro não de uma regra de vida, mas de uma *tékhnē taû bíou* (uma arte de viver). [...] Fazer da própria vida objeto de uma *tékhnē* [...] implica necessariamente a liberdade e a escolha daquele que utiliza sua *tékhnē*. Se a *tékhnē* devesse ser um corpus de regra [...]

não haveria aperfeiçoamento da vida (FOUCAULT, 2004, p. 513).

E acrescenta, a vida filosófica não obedece a uma regra, mas a uma forma. “É um estilo de vida, uma espécie de forma que se deve conferir à própria vida”. E cita o exemplo de como construir um belo templo: o bom arquiteto é aquele que além de obedecer a regras técnicas indispensáveis, também é capaz de fazer uso de sua liberdade para conferir ao templo uma forma bela (2004, p. 513-514). Por isso, em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

outro texto afirma que para os gregos o importante é escolher como devo viver, em suas palavras: “o problema se constituía em qual técnica devo utilizar para viver da melhor maneira possível” (1995, p. 259). Também em outra passagem expressa essa preocupação dos gregos: “[...] qual é o saber que me possibilitará viver como devo viver, como devo viver enquanto indivíduo, enquanto cidadão, etc.?” (FOUCAULT, 2004, p. 219). Resposta que deveria se configurar como busca por um estilo de vida, onde a vida pudesse se configurar em uma obra de arte portadora de valores estéticos.

Diante disso, cabe perguntar: de que maneira se pode praticar a *tarefa filosófica do exercício de si*? Foucault, no texto *O filósofo Mascarado* (2005, p. 299-306), apresenta uma ideia do que é preciso fazer: “sonho com uma nova era da curiosidade”. E acrescenta, a curiosidade foi associada a “futilidade”, “estigmatizada” pelo cristianismo, pela filosofia e a ciência. No entanto, essa palavra lhe agrada, porque sugere algo diferente; evoca *inquietação*, sentido do algo que jamais se imobiliza; *disposição para o estranho e singular*; uma obstinação em nos *desfazermos de nossas familiaridades* e de dhar de maneira diferente as mesmas coisas; *uma*

*paixão de aprender o que se passa* (2005, p. 304). Em outra passagem, Foucault (2014, p. 13) afirma que: “[...] a espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo”. Desse modo, compreendemos que a *tarefa filosófica do exercício de si* precisa se realizar como uma prática da curiosidade que cria a *paixão de aprender o que se passa* e possibilita pensar o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aprender em filosofia como uma permanente *inquietação* que nos move na incompletude do *desprender-se de si mesmo* (FOUCAULT, 2012, p. 241).

### Considerações Finais

Por meio desse trabalho procurou-se perspectivar a filosofia como um exercício de si, uma prática que conduz a problematização da vida. Os textos platônicos nos conduziram ao diagnóstico de que no ensino de filosofia não é suficiente colocar a questão pedagógica de sua transmissão, mas que é preciso praticá-la como um problema filosófico que afeta a própria existência. Segundo Foucault (2010, p. 225) para Platão não se trata de transmissão, antes é preciso *coabitar* com ela e, assim, se constituir na própria prática da filosofia. Coabitar a filosofia pela inquietação do estranho, da paixão pelo que se passa e de se desfazer das familiaridades acéfas. Assim, a filosofia como exercício de si torna-se o modo de vida a ser praticado em seu ensino.

Por isso, se faz necessário pensar o ensino de filosofia como um exercício de si



que conduz ao *desprender-se de si*, o que contribui para a formação de um *êthos* envolvido pelo devir do seu modo de pensar e agir. O *desprender-se de si* constitui uma importante ferramenta para deslocar-se de modos de pensar abstratos e dogmáticos, possibilitando abrir-se para novas maneiras de se conceber a vida e o mundo.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### Referências

CARVALHO, A. F. “Foucault e a espiritualidade como o real da filosofia: do ultrapassamento de si ao ultrapassamento do mundo”. In **Fermentario**, n. 8, vol. 2, p. 1-16, 2014.

FOUCAULT, M. **A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho” In:

RABINOW, P; DREYFUS, H. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 253-278.

KOHAN, W. “Saber, cuidado de si y formación. El último Sócrates en el último Foucault” In **Ensayo y Error**, Caracas, nº 34, p. 93-118, 2008.

PLATÃO. **Diálogos**. Laquete Edições Melhoramentos. [1970], p. 115-142.

\_\_\_\_\_. “O primeiro Alcibíades” In: PLATÃO. **Diálogos Fedro- Cartas- O**

**primeiro Alcibiades** V. 5. Belém: Ed.UFPA, 1975a, p. 197-249.

\_\_\_\_\_. “Séima Carta” In: PLATÃO. **Diálogos: Fedro- Cartas- O primeiro Alcibiades** Belém: Ed.UFPA, 1975b, p. 137-167.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **A mulher trágica e a mulher ateniense: contradição ou confirmação de um modelo para o feminino?**

**Por:** Lisiana Lawson Terra da Silva<sup>6</sup>  
lisianalawson@yahoo.com.br

#### **Resumo**

O espaço do feminino na Atenas do século V a. C<sup>7</sup> era específico e delimitado dentro de uma organização social e política, mas o que se pode perceber é que isso se construía socialmente, através das relações entre masculino e feminino. Relações essas que estabeleciam regras de convívio social e comportamentos que podem ser percebidos na cultura ateniense e notadamente na tragédia grega. Este trabalho visa estudar como

---

<sup>6</sup> É Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, é especializanda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, é graduanda em História – Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG e é Graduada em História – Bacharel pela mesma instituição. Atua como professora voluntária na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, onde atua na Linha de Pesquisa sobre Gênero e sexo no mundo Antigo. Atua como professora voluntária junto ao Programa de auxílio ao ingresso nos ensinos técnico e superior, é professora voluntária e Vice-presidente da Associação Movimento Solidário Colméia. Atua no Projeto de pesquisa sobre Laboratório de estudos sobre a cerâmica Antiga – LECA. Atua nos Projetos de Extensão sobre Curso pré-universitário Acreditar e Pipoca Clássica.

<sup>7</sup> Todas as datas deste trabalho são AEC.

as tragédias representavam o feminino e como essa representação era uma forma de discutir a participação da mulher na *pólis* isonômica.

**Palavras-chave:** Feminino; Tragédia; Atenas; Gênero.

### Resumo

*La ina spaco en la 5a jarcento Ateno a. K. estis specifa kaj limigita ene de socia kaj politika organizo, sed kio povas esti perceptita estas ke ĉi tio estis konstruita socie, tra la rilatoj inter vira kaj ino. Ĉi tiuj rilatoj establis regulojn de socia interago kaj*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*kondutoj, kiujn oni povas percepti en Atenea kulturo kaj precipe en la greka tragedio. Ĉi tiu laboro celas studi kiel la tragedioj reprezentis la inan kaj kiel ĉi tiu reprezento estis maniero diskuti la partoprenon de virinoj en la isonomia politiko.*

**Ŝlosilvortoj:** ina; Tragedio; Ateno; Sekso.

### Abstract

*The Athens feminine space in the fifth-century BC was specific and delimited within a social and political organization, but we can perceive, that this was socially constructed through the relations between masculine and feminine. These relations established rules of social interaction and behaviors that can be perceived in Athenian culture and notably in the Greek tragedy. This work aims to study how the tragedies represented the feminine and how this representation was a way to discuss the participation of the woman in the isonomic polis.*

**Keywords:** Feminine; Tragedy; Athens; Gender.

### Introdução

A tragédia grega é uma forma de expressão cultural do século V, especificamente, e está associada ao surgimento da *pólis* isonômica ateniense. Segundo Pierre Grimal (1978), a instituição dos concursos de tragédia no mundo da cidade,

através da festa ao deus Dioniso tem duas causas: a literária e a política. A primeira é considerada uma descoberta atribuída ao poeta Téspis e a segunda ao desejo dos tiranos de exaltar e legitimar seu poder. A novidade da tragédia transformou a cultura grega nas suas instituições sociais com os concursos trágicos, nas suas formas literárias com o aparecimento do gênero poético como forma de representação teatral e finalmente no



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

plano da existência humana, pois a encenação tem como objetivo o debate e o questionamento do cidadão ateniense.

O universo trágico gira em torno de dois mundos, o mítico ou lendário ainda presente como uma tradição, e o mundo da cidade com seus novos valores e contextos mentais e que irá inaugurar um novo tipo de pensamento, a isonomia. A tragédia funciona como uma instituição social e um espelho da cidade, onde seus cidadãos ao mesmo tempo em que reconhecem as situações encenadas, produzem uma reflexão sobre a ordem política da *pólis*. Nesse sentido, a tragédia articula as tensões existentes entre o homem isonômico ou democrático e seus conflitos e o mundo das potências divinas, ou seja, o universo da cidade e o universo do mito, dos deuses. Segundo Werner Jaeger (1994) é nisso que está assentada a sua força educadora, moral, religiosa e humana, a sua força estruturadora, pois o mito é a raiz principal do espírito grego. Embora a cena trágica funcione como uma forma da cidade discutir os problemas que viviam os cidadãos em seu cotidiano, o mito continua a ser o objeto integral da exposição, que com a mudança dos interesses e de estilo de vida<sup>8</sup> o que se modifica são os pontos de vista, as formas de exposição.

Ir ao teatro para um homem grego é muito mais do que apenas um entretenimento, ao fazê-lo ele está cumprindo com uma obrigação cívica assim como

---

<sup>8</sup> Mudança do estilo de vida aristocrático para o estilo de vida isonômico da *pólis*.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

votar na *ágora* ou participar das assembleias e *symposions*. Além de ser uma instituição social, este é um espaço que entendemos como *paidêutico*, onde os mais novos aprendem, com os mais velhos, o que é ser cidadão através dos exemplos encenados no palco que abordam temas de interesse para a comunidade.

Dentro disso, observamos certa fascinação do homem grego pelo feminino nas tragédias. São muitas as mulheres trágicas, elas estão presentes em quase todas as tragédias e em algumas são protagonistas de peso. Isso nos chama atenção na exata medida em que estamos falando de uma sociedade onde as mesmas possuem um espaço de ação muito bem definido e controlado e o teatro não fazia parte dele. Por que então o feminino recebe tamanho destaque em uma produção cultural de homens para homens?

### **A Mulher Ateniense: Pandora ou Penélope?**

Para entender o que parece ser uma contradição é necessário analisar como o homem grego relaciona-se com o feminino em Atenas.

Apesar de ser uma expressão amplamente utilizada, o que é uma “mulher ateniense”? Segundo Nicole Loraux (1994) ela não existe, pois não existe uma palavra que a designe, assim como para o homem ateniense, *Athenaios*. O que há, conforme a historiadora, são mulheres “de Atenas” e elas só têm alguma visibilidade, na medida



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

em que estão ligadas a um cidadão, ou pelos laços de parentesco ou pelo casamento. A mulher não tem um lugar público que o discurso reforçe, toda a produção de sentidos é feita pelo homem. O que existe, portanto são mulheres “de” atenienses e o matrimônio é o fundamento da situação dessa mulher que é sempre filha, esposa e mãe de cidadão. Para ela não existe opção fora do casamento, não existe uma mulher solteira independente. Ela está sempre subordinada ao seu *kyrios*<sup>9</sup>. Embora não sendo cidadã, a cidade espera dela a realização de um trabalho, função, que é a de gerar cidadãos. Dessa forma a mulher não está fora da cidade, pois esta obrigação a coloca no coração da *pólis*, no sentido de que sem mulheres não há cidade.

Helene Foley (2001) coloca que o casamento nessa sociedade androcêntrica<sup>10</sup> legitima a sexualidade e a procriação dentro da família e dita as regras da dominação dos maridos sobre as esposas para que haja uma ordem doméstica e cívica. Para tanto o casamento possui na cidade grega uma poderosa ideologia que o considera como um pré-requisito à vida civilizada, que junto com o sacrifício religioso e a agricultura, definem a fronteira entre natureza e cultura e estabelecem o lugar dos humanos entre deuses e animais. Ou seja, o casamento é um dos princípios reguladores da civilidade, é

---

<sup>9</sup> Pode ser traduzido por Senhor. Homem ao qual a mulher estava subordinada, era na maioria das vezes seu parente mais próximo, marido, pai, tio ou filho e era quem administrava seus bens.

<sup>10</sup> Entendemos androcentrismo como uma construção sócio-mental que elabora representações do mundo tendo como eixo uma visão masculina. A sociedade androcêntrica estrutura-se a partir de uma valorização dos lugares masculinos, normatizando toda e qualquer relação.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma transação social entre os sexos, dando e tomando esposas, amarrando laços de parentescos e distribuindo riquezas.

Partindo desse princípio, essa sociedade, cujo gênero da soberania é o masculino, valorizou e cristalizou um ideal de mulher, a boa esposa e mãe, o que tem fundamentação nos mitos gregos. Uma pergunta muito repetida tanto na tragédia quanto na literatura grega, segundo Loraux (1994) é Por que existem as mulheres? Ou o porquê da raça das mulheres? Para ela essa é uma questão bem grega, uma vez que o mito prometéico<sup>11</sup> sobre a criação da primeira mulher, Pandora, deixa claro a sua vinda ao mundo dos homens como uma punição, um mal.

E criou já ao invés do fogo um mal aos homens; (...)  
 Após ter criado belo o mal em vez de um bem  
 Levou-a lá onde eram outros Deuses e homens (...)  
 De lá descende a geração das femininas mulheres.  
 De lá é a funesta geração egré das mulheres,  
 Grande pena que habita entre homens mortais,  
 parceiras não da penúria cruel, porém do luxo. (HESÍODO, 2014,  
 p.133, VV 570-592)

Nesse sentido, conforme a citação acima da *Teogonia* de Hesíodo<sup>12</sup> as mulheres são destinadas aos homens como uma raça separada e como uma punição à

<sup>11</sup> O mito de Prometeu e Pandora é contado em dois poemas de Hesíodo, um dos mais antigos poetas gregos, contemporâneo de Homero, autor de duas grandes obras, *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*. Esse mito conta a criação da primeira mulher, Pandora que é enviada pelos deuses aos homens.

<sup>12</sup> A *Teogonia* de Hesíodo narra a origem e a genealogia dos deuses gregos.





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desobediência dos mortais em relação aos deuses. Como coloca Jean-Pierre Vernant “a mulher é um dom destinado exclusivamente aos homens como uma marca de sua desventurada condição” (VERNANT, 1987, p. 157). Pois a criação de Pandora, além de determinar a diferença entre homens e mulheres como raças separadas da marca também a diferença entre mortais e imortais, conforme Froma Zeitlin explica: “A criação de Pandora marca uma ruptura entre homens e deuses. Isto significa que não só Pandora define as categorias de homens e mulheres na esfera humana, mas também estabelece a interseção das relações entre deuses e mortais.” (ZEITLIN, 1996, p. 62)<sup>13</sup>

Homens e mulheres não conversam entre si, eles são o reverso um do outro. Ao contrário, por exemplo, do mito de Eva em que a mulher é criada como uma companheira para o homem, no mito grego, Pandora vem com a função de punição, em que homens e mulheres ocupam espaços e funções sociais distintas. Como explica Marta M ega de Andrade

A mulher surge, portanto, fora da humanidade, e reproduz-se ainda fora dela, na medida em que o g énos produz sua própria descendência. A mulher gera a mulher, apesar da necessidade que os homens come-pão tem da mulher para gerar filhos semelhantes a seus pais. (ANDRADE, 2001, p. 44)

Para os homens gregos, portanto, a mulher é um mal necessário, levando em

---

<sup>13</sup> Todas as traduções são dos autores.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

consideração que sem ela não há procriação, geração de descendência. Na *pólis* isonômica o papel de mãe de cidadãos será de crucial importância para a manutenção desse sistema político, sendo, portanto, necessário valorizar essa mulher através da construção de um modelo ideal. Nesse sentido Pandora é o oposto da mulher-abelha elogiada por Semônides de Amorgos<sup>14</sup> em seu poema do século VII como a esposa virtuosa, as melhores e mais sábias mulheres e que Xenofonte<sup>15</sup> no século IV irá cristalizar como o ideal da boa esposa em sua obra *Econômico*, tanto que por vezes ela será tomada como o modelo de mulher grega.

O autor coloca essa mulher, esposa e mãe, em função de complementaridade ao homem e tudo que daí advém, sua redução ao âmbito do privado, às atividades domésticas e seu silêncio enquanto o homem está destinado à vida pública e à participação nos espaços de socialização como o *symposion*, o *gynasium*, a *ágora*. Na *paidéia* feminina do *Econômico* é discutido o papel da mulher na sociedade ateniense que, através da educação recebida pelo marido, torna-se capaz de gerir o patrimônio

---

<sup>14</sup> Poeta do século VII que em seu poema conhecido como Fragmento 7 descreve as diferentes tribos de mulheres que descendem de animais, mar ou terra e a partir disso refletem as características morais ou imorais de sua origem. Segundo o poeta apenas a mulher-abelha é a mulher virtuosa e esposa ideal.

<sup>15</sup> Xenofonte nasceu entre os anos de 430 e 425 a.C. do século V a.C no demo de Érquia, que pertencia a cidade de Atenas, filho de pais proprietários de terras. Foi um homem que chegou à vida adulta durante o período de apogeu do poderio ateniense e de hegemonia de sua cultura. Escreveu várias obras e dentre elas “Econômico” um manual de conduta que tem Sócrates como um dos personagens e que trata sobre como deve viver o cidadão grego ideal, dentro disso a passagem sobre a esposa ideal se destaca.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dos dois e assim, ser considerada como uma figura complementar, em que o marido pode confiar tarefas. Xenofonte enumera através da fala de Isômaco, o marido, todas as funções que a esposa deve desempenhar para tornar-se a mulher-abelha, ideal de esposa e mãe.

Nesse sentido a mulher de Xenofone também representa a heroína da epopeia homérica, Penélope<sup>16</sup>, que estava vinculada ao trabalho doméstico, fiar, gerenciar a despensa, criar os filhos e ficar restrita ao gineceu. Ela pode ser considerada a representante máxima desse ideal de mulher, esposa e mãe, a recatada, casta e silenciosa esposa que espera, incólume, a volta do marido Odisseu<sup>17</sup> da guerra de Troia. É representada como uma mulher que possui *métis*, o que os gregos entendiam como uma inteligência artilosa. Segundo Detienne e Vernant:

A *métis* é uma forma de pensamento, de um modo de conhecer; ela implica um conjunto complexo, mas muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem à medida precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso. (DÉTIENNE; VERNANT, 2008, p. 11)

<sup>16</sup> Esposa de Odisseu, personagem da Odisseia de Homero, considerada pelos gregos como um modelo de esposa.

<sup>17</sup> Herói da Guerra da guerra de Troia personagem da epopeia homérica Odisseia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Embora a *métis* seja uma forma de pensamento que se utilize da mentira e do engano e que os gregos irão associar principalmente ao pensamento feminino, essas qualidades tornam-se positivas, no caso de Penélope, uma vez que são usadas para obedecer às instruções do marido ausente. Uma esposa não deve ter autonomia própria ou satisfazer seus desejos, a não ser que isso envolva o mundo da casa ou dos filhos, ou seja, sua autonomia estava ligada ao seu papel de esposa e mãe. Tanto Pandora quanto Penélope são representações desse discurso sobre o feminino que está presente na literatura e que ao longo dos séculos estabeleceu uma visão de mulher ateniense.

Mas para além dessa mulher ateniense, mortal, filha, esposa e mãe de cidadãos existe uma mulher trágica, encenada no palco a vista de todos, que levanta questionamentos, que exacerba sua feminilidade ou a desloca em direção a uma virilidade, e que mostra uma peculiaridade da sociedade ateniense em relação ao feminino.

### **A representação do feminino na tragédia**

As mulheres nas tragédias ao mesmo tempo em que reafirmam sua condição na *pólis*, como filha-esposa-mãe de cidadãos, mas sem qualquer participação política, contradizem essa posição quando personagens femininos como Clitemnestra na tragédia *Agamênon* de Ésquilo, aparecem como um desvio à regra. Desvio no sentido

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de que da age, ultrapassa o limite que a sociedade ateniense impôs a da enquanto mulher, se descontrda, comete adultério e, por fim, mata o marido.

As tragédias deixam transparecer um sentido ambíguo da mulher, isto é, na cena trágica a figura da mulher não é só de filha, esposa e mãe, é mais. Os autores Vernant e Vidal-Naquet (2011) ressaltam a particularidade da cidade grega, que não é a única em excluir as mulheres politicamente, mas sua singularidade está em fazer dessa exclusão um dos motores da ação trágica. Pode-se pensar em como as tragédias tem protagonistas femininas de peso, além de Clitemnestra, como Antígone de Sófocles ou Medeia de Eurípedes. Além disso, para confirmar essa proeminência do feminino, chama a atenção os coros, pois são vinte e um femininos para apenas dez masculinos.

Essa peculiaridade e fascinação do homem grego em relação ao feminino leva a uma interpretação possível do drama trágico, a de que as relações entre feminino e masculino embasavam o argumento trágico e traziam discussões importantes para os cidadãos. Loraux diz que “O estudo do mito incorporado à pesquisa do imaginário cívico, enquanto representações de cidadania ateniense, constantemente me mandou de volta às questões sobre a divisão entre os sexos.” (LORAUX, 1994, p. 13) Seguindo esse mesmo pensamento Pauline Pantel reforça que

(...) as análises da tragédia e da comédia áticas na época clássica mostraram como a divisão dos sexos e a encenação do feminino serviram para pensar problemas fundamentais para a cidade, como



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

os limites do poder, a guerra, a reprodução do corpo cívico.  
(PANTEL, 1990, p. 593)

Mas Foley (2001) nos mostra um dado adicional na análise dos personagens femininos, para ela a identidade masculina e conflitos permanecem centrais para o drama trágico, embora os textos muitas vezes explorem estas questões através de personagens do sexo feminino e as posições culturalmente mais marginais que ocupam. Ou seja, algumas questões sociais dos cidadãos só poderiam ser interpretadas através do feminino, problemas relacionados, por exemplo, com o descontrole emocional, lamentações, e religiosidade são comumente da alçada feminina e, portanto não poderiam ser encenados pelo masculino, ela ainda chama a atenção que embora os personagens femininos se destaquem o drama não permite que o público esqueça os limites de ação e autonomia feminina na sociedade e deixa marcado o perigo em se dar independência às mulheres. A autora nessa interpretação reforça a visão masculina sobre a mulher. Quando ela diz que certos assuntos somente podem ser discutidos e encenados através do feminino ela adota a mesma postura mental masculina e na verdade o que se observa é que as personagens femininas, muitas vezes, são acusadas de viris, por, justamente, comportamentos considerados masculinos como o agir publicamente com sensatez e prudência e o direito à palavra.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Este é o caso da tragédia destacada acima, *Agamêmnon* de Ésquilo<sup>18</sup>, que tem como característica o protagonismo feminino através da rainha Clitemnestra. Froma Zeitlin (1996) destaca as antíteses que tomam forma na polarização dos papéis masculinos e femininos representados na tragédia, pai-mãe; lei-ritual; centro-limite; Grego-Bárbaro; cidade-casa; cultura-natureza; razão-paixão. É nesse sentido que os atenienses estão apontando, problematizando e reafirmando seus papéis sociais como cidadãos através da diferença entre os sexos.

Em *Agamêmnon* a rainha Clitemnestra é uma mulher madura, casada e mãe, mas que a partir de um ponto, desvia e mata seu marido Agamêmnon para vingar o sacrifício/assassinato de sua filha Ifigênia. Nos diálogos entre a rainha e o coro de anciãos, Ésquilo articula duas formas de expressar a realidade e o papel social masculino e feminino, a do coro e a da rainha (SILVA, 2017).

Clitemnestra, como uma heroína trágica, inverte a ordem social da *pólis* através de seu personagem, pois suas falas denotam uma virilidade incompatível com o seu gênero. A atitude viril da rainha é apontada pelo coro como um desvio ao comportamento ideal de uma esposa, que tinha como característica o recato, o isolamento, a submissão e fundamentalmente o silêncio, que, como colocou Loraux

---

<sup>18</sup> Agamêmnon é a primeira tragédia que pertence a trilogia Orestéia assim como a segunda, Coéforas e a terceira Eumênides. Agamêmnon conta o retorno do rei Agamêmnon para Argos após a guerra de Tróia e o reencontro com sua cidade, sua rainha Clitemnestra e seus cidadãos representados pelo coro.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(1985) era o ornamento das mulheres. Quando uma mulher é qualificada de viril ela está sendo retirada de seu comportamento ideal de mulher de cidadão e colocada em outro patamar de ação, com mais autonomia e principalmente, no caso desta tragédia, com direito à palavra. Ésquilo mostra uma rainha que ultrapassa o seu papel de esposa do rei, adotando a atitude de um tirano, uma desmedida, o que para os cidadãos gregos era motivo de crítica. E o coro, que é quem tem o papel de zelar pelos valores da cidade, vai fazer essa crítica aos seus soberanos através dos diálogos entre os personagens.

Julián Gallego (2000) nos diz que nesse terreno da tragédia o coro encontra em Clitemnestra uma mulher que pode falar com a sensatez e prudência próprias de um homem. Este caráter ambíguo e ambivalente de Clitemnestra pivotando permanentemente entre características femininas e masculinas põe em evidência que mais do que ante uma heroína estamos na presença de um travestimento de gênero que faz da rainha um dos heróis do drama. Clitemnestra, que como esposa deveria apenas representar um papel de complementaridade na casa, *oikos*, exerce o poder de forma viril como mulher de um marido ausente e deve, portanto, ser respeitada pela cidade, com base nas leis de matrimônio.

A rainha é uma heroína trágica que embora até certo ponto de sua vida tenha desempenhado o que se espera socialmente de uma mulher grega, casou, teve filhos, ou





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seja, cumpriu a sua função cívica, a partir de um determinado ponto incorre em um desvio. São esses desvios que a tragédia destaca para discutir os problemas da cidade através da figura feminina. Pois é através do aumento, do exagero, do descontraste que os problemas são mostrados ao público e nada melhor, na concepção grega, do que a figura feminina para encená-los. A cena trágica está ensinando, mostrando aos espectadores comportamentos e condutas inaceitáveis na sociedade *políade* através de personagens que discutem e constroem ao longo da trama trágica seus papéis sociais.

A mulher como representante de uma tradição, do mito e do divino, é a partir desse ponto de vista que a personagem de Clitemnestra recita suas falas na tragédia e enfrenta tanto o rei como o coro. Esse enfrentamento se dá através do uso da palavra, a rainha usa a arte da persuasão, *phéitô*<sup>19</sup>, para impor seu pensamento permanentemente interligado com o divino. Ela usa, a partir de uma artimanha feminina, o ardil, uma série de recursos que caracterizam a ação masculina na cidade: primeiramente ela age como um *Basiléu*<sup>20</sup>, já que o coro reconhece nela uma atitude viril, de quem sabe qual é o problema e como resolvê-lo; depois ela aparece se utilizando da *phéitô*, a persuasão, que é o meio pelo qual a cidadania articula suas decisões na assembleia. Mas ela utiliza esses instrumentos a partir de um problema feminino, isto

<sup>19</sup> *Phéitô* é persuasão, isto é, a obediência mediante a aceitação do argumento do outro.

<sup>20</sup> *Basiléu* é o título dado ao primeiro entre os aristocratas que dirige a cidade, este título nada tem que lembrar reis ou tiranos orientais, já que é contingente.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

é proteger sua prde, vingar sua filha morta. Seu problema não é usurpar o trono de Agamêmnon, mas vingar-se, aliás, uma forma bem feminina de resolver os problemas. Quando o coro nomeia a rainha de *Basileia*, viril, que sabe usar a *phátó* e que suas ações são baseadas em sonhos e delírios, ele está mostrando que a postura mental da mulher é de outra natureza, mais fluida, menos controlada, desmedida, e portanto contrária à visão de Ésquilo de ação pública. Apesar de sua postura *pdites*, isto é, defendendo a cultura da isonomia, nota-se que a tragédia de Ésquilo, permite um olhar sobre a mulher, deixa transparecer ambiguidades e contradições, mas que na verdade tem apenas uma função: reafirmar um modelo para o feminino colocando em cena mulheres completamente fora de lugar, que atravessaram uma fronteira.

Anne Carson, analisa como os gregos temiam as mulheres fora de lugar como algo impuro e que comprometiam a ordem da cidade. Para eles uma sociedade que não tomasse medidas adequadas para conter as mulheres está fadada a ter problemas. Nesse sentido podemos entender a tragédia como uma dessas medidas que a sociedade utiliza para ensinar aos cidadãos o perigo de uma mulher que “atravessou alguma linha que não deveria ter sido cruzada e este deslocamento desencadeia perigo para alguém” (CARSON, 1990, p. 158). A heroína trágica encena no palco esse deslocamento do feminino, que o homem grego tanto teme, com o objetivo de mostrar como esses desvios desencadeiam eventos incontroláveis e que podem comprometer a

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*ordem na pólis*

### **Considerações Finais**

Se a primeira vista há uma incompatibilidade entre o que os atenienses do século V entendiam como uma mulher ateniense e o que essa mesma sociedade encenava no palco da tragédia grega, os estudos de gênero fornecem uma nova interpretação possível. Em primeiro lugar, possibilitam vislumbrar que sendo essa uma sociedade androcêntrica, toda e qualquer representação do feminino é construída a partir de uma visão masculina. Em segundo lugar, tendo a tragédia uma função pedagógica, a mulher trágica tem a função de discutir a sociedade e reafirmar o seu lugar na mesma. Ou seja, a partir de outro ponto de vista, o de gênero, as tragédias podem mostrar como as relações entre masculino e feminino compõem o argumento trágico, e que através de uma leitura lenta e minuciosa do texto é possível encontrar nas entrelinhas dos diálogos entre os personagens como os atenienses abordavam as questões sociais pertinentes para eles. A tragédia não se cansa de discutir o mal resolvido problema das relações de parentesco com as relações isonômicas. Esta implicação do lugar da família na relação póliade atualiza a discussão entre os gêneros na Atenas do século V. E é justamente, aqui que reside o caráter educativo da tragédia, e está em sua forma dramática, isto é, sua função é oferecer ao público um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

debate que problematiza uma questão central para a cidade

Portanto, se a primeira a vista, a mulher ateniense e a mulher trágica parecem ser uma contradição, a partir de duas interpretações da tragédia, a pedagógica e a teoria de gênero encontramos subsídios para argumentar que na verdade elas são uma só. A tragédia ensina através do excesso, quando as personagens trágicas matam seus maridos, agindo desmedidamente, o autor está alertando o seu público masculino para o perigo que a mulher fora de controle representa. Ou seja, está reforçando o modelo ideal de mulher, a ateniense

### Fontes

ÉSQUILO. **Agamêmnon: Orestéia I**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

HESÍODO. Teogonia: **A origem dos deuses**. São Paulo: Iluminuras, 2014.

XENOFONTE. **Econômico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

### Referências

ANDRADE, Marta Mega de **A Cidade das Mulheres: Cidadania e Alteridade Feminina na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: Lhia, 2001.

BRASETE, Maria Fernanda. Semónides de Amorgos, fr. 7. **Ágora: Estudos Clássicos em debate**, Aveiro, v. 7, n. 7, p.153-162, jan. 2005. Anual. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Amorgos.pdf>. Acesso em: 07 set. 2015.

CARSON, Anne "Putting her in her place: woman, dirt, and desire".. In: HALPERIN, David M.; WINKLER, John J.; ZEITLIN, Froma I. (Ed.). **Before Sexuality: the construction of erotic experience in the ancient greek world**. New Jersey: Princeton University Press, 1990.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre Méis: **As astúcias da inteligência**. São Paulo: Odyssseus, 2008.

FOLEY, Helene P.. **Female Acts in Greek Tragedy**. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

GALLEGO, Julián. "Figuras de la Tiranía, lo femenino y lo masculino en la Orestía de Esquilo" In. **Studia Historica . Historia Antigua**, Salamanca, v. 18, p.1-26, 2000. Anual. Disponível em: [http://campus.usal.es/~revistas\\_trabajo/index.php/0213-2052/artide/view/6211](http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/0213-2052/artide/view/6211)>. Acesso em: 10 jun. 2014.

GRIMAL, Pierre **O Teatro Antigo** Lisboa: Edições 70, 1978.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LORAU, Nicole **Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **The Children of Athena: Athenian ideas about citizenship & the division between the sexes** New Jersey: Princeton University Press, 1994.

PANTEL, Pauline Schmitt. "A história das mulheres na história da antiguidade, hoje" In DUBY, Georges; PERROT, Michelle **História das Mulheres no Ocidente: A Antiguidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 591-603.

SILVA, Lisiana Lawson Terra da. **A Fabricação Androcêntrica do Feminino: a construção das relações de gênero como processo educativo na tragédia Agamêmnon de Ésquilo**. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e da Informação - ICHI, Universidade Federal do Rio Grande-FURG, Rio Grande, 2017. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5241950](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5241950) . Acesso em: 10 março 2018.

VERNANT, Jean-Pierre **Mito y sociedad en la Grecia antigua**. Madrid: Siglo Xxi de España Editores Sa, 1987.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre **Mito e Tragédia na Grécia**



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Antiga.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

ZEITLIN, Froma I.. ***Playing the Other: Gender and Society in Classical Greek Literature*** Chicago: *The University Of Chicago Press*, 1996.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Foucault e o primado do cuidado de si na Antiguidade Clássica

Por: Murilo Sérgio Almeida Rabelo<sup>21</sup>

murilo-rabelo@hotmail.com

### Resumo

O ponto central deste trabalho, isto é, o elemento que funcionou como uma espécie de “pista” se concentrou na questão elaborada por Foucault em *A Hermenêutica do sujeito*<sup>22</sup>, na aula de 6 de janeiro de 1982 ministradas no Collège de France, cujo início se dá com a seguinte questão: “Em que forma de história foram tramadas, no Ocidente, as relações, que não estão suscitadas pela prática ou pela análise histórica habitual, entre estes dois elementos o “sujeito” e a “verdade”. É nesse contexto de mudança perspectiva histórica empreendida por Foucault, precisamente, que a discussão se desenha. Ela se desdobra sobre a relação do sujeito ético, etopoético<sup>23</sup> e epistemológico, com isso, discutimos o modo como o filósofo pensa outras possibilidades de sujeito a partir de uma ação *reflexionada*. Para discutir a questão de Foucault no curso de 1981-1982 privilegiamos a relação de “cuidado de si” e “conhecimento de si”

---

<sup>21</sup> É Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP, Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. É servidor público estadual, lotado na Secretaria de Educação do Pará, junto à Escola Estadual Visconde de Souza Franco, na cidade de Belém do Pará – PA como professor de Filosofia. É membro do Grupo de pesquisa sobre Michel Foucault – PUC-SP.

<sup>22</sup> FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. Esta obra será doravante citada da seguinte forma: HS.

<sup>23</sup> FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*, op. cit., 212.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que emerge no contexto filosófico pela primeira vez por meio da figura de Sócrates em *Apologia de Sócrates*, obra do filósofo Platão.

**Palavras-chaves:** Sujeito; Ética; Epistemologia; Verdade; História.

### **Resumo**

*La fokuso de ĉi tiu laboro, te, la elemento kiu funkciis kiel speco de "trako" temigis la demandon elaborita de Foucault en la hermeneŭtiko de la subjekto en la klaso 6 de januaro de 1982 okazigis en la Collège de France, kiu komenciĝas supren "En kia formo de historio la rilatoj, kiuj ne estas praktikataj aŭ historiaj historiaj analizoj, inter ĉi tiuj du elementoj, la" subjekto "kaj la" vero ", estistraktitaj en la Okcidento. Ĝi estas en ĉi tiu kunteksto de ŝanĝiĝema historia perspektivo entreprenita de Foucault, precize, ke la diskuto estas desegnita. Ĝi disvolviĝas sur la rilato de la etikaj temoj, etopoético epistemologiaj kaj, kun tiu, ni diskutis, kiel la filozofa pensas aliaj eblecon temo de reflexionada ago. Por diskuti la temon de Foucault en la kurso de 1981-1982 privilegio la rilaton de "mem zorgo" kaj "scio de mem" kiu emergas en filozofia kunteksto unufoje per la figuro de Sokrato en la Apologio de Sokrato, Platono la filozofa laboro.*

**Ŝlosilvortoj:** *Temo; Etiko; Epistemologio; Vero; Historio.*

### **Abstract**

*The central point of this work, that is, the element that functioned as a sort of "due" focused on the question elaborated by Foucault in The Hermeneutics of the subject, in the class of January 6, 1982, taught at the Collège de France, "In what form of history the relations, which are not raised by practice or by historical analysis, between these two elements, the" subject "and the" truth ", have been plotted in the West. It is in this context of change historical perspective undertaken by Foucault, precisely, that the discussion is drawn. It unfolds on the relation of the ethical, poetic (etopoetic) and epistemological subject, with this, we discuss how the philosopher thinks other possibility of subject from a reflected action. In order to discuss Foucault's*





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*question in the course of 1981-1982 we emphasize the relation of "self-care" and "self-knowledge" that emerges in the philosophical context for the first time through the figure of Socrates in Apologia de Socrates, the work of the philosopher Plato.*

**Keywords:** Subject; Ethics; Epistemology; Truth; History.

## Introdução

Para problematizar a relação entre sujeito e verdade, Foucault utiliza como ponto de partida de suas investigações no mundo antigo a noção de “cuidado de si mesmo”. Com este termo (“cuidado de si”, *epiméleia heautou*), Foucault pretende trilhar outro caminho que não aquele da historiografia filosófica tradicional, para tratar da relação entre o sujeito e a verdade no mundo grego antigo. Ele argumenta que esta noção é paradoxal, porque a questão do sujeito – questão do conhecimento do sujeito, do conhecimento do sujeito por ele mesmo<sup>24</sup> – foi originariamente apresentada pela historiografia filosófica em um problema diferente e em um preceito outro, com a famosa prescrição *gnôthi seautón* “conhece-te a ti mesmo<sup>25</sup>”. Assim, enquanto a história da filosofia tradicionalmente utilizou, como primado de suas investigações sobre o “sujeito” e a “verdade”, o preceito do “conhecimento de si”, Foucault opta pelo preceito aparentemente “marginal” de “cuidado de si” para analisar a questão do

24FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*, op. cit., 4-5.

25Cf. FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*, op. cit., p. 4.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“sujeito” e da “verdade”<sup>26</sup>.

Ele argumenta que o “conhecimento de si” não configurava – no mundo grego antigo – o fundamento de um imperativo moral, tampouco era princípio de uma relação religiosa com os deuses<sup>27</sup>, em outros termos, nem sempre o preceito “conhece-te a ti mesmo” constituiu-se como um preceito filosófico. De acordo com as análises foucaultianas, o “conhecimento de si” se referia a um preceito religioso de prudência.

Os primeiros indícios do “conhecimento de si” e sua emergência na filosofia antiga apontam seu surgimento em torno do personagem Sócrates; quando a noção irrompe, está intimamente relacionada e mesmo – alega Foucault – “subordinada” ao “cuidado de si”, e com base no “cuidado de si” que se formula a necessidade do “conhecimento de si”. No contexto da relação entre cuidado de si e conhecimento de si, Foucault apresenta esta relação de modo muito preciso na seguinte passagem:

[...] é bem mais como uma espécie de subordinação relativamente ao preceito do cuidado de si que se formula a regra “conhece-te a ti mesmo”. O *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. É neste âmbito, como

26Cf. FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*, op. cit., p. 5.

27Cf. FOUCAULT, M. *H. S*, op. cit., p. 5.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra  
“conhece-te a ti mesmo.”<sup>28</sup>

Como se observa nesta passagem, Foucault identifica que a emergência do “conhecimento de si” ocorre em virtude da prática do “cuidado de si”, como isso se compreende que “o cuidado de si” na relação “sujeito” e “verdade” se constitui como o solo, o quadro que justifica a prática do conhecimento de si na Antiguidade, sendo ambos, portanto – o, “cuidado de si” e o “conhecimento de si” – são práticas do sujeito ético em sua autoconstituição<sup>29</sup> e produção de sua liberdade

Veremos como esta noção de “cuidado de si” irá configurar o embasamento para a prática do “conhecimento de si” segundo a investigação de Foucault a partir do texto platônico *Apologia de Sócrates*

---

28FOUCAULT, M. H. S. op. cit., p. 6.

29 O termo “autoconstituição” é utilizado por Gros (Situação do Curso. In: FOUCAULT, M. A *Hermenêutica do sujeito*, op. cit., p. 475) para identificar na Antiguidade Clássica que o sujeito ético-epistêmico em seu modo de vida constitui a si mesmo, não se configura como sujeito “fabricado” construído pelos mecanismos de saber e poder, porém o sujeito antigo “produz” o seu modo próprio de vida. GROS. Situação do Curso. In: FOUCAULT. H. S. p. 475.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **O cuidado de si e a relação com o conhecimento de si na *Apologia de Sócrates***

Como vimos no item anterior, a primeira vez que a noção de “cuidado de si” emerge no contexto filosófico é através da figura de Sócrates em *Apologia de Sócrates* no texto platônico. Esta noção foi localizada na relação conhecimento e verdade que compõe a preocupação inicial de Foucault no curso *A Hermenêutica do Sujeito*. No intuito de identificar esta relação – sujeito e verdade – apontaremos as análises da obra *Apologia de Sócrates* realizadas por Foucault e presentes no referido curso.

Na *Apologia*, obra investigada por Foucault, vemos a figura de Sócrates que, aos sessenta anos de idade<sup>30</sup>, é obrigado a se defender, dentre outras acusações, de corrupção da juventude e descrença nos deuses da cidade<sup>31</sup> diante do tribunal de Atenas. Para Foucault, o que mais interessa neste diálogo é o aparecimento do preceito prático “cuidado de si”.

Em sua defesa perante o tribunal, Sócrates se apresenta como aquele que tem

---

30PLATÃO. *O Banquete e Apologia de Sócrates*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2001, 17 d.

31Nesta passagem de *Apologia de Sócrates*, o personagem Sócrates fala sobre as acusações que lhes são dirigidas, dentre elas, praticar especulações sobre a natureza e desacreditar dos deuses da cidade e corromper a juventude, manifestas na seguinte passagem: “Porém muito mais perigoso, senhores, eram aqueles, porque vos falavam quando ainda éreis crianças e me acusavam sem base, levando-vos a acreditar na existência de um tal Sócrates, homem sábio que especulava as coisas do céu e investigava as debaixo da terra e que conhecia o meio de deixar bons os argumentos ruins. [...] Quem os ouvia ficava certo de que as pessoas dadas a semelhantes elucubrações não acreditavam nos deuses”. PLATÃO. *O Banquete e Apologia de Sócrates*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2001, 18 b-c.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

por atividade, ofício, incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a ter em cuidados consigo e a não descuidarem de si. Com efeito, há na *Apologia* passagens precisas sobre a perspectiva do “cuidado de si” como prática de Sócrates. Em meio a estas passagens, Foucault localiza a missão socrática do cuidado, que se encontra em 29d da *Apologia*<sup>32</sup>, contexto em que Sócrates é denunciado:

[...] não sei muito bem o que tu fizeste de mal, mas confessa que, de todo modo, é vergonhoso ter levado uma vida tal que agora te encontres diante dos tribunais, que agora estejas sob o golpe de uma acusação, que agora corras o risco de seres condenado e, até mesmo talvez, condenado à morte. Para alguém que levou certo modo de vida, que não se sabe bem qual foi, mas tal que se arrisca a ser assim condenado à morte após um julgamento como esse, afinal, não há nisto alguma coisa de vergonhoso?<sup>33</sup>

Nesta passagem, Sócrates é acusado de levar um modo de vida que o conduziu aos tribunais. Defendendo-se, diante de seus acusadores e dos juizes, Sócrates responde:

Atenienses, eu vos sou reconhecido e vos amo; mas obedecerei antes ao deus que a vós; enquanto tiver alento e puder fazê-lo, estejais seguros de que jamais deixarei de filosofar, de vos [exortar], de ministrar ensinamentos àque dentre vós que eu encontrar. [...]<sup>34</sup>

Foucault, nesta passagem, assinala a missão de Sócrates, que tem como

---

32 PLATÃO *apud* FOUCAULT, M. H. S, op. cit., p. 7.

33 FOUCAULT, M. H. S, op. cit., p. 7.

34 PLATÃO *apud* FOUCAULT, M. H. S, op. cit., p. 7.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

propósito pedagógico a prescrição do “cuidado de si”; este cuidado é o imperativo socrático dirigido aos seus concidadãos.

Na *Apologia*, Foucault aponta que a atividade socrática era incitar os outros a se “ocuparem consigo mesmos”<sup>35</sup>; Sócrates exerce o papel daquele que desperta os outros a cuidarem de si. Neste sentido, é no limite do “cuidado de si” socrático que Foucault reconhece o aparecimento do preceito “conhece-te a ti mesmo” como elemento central da prática do “cuidado de si”. Foucault enfatiza, no texto de Platão, *A Apologia de Sócrates*, que Sócrates se apresenta como o “mestre do cuidado”, no sentido em que possui como ofício incitar os outros a ocupar-se consigo e a não se descuidarem de si. A seguinte passagem de *A Hermenêutica* sintetiza a atitude socrática do cuidado, na qual Sócrates se apresenta como tendo por encargo o cuidado com seus concidadãos:

Meu caro, tu, um ateniense, da cidade mais importante e mais reputada por sua cultura e poderio, não te envergonhas de cuidares (*epimeîsthai*) de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias, e não te importares nem cogitares (*epimeî phrontízeis*) da razão, da verdade e de melhorar quanto mais tua alma?<sup>36</sup>

Observa-se neste fragmento citado por Foucault que a necessidade do cuidado socrático se volta para certos objetos: a reflexão, a verdade e a alma. A atividade do

---

<sup>35</sup>FOUCAULT, M. *H.S*, op. cit., p. 6.

<sup>36</sup>PLATÃO *apud* FOUCAULT, M. *H.S*, op. cit., p. 7.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“cuidado de si” socrático refere-se a uma prática permanente e não se restringe a uma atitude estritamente epistemológica, cognitiva, porém constitui uma atividade axiológica. No contexto da filosofia de Sócrates, o preceito do “cuidado de si” é situado, problematicamente, como modo de despertar os concidadãos para a necessidade do exercício do cuidado. Esta identificação de Sócrates como mestre do “cuidado de si”, tal como Foucault nos mostra na *Apologia*, remete à comparação entre Sócrates e o tábão. O tábão seria o inseto que persegue os animais, pica-os e os faz correr e agitarem-se, de modo semelhante o “cuidado de si”, no contexto socrático, seria uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, constituindo-se em princípio de agitação, elemento de força e movimento e permanente inquietude. Esta tensão deve ser compreendida como o princípio do “cuidado de si” atuando constantemente na vida do sujeito, em sua prática de autoconstituição.

Com isso, observa-se que, para Sócrates, o conhecimento é condição imprescindível e não suficiente, para além disso, atém-se vinculado a um objetivo que o integra, constitui e ultrapassa: trata-se menos de se questionar o saber aparente que se acredita possuir do que se questionar a si mesmo e os valores que dirigem a própria vida”, desse modo “o verdadeiro problema, portanto, não constitui o saber, mas o modo de ser. . Este apelo ao “ser”, à maneira de ser, ao modo de vida, possibilita Foucault a

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

identificar que mais do que ser o homem do “conhecimento de si”, “Sócrates é o homem do cuidado de si”.

Assim, as análises foucaultianas assinalam Sócrates como o personagem do paradigma do “cuidado de si”, aquele que recebeu dos deuses a missão de interpelar as pessoas, jovens velhos, cidadãos ou não, e lhes dizer: “ocupai-vos com vós mesmos”<sup>37</sup>, esta sua tarefa consiste na dedicação que ele cumpre com a cidade e com seus semelhantes. Sócrates é aquele que se ocupa com os outros, todavia o próprio Sócrates não se ocupa “consigo”. Parece uma postura paradoxal, “a missão socrática” no entanto, esta foi confiada pelos deuses da cidade, neste sentido de negligência, com esta atividade, uma série de outras questões tidas como proveitosas do o ponto de vista pessoal, a saber: Sócrates negligenciou a fortuna, renunciou a certas vantagens cívicas e a carreira política e não pleiteou cargo em magistratura, a fim de ocupar-se com os outros. Desse modo, Sócrates tem como papel filosófico incitar os outros a se ocuparem consigo. Nesta perspectiva, deve sacrificar-se em proveito de sua missão, seu objetivo consiste no ocupar-se com os outros como posição de “mestre”<sup>38</sup> do “cuidado de si”.

## Conclusão

Deste modo, se identifica Sócrates como mestre do cuidado de si, não porque

---

37 FOUCAULT, M. *H. S*, op. cit., p. 7.

38 FOUCAULT, M. *H. S*, op. cit., p. 9.





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

despreza o conhecimento, todavia ele confere ao conhecimento elemento característico da formação ética, de transformação do ser do sujeito, do seu modo de vida. O cuidado de si constitui uma prática que se vincula ao conhecimento de si, a relação entre essas práticas, revelam aquilo que se poderia denominar de domínio epistemológico e domínio ético. Todavia devesse considerar que a relação entre conhecimento (verdade) e a prática do cuidado (as condutas e constituição de si) se relaciona com a cidade. Ao se compreender esta relação entre estes três elementos se tem a constituição da vida bela.

É nesse contexto, precisamente, que nossa pesquisa se desenha, isto é, ela se desdobra sobre a relação do projeto de sujeito ético poético e epistemológico, com isso, discutimos o modo como o filósofo pensa outras possibilidades de sujeito a partir de uma ação *reflexionada*. Em outros termos, Foucault considera o sujeito como um governo que constitui a si mesmo como externalidade de uma dinâmica de subjetivação, como uma força que age sobre si mesmo.

Como observamos, trata-se de uma investigação introdutória ao percurso de Foucault em direção a uma genealogia que se inicia na Grécia antiga e examina as forças que sustentavam o modo como os homens se produziam como sujeitos a partir de um constante trabalho sobre si. Porém, não discutimos adequadamente questões quanto ao alcance das pesquisas de Foucault sobre a ética antiga, principalmente quanto à possível sugestão de um modo de ação para o presente.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Referências

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2**

**de dezembro de 1970.** São Paulo: Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura na Idade clássica.** São Paulo: Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. **A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas** Rio de Janeiro: Nau, 2013.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979).** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, e População. Curso dado no Collège de France (1977-1978).** São Paulo: Martins Fontes, 2008

\_\_\_\_\_. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Cd. Ditos e Escritos II)

\_\_\_\_\_. “A Vida dos Homens Infames” *In* MOTA, Manoel Barros da (Org.) . **Estratégia, Poder-Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, v. IV

\_\_\_\_\_. “Sexualidade e Poder” *In* **Ética, Sexualidade, Política.** Org. e sel. de textos Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, v. V

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2000.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976).** São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche, Freud & Marx. Theatrum philosophicum.** São Paulo: Princípio, 1997.

\_\_\_\_\_. “O sujeito e o poder” *In* DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault - uma**

**trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 268-277.

\_\_\_\_\_. “Verdade e subjectividade (Howison Lectures)” *In Revista de Comunicação e linguagem*, Lisboa, n. 19, p. 203-223, 1993.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade, 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984a.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Lisboa: Portugalíia, 1967.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Do mito à razão entre os Gregos Clássicos: o problema da religião helênica e a Filosofia

Por: José Proveti Junior<sup>39</sup>

<sup>39</sup> É Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Professor Darcy Ribeiro – UENF, é Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa UEPG, Especialista em Saúde para Professores e Alunos dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, é Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, campus da cidade de Assis Chateaubriand- PR, professor de Filosofia nos cursos Técnicos Integrados de Informática, Eletromecânica, Agricultura e Agropecuária, professor, pesquisador e Coordenador Geral do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR, Editor-Chefe da JPJ Editor e da “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”. É pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC e da Associação Nacional de Pós-graduações em Filosofia – ANPOF. Atua nas Linhas de Pesquisa sobre Imbricações entre Platão e Hipócrates; Platonismo alexandrino; Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR (Filosofia, Antropologia, Semiótica das religiões e sincretismo, Cidadania, política e relações sindicais, Educação, Cognição e Linguagem, História, arte, cultura, saúde, direito, política e suas representações, Idioma internacional neutro – Esperanto, Ensino de Matemática, Física, Química, Biologia e Ciências em geral e Ciências da Informação, Engenharia computacional e Teorias computacionais da mente). Atua nos seguintes Projetos de pesquisa: Biocentrismo; Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR – Assis Chateaubriand; Idioma internacional neutro – Esperanto; História da Filosofia Antiga; História das Ideias e das Mentalidades. Atua nos seguintes Projetos de Extensão: IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”; Filosofia, Ciência e Tecnologia; Grupo de estudos filosóficos IFPR – Assis Chateaubriand; Curso básico de Esperanto e IF-Sophia – Assis Chateaubriand. É membro do Corpo Editorial dos seguintes periódicos: JPJ Editor; Revista Contemporânea de Educação e IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica. Atua como revisor dos seguintes periódicos: Revista Espaço Acadêmico; Acta Scientiarum Ciências Humanas e Sociais; Revista Contemporânea de Educação; IF-Sophia: revista

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[joseprovetti@fpr.edu.br](mailto:joseprovetti@fpr.edu.br)

## Resumo

Nesse artigo se objetiva questionar a maneira tradicional de se ensinar a origem a Filosofia e a passagem do mito à razão que são normalmente apresentadas nos cursos de Filosofia no Ensino Médio, indicando os prejuízos educacionais que tal abordagem causa nos estudantes, quanto à aprendizagem e desenvolvimento das habilidades filosóficas. Tanto quanto, apontar as dificuldades de formação que a maioria dos professores de Filosofia graduados no campo tem, devido a uma insuficiente formação em Filosofia Antiga e mais ainda, os professores de outras áreas que lecionam Filosofia. O que acarreta irreparáveis danos nos alunos quanto à aprendizagem de Filosofia e sua vivência cidadã. Para tanto, se ressaltará a inaceitável e comum compreensão de mito, normalmente ensinada nos Colégios e por vezes, até mesmo em algumas instituições de Ensino Superior. Por fim, se indicará aqui a relação entre mito e razão na filosofia pré-socrática, procurando colaborar na formação de colegas do magistério filosófico e talvez modificar a compreensão geral quanto ao problema mito-razão.

**Palavras-chave:** Mito; Razão; Ensino de Filosofia; Teologia Helênica; História

---

eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica e Revista Mundi Sociais e Humanidades. Atua nas áreas de Filosofia Antiga; Filosofia da Mente e Processos Cognitivos; Teoria do Conhecimento; Fundamentos da Educação – Filosofia da Educação; História Psicológica, das Ideias e das Mentalidades e Filosofia pré-socrática. É autor de artigos científicos na mídia nacional e internacional. É autor, co-autor ou Organizador das seguintes obras: “Filosofia no Ensino Médio: pequena apologia do trabalho docente” (2016); “As origens gregas do racionalismo popperiano: visão cosmológica da conexão entre Metafísica e Ciência na Antiguidade para a prática epistemológica contemporânea” (2016); “IΦ-Sophia – Umuarama: Filosofia, Educação e autonomia – 2012” (2015); “O dualismo em Platão” (2014); “A alma na Hélade a origem da subjetividade Ocidental” (2011); “Filosofia Contemporânea, Lógica e Ciência” (2013); “Gravidez e adolescência” (2009) e “Vida, morte e magia no mundo Antigo” (2008).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Psicológica.

### **Resumo**

*En ĉi tiu artikolo ni celas diskuti la tradicia maniero instrui la fonto filozofio kaj la pasejo de mito al kialo, ke estas kutime prezentita en filozofio kursoj en mezlernejo, indikante la eduka damaĝoj kiujn tia aliro ĉar la studentoj, la lernado kaj evoluo de filozofiaj kapabloj. Tiel, indikante tra la malfacilaĵoj de trejnado ke plej diplomiĝintoj de filozofio instruistoj en la kampo estas pro nesufiĉa trejnado en Antikva Filozofio kaj pli, instruistoj de aliaj areoj kiuj instruas filozofio. Kio kaŭzas neriparebla damaĝo al la studentoj pri la lernado filozofio kaj ĝia civitano sperto. Tial, ĝi estas la neakceptebla kaj komuna kompreno de mito, kutime instruita en Kolegioj kaj foje eĉ en kelkaj altlernejoj. Fine, ĉi tie indiki la rilaton inter mito kaj kialo en antaŭ-Sokrata filozofio, serĉante por kunlabori en eduki kolegoj de filozofia instruado kaj eble modifi la ĝenerala kompreno pri la mitracia problemoj.*

*Ŝlosilvortoj: Mito; Racio; Instruado de Filozofio; Greka Teologio; Historia Psikologio.*

### **Abstract**

*This article aims to question the traditional way of teaching the origin of Philosophy and the passage from myth to reason that are usually presented in Philosophy courses in High School, indicating the educational damages that such an approach causes in students, as to learning and development of philosophical skills. As much as, to point out the training difficulties that most Philosophy teachers graduates in the field have, due to insufficient training in Ancient Philosophy and even more, teachers from other areas who teach Philosophy. This entails irreparable damage to students in the learning of Philosophy and its citizen experience. In order to do so, the unacceptable and common understanding of myth, usually taught in Colleges and sometimes even in some institutions of Higher Education, will be emphasized. Finally, the relation between myth and reason in pre-Socratic philosophy will be indicated here, seeking to*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*collaborate in the formation of colleagues in the philosophical magisterium and perhaps to modify the general understanding of the myth-reason problem.*

**Keywords:** *Myth; Reason; Teaching Philosophy; Hellenic Theology; Psychological History.*

## **Introdução**

A questão a ser trabalhada nesse artigo versa sobre o problema de compreensão das relações teológicas entre o mito e a razão enquanto origem da Filosofia.

A abordagem a ser desenvolvida passa pela História das Ideias, das Mentalidades e Psicológica, aplicadas ao caso da origem da Filosofia, por meio da metodologia comparativista e filosófica antropológica desenvolvida junto a diversos referenciais teóricos, mas mais especificamente a Jean-Pierre Vernant, Jaeger Werner, Érick Haveloc e Karl Raymund Popper.

É hábito entre os professores de Filosofia do Ensino Médio e alguns do Ensino Superior apresentarem o mito como algo relacionado ao atualmente denominado “senso comum”, enquanto oposto ao discurso científico e o mito vinculado à ideias religiosas, no sentido da superstição, do sobrenatural e quase como que sinônimo de “ignorante”, mediante a formação academicista de nossa sociedade do conhecimento.

Por outro lado, normalmente tal classificação apresenta a Filosofia como algo

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que surge a partir do nada, entre os séculos VII-VI a. C., na Grécia e daí, sem menores considerações, se afirma que a Filosofia significa “amor” ou “amizade” à sabedoria. Sem, contudo, se explicar o que é efetivamente a “sabedoria” a que se dirige o conceito pitagórico de Filosofia. Criando, portanto, um conjunto de hiatos que pouco instrumentalizam os estudantes de Filosofia, de qualquer nível de escolarização, em especial, os iniciantes, quanto ao que é efetivamente, a Filosofia e para que ela serve.

Isso se dá, também se pretende demonstrar nesse artigo, devido a nenhuma ou a péssima formação dos professores de Filosofia quanto às origens do campo, devido a esse estar situação tempo-espacialmente em um período historiográfico que é pouco privilegiado nos programas de graduação e pós-graduações brasileiros, a saber, a História Arcaica e Antiga da Grécia, em especial.

Se tentará, portanto, desconstruir a separação entre mito e razão entre os Gregos e a falsa impressão de sua radical oposição, em especial, depois da criação da razão.

Após demonstrar essa inconsistência histórica entre mito-razão, se demonstrará que a razão, embora genial e inovadora no século VI a. C. não era tão popular como é mostrado em livros didáticos e em alguns cursos de Filosofia. Que sua criação e uso não provocou um rompimento cultural na Hódade ou em qualquer outro povo antes do final do século XIX d. C. e mesmo assim na Europa e, em certa medida





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nos Estados Unidos da América e que qualquer posição extremista quanto ao desprezo popular a respeito do mito e suas efidências culturais é exagero irreal, sobretudo em países como o Brasil, cuja educação pública estatal tem menos de duzentos anos de funcionamento.

## **Considerações iniciais**

### **O problema**

Ao se dedicar ao ensino de Filosofia o professor se depara com várias dificuldades. A principal dela é que no Brasil o ensino de Filosofia só se inicia, de maneira regular, a partir do Ensino Médio.

Até então, os estudantes, em nenhum momento de seu processo de escolarização formal tem contato com algo relativo a Filosofia. O que, em geral, acumula uma desvantagem de exposição dos estudantes a ideias, métodos e conteúdos dos campos de aproximadamente nove anos em relação a outras áreas do saber.

Além disso, em geral, poucas são as instituições de ensino que possibilitam ao professor mais de um tempo de aula semanal, aproximadamente cinquenta minutos, com cada uma das turmas em que a disciplina é ofertada.

Outra dificuldade que se acrescenta é a formação do professor. Apesar de haverem vários cursos de Filosofia no país, tal qual Matemática, Física, Química,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Biologia e Sociologia, a Filosofia é pouco procurada por vestibulandos do Ensino Médio. Portanto, o que se verifica, como em todas as áreas acima indicadas, é uma brutal demanda de recursos humanos qualificada naquelas áreas.

No que se refere à Filosofia e Sociologia, tal situação se agrava mais, a partir do momento que em 2008 se alastrou, em todo o Brasil, a ideia que basta ter formação superior que qualquer cidadão, sobretudo com formação em licenciatura, pode dar aulas de Filosofia, partindo-se do pressuposto de que todas as áreas do conhecimento usam a razão como linguagem básica e que por isso, qualquer professor pode ministrar aulas de Filosofia, desde que se disponha a atuar fora de área.

Ora, a despeito do descalabro de tal ideia, algumas instituições e sistemas de ensino se envergonharam de tamanho disparate e restringiram os efeitos daquele argumento a profissionais da área de Ciências Humanas. O que de certa forma foi bom, enquanto medida mercadológica, pois eu melhor aproveitamento a recursos humanos de áreas como de História, Pedagogia, Psicologia, Serviço Social, Direito e Teologia que assim foram incorporados pelos sistemas de ensino brasileiros, na ausência de Filósofos de formação.

Em paralelo a isso, no âmbito das universidades que ofertam a formação de Filosofia no Brasil, pouquíssimas instituições públicas privadas ou estatais fogem ao paradigma da Filosofia Moderna e Contemporânea, enquanto viés próprio de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

formação brasileira, em se considerando que o Brasil enquanto tal, é uma nação que não teve experiências históricas nem com a Antiguidade, nem com o Medievo e, portanto, apenas o que é Moderno e Contemporânea interessa a essas instituições.

Por conseguinte, a maioria dos profissionais que lecionam naquelas instituições de ensino superior, em seus programas de graduação, licenciatura e de pós-graduações, normalmente tem suas formações, projetos de pesquisa e extensão focados nas áreas de Filosofia Moderna e Contemporânea. Logo, seus alunos, em geral, lhes seguem os passos.

Consequência necessária e absoluta, embora haja a mencionada tendência predominante, registrada dos *Curriculae* dos cursos superiores e de pós-graduação daquelas instituições de ensino superior, incomodamente, e por princípios positivistas de estruturação metodológica curriculares sempre tem por menos tempos de aula que lhes deem, as disciplinas de Introdução a Filosofia e História da Filosofia Antiga e Medieval, normalmente separadas e em dois módulos semestrais ou um anual.

Em geral, tais disciplinas, nas universidades, são dadas aos professores sem vínculo estatutário, no caso de universidades públicas estatais, e, portanto, temporários ou recém ingressos por concurso. Nas instituições privadas, normalmente aos recém contratados ou os que tem menor titulação acadêmica. Raramente se observa um saudável rodízio dos docentes para arajar as possibilidades de ensino e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aprendizagem quanto a isso.

Por que esse estado de coisas acontecem? O que está em jogo nesse ciclo vicioso, que acaba por formar professores de Filosofia em especial, e de outras áreas que eventualmente atuarão como docentes de Filosofia, nos Ensinos Médio e Superior brasileiro? E o que isso tem a ver com o título desse artigo?

### **Desenvolvimento**

A situação da formação de professores de Filosofia, das instituições de ensino superior, do subaproveitamento mercadológico de recursos humanos de outras áreas e a pouca valorização do processo de escolarização no Brasil, que é colonial e cultural, assinalam um grave problema que os sistemas de ensino públicos estatais e privados perpetuam, na medida em que todos esses profissionais de ensino, ao irem para suas salas de aula, reproduzem o dito paradigma de interesse nacional em assuntos relacionados ao período Moderno e Contemporâneo da História Universal enquanto norteador dos investimentos em formação e pesquisa; quanto fornece ao cidadão em passagem pelo Ensino Médio, exposição a erros conceituais e aulas tapa buracos que pouco contribuem efetivamente para a sua formação cidadã.

Nem tampouco fornecem experiências impressões saudáveis de ensino e aprendizagem de Filosofia, que motivem os jovens e adultos a ingressar em uma universidade para a formação de graduação e licenciatura, bem como se reforça o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conhecimento superficial de docentes quanto aos temas, problemas e questões da Filosofia Antiga e Medieval, se perpetuando, portanto, equívocos terríveis, que por vezes afastam possíveis interessados em Filosofia, na medida em que a disciplina lhes é apresentada como algo sem pé nem cabeça, sem técnica e metodologia de ensino e aprendizagem que lhe favoreça o entendimento, acaba-se apresentando aos estudantes uma verdadeira colcha de retalhos em que o mito é a sombra da ignorância ortodoxa e religiosa do senso comum e o discurso científico é a luz da verdade libertadora das consciências e que proporciona a felicidade.

Críticas à parte, por que esse problema de formação e mercadológico dos profissionais de filosofia incide sobre a questão da passagem do mito à razão, ou ainda, quanto à criação da Filosofia, tema e problema propostos nesse artigo?

Pelo simples fato de que exceto a professora Marilena Chauí em vários de seus livros didáticos, como por exemplo: “Filosofia e Sociologia” (CHAUÍ & OLIVEIRA, 2007), “Filosofia” (CHAUÍ, 2003), “Iniciação à Filosofia” (CHAUÍ, 2010) e, parcialmente, os autores do livro didático público do Paraná, “Filosofia: Ensino Médio” (MENDES; BORGES; KESTRING *ET alii*, 2006), a grande maioria dos livros didáticos, vídeo-aulas sobre o tema ou preparatórias para concursos vestibulares e ENEM disponíveis no *youtube* estão completamente equivocados a respeito da origem da Filosofia entre os Hêlênicos Arcaicos!



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Esse “equivoco”, quero eu dar as seguintes motivações, em ordem decrescente de probabilidade, a saber: a) despreparo acadêmico de formação de professores filósofos e, sobretudo, dos não filósofos, conforme indicado acima; b) além de “a”, necessidade profissional, para cumprimento de programas e se manter no emprego; c) acesso a fontes de estudos equivocadas ou superficiais, como por exemplo, programas de concursos vestibulares ou ainda, pior, cópia das últimas provas sem um estudo metódico sobre o planejamento da prova de concurso e o significado de se eleger tal ou qual filósofo como o objeto da questão; d) além de todo o exposto anteriormente, má fé e preguiça acadêmica, como mínimo.

Por qual motivo se afirma isso?

Pelo simples fato, observável de maneira gratuita por qualquer leitor da língua portuguesa, que de posse de um dispositivo computacional com acesso à *internet*, se utilizando de algum buscador, desenvolve uma pesquisa em obras de filósofos e de autores que tratam de História, Antropologia, Psicologia, Sociologia ou Etnografia da Hélade Arcaica. Sem contar que existem várias possibilidades de material bibliográfico seguro, isto é, produzido por pesquisadores vinculados a universidades e de acesso gratuito em Português, Espanhol, Inglês, Francês, Italiano, Alemão, Latim e Grego, dependendo da formação complementar de cada colega, é dado.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

E o fato, visível em qualquer curso de Colégios públicos estaduais ou particulares, universidades e, sobretudo, no *youtube* se vê, sobre o tema do artigo o que segue:

1. “A Filosofia é uma ciência”;
2. “Ela surge e é aceita pelos Gregos, que imediatamente começa a pensar de maneira muito semelhante a nossa hoje”;
3. A Filosofia se separou do mito radicalmente e elaborou uma atitude crítica, inquiridora, inconformada com as coisas tal qual elas são”;
4. “O mito é o discurso do senso comum, dos mistérios, da ortodoxia religiosa, enquanto a Ciência é o discurso racional”;

Bom, creio que essas quatro afirmações ventiladas em alguns livros didáticos, apostilas de cursinhos de redes privadas de ensino, de cursinhos vestibulares ou ENEM e sobretudo no *youtube* são suficientes e necessárias para desenvolvermos a temática proposta para esse artigo. Qualquer uma delas é facilmente localizável por qualquer interessado em averiguar.

Pois bem, o grande engodo passado como conteúdo de Filosofia para estudantes de Ensino Médio, cidadãos em geral e em raros casos, porém existentes, para estudantes universitários é que todas as afirmações acima, isto é, de 1-4, são



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

absoluta e escandalosamente falsas. Desmontáveis, como afirmara, por qualquer um que se abale a ler a bibliografia acadêmica a respeito.

Vejamos o item “1”. “A filosofia é uma ciência”. Considerando que não havia Ciência e método científico como hoje os conhecemos antes dos trabalhos do filósofo inglês Francis Bacon, no século XVII d. C. e que a aplicação da linguagem matemática se generalizou nos estudos científicos a partir dos trabalhos do filósofo Galileu Galilei, que incentivou a chamada “matematização” da natureza, de inspiração do filósofo Pitágoras de Samos, num viés dos filósofos Platão de Atenas e Aristóteles de Estagira, fica extremamente difícil conceituar a filosofia como uma “ciência”. Sob o aspecto historiográfico, é claro.

Sob o aspecto epistemológico, a coisa ainda fica mais complexa de ser defendida, na medida em que cada ciência estuda um objeto específico da natureza e a Filosofia, na prática, além de não adotar o método científico, usa a razão sob o aspecto metafísico, bem como, dessa maneira, aplica-se à revisão crítica racionalista de todos os aspectos existenciais do que chamamos de “realidade”.

Sob o aspecto da lógica da investigação científica, epistemologicamente falando, aí sim, em certa medida, poderíamos atribuir-lhe o caráter de “ciência”. Mas na prática, seja no âmbito das Lógicas Maior, Menor, da Crítica ou da Lógica Matemática, o fato que a ciência em questão é a Lógica. Como bem define Jacques





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Maritain (1986, p. 17):

1. PRIMEIRA NOÇÃO DE LÓGICA – a Lógica estuda a razão como *instrumento da ciência* ou meio de adquirir e possuir a verdade. Pode-se defini-la: a arte QUE DIRIGE O PRÓPRIO ATO DA RAZÃO, isto é, que nos permite chegar com ordem e sem erro, ao próprio ato da razão
  - a) Desse modo, a Lógica não procede somente como qualquer ciência, segundo a razão, mas diz respeito ao próprio ato desta razão; daí seu nome de ciência da razão ou do *logos* (λογικη επιστημη).

Ou seja, não se pode chamar a Filosofia de “ciência”, sob o aspecto lógico, pois a lógica, que é a “ciência da razão”, ela é um campo específico do conhecimento humano, comum a todas as ciências e à Metafísica, isto é, à Filosofia. No entanto, a Filosofia não é a Lógica. Tanto quanto a Lógica não é as Ciências, mas é, repito: “a ciência da razão”. Isto é, ela é a normatização das regras que regulam o modo discursivo racional, criado por Tales de Mileto nos inícios do século VI a. C., mas a Filosofia não é apenas a lógica, como se vê nos dizeres de Maritain (1986), a Lógica auxilia as ciências e, nessa medida, mesmo não sendo uma ciência, a lógica, por tratar da razão e suas regras operacionais, é um requisito essencial da Metafísica.

Portanto, de maneira alguma a Filosofia pode ser apresentada como uma ciência.

Vamos ao item 2: “Ela surge e é aceita pelos Gregos, que imediatamente



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

começas a pensar de maneira muito semelhante a nossa hoje” E o A Filosofia se separou do mito radicalmente e elaborou uma atitude crítica, inquiridora, inconformada com as coisas tal qual elas são”;

Pelos vídeos que assisti no *youtube* a respeito da origem da Filosofia não sei dizer se essa forma de apresentar a Filosofia se dá por uma tentativa de simplificação da abordagem, se imaginando que dessa maneira o estudante vai compreender melhor, se é despreparo dos professores ou se é má fé em falar daquilo que de fato não compreende!

A realidade é que praticamente a maioria dá a entender que a partir do momento que a Filosofia é criada, por um passe de magia ou de óbvia aceitação pública de alguma verdade incondicional, todos os gregos, em detrimento dos bárbaros passaram a raciocinar e agir racionalmente, repudiando os mitos, suas práticas religiosas, culturais e que o assunto das *polis* da África ao Oriente Próximo (Turquia) e desta a Europa só se usava a Filosofia como uma coisa auto evidente.

Esse é mais um dos casos elencados acima que bastaria uma abordagem acadêmica simples para notorizar a falsidade de tal crença. Toda a bibliografia especializada, exceto alguns livros didáticos e apostilas de cursinhos dão sobejas demonstrações que isso é falso. Inclusive, sob os aspectos técnico, tecnológico, midiático e histórico, tal acontecimento é impossível!



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Primeiro devido aos Helênicos dos fins do século VII, inícios do VI a. C. ignorarem a arte da escrita. O alfabeto grego estava em processo de introdução na Hélade, conforme se vê em Havdlok (1996), provavelmente em seu processo de gênese, isto é, de apropriação das letras do silabário fenício, a criação dos símbolos que representariam as vogais e as letras especiais do alfabeto helênico. Elas simplesmente eram um laboratório, provavelmente trazidas a Mileto por mercadores ou ainda, se forem verdadeiras as doxografias dos Antigos quanto aos gregos fundadores da Jônia, que migraram para o Oriente Próximo terem se casado com mulheres nativas das localidades em que se fixaram, como no caso da mãe de Tales de Mileto, que era Fenícia, possivelmente esse processo de gênese do alfabeto Grego se deu por essas duas vias. O que, por outro lado, justificaria Tales saber ler e escrever. Possivelmente aprendera em casa, com sua mãe.

Uma vez que as etnias helênicas até o século VIII a. C. eram sociedades totalmente orais, isto é, não dispuseram de sistemas de escrita entre os séculos XI - VIII a. C., conforme se verifica em Vernant (2002). Além disso, essa tecnologia da oralidade era socialmente usual por meio do que Marcel Detienne (1988) do modo discursivo mito-poético, cantado e dançado em verso, como se verifica nas clássicas obras desse período do poeta Homero, “A ilíada” (2015a) e “A odisseia” (2015b).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Além disso, como o que era cantado e dançado era popularmente entendido uma mensagem dos deuses para os humanos, que vinha através dos *aedos* ou pelos *rapsodos*, então conhecidos como “Mestres da Verdade” (Αλεθεια), é palavra-eficiente, isto é, um tipo de discurso que é sagrado e a audiência dessa fala é mágico religiosa, exigindo do ouvinte, máxima atenção para entender o dito e gravá-lo, para o reproduzir para aqueles que não estavam no momento da comunicação.

Com esse tipo de prática cultural e social é algo complexo se analisar e refletir sobre algo, pois no momento em que se para se analisar alguma parte da mensagem, você perde a continuidade da fala do poeta e, portanto, dos deuses. Logo, não era nem em sombra comum alguém questionar algo que era passado por esses Mestres da Verdade. Não porque era uma verdade religiosa, ortodoxa, que não admite questionamento, mas simplesmente se você parasse para analisar perderia todo o resto!

Outro aspecto histórico, social e cultural que impede se admitir que após a descoberta da razão tudo mudou como mágica: Tales de Mileto é considerado pela doxografia Antiga como um dos sete sábios da Grécia, isto é, um dos helênicos que devido a sua sabedoria e vivência criaram o estilo de vida grego e tudo o que isso significa, como se verifica em Kirk; Raven & Schofield (1994).

Para que isso se desse, ele viajou muito, nos grandes centros culturais e religiosos de sua época, como o Egito, Ásia Menor, Oriente Próximo. E como diz o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ditado popular: “O viajante que fica muito tempo longe de casa se torna estrangeiro em sua própria pátria!”. É apenas com mais idade, e assentado em Mileto efetivamente, com a filha casada com Anaximandro, também da *polis* de Mileto, que Tales monta a sua “escola”. Que na verdade nada mais era do que sua própria casa, em que recebia Anaxímenes, seu concidadão, Heráclito de Éfeso, Xenófanés de Cólofon e Parmênides de Eléia, dando, então, início a sua atividade pedagógica e iniciando com base na escrita de seu próprio livro “Sobre a Natureza”, que começou a realizar o revisionismo crítico e racional dos mitos helênicos e bárbaros que tinha acesso, mas em especial, se dedicaram ao poema “A teogonia”, de Hesíodo de Asra (1995).

Ora, como um evento doméstico, portas adentro da casa de Tales, circunscrito, em tese, a três cidadãos de Mileto e três estrangeiros que foram a Mileto aprender em a sabedoria com Tales, um dos sete sábios da Grécia, sem escrita, papel, rádio, televisão, *internet* se popularizar de maneira instantânea, como a maioria dos livros didáticos, professores e vídeos-aula dão a entender, de maneira a fazer que os gregos comuns, mesmo nobres e ricos, mudassem da noite para o dia e repudiassem os mitos, as crenças das religiões helênicas e suas práticas sociais, religiosas que eram, essencialmente, uma e uma única coisa, a saber: a política?

O que houve, sim, foram mudanças metodológicas que foram aprendidas e aprendidas, criticadas, ampliadas e modificadas pelos alunos de Tales e, depois da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

morte deste, de Anaximandro, até a destruição de Mileto pelos Persas, que serão fundamentais para a criação do modo discursivo racional, isto é, a razão propriamente dita, porém, sem qualquer recurso que possa remê-la ao que hoje chamamos de “Lógica” de qualquer tipo. Eles ignoravam isso absolutamente. Talvez nem soubessem o que faziam.

Mas por meio da escrita, em prosa, houve a condição técnica necessária para esse pequeno grupo internacional começar a ler, refletir, criticar e rever os mitos tradicionais e, então, estimulados por nada mais nada menos que um dos sete sábios da Grécia (“o Cara”), isto é, Tales, propunham outras explicações para o cosmos, a *phýsis* (natureza), seu fundamento, *arché* e, sobretudo, não temessem criticar o próprio Tales, pois afinal de contas, a crença popular dos helênicos Arcaicos até Aristóteles de Estagira, era que “os homens, nada mais fazem que tecer conjecturas sobre o cosmos e a *phýsis*, apenas aos deuses o acesso à Verdade sobre a realidade é possível”, segundo Popper (1990).

Portanto, como **todos** os Historiadores da Filosofia acessíveis a qualquer um que se interesse minimamente pelo assunto ensinam: os gregos comuns, pessoas do povo e aristocratas de qualquer natureza: a) a maioria era analfabeta; b) todos, inclusive os pensadores revisionistas racionalistas críticos (futuros filósofos) cultuavam seus ancestrais no chamado “culto dos mortos ou da *Héstia*”, conforme se vê em Coulanges



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(1998), tinham o culto cívico de suas *frátrias*, tribos e, finalmente, da *polis*, oravam, sacrificavam aos seus deuses, cumpriam todas as exigências apregoadas pela piedade religiosa cívica e alguns, dos mistérios, fossem Órficos, de Elêusis ou de Dionísio.

E mais do que isso, como afirma Jaeger (1995), sua *Paideia* (educação) continuou centrada em Homero, Hesíodo, demais poetas e alguns cidadãos, se dedicavam ao estudo da Filosofia. A ponto de Platão, no *Fédon*” (1996), o diálogo sobre a imortalidade da alma fazer Sócrates forçar Cebes, um de seus alunos pitagóricos, concordar que os filósofos são tão poucos e devido a seu estilo de vida ser como se estivesse se preparando constantemente para a morte, que dado a sua atividade, muitos cidadãos realmente se agradariam que todos morressem mesmo.

Então, dado o exposto, como é possível se defender a ideia que assim que a razão é criada os mitos caem em desgraça e a partir de então todos começaram a exercer a Filosofia contra os ignorantes mitos? Pura balela!

Outro ponto também necessário a ser comentado é a total falta de pudor de autores de livros ou vídeo aulas e de docentes de tratar em uma coisa transtemporal, multicultural e transdisciplinar como a Filosofia, sobretudo quanto a sua História, como se os autores e seus textos, problemas, temas e questões fossem os mesmos de nós, enquanto sociedade globalizada, majoritariamente se dividindo entre judeus, cristãos e muçulmanos, todos, com suas miríades!



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Sem a menor preocupação com a anacronia, abordam autores, textos e problemas sem qualquer preparo prévio de contextualização e de qualquer esforço comparativista. Simplesmente pegam o ponto e lançam como se estivesse conversando sobre o noticiário do dia!

Segundo as modernas Pedagogia, Didática e Psicologia, o papel do professor ou do comunicador acadêmico é mediar os saberes e habilidades técnicas do campo para seus estudantes.

Essa mediação supõe além de formação profissional adequada e licenciada para os meandros da profissão do ensino-aprendizagem, que o professor pesquisa, estude, reflita e de certa forma proceda a um exercício de empatia com seus estudantes, lhes compreendendo os aspectos regionais de sua herança cultural particular e coletiva para com a área e mediatize, isto é, flua o saber estimulando a aprendizagem do estudante conforme suas necessidades individuais e coletivas, a partir dos objetivos educacionais da disciplina, curso, instituição de ensino, nível de escolaridade e sistema educacional em vigor.

Se não sabe, estude. Se não dá, não leione sem o devido preparo, pois são nossos alunos e concidadãos, os futuros profissionais que atuarão em diversas áreas e carregarão, por toda a vida deles, parte de sua colaboração no todo que aprendera nas instituições de ensino!





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quanto ao item 4: "O mito é o discurso do senso comum, dos mistérios, da ortodoxia religiosa, enquanto a Ciência é o discurso racional".

Ora, afirmar tal coisa é de extrema superficialidade teórica e historiográfica quanto à questão das relações entre mito e razão!

Mais parece uma afirmação cientificista do final do século XIX d. C., em que se quer cada vez mais o progresso da Ciência enquanto nova religião a ser adotada por todos, no âmbito do Positivismo Clássico do que algo a ser levado a sério.

Ainda é um fruto superficial da antiga disputa medieval de se por a Filosofia (Ciência) como serva da Fé, no caso, historicamente falando esse é um movimento quase exclusivo dos centros de produção filosófica judaicos pós alexandrinos, cristão Católicos Apostólicos Romanos desde a Patrística, a partir do século IV d. C. e intensificado entre os séculos IX-XIV d. C. em combate ao Islã; e finalmente, do período inquisitorial ante protestantismo, já no período Moderno, em que a Ciência propriamente dita, vai aos poucos se desligando metodologicamente da Filosofia e da Religião, embora a maior parte de seus paradigmas sejam naturalmente judaico-cristão-muçulmanos!

Afirmo tal coisa pelas seguintes razões. Segundo Isidro Pereira (1990, p. 350 e 380) se lê:

Μυθος, ου, s. m. – palavra, discurso – ação de recitar, de dizer um discurso – rumor – anúncio, mensagem, ordem, prescrição –



### IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

redução, projeto – lenda, conto fabuloso, mito – fábula, apólogo.  
Λογος, ου, s. m. (λεγω) – palavra – dito – revelação divina, resposta dum oráculo – máxima, sentença – exemplo – decisão, redução – condição – promessas – pretexto – argumento – ordem – menção – notícia que corre – conversação – relato – matéria de estudo ou de conversação – razão, inteligência – senso comum – a razão de uma coisa – motivo – juízo, opinião – estima – valor que se dá a uma coisa – justificação – exemplificação – a razão divina – N. T. O Verbo de Deus.

Chamo a atenção do leitor para retornar às definições acima e analisá-las com mais calma e de maneira comparativa. O que se percebe?

Que esse vincule entre mito, senso comum e superstições religiosas, fantasias etc, não se pode ser apenas atribuído ao mito, mas também à razão, na medida em que uma e outra palavra, para os Gregos Antigos eram sinônimas!

Além disso, em nenhuma das definições mapeadas em suas, se observa o termo grego *epistème*, que designaria algo parecido com o que se entende hoje por “ciência”.

Mas sejamos rigorosos e tentemos identificar a origem dessa vinculação tão ventilada em livros didáticos, nos trabalhos docentes de professores de Filosofia e de outras áreas e nas vídeo aulas do *youtube*. Vejamos em Latim, o significado da palavra “razão”.

Segundo Faria (1967, p.842):

Ratio, onis, subs. F. I – Sent. Próprio: 1) Cálculo, conta, objeto de



$I\Phi$ -Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cálculo, livro de contas, registro (Cés. B. Gal. 7, 71, 4); (Cíc. Verr. 5, 71); (Cíc. Verr. 5, 147). II – Sent. Figurado: 2) Cálculo, consideração, interesse, empenho, causa, partido (Cíc. Verr. 5, 38). Daí: 3) Faculdade de calcular, razão, inteligência, juízo, bom senso (Cíc. Fin. 1, 32). 4) Método, plano, disposição, sistema, regra, ordem, doutrina, opinião, pensamento, ponto de vista (Cíc. Nat. 2, 22) (...)

Ora, se observe que apenas num terceiro nível de acepção a palavra *ratio* em Latim se pode entender, dentre outros significados, algo que se assemelha às definições de mito e razão em Grego. Isso se dá obviamente, devido a Filosofia e o modo discursivo racional ter sido absorvido pela cultura Romana e não existir entre os latinos algo como a filosofia grega, nem tampouco as suas preocupações com os cosmos e a natureza.

Sem que o professor de Filosofia compreenda claramente a origem da Filosofia e sua profunda relação com o mito, tenderá a perpetuar junto a seus estudantes, de qualquer nível de escolarização, um erro historiográfico que dificulta a capacidade de entendimento e de desenvolvimento das habilidades filosóficas nos cidadãos.

Essencialmente o que está em jogo na relação entre mito e razão é a mudança de tecnologia de comunicação, isto é, a criação da escrita e sua introdução, que proporcionou a alguns homens (Escola de Mileto) redigirem, analisarem, criticarem e tentarem rever, aperfeiçoando por escrito e sob as regras da prosa discursiva racional,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

os velhos mitos, seus conhecidos.

O processo de revisão racionalista crítico é que proporcionou aos primeiros pensadores filosóficos a indicação de inconsistências nos poemas teogônicos e cosmogônicos, os desafiando a investigar metafisicamente possíveis explicações que melhorassem, explicando, os fenômenos aos quais os mitos se dirigiam.

Essas ações filosóficas, contudo, não foram o fim do mito. Ao contrário, ele continuou a ser ensinado e representado pelos Mestres da Verdade ao povo, nos festivais públicos das cidades, pelos pais de família em seu culto religioso doméstico e nos cultos dos mistérios como um todo.

Toda a vez que Platão não dava conta de explicar racional e dialogicamente algo, ele recorria ao mito para suprir a necessidade explicativa. Recaída de Platão? Não! Apenas reconhecimento de certos limites que a razão, enquanto modo discursivo, apresentou naquela época, enquanto ferramenta de comunicação de saberes, e que tinha que ser superado com novos instrumentos teóricos.

### **Considerações finais**

Para levarmos esse texto à sua finalização, se afirma que nunca houve entre os Gregos e sem ser muito temerário, até meados do século XVI d. C., nenhum filósofo que fosse declaradamente ateu. No sentido forte e amplo do termos, indistintamente



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

às crenças em questão.

Mesmo Xenófanes de Cólofon, aluno de Tales e de Anaximandro de Mileto, que quase todas as Histórias da Filosofia apontam como um filósofo ateu, por criticar o antropomorfismo da religião helênica e o próprio sistema de determinação da realidade humana. Mesmo ele, não estava fora das forças contextuais de sua época, isto é, cumpria seus deveres religiosos regular e publicamente.

E não poderia ser diferente, uma vez que ele próprio era um *rapsoda*, ou seja, um poeta inspirado, que viajava de cidade em cidade, cantando e dançando os mitos de Homero, de Hesíodo, de outros poetas e de poemas de sua própria autoria, literalmente sobrevivendo das relações sociais inerentes ao exercício das funções do Mestre da Verdade.

Se ele fosse ateu, na época, ímpio, por não louvar e honrar os deuses, além de ter sido condenado à morte em sua cidade e expulso das que visitasse, não ganharia nada em seu exercício profissional, pois ninguém o ouviria, por não ser um porta voz direto das Musas ...

Portanto, é de conhecimento historiográfico, mas erroneamente ensinado por muitos filósofos que ignoram as origens do pensamento Grego que o mito e a razão são coisas radicalmente distintas e é nessa distinção que se baseia a origem da Ciência tal qual a conhecemos hoje. Nada mais falso do que isso! Convido os(as) leitores(as) a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ler em o livro “Teogonia”, de Hesíodo de Asra e refletir sobre as palavras desse artigo.

Aí se observará de maneira clara o “primeiro livro de Física” da sociedade Ocidental. Compreender as relações entre mito e razão e desses com a Ciência Contemporânea é fundamental para que se desenvolva uma nova percepção filosófica a respeito de nossa realidade e valores a ela atribuídos como necessários e universais. Bem como para que se combatam pré-conceitos e erros historiográficos, em especial no tocante à leitura e interpretação de textos da Antiguidade, indiferentemente à origem cultural desse texto, sem os devidos cuidados metodológicos.

### Referências

- CHAUÍ, Marilena . **Iniciação à Filosofia** . São Paulo: Ática, 2011.
- CHAUÍ, Marilena & OLIVEIRA, Pérsio Santos de . **Filosofia e Sociologia** . São Paulo: Ática, 2007.
- CHAUÍ, Marilena . **Filosofia** . São Paulo: Ática, 2003.
- COULANGES, Fustel de. **A cidade Antiga** . São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DETIENNE, Marcel . **Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica** . Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- FARIA, Ernesto . **Dicionário escolar Latim-Português** . Guanabara: Ministério da Educação, 1967.
- HAVELOC, Erick A. . **A revolução da escrita na Grécia: e suas consequências culturais** . Rio de Janeiro e São Paulo: UNESP e Paz e Terra, 1996.
- HESÍODO (de Asra) . **Teogonia** . São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMERO . **A Ilíada** . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a.
- \_\_\_\_\_ . **A Odisseia** . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015b.
- ISIDRO PEREIRA, S. J. . **Dicionário Grego-Português e Português-Grego** . Braga:



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

JAEGER, Werner . ***Paidéia: a formação do homem Grego*** . São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. & SCHOFIELD, M. . ***Os filósofos pré-socráticos*** . Lisboa: Fundação Calost e Gulbenkian, 1994.

MARITAIN, Jacques . ***A ordem dos conceitos: Lógica Menor*** . Rio de Janeiro: Agir, 1986.

MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli; BORGES, Anderson de Paula; KESTRING, Bernardo *ET alii* . ***Filosofia: Ensino Médio*** . Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2006.

PLATÃO . ***Fédon*** . São Paulo: Abril Cultural, 1996.

POPPER, Karl Raymund . ***The world of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment*** . Abingdon: Routledge, 1990.

VERNANT, Jean-Pierre . ***As origens do pensamento Grego*** . Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## From myth to the reason of the Classical Greeks: the problem of the Hellenic religion and Philosophy

By: José Provetti Junior<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> He is a Master in Modern and Contemporary Philosophy at the State University of Western Paraná - UNIOESTE, Master in Cognition and Language at the Universidade Estadual do Norte-Fluminense Professor Darcy Ribeiro - UENF, Specialist in History, Art and Culture at Ponta Grossa State University UEPG, Specialist in Health for Teachers and Students of Elementary and Middle School by the Federal University of Paraná - UFPR, graduated and graduated in Philosophy from the State University of Rio de Janeiro - UERJ. He is a federal public servant, professor of Basic, Technical and Technological Education (EBTT), at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Paraná (IFPR), campus of the city of Assis Chateaubriand- PR, professor of Philosophy in the Integrated Technical Courses of Informatics, Electromechanics, Agriculture and Agropecuaria, Professor, Researcher and General Coordinator of the Philosophy, Science and Technology Research Group - IFPR, Editor-in-Chief of JPJ Editor and IF-Sophia: Electronic Journal of Philosophical, Scientific and Technological Research. He is a researcher at the Núcleo de Estudos de Antiguidade - NEA, at the State University of Rio de Janeiro - UERJ. He is a member of the Brazilian Society of Classical Studies - SBEC and the National Association of Graduate Studies in Philosophy - ANPOF. He acts on the Lines of Research on Imbrications between Plato and Hippocrates; Platonism alexandrinco; Philosophy, Science and Technology - IFPR (Philosophy, Anthropology, Semiotics of religions and syncretism, Citizenship, politics and trade union relations, Education, Cognition and Language, History, art, culture, health, law, politics and their representations, International language neutral - Esperanto, Teaching Mathematics, Physics, Chemistry, Biology and Sciences in general and Information Sciences, Computational Engineering and Computational Theories of Mind). Works in the following Research Projects: Biocentrism; Philosophy, Science and Technology - IFPR - Assis Chateaubriand; International language neutral - Esperanto; History of Ancient Philosophy; History of Ideas and Mentalities. It operates in the following Extension Projects: IF-Sophia: electronic journal of Philosophical, Scientific and Technological investigations "; Philosophy, Science and Technology; Group of philosophical studies IFPR - Assis Chateaubriand; Basic course of Esperanto and IF-Sophia - Assis Chateaubriand. He is a member of the Editorial Board of the following periodicals: JPJ Editor; Contemporary Journal of Education and IF-Sophia: electronic





IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[joseprovetti@fpr.edu.br](mailto:joseprovetti@fpr.edu.br)

### **Abstract**

*This article aims to question the traditional way of teaching the origin of Philosophy and the passage from myth to reason that are usually presented in Philosophy courses in High School, indicating the educational damages that such an approach causes in students, as to learning and development of philosophical skills. As much as, to point out the training difficulties that most Philosophy teachers graduates in the field have, due to insufficient training in Ancient Philosophy and even more, teachers from other areas who teach Philosophy. This entails irreparable damage to students in the learning of Philosophy and its citizen experience. In order to do so, the unacceptable and common understanding of myth, usually taught in Colleges and sometimes even in some institutions of Higher Education, will be emphasized. Finally, the relation between myth and reason in pre-Socratic philosophy will be indicated here, seeking to collaborate in the formation of colleagues in the philosophical magisterium and*

---

journal of Philosophical, Scientific and Technological investigations. He acts as a reviewer of the following periodicals: Revista Espaço Acadêmico; Acta Scientiarum Human and Social Sciences; Contemporary Journal of Education; IF-Sophia: electronic journal of Philosophical, Scientific and Technological investigations and Mundi Social and Humanities Magazine. He works in: Ancient Philosophy; Philosophy of Mind and Cognitive Processes; Theory of Knowledge; Fundamentals of Education - Philosophy of Education; Psychological History, Ideas and Mentalities and Pre-Socratic Philosophy. He is the author of scientific articles in national and international media. He is the author, co-author or organizer of the following works: "Philosophy in Secondary School: small apologia of teaching work" (2016); "The Greek origins of Popperian rationalism: cosmological view of the connection between Metaphysics and Science in antiquity for contemporary epistemological practice" (2016); "IF-Sophia - Umuarama: Philosophy, Education and Autonomy - 2012" (2015); "The dualism in Plato" (2014); "The Soul in Hellas: the Origin of Western Subjectivity" (2011); "Contemporary Philosophy, Logic and Science" (2013); "Pregnancy and Adolescence" (2009) and "Life, Death and Magic in the Ancient World" (2008).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*perhaps to modify the general understanding of the myth-reason problem.*

**Keywords:** *Myth; Reason; Teaching Philosophy; Hellenic Theology; Psychological History.*

### **Resumo**

*En ĉi tiu artikolo ni celas diskuti la tradicia maniero instrui la fonto filozofio kaj la pasejo de mito al kialo, ke estas kutime prezentita en filozofio kursoj en mezlernejo, indikante la eduka damaĝoj kiujn tia aliro ĉar la studentoj, la lernado kaj evoluo de filozofiaj kapabloj. Tiel, indikante tra la malfacilaĵoj de trejnado ke plej diplomigintoj de filozofio instruistoj en la kampo estas pro nesufiĉa trejnado en Antikva Filozofio kaj pli, instruistoj de aliaj areoj kiuj instruas filozofio. Kio kaŭzas neriparebla damaĝo al la studentoj pri la lernado filozofio kaj ĝia civitano sperto. Tial, ĝi estas la neakcepteblan kaj komuna kompreno de mito, kutime instruita en Kolegioj kaj foje eĉ en kelkaj altlernejoj. Fine, ĉi tie indiki la rilaton inter mito kaj kialo en antaŭ-Sokrata filozofio, serĉante por kunlabori en eduki kolegoj de filozofia instruado kaj eble modifi la ĝenerala kompreno pri la mitracia problemo.*

**Ŝlosilvortoj:** *Mito; Racio; Instruado de Filozofio; Greka Teologio; Historia Psikologio.*

### **Resumo**

*Nesse artigo se objetiva questionar a maneira tradicional de se ensinar a origem a Filosofia e a passagem do mito à razão que são normalmente apresentadas nos cursos de Filosofia no Ensino Médio, indicando os prejuízos educacionais que tal abordagem causa nos estudantes, quanto à aprendizagem e desenvolvimento das habilidades filosóficas. Tanto quanto, apontar as dificuldades de formação que a maioria dos professores de Filosofia graduados no campo tem, devido a uma insuficiente formação em Filosofia Antiga e mais ainda, os professores de outras áreas que lecionam Filosofia. O que acarreta irreparáveis danos nos alunos quanto à aprendizagem de Filosofia e sua vivência cidadã. Para tanto, se ressaltará a inaceitável e comum compreensão de mito, normalmente ensinada nos Colégios e por vezes, até mesmo em*



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*algumas instituições de Ensino Superior. Por fim, se indicará aqui a relação entre mito e razão na filosofia pré-socrática, procurando colaborar na formação de colegas do magistério filosófico e talvez modificar a compreensão geral quanto ao problema mito-razão.*

**Palavras-chave:** *Mito; Razão; Ensino de Filosofia; Teologia Helênica; História Psicológica.*

## Introduction

The question to be dealt with in this article is the problem of understanding the theological relations between myth and reason as the origin of Philosophy.

The approach to be developed goes through the History of Ideas, Mentalities and Psychology, applied to the case of the origin of Philosophy, through the comparative and philosophical anthropological methodology developed along several theoretical references, but more specifically Jean-Pierre Vernant, Jaeger Werner, Érick Havelock and Karl Raymond Popper.

It is a habit among teachers of Philosophy of High School and some of Higher Education to present the myth as something related to what is now called "common sense," as opposed to scientific discourse and myth linked to religious ideas, in the sense of superstition, supernatural and almost as if synonymous with "ignorant", through the academic formation of our knowledge society. Por outro lado, normalmente a classificação apresenta a Filosofia como algo que surge a partir do



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nada, entre os séculos VII-VI a. C., na Grécia e daí, sem menores considerações, se afirma que a Filosofia significa “amor” ou “amizade” à sabedoria. Sem, contudo, se explicar o que é efetivamente a “sabedoria” a que se dirige o conceito pitagórico de Filosofia. Criando, portanto, um conjunto de hiatos que pouco instrumentalizam os estudantes de Filosofia, de qualquer nível de escolarização, em especial, os iniciantes, quanto ao que é efetivamente, a Filosofia e para que ela serve.

This is also the purpose of demonstrating in this article, due to none or the poor training of Philosophy teachers regarding the origins of the field, due to this being time-space situation in a historiographic period that is not privileged in undergraduate and postgraduate programs -graduations in Brazil, namely the Ancient and Ancient History of Greece, in particular.

One will therefore try to deconstruct the separation of myth and reason between the Greeks and the false impression of their radical opposition, especially after the creation of reason.

After demonstrating this historical inconsistency between myth-reason, it will be shown that reason, though ingenious and innovative in the sixth century, a. C. was not as popular as it is shown in textbooks and in some courses of Philosophy. That its creation and use did not provoke



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a cultural break in Hellas or any other people before the end of the 19th century d. C. and even in Europe and to some extent in the United States of America and that any an extremist position regarding popular contempt for myth and its cultural efficiencies is unrealistic exaggeration, especially in countries such as Brazil, whose state public education has less than two hundred years of operation.

### **Initial considerations**

#### **The problem**

When dedicating himself to the teaching of Philosophy the teacher faces several difficulties. The main one of it is that in Brazil the teaching of Philosophy only starts, in a regular way, from High School.

Until then, students, at no point in their formal schooling process have any contact with Philosophy. This in general has a disadvantage of exposing students to ideas, methods and field contents of approximately nine years in relation to other areas of knowledge.

In addition, in general, there are few educational institutions that allow the teacher more than one weekly lesson time, approximately fifty minutes, with each of the classes in which the discipline is offered.

Another difficulty that is added is teacher training. Although there are



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

several courses of Philosophy in the country, such as Mathematics, Physics, Chemistry, Biology and Sociology, Philosophy is little sought after by junior high school students. So what, as in all of the above areas, is a brutal demand for qualified human resources in those areas.

As far as Philosophy and Sociology are concerned, this situation is even worse, since in 2008 it was spread throughout Brazil, the idea that it is enough to have higher education that any citizen, especially with a degree, can give classes of Philosophy, starting from the assumption that all areas of knowledge use reason as basic language and that therefore, any teacher can teach Philosophy classes, as long as they are willing to work out of the area.

However, in spite of the collapse of this idea, some institutions and educational systems were ashamed of such nonsense and restricted the effects of that argument to professionals in the area of Human Sciences. What was good, as a marketing measure, because I better use human resources in areas such as History, Pedagogy, Psychology, Social Service, Law and Theology that were incorporated by Brazilian education systems, in the absence of Philosophers of formation.

Parallel to this, in the scope of the universities that offer the formation of Philosophy in Brazil, very few public or private public institutions escape the paradigm of Modern and Contemporary Philosophy, as a proper bias of Brazilian



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

formation, considering that Brazil as such, is a nation that has had no historical experience with Antiquity or with the Middle Ages, and therefore only what is Modern and Contemporary concerns these institutions.

Therefore, most of the professionals who teach in higher education institutions, in their undergraduate, graduate and postgraduate programs usually have their training, research and extension projects focused on the areas of Modern and Contemporary Philosophy. So your students usually follow in the footsteps.

Necessary and absolute consequence, although there is the aforementioned prevailing tendency, registered in the Curriculae of the higher and postgraduate courses of those institutions of higher education, uncomfortably, and by positivist principles of methodological curricular structuring always has fewer class times to give them, the subjects of Introduction to Philosophy and History of Ancient and Medieval Philosophy, normally separated and in two semester modules or one annual.

In general, such disciplines in universities are given to professors without statutory ties, in the case of state public universities, and therefore, temporary or new entrants by competition. In private institutions, usually those newly hired or those with lower academic qualifications. There is rarely a healthy rotation of teachers to augment teaching and learning possibilities in this regard.

Why does this state of affairs happen? What is at stake in this vicious cycle,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

which ends up forming teachers of Philosophy in particular, and other areas that will eventually act as teachers of Philosophy, in the Brazilian Higher and Higher Education? And what does this have to do with the title of this article?

### **Development**

The situation of the training of Philosophy teachers, institutions of higher education, the under-exploitation of human resources in other areas and the lack of appreciation of the educational process in Brazil, which is colonial and cultural, indicates a serious problem that

public education system perpetuate, insofar as all these teaching professionals, when they go to their classrooms, reproduce the said paradigm of national interest in matters related to the Modern and Contemporary period of Universal History as a guide for investments in training and research; how much it provides to the citizen in passing through the High School, exposition to conceptual errors and classes that little contribute effectively to its citizen formation.

Nor do they provide experiences of healthy impressions of teaching and learning Philosophy, which motivate young people and adults to enter a university for undergraduate and graduate education, as well as reinforce the superficial knowledge of teachers on the themes, problems and issues of Philosophy Old and Medieval, perpetuating, therefore, terrible misunderstandings, which sometimes alienate possible





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

interested in Philosophy, to the extent that the discipline is presented to them as something without head and foot, without technique and methodology of teaching and learning that favors the understanding, it ends up presenting students with a true quilt in which myth is the shadow of orthodox and religious ignorance of common sense, and scientific discourse is the light of truth that liberates consciousness and provides happiness.

Criticisms aside, why is this problem of formation and marketing of professionals in philosophy focused on the question of the passage from myth to reason, or, as to the creation of philosophy, theme and problem proposed in this article?

For the simple fact that except for Professor Marilena Chauí in several of her textbooks, such as "Philosophy and Sociology" (CHAUÍ & OLIVEIRA, 2007), "Philosophy"

(CHAUÍ, 2003), "Initiation to Philosophy" (CHAUÍ, 2010) and, in part, the authors of the Paraná public textbook, "Philosophy: Ensino Médio" (MENDES; BORGES; KESTRING ET ALI, 2006) of the textbooks, video-lessons on the subject or preparation for vestibular competitions and ENEM available on youtube are completely mistaken about the origin of the Philosophy among the Archaic Hellenes!

This "misunderstanding", I want to give the following motivations, in



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

decreasing order of probability, namely: a) academic unpreparedness of formation of philosophical teachers and, above all, non-philosophers, as indicated above; b) in addition to "a", professional need, to fulfill programs and remain in employment; c) access to sources of misleading or superficial studies, for example, programs of vestibular competitions or, worse, copy of the last evidence without a methodical study on the planning of the competition test and the meaning of electing such or that philosopher as the object of the question; d) in addition to all of the above, a minimum of faith and academic laziness.

Why do I say that?

By the simple fact, observable of gratuitous way by any reader of the Portuguese language, that of possession of a computational device with access to the internet, if using some search engine, it develops a research in works of philosophers and of authors that deal with History, Anthropology, Psychology, Sociology or Ethnography of Archaic Hellas. Not to mention that there are several possibilities for safe bibliographic material, that is, produced by researchers linked to universities and free of charge in Portuguese, Spanish, English, French, Italian, German, Latin and Greek, depending on the complementary training of each colleague, is dear.

And the fact, visible in any course of state public or private colleges, universities and, especially, on youtube is seen, on the subject of the article as follows:



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1. "Philosophy is a science";

2. "It arises and is accepted by the Greeks, who immediately begins to think very similarly to ours today.";

3. Philosophy separated itself from the myth radically and elaborated a critical, inquiring, nonconformity with things as they are";

4. "Myth is the discourse of common sense, of mysteries, of religious orthodoxy, while science is rational discourse";

Well, I believe that these four affirmations, ventilated in some textbooks, tutorials from private school networks, entrance exams or ENEM, and especially on YouTube, are enough and necessary to develop the theme proposed for this article. Any one of them is easily findable by anyone interested in finding out.

Well, the great deception passed on as content of Philosophy for high school students, citizens in general and in rare cases, but for university students, is that all of the above statements, that is, of 1-4, are absolutely and outrageously false. Dismantling, as he had said, by anyone who bends to read the academic bibliography about it.

Let's look at item "1". "Philosophy is a science." Considering that there was no Science and scientific method as we know them before the works of the English philosopher Francis Bacon, in the 17th century d. C. and that the application of



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mathematical language was generalized in scientific studies from the works of the philosopher Galileo Galilei, who encouraged the so-called "mathematization" of nature, inspired by the philosopher Pythagoras of Samos, in a bias of the philosophers Plato of Athens and Aristotle of Estagira, it is extremely difficult to conceptualize philosophy as a "science." Under the historiographic aspect, of course

In the epistemological aspect, the thing is still more complex to be defended, inasmuch as each science studies a specific object of nature and Philosophy, in practice, besides not adopting the scientific method, uses reason in the metaphysical aspect, as well as, in this way, applies to the rationalist critical revision of all existential aspects of what we call "reality."

From the point of view of the logic of scientific inquiry, epistemologically speaking, then, to a certain extent, we might attribute the character of "science." But in practice, whether in the scope of Major, Minor, Critical or Mathematical Logic, the fact that the science in question is Logic. As is well defined by Jacques Maritain (1986, p.17):

FIRST NOTICE OF LOGIC - Logic studies reason as an instrument of science or means of acquiring and possessing truth. It can be defined: the art THAT DIRECTS THE OWN ACT OF REASON, that is, that allows us to arrive with order and without error, to the very act of reason

- a) Thus, Logic does not proceed only as any science, according to reason, but refers to the very act of this



*ΙΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reason;

- b) hence its name as the science of reason or logos (λογικη επιστημη).

That is, one can not call the Philosophy of "science", in the logical sense, for logic, which is the "science of reason", is a specific field of human knowledge common to all sciences and Metaphysics, that is, to Philosophy. However, Philosophy is not Logic. As much as Logic is not the Sciences, but it is, I repeat: "the science of reason". That is, it is the normalization of the rules that regulate the rational discursive mode, created by Thales of Miletus at the beginning of century VI a. C., but Philosophy is not only logic, as seen in the words of Maritain (1986), Logic helps the sciences and, to that extent, even if it is not a science, logic, because it deals with reason and its operational rules, is an essential requirement of Metaphysics.

Therefore, in no way can Philosophy be presented as a science.

Let's go to Item 2: "It arises and is accepted by the Greeks, who immediately begin to think in a very similar way to ours today." And Philosophy separated itself from the myth radically and devised a critical attitude, inquiring, what are they";

From the videos I watched on youtube about the origin of Philosophy I do not know if this way of presenting Philosophy is by an attempt to simplify the approach, imagining that in this way the student will understand better, if it is unprepared teachers or if it is bad faith to speak of what you do not really



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

understand!

The reality is that practically the majority implies that from the moment that Philosophy is created, by a pass of magic or of obvious public acceptance of some unconditional truth, all the Greeks, to the detriment of the barbarians happened to reason and to act rationally, repudiating the myths, their religious, cultural practices and that the subject of the polities of Africa to the Near East (Turkey) and of this Europe only used Philosophy as a self evident thing.

This is one of the cases listed above that would suffice a simple academic approach to notorize the falsity of such a belief. All the specialized bibliography, except some textbooks and handbooks of coursework give more demonstrations than this is false. Even under the technical, technological, mediatic and historical aspects, such an event is impossible.

First due to the Hellenics of the end of the seventh century, beginning of the VI a. C. ignore the art of writing. The Greek alphabet was in the process of being introduced into Hellas, as seen in Havlock (1996), probably in its process of genesis, that is, appropriation of the letters of the Phoenician syllabary, the creation of symbols that would represent the vowels and the special letters of the Hellenic alphabet. They were simply a laboratory, probably brought to Miletus by merchants, or if the doxographies of the Ancients were true of the Greek founders of the Ionia,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

who migrated to the Near East to have married women native to the places in which they settled, as in the case of the mother of Thales of Miletus, which was Phénicia, possibly this process of genesis of the Greek alphabet took place in these two ways. Which, on the other hand, would justify Tales' ability to read and write. Perhaps she had learned at home with her mother.

Since the Hellenic ethnic groups until the 8th century a. Were totally oral societies, that is to say, they did not have systems of writing between the centuries XI - VIII a. C., as verified in Vernant (2002). Moreover, this technology of orality was socially usual through what Marcel Detienne (1988) of the myth-poetic discursive mode, sung and danced in verse, as it is verified in the classic works of that period of the poet Homero, "The Iliad" (2015a) and "The Odyssey" (2015b).

Moreover, since what was sung and danced was popularly understood a message from the gods to humans, which came through the toes or the rhapsodies, then known as "Masters of Truth" (Αλεθεια), is word-efficient, that is, a type of discourse that is sacred and the audience of this speech is religious magic, requiring the listener, maximum attention to understand the said and record it, to reproduce it for those who were not in the moment of communication.

With this kind of cultural and social practice is something complex to analyze and reflect on something, because at the moment in which to analyze some



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

part of the message, you lose the continuity of the speech of the poet and therefore of the gods. So it was not even in ordinary shade to question something that was passed by these Masters of Truth. Not because it was a religious truth, orthodox, that does not admit of questioning, but simply if you stopped to analyze, you would lose all the rest!

Another historical, social and cultural aspect that prevents one from admitting that after the discovery of reason everything changed like magic: Thales of Miletus is considered by Ancient doxography as one of the seven sages of Greece, that is, one of the Hellenicians who, due to his wisdom and experience have created the Greek way of life and all that it means, as in Kirk; Raven & Schofield (1994).

For this to happen, he traveled extensively in the great cultural and religious centers of his time, such as Egypt, Asia Minor, and the Middle East. And as the popular saying goes: "A traveler who stays a long time away from home becomes a foreigner in his own homeland!" He is only older, and settled in Miletus effectively, with the daughter married to Anaximander, also of the polis of Miletus, that Thales mounts its "school". That in fact it was nothing more than his own house, in which he received Anaximander, his fellow citizen, Heraclitus of Ephesus, Xenophanes of Colophon and Parmenides of Eleia, and then began his pedagogical activity and began on the basis of his own writing book "On Nature", which began to carry out the critical and





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

rational revisionism of the Hellenic and Barbarian myths that had access, but in particular, dedicated to the poem "Theogony", Hesiod of Asra (1995).

Now, as a domestic event, inside the house of Thales, circumscribed, in thesis, to three citizens of Miletus and three foreigners who went to Miletus to learn wisdom with Thales, one of the seven wise men of Greece, without writing, paper, radio, television, the internet to become instantaneously popular, as most textbooks, teachers and video-lessons imply, so that ordinary Greeks, nobles and riches, could change overnight and repudiate the myths, the beliefs of the Hellenic religions and their social, religious practices which were essentially one and only thing, namely: politics?

What happened, however, were methodological changes that were learned and apprehended, criticized, amplified, and modified by the students of Thales and, after his death, by Anaximander, to the destruction of Miletus by the Persians, who will be instrumental in creating the mode rational discursive, that is, reason itself, but without any resource that can refer to what we now call "Logic" of any kind. They totally ignored it. Maybe they did not even know what they were doing.

But through writing, in prose, there was the technical condition necessary for this small international group to begin reading, reflecting, criticizing, and revising the traditional myths and then being stimulated by none other than one of the seven wise men of Greece ("the Face", that is, Thales, proposed other explanations for the cosmos,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

physis, nature, its foundation, arché, and, above all, were not afraid to criticize Tales himself, for after all, the popular belief of the Archaic Aristotle of Estagira, was that "men do nothing but weave conjectures about the cosmos and physis; only to the gods, access to the Truth about reality is possible," according to Popper (1990).

Therefore, as all Historians of Philosophy accessible to anyone who cares least for the subject teach: the common Greeks, people of the people and aristocrats of any nature: a) the majority were illiterate; b) all, including critical rationalist revisionist thinkers (future philosophers) worshiped their ancestors in the so-called "cult of the dead or Hestia," as seen in Coulanges (1998), had the civic worship of their tribes, tribes, and finally, of the polis, prayed, sacrificed to their gods, fulfilled all the demands proclaimed by civic religious piety and some of the mysteries, were Orphic, Eleusis or Dionysus.

And more than that, as Jaeger (1995) states, his Paideia (education) continued to center on Homer, Hesiod, other poets and, some citizens, devoted themselves to the study of Philosophy. To the point of Plato in the Phaedo "(1996), the dialogue on the immortality of the soul make Socrates force Cebes, one of his Pythagorean students, to agree that philosophers are so few and because of their way of life being as if they were preparing constantly to the death, that given their activity, many citizens would really be pleased that all would die.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

So, given the above, how is it possible to defend the idea that as soon as reason is created the myths fall into disgrace and from then on all began to exercise Philosophy against ignorant myths? Pure falsy!

Another point also needed to be commented upon is the total lack of modesty of authors of books or video lessons and of teachers to treat a transtemporal, multicultural and transdisciplinary thing like Philosophy, especially as to its History, as if the authors and their texts, problems, issues and issues were the same as us as a globalized society, mostly dividing up among Jews, Christians and Muslims, all with their myriads!

Without the slightest concern with anachronism, they approach authors, texts and problems without any prior preparation of contextualization and any comparative effort. They just take the point and flip as if talking about the day's news!

According to modern Pedagogy, Didactics and Psychology, the role of the teacher or the academic communicator is to mediate the field's technical knowledge and skills to its students.

This mediation presupposes, in addition to adequate and licensed professional training for the intricacies of the teaching-learning profession, that the teacher researches, studies, reflects and in a certain way carries out an empathy exercise with



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

his students, understanding the regional aspects of his/ her inheritance cultural and collective development towards the area and mediatize, that is to say, flow knowledge by stimulating student learning according to their individual and collective needs, based on the educational objectives of the subject, course, educational institution, level of education and system educational in force

If you do not know, study. If you can not, do not teach without proper preparation, because they are our students and fellow citizens, the future professionals who will work in different areas and carry throughout their lives, part of their collaboration in the whole that they learned in educational institutions!

As for item 4: "Myth is the discourse of common sense, of the mysteries, of religious orthodoxy, while Science is the rational discourse"

Now, to affirm such thing is of extreme superficiality theoretical and historiographical as to the question of the relations between myth and reason!

More like a scientific statement from the late nineteenth century d. C., in which one wants each made the progress of Science as a new religion to be adopted by all, within the scope of Classic Positivism than something to be taken seriously.

It is still a superficial fruit of the old medieval dispute of whether by Philosophy (Science) as servant of the Faith, in the case historically speaking this is a quasi-exclusive movement of post-Alexandrian Jewish philosophical centers of



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Christian production, Christian Roman Apostolic Catholics since the Patristic, from the fourth century d. C. and intensified between the IX-XIV centuries d. C. in the fight against Islam; and finally, from the inquisitorial period before Protestantism, already in the Modern period, when Science itself, gradually goes from methodologically disconnecting from Philosophy and Religion, although most of its paradigms are naturally Jewish-Christian-Muslim!

I say this for the following reasons. According to Isidro Pereira (1990, pp. 350 and 380) we read:

Μυθος, ου, s. m. - word, speech - action of reciting, of saying a speech - rumor - announcement, message, order, prescription - resolution, project - legend, fabulous tale, myth - fable, apologue  
 Λογος, ου, s. m. (λεγω) - word - said - divine revelation, oracle answer - maxim, sentence - example - decision, resolution - condition - promises - pretext - argument - order - mention - news that runs - conversation - story - matter study or conversation - reason, intelligence - common sense - reason of a thing - motive - judgment, opinion - esteem - value given to a thing - justification - exemplification - divine reason - NT The Word of God.

I draw the attention of the reader to return to the above definitions and to analyze them more calmly and in a comparative way. What is perceived?

That this link between myth, common sense and religious superstitions, fantasies, etc. can not be attributed only to myth, but also to reason, inasmuch as each and every word, for the ancient Greeks were synonymous!



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Moreover, in none of the definitions mapped on theirs do we observe the Greek term epistémē, which would designate something similar to what is understood today by "science."

But let's be rigorous and try to identify the origin of this bonded so much in didactic books, in the works of professors of Philosophy and of other areas and in the youtube video lessons. Let us see in Latin the meaning of the word "reason."

According to Faria (1967, p.842):

Ratio, onis, subs. F. I – Sent. Own: 1) Calculation, account, object of calculation, book of accounts, record (César B. Gal.7, 71, 4); (Cy. Verr., 5, 71); (Cyr. Verr 5, 147). II - Sent. Figureæ 2) Calculation, consideration, interest, commitment, cause, party (Cíc. Verr 5, 38). Hence 3) Faculty of calculus, reason, intelligence, judgment, common sense (Cyc Fin. 1:32). 4) Method, plan, disposition, system, rule, order, doctrine, opinion, thought, point of view (Cíc. 2, 22) (...)

Now, if it is observed that only in a third level of meaning can the Latin word ratio be understood, among other meanings, something resembling the definitions of myth and reason in Greek. This is obviously due to Philosophy and the rational discursive mode has been absorbed by the Roman culture and there is not something like Greek philosophy among Latinos, nor their preoccupations with the cosmos and nature.

Without the teacher of philosophy clearly understanding the origin of Philosophy and its deep relation with the myth, it will tend to perpetuate with its students, of any level of schooling, a historiographic error that hinders the capacity of



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

understanding and development of the philosophical abilities in the citizens.

Essentially what is at stake in the relationship between myth and reason is the change in communication technology, that is, the creation of writing and its introduction, which has enabled some men (School of Miletus) to write, analyze, criticize and try to review, perfecting in writing and under the rules of rational discursive prose, the old myths, their acquaintances.

The process of critical rationalist revision is that it gave the early philosophical thinkers the indication of inconsistencies in the theogonic and cosmogonic poems, challenging them to metaphysically investigate possible explanations that would improve, by explaining, the phenomena to which the myths were directed.

These philosophical actions, however, were not the end of the myth. On the contrary, he continued to be taught and represented by the Masters of Truth to the people, in the public festivals of the cities, by the fathers of the family in their domestic religious worship and in the cults of the mysteries as a whole.

Every time Plato could not explain something rationally and dialogically, he resorted to myth to meet the explanatory need. Relapse of Plato? Not! It gives recognition to certain limits that reason, as a discursive mode, presented at that time, as a tool of communication of knowledge, and which had to be overcome with new

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

theoretical instruments.

### **Final considerations**

To bring this text to its conclusion, it is stated that there was never between the Greeks and without being too reckless, until the middle of the sixteenth century d. C., no philosopher who was reportedly atheist. In the strong and broad sense of the terms, unequivocally to the beliefs in question.

Even Xenophanes of Colophon, student of Tales and Anaximander of Miletus, who almost all the Histories of the Philosophy point like an atheist philosopher, for criticizing the anthropomorphism of the Hellenic religion and the own system of determination of the human reality. Even he, was not outside the contextual forces of his time, that is, he fulfilled his religious duties regularly and publicly.

And it could not be different, since he himself was a rhapsode, that is, an inspired poet, who traveled from city to city, singing and dancing the myths of Homer, Hesiod, other poets and poems of his own, literally surviving the social relations inherent in the exercise of the functions of the Master of Truth.

If he was an atheist at that time, impious, for not praising and honoring the gods, besides being sentenced to death in his city and expelled from those he visited, he would gain nothing in his professional practice, for no one would hear him, a direct





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

spokesman for the Muses ...

Therefore, it is historiographically known, but mistakenly taught by many philosophers who ignore the origins of Greek thought that myth and reason are things radically different and it is in this distinction that the origin of Science is based as we know it today. Nothing more false than that! I invite the readers to read the book "Theogony" from Hesiod of Asra and reflect on the words of this article. There, the "first book of Physics" of Western society will be clearly observed. Understanding the relations between myth and reason and those with Contemporary Science is fundamental for the development of a new philosophical perception about our reality and values that are attributed to it as necessary and universal. As well as to combat preconceptions and historiographical errors, especially regarding the reading and interpretation of antiquity texts, regardless of the cultural origin of this text, without due methodological care.

### References

- CHAUÍ, Marilena . **Iniciação à Filosofia** . São Paulo: Ática, 2011.
- CHAUÍ, Marilena & OLIVEIRA, Pérsio Santos de . **Filosofia e Sociologia** . São Paulo: Ática, 2007.
- CHAUÍ, Marilena . **Filosofia** . São Paulo: Ática, 2003.
- COULANGES, Fustel de. **A cidade Antiga** . São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DETIENNE, Marcel . **Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica** . Rio de Janeiro: Zahar, 1988.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- FARIA, Ernesto . **Dicionário escolar Latim-Português** . Guanabara: Ministério da Educação, 1967.
- HAVELOC, Erick A. . **A revolução da escrita na Grécia: e suas consequências culturais** . Rio de Janeiro e São Paulo: UNESP e Paz e Terra, 1996.
- HESÍODO (de Asra) . **Teogonia** . São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMERO . **A Ilíada** . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a.
- \_\_\_\_\_ . **A Odisseia** . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015b.
- ISIDRO PEREIRA, S. J. . **Dicionário Grego-Português e Português-Grego** . Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.
- JAEGER, Werner . **Paidéia: a formação do homem Grego** . São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. & SCHOFIELD, M. . **Os filósofos pré-socráticos** . Lisboa: Fundação Caloste Gulbenkian, 1994.
- MARITAIN, Jacques . **A ordem dos conceitos: Lógica Menor** . Rio de Janeiro: Agir, 1986.
- MENDES, Ademir Aparecido Pinhdli; BORGES, Anderson de Paula; KESTRING, Bernardo *ET alii* . **Filosofia: Ensino Médio** . Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2006.
- PLATÃO . **Fédon** . São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- POPPER, Karl Raymund . **The world of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment** . Abingdon: Routledge, 1990.
- VERNANT, Jean-Pierre . **As origens do pensamento Grego** . Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## La « *seconde* Tour de Babel » : difficulté de la multiplication des langues dans la recherche historique sur le mouvement Espéranto

Par: Christian Lavarenne

[chlavarenne@gmail.com](mailto:chlavarenne@gmail.com)

« spécialistes qui en général s'ignorent entre eux. » (CAUBEL, 1961, 214)

L'espéranto évoque souvent la « Tour de Babel », dont voici une interprétation, positive, par le père de l'inventeur de la langue :

« Craignant de se disperser, ils entreprirent la construction d'une immense tour (...) L'Eternel, *désirant, pour le bien de l'humanité*, qu'ils se séparent, confondit leurs langues, et (...) ne se comprenant pas les uns les autres, ils furent obligés de *cesser le travail et de se disperser.* » (ZAMENHOF, 1908, notre trad. et mise en italiques.)

Nous en appliquerons ici la signification plus fréquente, d'un peuple uni par une langue commune – « la Esperanta popolo », ou le sous-groupe constitué par les historiens espérantistes –, empêché de mener à bien son œuvre collective par une multiplication des langues, multiplicité à laquelle est confronté l'historien étudiant le mouvement espéranto.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

L'Année Zamenhof (1859-1917) vient de se dare en décembre par une commémoration à l'UNESCO, Paris (TRIOLLE, 2017). Pour étudier sa vie une demi-douzaine de langues pourraient suffire, mais à qui voudrait écrire une histoire mondiale de l'espéranto jusqu'à nos jours, il conviendrait de connaître les langues de tous les pays, estimés à pas moins de 120<sup>41</sup>, où celui-ci s'est implanté en un peu plus de 130 ans.

C'est cette impossible rigueur scientifique qui aura peut-être, déjà en 1927, dicté le choix méthodologique d'Edmond Privat précisant dans une de ses préfaces :

« De l'histoire de cette diffusion [du mouvement] dans chacun des pays en particulier, je n'ai pas pu parler, mais seulement de l'évolution générale, commune et internationale, de la vie espérantiste » (PRIVAT, 1927, p. [5], notre trad.)

Pour des ouvrages de synthèse, ou l'état de la question, ce n'était pas une condition indispensable car pendant un demi-siècle, les rares monographies sur l'histoire de l'espéranto ont été écrites ou traduites en espéranto. Et la langue commune facilitait la pratique, entre autres, des enquêtes mondiales dont l'historien tire maintenant profit.

---

<sup>41</sup> L'UEA a des délégués dans 99 pays et son magazine *Esperanto* est « lu dans 120 pays ».



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Rôle de l'espéranto avant la « seconde tour de Babel » : dans des enquêtes

### 1<sup>ère</sup> enquête mondiale (1887-1909) : Prêts à apprendre l'espéranto ?

Dès 1887 la première enquête, insérée dans les quatre premiers manuels en russe, polonais, français et allemand, visait à savoir qui apprendrait « la langue internationale proposée par le D<sup>r</sup> Espéranto » si dix millions d'autres s'y engageaient, par une courte promesse à renvoyer signée et accompagnée de ses nom et adresse. L'enquête était un peu biaisée car le texte, de 25 mots, n'était qu'en espéranto, contraignant le lecteur à comprendre ce qu'il allait signer. Le résultat, très inférieur au but escompté (en théorie), a été qualitativement bien supérieur, révélant que des gens s'y étaient mis sans attendre, joignant à la promesse leurs premiers mots dans la langue. De l'enquête poursuivie jusqu'en 1909, a résulté en 1889 une liste des 1000 premiers à s'être annoncés à Zamenhof comme espérantistes. Et en 20 ans et 28 autres listes, 21 915 adresses ont été recueillies. Mais on ne peut rien conclure d'un tel nombre : dans son dossier d'Habilitation à diriger des recherches, J.C. Lesourc remarque qu'il comprend aussi « ceux qui s'y essaient sans donner suite et qui quittent le mouvement » (1999, 168), le nombre d'indéniables défections étant impossible à estimer (tout comme le nombre, sans doute plus important encore, d'espérantistes ne s'étant pas signalés à Zamenhof). C'est avec raison que « Forster



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[1982, 19-20] ne raisonne pas en terme de stock de locuteurs, mais il mesure le nombre de nouvelles recrues entrant aux différentes dates concernées » (LESCURE, 1999, 169). Complétons entre crochets droits (en distinguant d'un point d'exclamation les corrections des ajouts) le tableau qui en a été tiré dans l'HDR :

Les nouveaux adhérents dans le monde [selon les seuls *Adresaro* de Zamenhof]

[jusqu'en]	1/[10 !]/ 1893-	[1/ 10/ 1895-	1/ 1/ -1899	1/ 1/ 1904-
	[1/ 1/ 1905-	[1/ 1/ 1906-	[1/ 1/ 1907-	
	[1 7 1 7 08-			
1889	1/ 10/ 1895	15-5-1896]	1/ 1/ 1900	1/ 1/ 1905
	1/ 1/ 1906]	1/ 1/ 1907]	1 / 1 / 1908]	
	1 7 1 7 09 7]			
	-3001	[3603]	4661	9261 [11200]
[13104]	[16383]	[19198]		
	3602	[3798]	5025	11199 [13103]
[15023]	[19197]	[21915]		
1000	602	[ 196]	362	1920 [
1904]				
[ 1920]	[ 2815]	[ 2718]		
		[ 365 !]	[ 1939 !]	

Grâce à l'espéranto cette enquête a permis l'enregistrement de personnes d'au moins 43 pays selon le dépouillement par Forster (1982, 19-20) de quatre des 29 séries d'adresses, la dernière prise en compte par lui s'arrêtant au 1<sup>er</sup> janvier 1905,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

donc plus de six mois avant le premier congrès d'espéranto qui allait révéler celui-ci au monde.

## 2<sup>e</sup> enquête (1894) : Réformer la langue ?

Une deuxième enquête a été lancée par Zamenhof cédant, en 1894, à la demande pressante de W. H. Trompeter (ITÖ, 1974, 187) qui "avait pris sur lui toute la charge financière de notre revue, en avait pris sur lui non seulement toutes les dépenses mais avait aussi fixé un salaire, de sa propre poche, pour le rédacteur" (ZAMENHOF, 1990, 1221). C'est-à-dire pour Zamenhof lui-même, qui a organisé deux votes successifs sur des propositions de modifications, peut-être en y accumulant toutes les critiques reçues, y compris de Trompeter, sans les rendre cohérentes entre elles ni avec le reste de la langue. C'est du moins l'hypothèse qu'a formulée Gaston Waringhien après beaucoup d'hésitations car elle supposerait selon lui une certaine forme de "déloyauté ou fausseté" (*mallojaleco aŭ malsincereco*) de la part du rédacteur (WARINGHIEN, 1985).

S'il s'agit bien là d'une question méthodologique des pratiques d'enquête, le type de question posée par l'enquêteur pouvant influencer sur la réponse, et Zamenhof ayant espéré le final refus des réformes, nous nous intéresserons juste, pour apporter une donnée de plus à celles de la première enquête, au fait qu'avaient participé aux



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

deux consultations 264 en tout (ZAMENHOF, 1894b, 162) des un peu plus de sept cents abonnés d'alors, plus sans doute les "quelques personnes qui ont transmis leur voix" à Zamenhof (1894b, 161) ; cela, alors que les personnes figurant dans les *Adresaro* de Zamenhof avaient déjà dépassé les 3000 en octobre 1893 : sur le nombre théorique d'espérantistes il y en avait donc alors moins d'un quart d'abonnés à l'unique organe mensuel, du mouvement, et moins de 10 % ayant participé aux votes.

### 3<sup>e</sup> enquête mondiale (1903-1904) : Diffusion et facilité de l'espéranto ?

Une commission d'enquête constituée au sein du groupe espérantiste de Lyon a expédié une circulaire en Esperanto (OFFRET, 1904, 3), et reçu des réponses de 42 pays, dont 25 d'Europe aux 19 langues différentes (p. 4). Si le nombre de "pays" est le même que celui obtenu par Forster en dépouillant quatre *Adresaro* dont le dernier est, à quelques mois près, contemporain de cette enquête-ci, il ne s'agit pas totalement des mêmes, la commission distinguant la Hongrie et la Bohême de l'Autriche (contrairement à Forster : une seule "Autriche-Hongrie"), etc. Il ne faut donc pas en rester à la surface de nombres abstraits dont l'égalité peut comme ici cacher des réalités assez différentes.

Le second aspect, se trouve comme ramassé tout entier dans cette généralisation sans doute légèrement abusive, et en tout cas outrancière dans sa





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

condition : « De tous les coins de l'univers le même avis formel nous est parvenu. Oui, l'Espéranto est facile, prodigieusement facile pour tous. » (p. 8), bien qu'il ait été précisé, du point de vue méthodologique, que « la Commission d'enquête avait pris, en rédigeant son questionnaire, toutes les précautions désirables pour que les réponses de ses correspondants fussent probantes relativement au degré de facilité d'acquisition de l'Espéranto.» (p. 6-7)

Le rapporteur, Offret, n'hésitera pas, dans d'autres circonstances, à grossir le nombre des membres de l'Association mondiale des médecins espérantistes, à moins de supposer une hypothétique progression de 60 % en un an et demi, dont le caractère peu vraisemblable a été relevé (LAVARENNE, 2012, 1384). La prudence est donc de mise face aux « 600 lettres reçues » (p. 7) sous la plume du même Offret, notre seule source

**Comme transition avec l'enquête statistique suivante, grossissements successifs du nombre des correspondances transmises par le service de l'UEA durant la Grande guerre**

Le problème des sources semblant se confirmer les unes les autres bien que provenant d'une source commune est difficile à faire admettre une fois le consensus bien établi. Un tel cas, compliqué par l'accumulation de grossissements successifs dus à



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

des erreurs d'interprétation, a été méticuleusement traité dans une thèse inédite déjà mentionnée (LAVARENNE, 2012, 780-792 et 805-807). Il s'agit du service d'entremise entre pays belligérants mis sur pied à Genève par l'Association universelle d'espéranto peut-être dès septembre 1914, initialement pour ses membres mais bientôt ouvert à tous.

Des statistiques mensuelles d'époque donnent un total de 50 000 correspondances transmises durant toute la guerre. Et la thèse analyse le processus ayant abouti à multiplier ce résultat par huit. Voici trois des étapes de cette amplification à caractère mythique.

Une première erreur méthodologique relevée, a été « d'additionner purement et simplement les courriers reçus et ceux envoyés » (p. 789), alors que pour être transmise, une même et *unique* correspondance doit d'abord avoir été *reçue, puis envoyée* à son destinataire final. L'addition de ces deux catégories de chiffres mensuels indiqués par les statistiques multiplie déjà automatiquement par deux tous les résultats.

La 2<sup>e</sup> est d'avoir tiré de l'*énorme pic* de déc. 1914, 7181 correspondances reçues, une sorte de moyenne quotidienne sans préciser qu'elle ne concernait qu'un mois *exceptionnel* et ne devait pas être généralisée aux plus de 50 autres mois de la guerre : « 2 ou 300 lettres arrivaient et étaient réexpédiées chaque jour. »



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(PRIVAT, 1927, 94)

De cette citation ne fournissant ni le contexte ni les limites, logiquement et tout naturellement on repassera à une moyenne de cette fois 6 000 à 9 000 lettres par mois et, si jamais on a une légère tendance à l'exagération on retiendra plutôt la partie haute que basse de l'estimation : 9 000, passant de là à 100 000 par an et donc 400 000 en tout. Dans cette perpétuelle inflation, il s'est trouvé, sans doute par simple grossissement de la citation reproduite ci-dessus, une récente affirmation encore plus exagérée : « L'UEA a acheminé entre les pays belligérants 400 correspondances par jour. »

Mais les statistiques présentées sont plus sobres car voici, avec les mois qui l'ont précédé et suivi, le pic, qui a rendu possible toutes les dérives en question, des « correspondances reçues, d'octobre 1914 à juin 1915 : 1532, 3735, 7181, 6056, 5411, 3992, 3080, 2527, 2123 » (LAVARENNE, 2012, 784).

#### **4<sup>e</sup> enquête : Les statistiques mondiales de J. Dietterle (1926-1928)**

Cette enquête-ci est la plus vaste effectuée jusque-là, réalisée avec l'appui des instances espérantistes. Dietterle s'est pourtant trouvé confronté à l'inertie et de la base et même d'associations nationales : seules 67 des 94 existantes ont répondu à l'enquête. Et bien qu'il ait pu « constater l'existence » de 1776 groupes espérantistes dans le monde, il n'a pu recevoir de données fiables que sur 1228 d'entre eux



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(DIETTERLE, 1928).

Et ici intervient un dérapage méthodologique. Alors qu'il s'agissait jusque-là de *statistiques* « fiables » même si « tout-à-fait incomplètes » (avec moyenne de 31 membres par groupe), lorsqu'il les a publiées l'été 1928 il y a ajouté une *estimation* minimale de 5 membres pour chaque groupe n'ayant pas répondu, avec un total de 2920 *espérantistes supposés*, sans rien qui en atteste l'existence effective ; avec cette faible excuse : « calcul extrêmement modeste, n'est-ce pas, que ne pourraient attaquer même nos adversaires les plus intraitables », alors qu'il ruinait par là la fiabilité de deux années d'enquête. Les chiffres purement statistiques, débarrassés de tout fâcheux mélange, ont été rétablis dans Lavarenne (2012, 591) : en 1928, les réponses effectivement reçues attestaient l'existence d'au moins « 123.588 espérantistes, dont 38.831 appartenant à 1228 groupes ou associations ». Une autre imprécision méthodologique était restée sans réponse satisfaisante : « On m'a très souvent demandé – on me l'a même reproché – pourquoi dans mes questionnaires je n'avais pas fourni de définition précisant ce qu'y signifie le mot "Espérantiste". Ma réponse est très très simple. Je ne veux pas renchérir sur notre D<sup>r</sup> Zamenhof ayant déjà défini de manière tout-à-fait claire qui considérer comme "Espérantiste". Il l'a dit dans la Déclaration de Boulogne-sur-Mer [1905] :



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

"Est appelée *espérantiste* toute personne qui sait et utilise la langue Esperanto, quelles que soient les fins auxquelles elle l'emploie. L'appartenance à une association *espérantiste* active est recommandée à tout *espérantiste*, mais elle n'est pas obligatoire" »  
(DIETTERLE, 1927)

Une telle définition, parfaite pour sa capacité à rassembler autour d'elle le plus grand nombre possible de personnes des plus diverses, n'indique pourtant pas à partir de quelle connaissance de la langue on peut être considéré comme *espérantiste*, certains restant "d'éternels débutants", ou quelle devrait être la fréquence minimale d'utilisation.

De ces questions méthodologiques soulevées par les enquêtes, et la transition sur le service de l'UEA pendant la guerre, la plupart ne concernent que l'une ou l'autre et ne doivent pas éclipser leur caractéristique commune : l'utilisation de l'*espéranto*, d'autant plus approprié pour des thèmes directement liés à la langue ou à son mouvement.

Mais il s'est produit un nouveau phénomène dans la recherche historique sur le mouvement *espéranto*, objet de la seconde partie, beaucoup plus courte, de cette étude, mais dont l'importance lui a valu de donner son titre à l'ensemble, la partie sur les enquêtes en étant le contre-point destiné à faire mieux ressortir ses effets



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

secondaires négatifs. Passons des questions méthodologiques des pratiques d'enquête à la question méthodologique plus générale de la production et de la publication scientifiques.

### La "seconde Tour de Babel"

Jusqu'à la fin des années 1960 à peu près toute l'histoire de l'espéranto s'écrivait dans cette langue. Mais les mémoires et thèses universitaires sur divers aspects de l'espéranto se multipliant soudain dans les années 1970, passant d'un maximum de deux par an (avec de nombreux « trous ») à un minimum de quatre par an et déjà plus de 70 en dix ans, de 1975 à 1984, l'histoire n'a pas échappé non plus à la tendance générale.

Il ne peut être question de nous lancer ici dans le détail du développement de la production universitaire sur l'espéranto, pas même dans le seul domaine de l'histoire, déjà esquissé par Ulrich Lins dans une contribution d'une demi-douzaine de pages publiée il y a trente ans, dont nous nous contenterons de traduire le regret que « la plupart de ces thèses (...) sont difficilement accessibles – sans parler de la barrière linguistique que présente à un public international une thèse par exemple en hongrois ou en japonais. » (LINS, 1988, 47)

La constatation était donc déjà faite avant la lettre, l'expression de « seconde



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tour de Babel » n'étant semble-t-il pas antérieure à 2012 (LAVARENNE, 2012, 20). Mais si les candidats présentant thèses ou mémoires universitaires doivent se plier aux règles et donc les rédiger dans la langue officielle de leur pays, il semble souhaitable d'en faire simultanément une version espéranto. Pour trois raisons que voici.

La première est donnée dans des « Remarques de la Rédaction » en préface à la réédition bilingue du livre d'un prix Nobel en économie et espérantiste :

« Pour étendre l'application aux sciences, de la langue internationale, la maison d'édition a suivi le principe selon lequel un livre spécialisé soit [toujours] publié sous forme bilingue : dans la langue maternelle de l'auteur et en espéranto. » (SELTEN, 1995<sup>2</sup>, 5, notre trad.)

Principe similaire, à l'Académie internationale des Sciences San Marino :

« La norme veut que les travaux scientifiques soient constitués d'un texte dactylographié rédigé sous une forme bilingue (...) » (AIS, 2012, 17, notre trad.)

Dans ce contexte-ci la raison semble être d'apprendre ainsi à libérer sa pensée des mécanismes inconscients liés à l'usage de la seule langue maternelle.

Mais la troisième et la plus importante est d'ainsi ne pas priver les espérantistes étrangers de l'accès à sa production intellectuelle concernant l'espéranto,

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de même qu'en milieu *espérantophone* la règle la plus élémentaire de la courtoisie est de ne pas employer une autre langue que l'*espéranto* à moins qu'elle ne soit également commune à toutes les personnes présentes, afin que personne ne risque de se sentir exclu de la conversation ou puisse même arriver à penser que le choix d'une autre langue est destiné à discrètement glisser en toute sécurité des propos déplacés ou moqueurs à son sujet.

Mais, flagrante contradiction, pourquoi ne pas avoir écrit cet article en *espéranto* ?

La raison en est que nous tenons à dire en français ce qu'une forme de censure "douce" nous empêche de dire publiquement en France. Nous souhaiterions en effet qu'au moins pour des thèses portant sur l'*espéranto* et sa culture, l'autorisation puisse être accordée de faire paraître le résumé obligatoire non pas en français et en anglais comme cela est maintenant imposé à tous en France (voyez par exemple à [www.theses.fr/?q=espéranto](http://www.theses.fr/?q=espéranto)) et peut-être également dans l'ensemble de l'Union européenne (et même déjà le reste du monde ?), mais que la seconde langue du résumé soit au choix du candidat ou bien en lien avec le sujet si celui-ci se trouve (dans le cadre d'une université française) en relation avec la culture ou littérature d'une autre langue que





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lefrançais

Ce n'est qu'à cette condition d'un minimum de liberté – le choix non pas de la langue dans laquelle on souhaiterait écrire la thèse elle-même mais seulement celui de la *deuxième* langue du *seul* résumé de cette thèse ! ce qui serait encore trop demander... – , à cette modeste condition donc, que la malédiction de cette seconde Babel pourrait se trouver atténuée... ou bien n'avoir en fait jamais existé Car, comme le disait en 1995 le Professeur Dabezies sj., dans sa communication au Séminaire « Autour de la Pentecôte : Universalité du langage et de la civilisation et pluralité des langues et cultures », à l'Université d'Aix (rejoignant l'affirmation du père de Zamenhof citée en introduction) :

"[en]repla[çant] notre texte de Babel dans son contexte : l'humanité ayant été réduite par le déluge (ch. VI à IX) à une seule famille, celle de Noé, il faut donc expliquer que la terre soit aujourd'hui repeuplée et multilingue. Cette dispersion ne peut venir que de la volonté divine (...). La dispersion comme la multiplication des langues, qui *de facto* constituent la réalité actuelle, disent la volonté de Dieu (...). Donc, plutôt que d'évoquer, comme on l'a fait trop souvent, le châtimeut et la malédiction, nous devrions intituler notre récit '*la bénédiction de Babel*' pour le développement de l'humanité !" (DABEZIES, 1995, 2-3)

## Références

AI S (Akademio Internacia de la Sciencoj), **La ekzamenregularo**, 2012, § 17.1. Disponible à <http://ais-sanmarino.org/Regularoj/>. Consulté le 02.07.2018.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

CAUBEL, A. «La raison contre Babel ». Dans **Les Cahiers rationalistes**, n° 197, p. 178-216, 1961.

DABEZIES, **De Babel à la Pentecôte : Les deux récits originaux**, [1995], 7 p.. (Manuscrit disponible à la Bibl. d'Espéranto du Limousin et de l'Occitanie)

DIETTERLE, [J.], « Ŭu la "Tutmonda Statistiko" sukcesos ? ». Dans **Esperanto**, **XXIII<sup>e</sup> année**, n° 319, 1927, p. 60.

\_\_\_\_\_ « Tutmonda Statistiko Esperantista : Raporto de Prof. D-ro – ». Dans **Esperanto**, **XXIV<sup>e</sup> année**, n° 335-336, 1928, p. 134-156.

FORSTER, **The Esperanto Movement**, La Haye/ Paris/ New York : Mouton Publishers, 1982, (coll. "Contributions to the Sociology of Language" n° 32).

[ITŬK.], **Antaŭen al la laboro, [Kyoto ?]** : Eldono ĵo ludovikito, 1974.

KORĴENKOV, A., « Verkĵoj, kiuj donas honoron al la verkinto (2) ». Dans **La Ondo de Esperanto**, 2012, n° 3, 6 mars 2012. Disponible à *La Balta Ondo*, à <http://sezonoj.ru/2012/03/mot12/>. Consulté le 01.07.2018.

LAPENNA, I. ; LINS, U. ; CARLEVARO, T., **Esperanto en perspektivo : Faktoj kaj analizoj pri la Internacia lingvo**, Londres-Rotterdam : UEA / CED, 1974.

LAVARENNE, C., **Esperanto : Son idée interne dans ses origines et quelques-unes de ses expressions et manifestations (aide ou obstacle à la diffusion de la langue ?)**. 2012. 1668 f. Thèse (PhD)-UFR Sciences sociales, Univers. Paris 13, Paris, 2012.

LESCURE, J. C., **Un imaginaire transnational ? Volapük et Esperanto vers 1880-1939**. 1999. 877 f. (HDR)-Cyde Sup. d'Hist. du XX<sup>e</sup> s., IEP de Paris, Paris, 1999.

LINS, Ulrich, « La direkto de historiaj studoj pri la Esperanto-movado ». Dans **Sociaj aspektoj de la Esperanto-movado**, Sarajevo : ELBiH, 1988, p. 47-52.

OFFRET, A., **La diffusion de l'Esperanto dans le monde : L'enquête du Groupe Esperantiste de Lyon**, Paris : Touring-Club de France, 1904. Disponible à



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[http:// digital.onb.ac.at/RepViewer/viewer.faces?doc=DTL\\_7469575](http://digital.onb.ac.at/RepViewer/viewer.faces?doc=DTL_7469575) Cons. le 01.07.18.

PLEADIN, J., **Ordeno de Verda Plumo**, Đurđevac : Grafokom, 2006.

PRIVAT, E., **Historio de la lingvo Esperanto : La Movado, 1900-1927**, Leipzig : Ferdinand Hirt & Sohn, Esperanto-fako, 1927.

PRIVAT, E., **Aventuroj de pioniro, La Laguna de Tenerife** : J. Régulo, 1963.

ROMANN, R., Jarlibro 2017, Rotterdam : Universala Esperanto-Asocio, 2017.

SELTEN, R. ; POOL., J., **Enkonduko en la Teorion de Lingvaj Ludoj : Ĉu mi lernu Esperanton ?** Berlin, Paderborn : Akademia Libroŝervo, Inst. f. Kybernetik, 1995.

TRIOLE, R., « Commémoration de l'année Zamenhof ». Disponible à [esperanto-france.org/esperanto-aktiv-85-decouverte](http://esperanto-france.org/esperanto-aktiv-85-decouverte). Consulté le 30.06.2018.

WARINGHIEN, G., « Lettre du 12-1-1985 à I T Ō K. (alias Ludovikito) ». Dans **Ludovikito [I T Ō K.]**, **Historieto de esperanto**, Tokyo : Libroteko, 1998, p. 119-120.

[ZAMENHOF], « Voĉdonado pri la reformoj ». Dans **Esperantisto**, 5<sup>e</sup> année, n° 8 (56), p. 113-115, 15 Août 1894 (a).

ZAMENHOF, L., « Fina rezultato de la voĉdonado ». Dans **Esperantisto**, 5<sup>e</sup> année, n° 11 (59), p. 161-162, 15 Novembre 1894 (b).

ZAMENHOF, L. L., **Ĝia reviziita plena verkaro de L. L. Zamenhof, Originalaro 2** (somero) : Ĝis la homaranismo, Tokyo : Eldonejo Ludovikito, 1990.

Замѣноф М Ф., **Сокращѣнная библейская история с кратким катехизисом религиозно-нравственнаго учения**. Варшава, 1908. Trad. dans KORJENKOV.

ZAKRZEWSKI, A., **Esperanto en unua 20-jaro**, Varsovio : Bogusławski, 1909.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **A participação feminina na política: as perspectivas das mulheres na atual legislatura em Cruzeiro do Oeste-PR**

**Por: Rafael Egídio Leal e Silva<sup>42</sup>**

---

<sup>42</sup> É Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, é Especialista em Sociologia para o Ensino Médio pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, é Especialista em História das Religiões pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, é Especialista em Teoria Histórico-Cultural pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, tem Aperfeiçoamento em Metodologia do Ensino e Formação Docente pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, tem Aperfeiçoamento em Epistemologia e Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, tem Aperfeiçoamento em Direito pelo Centro de Estudos Jurídicos Professor Luiz Carlos de Oliveira – CPLC, é Graduado e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, é Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotado junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, na cidade de Umuarama – PR. É pesquisador do Grupo de pesquisa em Educação – EDIFICARE e é professor, pesquisador e Coordenador de Pesquisa do Grupo de Pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR. Atua como pesquisador no Grupo de pesquisas Laboratório de estudos e pesquisas sobre interação humana e contemporaneidade – UEM. Atua nas seguintes Linhas de Pesquisa: Psicologia Histórico-cultural e Educação; Laboratório de estudos e pesquisas sobre interação humana e Contemporaneidade; Educação, Cognição e Linguagem e Filosofia; Grupo de estudos em Educação e Núcleo de Estudos Paranaenses. Atua nos seguintes Projetos de Pesquisa: Grupo de estudos em Educação – EDIFICARE; Geopolítica e a nova ordem mundial: estudos dos impactos das organizações internacionais sobre o Estado brasileiro na atualidade; A opressão de gênero na Política e na História: dos fundamentos filosóficos às instituições brasileiras; Contribuições para o materialismo dialético para a compreensão do sujeito da Modernidade: consciência, arte, política. Atua como membro do Conselho Editorial de Revista do Núcleo de estudos paranaenses – NEP – UFPR; Revista acadêmica da Câmara Municipal de Maringá; IΦ-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica; Instituto cultura política. É membro do Comitê de Assessoramento da Diretoria de Extensão e Política de Inclusão – IFPR.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[rafael.egidio@fpr.edu.br](mailto:rafael.egidio@fpr.edu.br)

&

Ana Letícia Stori Mendes<sup>43</sup>

## Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar a perspectiva da mulher vereadora no município de Cruzeiro do Oeste-PR, localizado no noroeste do Estado do Paraná, enfocando os tempos atuais. A investigação neste município é interessante pois podemos caracterizar o papel da mulher na política local em municípios menores. Nas últimas eleições, em 2016 foram eleitas 04 mulheres dentre as 11 cadeiras do legislativo local: Imaculada Conceição da Silva Magalhães, Aparecida Nunes Gonçalves, Nadya Correa Massé, Rosy Anne Almodovas Rodrigues. Pressupondo que o funcionamento da democracia implica na representação equilibrada da sociedade, especialmente nos parlamentos, questionamos a percepção das vereadoras da atual legislatura acerca da participação feminina na política no contexto de Cruzeiro do

---

Recebeu o Certificado de Mérito do curso Técnico de Química em 2016. É autor de artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais. É co-autor dos seguintes livros: “Gênero e cultura: perspectivas formativas” (2018); “Sociologia escolar: ensino, discussões e experiências” (2018); “Teoria social” (2016); “Investigações filosóficas-Sophia Umarama: Filosofia, educação e autonomia – 2012” (2015); “Estado, classe dominante e parentesco no Paraná” (2015); “Cultura: uma visão fora da empresa” (2012). “Fundamentos sociais, históricos e filosóficos da Educação” (2017).

<sup>43</sup> É graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense – UNIPAR, é Técnica em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR. Atua como colaboradora no Projeto de Pesquisa A democracia e a representatividade feminina no século XXI: vivência de mulheres em cargos públicos eletivos no interior do Paraná – Umarama e Cruzeiro do Oeste. Ganhou os seguintes prêmios: Melhor trabalho apresentado em Ciências Sociais Aplicadas – IFPR e Destaque projeto de inclusão – IFPR. É co-autora do livro “Gênero e cultura: perspectivas formativas” (2018).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Oeste-PR. Foram realizadas entrevistas anônimas com as vereadoras com roteiro aberto e cujo resultado é analisado neste artigo.

**Palavras-chave:** Vereadoras; Cruzeiro do Oeste-PR; Política; Gênero.

### **Resumo**

*Ĉi tiu artikdo celas esplori la perspektivon de la virino konsilisto en la komunumo de Okcidenta PR Cruise, lokita en la nordokcidento de Paraná, ĉentrante en la nuna tempo. Esplorado en tiu graflando estas interesa ĉar ni povas karakterizi la rolo de virinoj en loka politiko en pli malgrandaj komunumoj. En la lastaj elektoj en 2016 estis elektitaj 04 virinoj inter la 11 sidlokoj de la loka leĝdona periodo: Senmakula koncipiĝo da Silva Magalhães, Aparecida Gonçalves Nunes, Nadya Corrêa Masse Rosy Anne Almodovas Rodrigues. Supozante ke la funkciado de demokratio implicas la egala reprezento de la socio, speciale en parlamentoj, pridubi la percepto de konsilistoj de la aktuala leĝdona periodo pri virina partopreno en politiko en la kunteksto de Okcidenta PR Cruise. Anonimaj intervjuoj kun la urbodomoj kun malferma itinero estis efektivitaj kaj la rezultoj estas analizitaj en ĉi tiu artikolo.*

**Ŝlosilvortoj:** Aldermenoj; Cruzeiro do Oeste-PR; Politiko; Sekso.

### **Abstract**

*This article aims to investigate the perspective of women councilors in the municipality of Cruzeiro do Oeste-PR, located in the northwest of the State of Paraná, focusing on current times. The research in this municipality is interesting as we can characterize the role of women in local politics in smaller municipalities. In the last elections, in 2016 were elected 04 women among the 11 seats of the local legislature: Imaculada Conceição da Silva Magalhães, Aparecida Nunes Gonçalves, Nadya Corrêa Massé, Rosy Anne Almodovas Rodrigues. Assuming that the functioning of democracy implies a balanced representation of society, especially in parliaments, we question the perception of female councilors in the current legislature.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*regarding female participation in politics in the context of **Cruzeiro do Oeste-PR**. Anonymous interviews were carried out with city council members with an open itinerary, the results of which are analyzed in this article*

**Keywords** *Councilors; Cruzeiro do Oeste-PR; Policy; Genre*

Devido a raízes históricas e culturais da sociedade a mulher ainda encontra barreiras para se encaixar nos cenários sociais, principalmente no que tange a política tendo em vista que em nenhuma esfera da vida social a participação de mulheres e homens é tão desigual como no exercício do poder: ainda que as mulheres sejam mais da metade da população nacional, sua representatividade na política está muito aquém dos 50%. O presente artigo tem por objetivo conhecer a história e a trajetória das vereadoras na cidade de Cruzeiro do Oeste através de entrevistas, analisar os fatores que podem influenciar nesta participação tendo em vista o desafio encontrado pelas mulheres para destacarem-se em um universo predominantemente masculino, principalmente vivendo em sociedades regidas por matrizes culturais atravessadas por relações assimétricas de gênero.

Pode ser observado nas eleições de 2016 a presença de quatro mulheres eleitas para ocupar o cargo de vereadora no município de Cruzeiro do Oeste, o que mostra uma mudança significativa em relação aos anos passados, onde no período de 1955 a 2000 apenas quatro mulheres ocuparam o cargo de vereadora no município: em 1972

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(Solange Paiva Cardoso), em 1976 (Maria José Nobrega Gomes), em 1996 (Rose Cléia Cecconi Martins), em 2000 (Maria Helena Bertocco Martins) e em 2004 (Rose Cléia Cecconi Martins, novamente). Na legislatura de 2008 a 2012 não foram eleitas representantes femininas nesta câmara, a despeito dos incentivos governamentais. Nas últimas eleições, em 2016, no entanto, foram eleitas 04 mulheres dentre as 11 cadeiras do legislativo local: Imaculada Conceição da Silva Magalhães, Aparecida Nunes Gonçalves, Nadya Correa Massé, Rosy Anne Almodovas Rodrigues. Evidencia-se a desigualdade de gênero existente na política onde a mulher tem muita dificuldade em ocupar os cargos públicos eletivos. A baixa participação das mulheres na política não deve ser entendida como resultado de seu desinteresse ou apenas de um veto de gênero por parte dos partidos.

É importante ressaltar que têm ocorrido avanços para combater a desigualdade de gênero, como a Lei n 9504/1997 relacionada a inclusão feminina nas esferas públicas do poder, garantindo 30% de vagas de candidaturas por gênero aos partidos. No entanto, essa participação feminina na política é desigual a participação do homem, devido à falta de incentivo a essas mulheres, pois as cotas por si só não têm sido garantia da representação igualitária de mulheres e homens. Deste modo, perante a esta contradição tem-se como presunção que o cenário da mulher na perspectiva





IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

populacional está sendo um espaço de luta afim de que ganhem vez e voz. Sendo assim, trataremos na primeira parte deste artigo da relação entre mulher e política e em seguida apresentaremos a pesquisa realizada com as vereadoras eleitas, bem como o resultado da entrevista.

Efetivamente, dados da *Inter-Parliamentary Union* (IPU), publicados em setembro de 2012, de um total de 190 países, o Brasil ocupa a posição 119 quando se analisa o percentual nacional de cadeiras no parlamento ocupadas por mulheres. São múltiplos os fatores que dificultam a entrada de mulheres em cargos públicos. Dentre esses são destacados aspectos de ordem cultural, social e institucional (SACCHET, 2009). É por esses impasses que são criadas as ações afirmativas, que se manifesta, por exemplo, na Lei 9504/1997, vista anteriormente, essas ações configuram-se em uma medida que objetiva efetivar o que já é de direito da mulher, que é a igualdade em todas as instâncias, Barbosa Gomes conceitua essa ação afirmativa destacando seu papel como de remediador.

As ações afirmativas se definem como políticas públicas (e privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física. Na sua compreensão, a igualdade deixa de ser simplesmente um princípio jurídico a ser respeitado por todos, e passa a ser um objetivo constitucional a ser alcançado pelo Estado e pela sociedade.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(BARBOSA GOMES, S.D.).

Ou seja, as ações afirmativas é um mecanismo de interferência (pública ou privada) para garantir que grupos excluídos tenham acesso ao âmbito social, político e econômico. Porém a questão colocada aqui não é apenas a garantia de representatividade feminina no cenário político, decretada pela lei de cotas e sim a representatividade proporcional, uma vez que a democracia só poderá crescer com a participação igualitária das mulheres na política.

A origem deste modelo existente na sociedade atualmente estereotipando a figura feminina, incapacitando-a de exercer e estar presente no meio político vem de uma relação cultural trazida de séculos atrás, Engels foi o primeiro a apresentar o que podemos chamar propriamente de “teoria do trabalho como origem da sociedade”. Por intermédio do trabalho deu-se início a sociedade de classes. Ou seja, a supremacia machista, que sustenta sobre o mito de que as mulheres representam um sexo inferior, existe somente em nossa sociedade de classes patriarcal. Ana Alice contribui manifestando

[...] a questão básica da exclusão das mulheres da esfera pública está ligada ao conceito de cidadania. Um conceito construído através de toda a história do pensamento universal, a partir de um modelo masculino voltado para os interesses dos homens, na medida em que refletem, em todos os processos históricos de sua constituição, a



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

hierarquia social da sociedade, isto é, o patriarcado (COSTA, 1998, p. 51).

Com isso foi sendo gerado o conceito de divisão mesmo, onde o papel da mulher é estar em casa, cuidando de seus filhos, sua casa e de seu marido, originando um estereótipo de que mulher é justamente um “corpo doméstico” já o papel do homem é de trabalhar para garantir o sustento da família. Isso é resultado de uma ideologia muitas vezes patriarcal, em que os homens possuem o “poder” da sociedade, enquanto a mulher possui as tarefas do lar.

### **O que a Vereadora de um pequeno Município tem a nos dizer?**

Para os fins desta pesquisa foi traçado o perfil das vereadoras que constitui a câmara, o qual foi priorizado a idade, nível de instrução, estado civil, filhos, renda familiar mensal, nível de instrução pai/mãe e a religião. Tendo em vista que a religiosidade das vereadoras, nível de instrução e instrução do pai/mãe foram os quesitos mais significativos para construir uma média do perfil socioeconômico. No tocante a tais relações, temos a seguinte tabela :



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Tabela 1** – Perfil socioeconômico das Vereadoras da atual legislatura de Cruzeiro do Oeste-PR

Idade	Nível De Instrução	Estado Civil	Filhos	Renda Familiar R\$	Nível De Instrução Pai/Mãe	Religiosidade
58 anos	Técnico em Enfermagem	Casada	3	1.500,00	Sem escolarização	Católica não praticante
54 anos	Superior, graduação em adm. escolar	Viúva	3	10.000,00	Analfabetos	Evangélica praticante
32 anos	Pós graduada	Casada	1	9.000,00	Graduados	Protestante praticante
37 anos	Especialização, Professora	Casada	3	13.000,00	Graduados	Evangélica praticante

Fonte: os autores.

Para este artigo, faremos a exposição dos resultados obtidos a partir das perguntas abertas a partir de roteiro pré-determinado com as seguintes perguntas:

**Tabela 2** – Roteiro de entrevista

1	O que a levou a se candidatar para o cargo de vereador no município?
2	Em sua opinião, qual a importância da participação da mulher na política de Cruzeiro do Oeste?
3	Você considera a participação da mulher na política local baixa? Por quais motivos?
4	Como foi a sua campanha? Quais as dificuldades enfrentadas?

Fonte: os autores.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ressaltamos que foram entrevistadas todas as vereadoras eleitas (dentre as 11 cadeiras) do legislativo local: Imaculada Conceição da Silva Magalhães, Aparecida Nunes Gonçalves, Nadya Correa Massé, Rosy Anne Almodovas Rodrigues. Os resultados, no entanto, serão apresentados de forma anônima, como Vereadora A, Vereadora B, Vereadora C, Vereadora D (as letras foram estabelecidas de forma aleatória, e não correspondem à ordem dos nomes acima citados).

Em conformidade com a primeira questão **“O que a levou a se candidatar para o cargo de vereador no município?”**, pode-se observar que três das quatro vereadoras se candidataram para o cargo pois viam uma ponte entre seu trabalho do dia a dia com a legislatura, sendo que trabalham na área da educação e saúde tendo um contato amplo com as pessoas e seu eleitorado, além da vontade e do sonho que tinham em cuidar e lutar pelo povo. Unida a essa análise, foi observado também que uma das vereadoras teve seu incentivo na família durante a sua criação, sendo que desde pequena já frequentava comícios nas campanhas de seus familiares:

“Cresci em palanques, na época era palanques, para fazer os comícios, então eu trago na veia esse sangue político, meu avô foi vice-prefeito duas vezes, o meu pai sempre trabalhou nesse meio e depois minha mãe quis ser vereadora, foi vereadora por uma gestão, saiu candidata a prefeita e atualmente é a vice-prefeita.” (Vereadora B).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Um fato muito interessante a ser discutido, tendo em vista que atualmente no Brasil é visível a presença da instituição família no governo ou ainda o poder concentrado transitando de forma hereditária, conforme nos ensina o professor Ricardo Costa de Oliveira (2012). O nepotismo, assim mostra-se uma verdadeira força na política brasileira, e podemos perceber que ele pode se configurar em verdadeiro *habitus*.

No decorrer da entrevista foi questionado também as outras vereadoras, se viam na família alguma influência ou incentivo para hoje estar em participando deste meio e segundo uma delas, por mais que seus pais não tinham estudo, eram ainda muito engajados nas questões políticas da sociedade, como podemos perceber na fala de uma vereadora que também é professora:

“Meus pais eram analfabetos, mas pais assim sabe que diziam: Vão estudar, quero vocês sabendo ler e a escrever, tendo a enxada como caneta, mas essa enxada e essa caneta tem um peso muito grande para mim, é de muito valor essa caneta chamada enxada, quando você me pergunta se houve alguma influência, eu digo que sim, porque a minha mãe mesmo sendo analfabeta ela é muito política, minha mãe ela é muito dada dentro da igreja, muito dada dentro da comunidade, muito dada dentro do trabalho, então houve sim um incentivo”. (Vereadora D).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Fica nítido que mesmo que a família não esteja diretamente envolvida com a política partidária ou estatal, a formação da mulher na política acontece em casa, com familiares que valorizem tanto a educação formal, embora sejam analfabetos. Além disso, o exemplo da mãe que tinha um envolvimento social reconhecido na comunidade religiosa (cujas ações são consideradas como “políticas”) são fatores essenciais para a formação e incentivo político da participação em municípios menores.

Referindo-se a segunda questão feita as vereadoras “**Em sua opinião, qual a importância da participação da mulher na política de Cruzeiro do Oeste?**”, é visível a presença de estereótipos em suas falas, como a sensibilidade, o afeto, o amor, entre outros.

*“Acredito que uma boa política para nossos representantes realmente representar a nossa comunidade da tem que ser diversificada e a mulher é essencial, porque a mulher é a cabeça da casa, a mulher além de ter o conhecimento científico, ela também tem o conhecimento do dia a dia, aquela prática amorosa com o filho, com a família, mais sensível”.* (Vereadora B).

Percebemos que está presente no discurso que a mulher é essencial na política por conta do seu papel na casa, que, além de exercer um papel “racional”, administrativo, tal papel está relacionado com o sentimento, especialmente o amor aos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filhos. A mulher na política significaria um equilíbrio necessário com o domínio masculino, como se a boa política resultasse da equilibração entre o masculino e o feminino, a rua (o trabalho) e a casa (o doméstico). Com certeza, em cidades menores, tal discurso é bastante forte, devido à proximidade da sociedade, e de uma definição de papéis que acompanha a condição sexual. Em outra fala, podemos perceber tal tendência:

“Eu acredito que a mulher na política local e a mulher em várias classes da sociedade em si, nos grupos, nas entidades filantrópicas, traz um dhar diferenciado, porque a mulher é sensível a mais que o homem por natureza, é da mulher, então isso traz um dhar diferenciado, um dhar que talvez no contexto masculino não teria. Em alguns momentos isso tem mais a ser positivo do que negativo, em termos emotivos isso pode ser prejudicial, mas no contexto geral o dhar daquela que gera, que cuida, que é mãe, tudo isso é muito salutar, é diferente, os homens eles realmente são o carro chefe na política e nós mulheres, junto com eles tendo esse dhar diferenciado, soma”. (Vereadora C).

Observamos a naturalização da mulher, presente mais uma vez no discurso da mulher política. No entanto, podemos perceber que para esta vereadora o homem é realmente o “carro chefe” da política, uma vez que o excesso de sentimentalismo da mulher seria, enfim, mais negativo que positivo, especialmente na condução da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



política. A mulher seria uma “soma” para a política, mas daro, em devidas proporções. A questão do sentimento também aparece na seguinte fala: “Na minha opinião é necessário, a mulher trabalha muito o coração, quando existe a razão (homem) chega a mulher com razão mais coração. Eu acho que pelo fato de Deus ter dado a dadiwa de gerar o coração fala alto”. (Vereadora D).

É comum ver em discursos midiáticos ou até mesmo no pensamento popular essa diferenciação entre o homem e a mulher, tendo em vista que estes estereótipos vêm de berços culturais, capaz de estabelecer características sobre um grupo de pessoas a fim de diferencia-lo dos demais. Segundo Aronson (2004), estereotipar é “atribuir” características idênticas a qualquer pessoa integrante de um grupo, independente da real variação que há dentre os membros desse grupo. Sendo essa a maior objeção em dizer que por conta de a mulher ser mais sensível, dona da casa e amorosa irá trazer um “equilíbrio”, dizendo assim, para a sociedade, sendo que na verdade este é um estereotipo que pode não ser adequado a diferentes pessoas desse mesmo grupo. De acordo



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com Panke & Lasulaitis (2016), a mulher candidata deve fazer um uso estratégico de sua condição feminina, o que parece se repetir no caso da mulher que exerce cargo político também.

Ao perguntar as vereadoras se consideravam a participação local baixa com a questão “**Você considera a participação da mulher na política local baixa? Por quais motivos?**”, se manifestaram com muita alegria, refutando que a participação local é ótima, haja vista de que é a primeira vez na história da cidade que este fato acontece, tendo mais de duas mulheres vereadoras dentro da câmara de vereadores. Pudemos perceber um “mascaramento” em relação ao histórico da participação da mulher na política local. Como foram eleitas 4 mulheres, um índice muito expressivo até mesmo para a região (Umuarama, cidade próxima, distante cerca de 30 quilômetros de Cruzeiro do Oeste, e com cerca de 100 mil habitantes, teve 2 mulheres eleitas para sua Câmara), este fato parece “apagar” o passado da cidade, quando havia muita dificuldade para a eleição de uma representante feminina. Vejamos a fala:

“Não, muito pelo contrário, a participação da mulher aqui na nossa câmara de vereadores é muito atuante, ela está muito na alta, até porque quando ocorreu a eleição de quatro mulheres, simplesmente a cidade movimentou conosco”. (Vereadora D).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Um ponto muito importante que deve ser levado em consideração, é o fato de que a cidade movimentou com as candidatas, o que aparece no relato de todas as vereadoras eleitas, que a população efetivamente deu crédito para a eleição de suas representantes, até mesmo “vibrando e incentivando”, o que é um avanço grandioso na sociedade, talvez por ser uma cidade menor e “onde todos se conhecem” como é a fala comum. As candidatas evidenciam que não só tiveram o apoio da população na campanha e atualmente no mandato como também tem dos companheiros vereadores, que tem um respeito imenso com todas, dizem que foram muito bem recebidas por eles e hoje trabalham em união, sendo incentivadas por eles.

Foi questionado as vereadoras as dificuldades da campanha através da questão “**Como foi a sua campanha? Quais as dificuldades enfrentadas?**”, se sentiram mesmo que indiretamente a presença do machismo e como dito anteriormente, todas alegaram que não, muito pelo contrário, tiveram um apoio grandioso por onde passavam, claro que era limitado os lugares que podiam ir sozinhas, mas sempre foram incentivadas até mesmo pelos homens.

“Dificuldades em ser mulher que eu encontrei, ambientes em que eu não podia ir sozinha, na questão física mesmo, mas as reuniões nas casas eram todas maravilhosas, fui muito bem recebida sempre, mas alguns lugares você tem a vulnerabilidade pela questão do receio físico mesmo, por conta do descrédito da política faz com que o agente



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

político seja visto com maus olhos, ainda mais uma mulher, mas isso aconteceu muito pouco, pois sempre andávamos em grupos então nessa parte foi bem positivo.” (Vereadora C).

Aqui é dito algo muito importante, existe um descrédito da política, que é natural, existente na sociedade, portanto a campanha política já deixa essas pessoas vulneráveis, quando se vê então uma mulher participando deste meio, traz um desconforto ainda maior para essas pessoas, que vê esse agente político com maus olhos. Interessante o apontamento a respeito dos ambientes que uma mulher “não pode ir sozinha”, considerando o discurso que em uma cidade pequena há um certo pacifismo pois “todos se conhecem”, e considerando que se trata de uma representante política do Estado brasileiro, que deve também zelar pelo direito de “ir e vir” de todos os cidadãos.

Ressaltando como dito anteriormente no objetivo deste trabalho sendo analisar os fatores que influenciam na participação feminina na câmara de Cruzeiro do Oeste, tem-se como presunção o fato da população da cidade não apresentar fortes resquícios de machismo entre outros preconceitos, capazes de afastar as mulheres deste meio que é a política, tendo em vista que tem muito a somar junto aos homens e a população. Um outro fator que também pode influenciar na eleição dessas quatro



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mulheres é a atuação religiosa, sendo três delas praticantes e bem vistas dentro das mesmas.

### **Considerações Finais**

A luz do exposto, pode-se notar que na época atual é naturalizado a divisão sexual do trabalho, tendo como exemplo a responsabilidade das mulheres no cuidado pela vida doméstica, da relação entre feminidade e maternidade, devem entender o que é ser uma mulher política e do que seria sua ação, enquanto mulher na política. Por essa razão a presença feminina no campo da política é totalmente enfraquecida, tornando um espaço majoritariamente masculino, apesar da ampliação da participação feminina nas esferas da sociedade e também o maior incentivo que tem recebido, o campo da política ainda é um reduto predominantemente masculino. Ainda que através de alguns estímulos como por exemplo a Lei 9504/1997 que poderia ter influenciado o aumento desta participação ou até mesmo das candidaturas não tem sido garantia de uma política



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

igualitária, o crescimento de candidaturas femininas gera uma expectativa de que a maior oferta de candidatas se traduzisse em maior número de eleitas, no entanto esse crescimento não se manifesta dessa maneira.

O resultado das eleições de 2016 na cidade de Cruzeiro do Oeste trouxe uma mudança significativa para história tendo em vista que desde a primeira legislatura, não houve a presença de mais de duas mulheres ocupando as cadeiras de vereadores na câmara.

Por fim este trabalho pretende lançar um olhar diferenciado, conhecer essas vereadoras que conseguiram se eleger, sua campanha, suas perspectivas em torno da mulher, e buscar de alguma forma trabalhar com o incentivo das mulheres para ocupar as várias esferas da sociedade.

## Referências

BARBOSA GOMES, J. "O debate constitucional sobre as ações afirmativas" *In* **Notícia Digital**: Londrina-PR, Agência UEL de Notícias. Disponível em: <[http://www.uel.br/com/noticiadigital/index.php?arq=ARQ\\_art&FWS\\_Ano\\_Edicao=1&FWS\\_N\\_Edicao=1&FWS\\_Cod\\_Categoria=1&FWS\\_N\\_Texto=3529](http://www.uel.br/com/noticiadigital/index.php?arq=ARQ_art&FWS_Ano_Edicao=1&FWS_N_Edicao=1&FWS_Cod_Categoria=1&FWS_N_Texto=3529)> . Acesso em: 15/09/2017.

COSTA, Ana Alice Alcântara. **As donas no poder. Mulher e Política na Bahia**. Salvador: NEIM/ALBa, 1998.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

OLIVEIRA, Ricardo Costa de **Na teia do Nepotismo: sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil**. Curitiba: Insight, 2012.

PANKE, Ludiana; IASULAITIS, Sylvia. "Mulheres no poder: sobre o discurso feminino nas campanhas eleitorais" *In Opin. Publica*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 385-417, agosto de 2016.

SACCHET, Teresa. "Capital social, gênero e representação política no Brasil" *In Opin. Publica*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 306-332, Nov. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-62762009000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762009000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15/09/2017.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## História Cultural da Ciência: uma possibilidade para formação de professores e para o ensino de ciências

Por: Angélica Antonechen Colombo<sup>44</sup>

angelica.colombo@fpr.edu.br

### Resumo:

A visão tradicional da ciência e da história da ciência ainda é predominante nos centros acadêmicos, quando grande parte da história da ciência ainda se resume a imagens de acontecimentos e personalidades que são apresentadas de forma anacrônica. Trabalhar e analisar os diferentes objetos que fazem parte da construção do conhecimento científico e tecnológico e seus efeitos na sociedade podem ser facilmente analisados e estudados profundamente pelos mecanismos da História Cultural. Os aspectos que a História Cultural abrange em seus estudos vão desde a linguagem, ou os modos de se comunicar, as representações e as práticas culturais que os seres humanos produzem em relação ao mundo em que vivem no decorrer de sua história. Por meio de reflexões a respeito da importância da história da ciência nos cursos de formação inicial e continuada de professores de Ciências e no ensino de



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Educação para ensino de matemática pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, e professora de Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, é Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. É servidora pública federal, docente de Filosofia do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotada junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, na cidade de Campo Largo – PR. Atua no Projeto de Pesquisa sobre O cinema e a Filosofia na formação de professores de Ciências como integrante. É integrante do Projeto História e ensino de Ciências. É autora de artigos científicos na mídia especializada nacional.



Ciências e em como ela pode ser trabalhada por meio da História Cultural, neste texto, buscou-se apresentar uma pesquisa bibliográfica a respeito da história da ciência e em como ela foi sendo fundada em diferentes períodos. Isso para dar início a uma ideia sobre a importância dada a essa disciplina na formação inicial e continuada dos professores de Ciência, e por consequência no ensino de ciências. Partindo desse estudo apresentamos uma proposta para se trabalhar com a modalidade historiográfica da História Cultural para tratar da História da Ciência na formação de professores e também no ensino de ciências. Portanto, o objetivo deste artigo é discutir sobre a importância da história da ciência no âmbito educacional e apresentar a História Cultural da Ciência como um instrumento para o tratamento dessa disciplina. A metodologia de pesquisa que será empregada é a abordagem qualitativa, de natureza básica, no paradigma interpretativo e utilizando os procedimentos da pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** História da Ciência; História Cultural; Modalidade Historiográfica; Docência em Ciências; Educação Científica.

### **Resumo**

*La tradicia vidpunkto de la scienco kaj la historio de la scienco ankoraŭ estas plejparte en akademiaj centroj kiam multe de la historio de la scienco ankoraŭ malsupreniras al bildoj de eventoj kaj personeoj, kiuj estas prezentitaj anakronistike. Laborante kaj analizante la malsamajn celojn, kiuj estas parto de la konstruado de scienca kaj teknologia scio kaj ĝiaj efikoj sur la socio, povas fadile analizi kaj studi profunde per la mekanismoj de Kultura Historio. La aspektoj, kiujn Kulturaj Historio ampleksas en iliaj studoj, estas de la lingvo, aŭ pri komunikado, de reprezentoj kaj kulturaj praktikoj, kiujn homoj kreas rilate al la mondo, en kiu ili vivas laŭ sia historio. Tra spegulbildoj pri la graveco de la historio de scienco en la kursoj de komenca kaj daŭra trejnado de sciencaj instruistoj kaj en la instruado de scienco kaj kiel ĝi povas funkcii per Kultura Historio, en ĉi tiu teksto ni serĉas prezenti esploron bibliografio pri la historio de scienco kaj kiel ĝi estis fondita en*



IΦ-Sophia

*malsamaj periodoj. Ĉi tio estas komenci ideon pri la graveco donita al ĉi tiu disciplino en la komenca kaj daŭra formado de Sciencaj instruistoj, kaj sekve en scienca instruado. De ĉi tiu studo ni prezentas proponon por labori kun la historiografia kategorio de Kultura Historio por trakti la Historion de Scienco en instruadoinstruado kaj ankaŭ en scienca instruado. Sekve, la celo de ĉi tiu artikolo devas diskuti la gravecon de la historio de scienco en la eduka kampo kaj prezenti la Kulturalan Historion de Scienco kiel instrumento por la traktado de ĉi tiu disciplino. La esplora metodiko uzata estas la kvalitiva aliro, de baza naturo, en la interpretiga paradigmo kaj uzado de la proceduroj de la bibliografia esplorado.*

**Ŝlosilvortoj:** *Historio de Scienco; Kultura Historio; Historiografio Modo; Scienca Instruado; Scienca Edukado.*

**Abstract:**

*The traditional view of science and the history of science is still prevalent in academic centers, when much of the history of science still comes down to images of events and personalities that are presented anachronistically. Working and analyzing the different objects that are part of the construction of scientific and technological knowledge and its effects on society can be easily analyzed and studied deeply by the mechanisms of Cultural History. The aspects that Cultural History encompasses in their studies range from the language, or the ways of communicating, the representations and cultural practices that human beings produce in relation to the world in which they live in the course of their history. Through reflections on the importance of the history of science in the initial and continuing training courses for science teachers and science education and how it can be worked through Cultural History, in this text, we tried to present a bibliographic research about the history of science and how it was being founded at different times. This to initiate an idea of the importance given to this subject in initial training and continuing of science teachers, and consequently in science education. From this study we present a proposal to work with the historiographic modality of Cultural History to deal with the History of*



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*Science in teacher training and also in science teaching. Therefore, the purpose of this article is to discuss the importance of the history of science in the educational field and to present the Cultural History of Science as an instrument for the treatment of this discipline. The research methodology that will be used is the qualitative approach, basic in nature, the interpretative paradigm and using the procedures of the bibliographic research.*

**Key words:** *History of Science; Cultural History; Historiographic Modality; Teaching in Sciences; Scientific Education.*

“Precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência”  
(Nietzsche, F. Vantagens e desvantagens da história para a vida).

Não existe somente um modo de se fazer ciência, nem um só tipo de ciência, também não existe uma única forma de se contar a história da ciência. Contar a história da ciência não é algo simples, porém pode ser mais fácil quando se pensa a ciência em sua totalidade, deixando assim a história mais interessante do que ela realmente parece ser. Em se tratando de história da ciência, não se deve ater apenas nos momentos nos quais eventos “científicos” aconteceram, mas também e principalmente, em todos os aspectos que contribuíram para que esse evento pudesse de fato acontecer. Por isso, far-se-á um percurso para compreender porque, muitas vezes, pensadores, filósofos, historiadores contaram a história da ciência de modo tão fragmentado e buscar-se-á propor uma forma diferente de tratar a história da ciência.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A história nos fala da ação humana na construção de fatos, de instituições, de sociedades, de culturas, tudo isso em uma dimensão holística, sem perder os detalhes mais importantes para se compreender porque aquilo é o que é no momento em que a história o encontra. O trabalho do historiador não se limita em conhecer apenas um momento, um acontecimento, pois para conhecê-lo ele precisa ir muito mais a fundo para compreendê-lo, e é nessa compreensão dos fatos que o historiador encontra a sua função. Não é apenas contar uma história, o historiador deve compreender a realidade no qual o fato aconteceu em todos os seus pormenores. Como afirma Bloch (2001):

Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: "compreender". Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. Palavra, não dissimulemos, carregada de dificuldades, mas também de esperanças. Palavra, sobretudo, carregada de benevolência. Até na ação, julgamos um pouco demais. É cômodo gritar "à força!" Jamais compreendemos o bastante. Quem difere de nós — estrangeiro, adversário político — passa, quase necessariamente, por mau. Indusive, para travar as inevitáveis lutas, um pouco mais de compreensão das almas seria necessário; com mais razão ainda para evitá-las, enquanto ainda há tempo. A história, com a condição de ela própria renunciar a seus falsos ares de arcanjo, deve nos ajudar a curar esse defeito. Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como a ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro foi fraternal (p. 128).

A palavra história tem como significado algo mais do que o tempo vivido ou a

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

disciplina ou área do conhecimento voltada para a investigação do passado. É preciso destacar que antes de tudo, que a História, como área do conhecimento trata-se de um processo que permite visualizar a trajetória temporal do objeto histórico elencado e suas características pertinentes aos diferentes períodos do tempo. Compreender a história nos possibilita estabelecer as conexões e as construções dos significados que a permeiam. Para Hans-Georg Gadamer, por exemplo, a produção do conhecimento histórico e a arte da interpretação, estão intimamente relacionadas (GADAMER, 2003), por isso, as interpretações levantadas sobre o passado constituem a historiografia.

Desde Heródoto, considerado o “pai da história” que afirmava que a história era a “procura das ações realizadas pelos homens”, até o atual século, diferentes formas de pensar história foram sendo construídas. É possível dividir o processo de construção da área de conhecimento “História”, em três etapas: a primeira é a fase pré-científica que compreende as historiografias greco-romanas, cristã-medievais e renascentistas, a segunda é a historiografia racionalista ou iluminista e a liberal-romântica, e a terceira fase se constitui como científica, que se possui o Positivismo, o Historicismo, o Materialismo Histórico, a escola dos Annales e a Nova História.

Não há, um consenso entre os historiadores sobre como a história deve ser analisada, existem diferentes teorias sobre como lidar com a história, e não é nosso



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

papel trabalhar com essas teorias no momento, basta entender qual é a natureza da história da ciência para compreender por que há diferentes modos de compreendê-la.

Ana Maria Alfonso-Goldfarb (1994) em sua obra *O que é História da Ciência*, declara que pode-se considerar o surgimento da História da Ciência em meados do século XVII, juntamente com o advento da Ciência Moderna, como já afirmou Koyré (1992). As grandes navegações e a queda de Constantinopla no século XV e XVI contribuíram para que o Renascimento surgisse, trazendo consigo uma nova mentalidade

Durante a passagem do século XVIII para o século XIX a consolidação da ciência já era segura, existia uma concordância entre os envolvidos sobre quais seriam as regras da ciência, passa a existir a função dos cientistas e o que alguns chamam de o advento da genialidade na ciência, frutos de uma filosofia Iluminista, a ciência agora estava estabelecida como aquela que busca e encontra a verdade. É na passagem entre os séculos XVIII ao século XX que a História da Ciência passa a perder a sua importância e passa a ser tratada como periférica (ALFONSO- GOLDFARB, 1994).

Quando no século XX novas teorias emergentes no campo da ciência passam a surgir, como por exemplo, a Teoria da Relatividade de Einstein, a ciência começa a entrar em uma crise marcada por desastres ambientais, guerras mundiais,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

armamento nuclear etc. Durante esse período de fissura, a História da Ciência continuou sem grande importância nos meios científicos, perdendo o seu papel de significância enquanto auxílio para a compreensão da ciência. Alfonso-Goldfarb orienta:

Era preciso, agora, que a História da Ciência ganhasse uma dimensão verdadeiramente histórica para que ela pudesse fazer sua crítica ao longo do processo, no tempo, vivido pela Ciência. Contando e recontando as muitas histórias de que se fez a Ciência, foi possível entender problemas, saltos e falhas que haviam ficado apagados pela aparente continuidade do progresso científico (ALFONSO-GOLDFARB, 1994, p. 13).

Na história da ciência, em diferentes aspectos, sempre houveram visões distintas no que diz respeito a sua utilidade para compreensão do andamento e das regras da ciência. Em meio das sociedades científicas, grupos de pesquisa, encontros entre os membros das academias e posições referentes a história da ciência poderiam estar presentes, mas não de modo institucionalizado.

Em 1900, com a organização do *Congresso Internacional de História das Ciências* por Paul Tannery, e com o surgimento dos primeiros periódicos e da primeira Cátedra de História da Ciência da Universidade de Paris é que esta área começa a ganhar de fato um espaço nos ambientes institucionalizados de produção científica. (MARTINS, 2001).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nesse momento, algumas obras de História da Ciência foram publicadas favorecendo a consolidação da área de conhecimento. O matemático George Sarton, fundador da *History of Science Society* e do periódico *Isis*<sup>45</sup>, que existe até hoje, escreveu em três volumes sua obra *Introduction to the History of Science*. Esse novo campo da história buscava resgatar a história do passado, por isso escreviam a história dos vitoriosos, uma história sem muitos obstáculos, linear, cheia de datas, nomes e feitos que marcaram uma época<sup>46</sup>.

Por mais que essa história da ciência tivesse algumas características que até hoje tenta-se ultrapassar, como a linearidade da história, foi muito importante para a consolidação da história da ciência enquanto uma área de pesquisa. Todavia, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que seus alicerces começaram a se modificar e tomar outras formas, como por exemplo, a partir da criação de departamentos universitários, periódicos da área, cursos de nível superior (CHRISTIE, 1990, p. 18, apud MARTINS, 2001, p. 22).

É preciso fazer um adendo nesse momento; pois até aqui, a construção de uma área de conhecimento como o da história da ciência nos ambientes em que estava sendo produzida lidava com a história galgada no mundo ocidental, tendo sua nascente na

---

<sup>45</sup> <http://www.journals.uchicago.edu/doi/isis/current>

<sup>46</sup> Ana Maria Alfonso-Goldfarb conta que por esses historiadores estar sempre buscando “os pais da ciência” foram conhecidos como historiadores pedigree (ALFONSO-GOLDFARB, 1994 p. 72)





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aurora da civilização clássica grega, percorrendo um caminho que anda apenas por territórios europeus e mais atualmente anglo-saxões. Alfonso-Goldfarb (1994) ironiza o estabelecimento dessa história da ciência que ela denomina pedigree europeia:

Enfim, além de ser uma história-pedigree, era também uma história cuja origem estava na Europa. Apesar desse último não ter sido um problema exclusivo da História da Ciência, o produto final desta forma de história chega a ser cômico. Era como se toda a humanidade tivesse feito um concurso para ver quem chegava primeiro à ciência moderna! Ou seja, essa ciência era o destino natural inevitável do pensamento humano e, para sorte dos europeus, eles haviam chegado primeiro (ALFONSO-GOLDFARB, 1994, p. 74-75).

É nesse percurso de crítica e desmonte da até então História da Ciência estabelecida, que em 1931, No *II Congresso de História da Ciência* que aconteceu em Londres os debates sobre novas formas de pesquisar a ciência começam a florescer, e vindos principalmente dos soviéticos que indagavam sobre a Ciência que, além de lidar com conceitos e princípios mais abstratos, podia também ser influenciada pelo meio social.

Outras formas de ciências, como as não ocidentais e outros tipos de conhecimentos passaram a ser considerados como fatores importantes para o desenvolvimento da ciência moderna. Não obstante, mesmo com trabalhos de história da ciência produzidos, a Ciência Moderna Ocidental continuou sendo um marco de



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

comparação e de indicador em relação às outras formas de compreender a ciência (ALFONSO-GOLDFARB, 1994, p. 77-78).

A partir desse momento e até a década de 1960, passando pela Segunda Guerra Mundial o campo das ciências passa a vivenciar diferentes temas de discussão sobre a sua natureza, suas regras e sua história. Esses debates continuam até como a base teórica para se pensar uma ciência hoje, bem diferente da ciência do meio do século XX.

Esses debates iniciaram com o surgimento de um grupo de pesquisas, o *Círculo de Viena* formado no início da década de 1905 por um grupo de pensadores, em sua maioria físicos e filósofos, tendo como nomes Hans Hahn, Moritz Schilick e Rudolf Carnap e posteriormente Karl Popper conhecido pela sua teoria do *falseacionismo*. E em meados de 1930 a filosofia do *Círculo de Viena* exerceu uma profunda influência na cena cultural europeia. Esse movimento cultural deixou marcas profundas e indeléveis no pensamento ocidental a respeito da teoria do conhecimento e da filosofia e história da ciência.

Já se discutiu a respeito das formas nas quais a história da ciência foi tratada no decorrer dos séculos. Mas por que pensar nessas correntes filosóficas? Porque pensar nessas correntes filosóficas nos faz entender as formas como hoje a ciência continua sendo debatida. Ainda há discursos tradicionais quando ouve-se

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

alguém falar sobre ciência e até mesmo sobre a história da ciência.

Richard Feynman quando veio ao Brasil na década de 1950, afirmou em uma palestra que não se ensinava ciência no país (FEYNMAN, 2000, p. 243). Desde a sua vinda ao Brasil, muitas discussões a respeito do ensino de ciência e de história da ciência proliferaram em todos os campos acadêmicos. Grupos de pesquisas e cursos de pós-graduação foram, e continuam sendo criados com o intuito de debater o ensino de ciência em todos os seus aspectos.

Muitos projetos a respeito do ensino de ciências surgiram dessas discussões acadêmicas, porém bem poucos se concretizaram e estão presentes nas salas de aulas nas disciplinas científicas, tanto do ensino fundamental como do ensino médio, e até mesmo nos cursos de formação de professores. Até mesmo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2004) buscou incorporar algumas dessas ideias, mas fracassaram em fazer grandes mudanças no ensino de ciência e história da ciência no país.

Por isso, a fala de Feynman continua atual na realidade escolar e também universitária, no que diz respeito à formação de professores. Mais um ponto de interrogação surge nesse momento: que tipo de ensino de ciências falava Feynman e qual o tipo que adotam nas escolas?

Quando se fala de ciência preconiza-se muito o ensino de conteúdos pautados



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

em teorias de aprendizagem puramente lógicas, culminando em resultados de avaliações de desempenho. Feynman, quando fala de ensino de ciência fala de uma ciência que é movida pela *paixão*, pelo sentimento de prazer que a busca de conhecimento pode gerar, assim como eram os antigos filósofos, amantes da sabedoria, Feynman afirma que a ciência, não só, mas todos os conteúdos escolares, devem ser ensinados com *paixão* provocando também nos alunos esse prazer que é a “descoberta” de um mundo novo, como é o mundo da ciência.

Outro autor que irá discutir os aspectos de satisfação que o processo de ensino e aprendizagem pode gerar tanto em professores como nos alunos é Georges Snyders, pedagogo francês que publicou uma obra muito diferente das que existem na área de aprendizagem, onde buscou compreender e promover sentimentos de prazer e alegria no ato de ensinar e no ato de aprender. Quando Snyders fala sobre o ensino de ciências, vai por um outro caminho e declara que o acesso à cultura pode enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, e pode ser crucial na promoção de satisfação nesse processo:

[...] para dar alegria aos alunos, coloco minha esperança na renovação dos conteúdos culturais. A fonte de alegria dos alunos, não a procuro inicialmente do lado dos jogos, nem dos métodos agradáveis, nem do lado das relações simpáticas entre professores e alunos, nem mesmo na região da autonomia e da escolha: não renuncio a nenhum desses valores, mas conto reencontrá-los como conseqüências e não como causas primeiras (SNYDERS, 1988, p13).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Os estudos de Snyders sobre a satisfação que os conteúdos culturais e as formas culturais de tratar os conteúdos trouxe para a investigação pedagógica um novo horizonte quando se trata de buscar a atenção dos alunos para os conteúdos curriculares da escola. Falar de promover o prazer e a satisfação na aprendizagem parece algo longínquo, mas Snyders propõe ir por um caminho muito mais curto e muito mais acessível para professores e alunos, o caminho da cultura primeira. O próprio autor define que

Há fontes de culturas que são adquiridas fora da escola, fora de toda auto formação metódica e teorizada que não são o fruto do trabalho, do esforço, nem de nenhum plano: nascem da experiência direta da vida, nós a absorvemos sem perceber, vamos em direção a elas seguindo a indinação da curiosidade e dos desejos; eis o que chamarei de cultura primeira (SNYDERS, 1988, p. 23).

São esses produtos da cultura primeira que fornecerão para os alunos momentos de satisfação e de prazer que Snyders chamou de *alegrias simples* (op. cit., p. 24), é justamente na valorização dessas alegrias simples que os alunos irão buscar alegrias mais elaboradas, chamadas de *alegrias ambiciosas* e que proporcionará um incentivo pela busca de novos conhecimentos, desse modo, dependerá de uma cultura elaborada que fornecerá a eles os meios para suprir as suas ambições, e essa cultura mais elaborada pode muito bem estar nas salas de aula. Portanto, essa cultura primeira deve ser valorizada pelos professores e aproveitada para a fins de aprendizagem



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de conteúdos mais complexos e para Snyders é papel da escola oferecer acesso à cultura elaborada. Piassi (2007) complementa:

A noção da cultura primeira é fundamental na compreensão da ideia de satisfação cultural que será desenvolvida. Os elementos culturais que estão presentes espontaneamente no ambiente dos estudantes irá formar um sistema cultural complexo, repleto de nuances e fragmentos provenientes de diversas fontes e extremamente variáveis de acordo com o contexto social. A televisão, o trabalho, os meios de comunicação, os ambientes que os jovens frequentam, as relações familiares tudo isso irá contribuir na formação dessa matriz (p. 39).

É, portanto, a partir da valorização dessa cultura primeira, e também da problematização dos conteúdos escolares, que o ensino de ciências e de história da ciência pode gerar aquela paixão na qual Feynman atribuía à ciência. Para trabalhar a história da ciência, por exemplo, seria muito mais vantajoso se os historiadores também buscassem compreender essa cultura na qual o episódio científico se encontra, observar todos os fatores que contribuíram para o seu acontecimento, talvez desse modo, é possível até mesmo chamar a atenção para outros aspectos importantes na construção daquele conhecimento científico que seja mais curioso que o próprio.

Isto é, no Brasil aprendem e ensinam ainda uma ciência positivista, internalista, que não leva em conta a história da ciência e outros fatores que deveriam



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estar presentes na construção não só da ciência, mas principalmente na formação dos professores de ciências e na construção da consciência científica dos alunos. A proposta é oferecer meios para ensinar ciências e a história da ciência que não leve em consideração somente também a cultura primeira dos alunos e professores, mas também os aspectos culturais relativos à ciência e seu ensino, resultando na formação de um professor e de um aluno que seja um cidadão reflexivo e crítico.

Os documentos oficiais da educação no Brasil propõem que sejam contemplados no ensino de ciências diversos aspectos que a complementam como os sociais, culturais e históricos. Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, por exemplo, há um grande destaque para que características socioculturais do conhecimento científico sejam desenvolvidas durante a formação dos alunos. As provas de desempenho escolar, como no Enem, nas áreas tanto de ciências da natureza como de ciências humanas trabalham também com questões que exigem do aluno um caráter interpretativo que leva em conta as dimensões históricas, sociais, culturais, econômicas e políticas das questões. Almeida destaca:

Numa perspectiva de dimensão cultural, as finalidades para se ensinar ciência podem assumir um espectro bastante abrangente, podendo-se esperar desse ensino que ele possibilite ao estudante, entre outros objetivos: a internalização de conceitos e leis previamente selecionados; o reconhecimento das condições sociais em que determinadas leis da natureza e certos conceitos foram produzidos, bem como o entendimento de suas influências sobre a sociedade; a



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

compreensão de modos de produção da ciência; a possibilidade de crítica em relação a aplicações e implicações sociais da instituição científica; a aquisição de habilidades e atitudes pertinentes ao fazer científico; o incremento da autoestima pela inserção em questões próprias do seu tempo (ALMEIDA, 2004, p. 96).

O professor de física, João Zanetic (1998, p. 12) também fala sobre a importância de levar em conta nas aulas de ciências os aspectos históricos e culturais que fizeram parte da construção do conhecimento científico, quando afirma que “[...] a ciência tem vários componentes culturais que podem ser trabalhados em sala de aula”. Destaca ainda que o ensino de ciências deve promover o engajamento social, com uma visão mais problematizada e crítica.

Porém, essas iniciativas, e a proposta na qual esse artigo se pauta ainda não são tão vividas nas salas de aulas das escolas e muito menos nos cursos acadêmicos de formação de professores. Essa discussão ainda fica a margem dos centros que atuam diretamente no ensino de ciências. As posturas, principalmente na formação de professores, como já visto, continua sendo uma postura tradicional, e por vezes, ousa-se afirmar, até baconiana a respeito da ciência. Para mudar essa realidade é preciso levantar argumentações sólidas e construir parâmetros fortalecidos para promover alguma mudança que consiga chegar na sala de aula e resultar na promoção da paixão dos alunos pela ciência e sua história.





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A visão tradicional da ciência e da história da ciência ainda é predominante nos centros acadêmicos, nos cursos de na formação dos professores de ciências, quando grande parte da história da ciência ainda se resume a imagens de acontecimentos e personalidades que são apresentadas de forma anacrônica. Alvim e Zanotello (2014) declaram:

Tradicionalmente, a relação entre história das ciências e ensino de ciências foi pautada pela visão de que a primeira se configura como importante dispositivo didático à segunda. Esta proposta apresenta, por vezes, uma imagem utilitarista e acessória da história, na qual a sucessão de anedotas e cronologias poderia contribuir para ilustrar o conteúdo científico ou, em versões mais radicais, eliminar o enfado da aprendizagem de ciências. Acreditamos que esta posição tradicional pode empobrecer a contribuição da História Cultural das Ciências, especialmente se a aprendizagem científica estiver pautada por objetivos de fomento à reflexão e cidadania (p. 353).

A visão do desenvolvimento da ciência apartada do desenvolvimento social onde estava situada, ou a postura de desenvolvimento linear que ocorria de uma teoria ultrapassada para outra agora aceita, ou a perspectiva de que a ciência se produz somente por meio da observação da realidade e da experimentação das teorias, predomina fortemente em laboratórios acadêmicos, aulas de cursos superiores e por consequência nas salas de aulas.

Esse modo tradicional de trabalhar a ciência e de conhecer sua história



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desapropria o professor e os alunos a encará-la como um cidadão crítico e consciente, pois a produção tecnológica e científica atualmente roga que os cidadãos sejam críticos a sua realidade e analisem os avanços técnico-científicos com uma postura reflexiva.

Por esses e outros argumentos é que a vertente da história cultural da ciência pode contribuir primeiramente para suscitar nos futuros professores e por conseguinte nos jovens essa consciência crítica a despeito da ciência e da tecnologia e dos seus efeitos na sociedade, e também possibilitará ao professor trabalhar com diversos outros materiais, que não só os didáticos para refletir sobre a história e a produção de conhecimento científico, como por exemplo, utilizando a filosofia, a literatura, a música, o cinema, ou seja:

A educação científica que tem como requisito e instrumento gerador de cidadania a ciência como cultura ao propor-se ensinar a cada potencial cidadão o indispensável para se tornar cidadão de facto, torna-se numa educação cidadã que ajuda a redefinir o ser através do saber, a dar sentido à participação informada do cidadão no processo de tomada de decisões e a estimular o “aprender a aprender” um conhecimento estratégico para continuar a aprender que não se confina à conceptualização (SANTOS, 2009, p.535).

Desse modo, para uma educação em ciências cidadã, a mesma precisa se afastar no ensino disciplinar tradicional e galgar sobre um espaço que aproxima os conteúdos científicos, os professores e alunos das reflexões sobre as relações entre



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ciência, tecnologia e sociedade. Essa transformação então proporcionará aos jovens alunos futuros cidadãos, uma postura crítica frente aos desafios que a realidade futuramente nos oferecerá. Essa proposta de trabalhar com a história cultural da ciência articulará então juntamente com a educação em ciência o suporte para a construção dessa educação científica e tecnológica crítica.

Mas o que é história cultural da ciência? Essa é uma pergunta que precisa ser respondida voltando a atenção aos estudos sobre historiografia. Foi visto anteriormente que algumas vertentes historiográficas foram utilizadas por historiadores da ciência, como a Escola de Annales, por exemplo. Mas, na historiografia, a história cultural da ciência é uma corrente mais recente utilizada.

Por dentro das diferentes modalidades da História que se desenvolveram no decorso do século XX, há entre elas aquelas que ofereceram uma riqueza de oportunidades para que os historiadores pudessem trabalhar com diferentes perspectivas históricas. No caso da história cultural, que tornou-se mais evidente nas últimas décadas do século XX, é riquíssima no sentido de manter em suas práticas diferentes meios de tratamentos da história. Portanto, essa história cultural não limita-se a analisar historicamente somente as produções artísticas e literárias que é oficialmente reconhecida, mas abrange diversas outras fontes de conhecimento, como é o caso da ciência aqui tratada. Por isso, nesse caso, pode-se entender essa modalidade



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

historiográfica no sentido de uma:

[...] História Cultural elaborada por Georges Duby (1990: 125-130). Para o historiador francês, este campo historiográfico estudaria, dentro de um contexto social, os “mecanismos de produção dos objetos culturais” (aqui entendidos como quaisquer objetos culturais, e não apenas as obras-primas oficialmente reconhecidas). O exemplo acima proposto autoriza-nos a acrescentar algo. A História Cultural enfoca não apenas os mecanismos de produção dos objetos culturais, como também os seus mecanismos de recepção (e já vimos que, de um modo ou de outro, a recepção é também uma forma de produção). (BARROS, 2005, p. 128).

Os aspectos que a história cultural abrange em seus estudos vão desde a linguagem, ou os modos de se comunicar, as representações e as práticas culturais que os seres humanos produzem em relação ao mundo em que vivem no decorrer da história. Por isso, essa modalidade historiográfica pode nos oferecer largos caminhos para se conhecer a história de determinada produção cultural humana. Nesse caso, sobre a produção de conhecimento científico e tecnológico a história cultural pode nos oferecer diferentes mecanismos para conhecer os pormenores dessas produções, Barros (2005) ainda aponta:

Os objetos da História Cultural, em face da noção complexa de cultura que hoje predomina nos meios da historiografia profissional, são inúmeros. A começar pelos objetos que já faziam parte dos antigos estudos historiográficos da Cultura, continuaremos mencionando o âmbito das Artes, da Literatura e da Ciência –



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

campo já por si mesmo multidiversificado, no qual podem ser observadas desde as imagens que o homem produz de si mesmo, da sociedade em que vive e do mundo que o cerca, até as condições sociais de produção e circulação dos objetos de arte e literatura. Fora estes objetos culturais já há muito reconhecidos, os quais, de resto, sintonizam com a “cultura letrada”, induiremos todos os objetos da “cultura material” e os materiais (concretos ou não) oriundos da “cultura popular” produzida ao nível da vida cotidiana através de atores de diferentes especificidades sociais (p. 129).

Ainda é possível citar como objetos de análise da história cultural os sujeitos que são produtores e também receptores desses materiais culturais. Dos sujeitos passa-se para as agências de distribuição e produção desses processos e práticas culturais. Assim sendo, são inúmeros os objetos que podem ser analisados pela vertente da história cultural, e todos estão totalmente relacionados com o meio em que são produzidos, nesse contexto, também são objetos de estudo os aspectos sociais, políticos, econômicos e obviamente culturais. Roger Chartier um dos maiores representantes da História Cultural afirma que: “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Portanto, cabe a história cultural buscar entender os significados das práticas cotidianas de uma dada época, ou seja, a maneira como as pessoas liam o

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mundo. Isto é, segundo Chartier, “construir uma história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais” (1990, p. 14) que são o social, o institucional e, sobretudo, o cultural. Essas representações passadas são acessadas pelo historiador por meio dos documentos e das fontes, que por sua vez também se constituem como representações, já se colocam no lugar do acontecido. Pesavento diz que: “A história cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado” (2003, p. 43).

Assim sendo, observa-se a proficiência da história cultural no trato sobre a ciência e seu ensino. Trabalhar e analisar os diferentes objetos que fazem parte da construção do conhecimento científico e tecnológico e seus efeitos na sociedade podem ser facilmente analisados e estudados profundamente pelos mecanismos da história cultural, e é por esses e outros motivos, que é declarado aqui a proposta deste trabalho.

É comum gerar certa estranheza quando mencionam a expressão História Cultural da Ciência, pois à primeira vista, parece ser algo contraditório trabalhar com ideias e teorias consideradas opostas, como é o caso da ciência e da cultura. A cultura pode ser compreendida como sendo uma produção humana no campo da subjetividade e a ciência pelo contrário, da pura racionalidade e da objetividade. Mas já foi ilustrado aqui que a ciência é também uma produção cultural pois é constituída de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

saberes, valores, normas, expectativas de um determinado grupo e em um determinado espaço.

Assim, a partir da História Cultural da Ciência busca-se construir um caminho que resgate a história que envolveu a produção do conhecimento científico e todos as outras formas de conhecimentos que contribuíram para essa construção, bem como o meio no qual ela foi produzida e como foi recebida pela sociedade.

Quando falam sobre História Cultural da Ciência, falam de correntes que surgem em meados do século XX, quando diferentes abordagens historiográficas começam a florescer nos campos da história. Durante as décadas de 1970 e 1980 diversos debates propunham uma atualização nas propostas de historiografia das ciências por meio da chamada *Social Studies of Science* que ganhou grande influência da História Cultural.

A ciência é um dos muitos saberes produzidos pela humanidade, certamente o de maior prestígio na atualidade. Há controvérsias sobre uma série de questões, mas ninguém contestaria que ela é um produto coletivo, feito por pessoas reunidas em instituições científicas e que compartilham instrumentos, teorias, visões de mundo, metodologias, valores etc. Tendo em vista esse caráter social da ciência, uma das premissas dos *science studies* é justamente a prática científica (VIDEIRA e MACHADO, 2013, p. 149).

A partir dessa corrente e de outros nomes já citados neste texto, as análises



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

das produções científicas no seio da sociedade como produto de uma cultura em determinado período histórico e seus resultados para a o meio onde atuam passam a ser os objetos de estudos da história e dos estudos sociais a respeito da ciência. Nessa corrente, tratar a ciência como uma produção cultural passa a ser encarada como uma proposta de se compreender a produção científica de diversos modos, principalmente de forma mais abrangente, diferente da visão tradicional, como afirma Alvim e Zanotello (2014):

Assim, o escopo da História Cultural das Ciências pauta-se pela valorização da dimensão cultural dos estudos históricos sobre a ciência, ou seja, suas práticas, representações, significados, instituições, contradições e contextos próprios. A ciência, para os positivistas, era vista como universal, permanente e única expressão do conhecimento humano sobre a natureza. Já a História Cultural apresenta a ciência como uma realidade mutável e diversa, tanto quanto são as culturas diversas e mutáveis. Deste modo, antes de entender a ciência na cultura humana, ela passa a ser vista como parte estruturante da cultura (p. 353).

Considerando a história cultural da ciência como um meio para se trabalhar a ciência e seus aspectos de modo mais abrangente, no ensino de ciência e de história da ciência essa abordagem seria mais eficaz e mais concreta pois abre espaço para debater outras ideias sobre a produção do conhecimento, principalmente com os jovens. Portanto, a História Cultural das Ciências poderia tornar-se instrumento para uma





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

educação científica reflexiva, resultando numa educação mais cidadã e crítica, necessária para a vida em sociedade na contemporaneidade. Santos declara:

Encarar a ciência como uma parte fundamental da cultura contemporânea – patrimônio cultural da humanidade – implica reconhecer que a ciência e a tecnologia são valiosos empreendimentos humanos, apreciar as suas possibilidades e valores, mas também os seus limites. A necessária consciência dos limites e “impurezas” da ciência não impede o reconhecimento do valor e especificidades das diferentes ciências historicamente constituídas. Não deve conduzir ao relaxamento na ordem e rigor do conhecimento científico. Questionar as contradições e ambivalências éticas da ciência não é impeditivo de ponderar o grande valor de um conhecimento que está constantemente a pôr-se em causa, a problematizar as suas “certezas”, a exigir provas e contra-provas para os seus discursos (SANTOS, 2009, p.532).

Por isso, este trabalho se propôs a apresentar a História Cultural da Ciência, pois a mesma possui competências que vão auxiliar o trabalho com o ensino de história e filosofia da ciência nas escolas e na formação de professores. Contribuindo desse modo, para uma educação crítica, cidadã, reflexiva, não só no campo da educação científica, mas também em todos os aspectos históricos que fazem parte dos meios no qual a realidade tornou-se, contribuindo ainda para um futuro nas ciências muito mais ético. Portanto, após a análise apresentada neste artigo,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

é passível de se dizer que é incontestável levar em conta os debates sobre a importância da história da ciência e seu entorno na formação de professores e propor ainda realizar esse trabalho a partir da abordagem da História Cultural da Ciência e do uso da interdisciplinaridade em seu ensino, a fim de contribuir com a formação consciente, crítica e cidadã dos professores e dos alunos nas aulas de Ciências.

### Referências

- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. **O que é história da ciência?** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ALMEIDA, Maria José Pereira Monteiro. **Discursos da Ciência e da Escola: Ideologia e Leituras Possíveis**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- ALVIM, M. H.; ZANOTELLO, M. “História das ciências e educação científica em uma perspectiva discursiva: contribuições para a formação cidadã e reflexiva” *In Revista Brasileira de História da Ciência*, vol2, 2014.
- BARROS, José D’Assunção. “A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier” *In Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BASSALO, J. A. “Importância do estudo da história da ciência” *In Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 8, p. 57-66, jul-dez. 1992.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2004.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CES nº 1.303 de 6/11/2001**. Brasília, Diário Oficial da União de 7/12/2001, Seção 1, p. 25 ss, 2001a.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CES nº 1.304 de 6/11/2001**. Brasília, Diário Oficial da União de 7/12/2001, Seção 1, p. 25 ss, 2001b.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **Parâmetros curriculares nacionais Ensino Médio**. Brasília, 2002.

BURKE, Peter. **Varietades de história cultural**. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

CONDÉ, Mauro Lucio Leitão. (org.) **Ciência e Cultura na História**. Belo Horizonte/MG: Argumentvm, 2006.

DUBY, Georges. Problemas e Métodos em História Cultural. In: **Idade Média, Idade dos Homens – do Amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FEYNMAN, Richard P. **Deve ser brincadeira, Sr. Feynman**. Brasília, Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

GADAMER, Hans-Georg, FRUCHON, Pierre (Org.). **O problema da consciência histórica**. Tradução de Paulo César Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

KOYRÉ, A. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense universitária, 1991.

KOYRÉ, Alexandre. **Estudos de História do Pensamento Científico**. Coleção Campo teórico. Tradução e revisão de Márcio Ramalho, Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária; Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1982.

MARTINS, Roberto de Andrade. Que tipo de história da ciência esperamos ter nas próximas décadas? **Episteme: Filosofia e História das Ciências em Revista**, n. 10, p. 39-56, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://ghtc.ifi.unicamp.br/pdf/ram-76.pdf>>.

\_\_\_\_\_. “História e história da ciência: encontros e desencontros” *In* **CONGRESSO LUSOBRASILEIRO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**TÉCNICA**, 1., 2001, Évora. Actas... Évora: Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora, 2001. p. 11-46. Disponível em: <<http://ghtcifi.unicamp.br/pdf/ram-86.pdf>>.

MARTINS, Roberto de Andrade "Introdução: A História das Ciências e seus usos na Educação" *In* SILVA, C. Celestino (org.). **Estudos de história e filosofia das ciências: subsídios para aplicação no ensino**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIASSI, L. P. C. **Contatos: a ficção científica no ensino de ciências em um contexto sociocultural**. 2007. 453 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROSSI, Pado. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Tradução: Antonio Angonese. Bauru, SP: Edusc, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Ciência e a Filosofia dos modernos**. Tradução de Álvaro Lorandini, São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

SANTOS, Maria Eduarda Vaz Muniz. Ciência como cultura - paradigmas e implicações epistemológicas na educação científica escolar. **Química Nova**, v. 32, n. 2, p. 530-537, 2009.

SNOW, C.P. **As Duas Culturas e uma Segunda Leitura: uma versão ampliada das duas culturas e a revolução científica**. EDUSP, São Paulo, 1995.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

VIDEIRA, Passos, A. A., MACHADO, de Amorim, C. Dossiê Estudos Sociais da Ciência. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 148-150 jul | dez 2013.

ZANETIC, J.: Física e literatura: construindo uma ponte entre as duas culturas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13 (suplemento), p. 55-70, outubro 2006.

ZANETIC, J. **Física também é cultura**. Tese de doutoramento, FEUSP, 1989.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **O processo de transposição do Rio São Francisco nos discursos de Fernando Valença e Frei Gilvander Luís Moreira: subjetividade, representação e estrutura social**

**Por:** Delton Mendes Francêlino<sup>47</sup>

[deltonmusica@gmail.com](mailto:deltonmusica@gmail.com)

### **Resumo**

O processo de transposição do rio São Francisco começou efetivamente em 2007, após 4 anos de intensa discussão nos âmbitos do legislativo, executivo e judiciário. O embate sobre a viabilidade ou não viabilidade das obras orientou a formação de dois grupos diotômicos, favoráveis e desfavoráveis ao projeto do governo. O presente artigo analisa, então, os posicionamentos discursivos de dois cidadãos, representando cada um dos grupos, que traçaram no período anterior e pós princípio das obras, intenso debate via internet acerca da temática em questão. Subjetividade, representação e estrutura social são objetos de reflexão e construção crítica dessa pesquisa.

**Palavras chave:** Transposição do Rio São Francisco; Subjetividade; Representação social; Estrutura social.

### **Rsumo**

*La procezo transmeti la riveron São Francisco komencis en 2007, post kvar jaroj da intensa diskuto ĉe la leĝdonaj, plenumaj kaj juĝaj niveloj. La kolizio pri la viabilidad*

---

<sup>47</sup> Graduado em Letras, Artes e Cultura (Dep. Letras, Artes e Cultura), UFSJ, 2012. Biólogo em construção (Universidade de Uberaba/MG/ 2017). Mestre Teoria Literária e Crítica da Cultura, UFSJ, 2014. Mestrado em curso: Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, UFSJ, 2018. Gestão e Planejamento de Áreas Naturais, IFET, Barbacena, 2012. Permacultura, I COB (2013).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aŭ neeblebleco de la verkoj gvidis la formadon de du dicotomaj grupoj, favoraj kaj malfavoraj al la registara projekto. La nuna artikolo analizas la diskursivajn poziciojn de du civitanoj, reprezentante ĉiun grupon, kiu tiris en la antaŭa periodo kaj post la komenco de la verkoj, intensan debaton pri interreto pri la temo en demando. Subjekteco, reprezento kaj socia strukturo estas celoj de reflektado kaj kritika konstruo de ĉi tiu esplorado.

**Ŝlosilvortoj:** *Transposicio de la rivero Francisco; Subjetividad; Socia reprezento; Socia strukturo.*

### **Abstract**

*The process of transposing the São Francisco river began in 2007, after four years of intense discussion at the legislative, executive and judicial levels. The dash over the viability or non feasibility of the works guided the formation of two dichotomous groups, favorable and unfavorable to the government project. The present article analyzes the discursive positions of two citizens, representing each one of the groups that drew, in the previous period and after the beginning of the works, an intense debate on the Internet about the subject in question. Subjectivity, representation and social structure are objects of reflection and critical construction of this research.*

**Key words:** *Transposition of São Francisco river; Subjectivity; Social representation; Social structure*

### **Introdução**

Envolto por muita polêmica, principalmente no governo Lula (2002-2010), o Projeto de Transposição do Rio São Francisco (*Projeto de Integração das Bacias do São Francisco e do Nordeste Setentrional*) provocou fervorosos debates entre dois grandes grupos de discussão: o primeiro, formado pelos defensores do projeto, que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

acreditam na sua validade e importância para o país e região nordeste setentrional, e o segundo, dos contrários à sua consolidação, que questionam a sua viabilidade

Em sua grande maioria, os favoráveis ao projeto pertencem a classes de melhores condições econômicas da população<sup>48</sup>, predominantemente ligadas a grandes produtores agrícolas, representantes políticos, empresários, dentre outros, enquanto o discurso dos não favoráveis fica majoritariamente por conta dos menos favorecidos, pelas “vozes do Sul”, como diria Moita Lopes (2006).

Dentro desse panorama, resolvi adotar como material de análise artigos de dois autores, em representação de ambos os grupos, a fim de obter discursos que estivessem num mesmo contexto sociocultural, mas que, apesar disso, pertencessem a diferentes formações ideológicas e discursivas. Analisar-se-á artigos de Fernando Valença (jornalista, escritor e advogado paraibano), representante dos adeptos ao projeto, publicados no site do Ministério da Integração Nacional, e uma carta/resposta de Frei Gilvander Luís (professor de Teologia Bíblica e assessor da Comissão Pastoral da Terra), a um destes artigos de Fernando Valença, publicada no livro “*Transposição do São Francisco*” (2008).

Um dos focos é analisar as características do contexto sociocultural de produção do discurso dos dois autores e o discurso que ambos constroem através deste

---

<sup>48</sup> O que não implica dizer que não existam pessoas de classes economicamente desprivilegiadas que sejam favoráveis ao projeto.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

contexto: sertanejos, que vivem grande parte de suas vidas no semi árido, com as dificuldades tradicionais da seca, e que utilizam esta condição como um suporte, uma “permissão”, ou “autorização” para falar sobre o tema e representar seu povo.

Dessa forma, tal como destaca Iñiguez (2004), inevitavelmente será traçado aqui um laço interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento, principalmente a lingüística, a sociologia e a antropologia, a fim de obter uma análise do discurso voltada para a subjetivação e os processos através dos quais estes sujeitos surgem e representam a transposição do São Francisco e o povo do semi árido. De qual forma a natureza coletiva e exterior destes sujeitos possibilita o surgimento de seus discursos? E para tal dúvida, e em busca da compreensão sobre como estas “forças” exteriores podem ser compreendidas, amparo será busca na teoria da estruturação de GIDDENS (2003).

Antes de tudo, é importante ressaltar que, em virtude do princípio efetivo das obras, o debate geral sobre o assunto teve um abrandamento nestes últimos anos, 2011 a 2017, se comparado aos anos anteriores, quando o projeto estava sendo calculado e em fase de implantação. Tal fato pode ser verificado no grande desconhecimento, por parte da grande maioria da população nacional, acerca do andamento das obras que, de acordo com o *site* do Ministério da Integração Nacional, atingiu, em dezembro de 2016, o estágio de condução estimado em 83%.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Logo, o contexto histórico e cultural em que os artigos de Valença e a carta de Frei Gilvander situam-se, refere-se, sobretudo, ao período compreendido entre os anos de 2001 e 2010, marcado por polémicas, discussões, debates e, acima de tudo, manifestações discursivamente estratégicas.

## **Desenvolvimento**

### **O processo de transposição do Rio São Francisco: história e conflito**

Alvo de muitos debates, reverenciado por grandes estudiosos como Eudides da Cunha e Carlos Lacerda, e respeitado pela população que vive em seu redor, o Rio São Francisco há muito tempo vem sendo alvo de debates sobre seu valor, seja para o país, seja para aqueles que dele vivem.

No cerne das atuais discussões prevalece a questão da transposição de suas águas, um dos temas mais debatidos pela sociedade brasileira. Trata-se do mais antigo projeto do governo federal na área de recursos hídricos, tendo como objetivo principal diminuir os efeitos da seca na região Nordeste do país, bombeando, de forma não contínua, água da Baía do São Francisco para bacias hidrográficas dos principais rios da região setentrional do Nordeste, abrangendo os estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

O denominado “Projeto de Integração das Bacias do São Francisco e do

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nordeste Setentrional” ganhou amplitude nacional e internacional principalmente em razão dos debates travados entre os grupos dos favoráveis e os grupos dos contrários ao processo transpositório. O primeiro grupo é constituído principalmente pelo governo, grandes empresas e estrangeiros. Contra o projeto, no entanto, há uma “coalizão de movimentos sociais, de organizações não-governamentais, intelectuais e parlamentares, além de organizações religiosas, povos indígenas e comunidades remanescentes de quilombolas.” (ARAÚJO, 2009).

O discurso dos favoráveis à transposição vale-se de expressões como “desenvolvimento” e “conservação”, enfim, termos que privilegiam a descrição técnica do Rio e dos efeitos da sua transposição, mas que parecem excluir sua relação com as populações pertencentes ao Rio São Francisco. Em contrapartida, o discurso contrário ao projeto do governo defende uma estratégia voltada para a valorização dos aspectos culturais e tradicionais dos habitantes do Rio São Francisco que, eventualmente, seriam desconstruídos ou desestabilizados pelo processo transpositório.

Logo, o discurso dos adeptos volta-se de forma mais ampla para os resultados da transposição, principalmente a parte da população que receberá a água proveniente do processo transpositório e que hoje vive em condições precárias. Em contrapartida, o discurso dos não adeptos volta-se, sobretudo, para os habitantes que vivem do Rio São Francisco, e as consequências da transposição para o rio e, fatalmente, para este



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

segmento da população.

Atualmente, o Exército brasileiro já conduziu a sua parte do projeto, cerca de 55% das obras, enquanto a outra parte, destinada a empresas terceirizadas, ainda encontra-se com grande defasagem no que se refere ao andamento das obras.<sup>49</sup>

### **Dos processos de subjetivação: O sujeito Fernando Valença e o sujeito Frei Gilvander Luís**

Perceber os sujeitos autores dos artigos e da carta é tentar perceber as motivações existentes em cada um deles, buscando compreender o que os origina, os marca e o que os faz tomar posse, ou fazer parte de determinada formação discursiva. De princípio, a leitura dos artigos de Valença e a carta de Gilvander, textos que possuem relação entre si de correspondência, em virtude, sobretudo, de a carta ser uma resposta, ou consequência de um dos artigos, já oferece uma oportunidade de compreensão acerca dos níveis da enunciação. Qual era ou quais eram os momentos discursivos do momento, da situação, em que os discursos foram promulgados?

O fio inicial de ligação entre ambos os autores, possível de se depreender na análise dos *corpora* em questão, é o contexto em que ambos viveram durante grande

---

<sup>49</sup> Fonte: <http://www.sacfranciscovivo.com.br> / Acessado em 07 de janeiro de 2013.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

parte de suas vidas: a região do semi árido mineiro e do nordestino<sup>50</sup>, as idiossincrasias (dimáticas, políticas e econômicas) desta região, e o condicionamento que marca o fazer discursivo de ambos em função dessa experiência.

Entretanto, não é possível pensar nos processos de subjetivação desses autores sem remeter à realidade institucional em que ambos se encontram. Ou seja, o contexto de origem não é o único que induziria sobre estes sujeitos uma consciência da realidade, mas, também a intencionalidade coletiva do grupo social ao qual cada um deles pertence, que é conciliada a fatores como a:

atribuição de funções e regras constitutivas (...) a atribuição de funções é a capacidade que os seres humanos têm de atribuir funções a objetos (...) e as regras constitutivas são aquelas que não apenas regulam, mas também constituem e tornam possíveis as formas de atividade que regulam. (SEARLE, 2000).

Desta forma, os contextos que tornam possível a subjetivação de Fernando Valença e Frei Gilvander se cruzam em alguns momentos: quando ambos se utilizam de suas origens para validar seus discursos, no fato, acontecimento social (transposição) que os faz produzir seus

---

<sup>50</sup> Segundo dados oficiais do Ministério da Integração, o Semi árido brasileiro abrange uma área de 969.589,4 km<sup>2</sup> e compreende 1.133 municípios de nove estados do Brasil: Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Nessa região, vivem 22 milhões de pessoas, que representam 11,8% da população brasileira, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É o Semi árido mais populoso do planeta, e possui clima seco, com sérias deficiências hídricas. Fonte: site da ASA (Articulação do semi árido brasileiro) [www.asabrasil.org.br](http://www.asabrasil.org.br)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

discursos e no consenso de que é preciso uma política para a questão da seca e falta de água no Nordeste. No entanto, a institucionalização os distancia, principalmente em virtude da diferença das formações ideológicas e discursivas de seus grupos de defesa, contrário ou não contrário à transposição.

Mais à frente, uma análise sobre a Teoria da Estruturação GIDDENS (2003) buscará perceber o que há nos processos de subjetivação dos autores que podem ser as responsáveis por tais posturas discursivas que se ligam totalmente às formas como vivem e baseiam sua vivência na sociedade. Antes disso, é necessário compreender um pouco mais sobre cada um deles, e as possíveis relações entre seus discursos.

### **Fernando Valença e a transposição como caminho para a superação dos problemas do povo nordestino**

Trabalhando principalmente como articulista e jornalista, Valença teve alguns de seus artigos sobre o processo transpositório publicados, *a priori*, em seu *blog*, intitulado “O abelhudo”, canal este onde expõe suas opiniões e pontos de vista sobre vários assuntos relativos ao seu atual estado, Pernambuco, e em jornais da região.

Alguns de seus artigos foram posteriormente publicados no *site* do Ministério da Integração Nacional ([www.integracao.gov.br](http://www.integracao.gov.br)) durante o período compreendido entre os anos de 2004 e 2010, página virtual esta que tem o objetivo de divulgar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

opiniões diversas de profissionais, pesquisadores, indivíduos em geral, acerca do assunto e que fossem partidários da política do governo federal. Portanto, no *link* “opiniões”, apenas houve, durante este espaço de tempo de seis anos, pareceres favoráveis à transposição.<sup>51</sup>

Utilizei três de seus artigos (dos quais inseri alguns trechos), intitulados: “*Transposição: só da vencerá o flagelo das secas*”, publicado originalmente na Folha de Pernambuco, em 11 de fevereiro de 2008; “*A transposição no país do desperdício*”, publicado no mesmo jornal, em 22 de junho de 2008; e “*A transposição é um direito do Povo*”, publicado inicialmente no *blog* particular “O Abelhudo”, em 29 de abril de 2010.

Nesses artigos, Fernando Valença deixa transparecer um sujeito perpassado por suas transformações pessoais e históricas. Nascido no semi árido paraibano, afirma ter vivido a seca, a fome e o flagelo dos nordestinos, como uma espécie de pré-condição, uma autorização para falar e discursar sobre o assunto, no caso, o processo transpositório do São Francisco:

Caro leitor: sou nordestino, sertanejo, migrante da seca de meio século atrás... Sou brasileiro, com relativo grau de esdarecimento;

---

<sup>51</sup> Vale ressaltar que a partir de 2010, ano em que as obras tiveram um crescimento mais significativo, o *site* do Ministério da Integração Nacional foi transformado, reestruturado, e este quadro de opiniões deixou de existir.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não quero ser um trouxa. Por saber o que é o flagelo da seca, prática e teoricamente, há mais de 20 anos estudo o fenômeno, inclusive o Projeto São Francisco em geral e as obras da Transposição, em particular! É o que basta para que você leia e entenda o porquê destas minhas palavras. Um pouco mais: sou jornalista e radialista o que convém revelar para facilitar ainda mais as coisas: quando me convidam “faço” palestras, participo de debates e concedo entrevistas, além de escrever artigos, sempre em defesa da Transposição de água do Rio S. Francisco, para o semi-árido do NE setentrional, como definido no Projeto São Francisco. Pronto!” (VALENÇA, 2010)<sup>52</sup>

Percebe-se, claramente, que ele se vale deste mecanismo de convencimento para materializar socialmente o seu discurso. Isso acaba por estabelecer uma ordem discursiva, uma maneira de construir e reconstruir uma realidade e torná-la ponto chave para sua argumentação:

Fui criado no cariri mais pobre do mundo, da Paraíba! Menino de uns 6 anos, tirei água de cadimbas e dei de beber a ovelhas e seus filhotes, “morrendo de sede”...; vi meu pai à frente de 2 carros de boi, seguido de meia dúzia de sertanejos da roça, resgatar duas de nossas vacas de leite que, sem forças para se levantar, foram assim carregadas para o curral de nossa casa, (onde já estavam cavados 9 buracos (3+3+3), paralelos, e dentro de cada um deles um tronco forte para suportar o peso delas, de pé, apoiado em uma espécie de tipóias

<sup>52</sup> “A transposição é um direito do Povo”, publicado no blog particular “O Abelhudo”, em 29 de abril de 2010.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

feitas com sacos novos de café em grão), local apropriado para tentarmos mantê-las vivas, alimentando-as e dando-lhes água para beber, em cuias de cabaça! Uma das duas não resistiu e logo morreu; mas a outra escapou.

Enquanto isso, era constante a visão de animais domésticos se exaurindo, até à morte, de fome e de sede; até pessoas, pobres agricultores, também padeciam e morreram, de fome e de sede sem falar de doenças que o flagelo da seca provoca... Alguns não suportam e migram (vão embora), com o coração partido. (VALENÇA, 2008)<sup>53</sup>

Interessante também é buscar perceber como o contexto social (classe média alta) interfere na sua visão sobre o processo transpositório. Nota-se, nos artigos de Fernando Valença, dois momentos históricos fundamentais de sua vida: o período do sofrimento, quando vivia no semi árido (representado nos fragmentos dos artigos acima), e o período em que abandona essa condição, numa espécie de renascimento, abaixo:

Por volta dos 14 anos fui embora, migrei; queria “estudar”, imagine. Muitos de nós faziam (e ainda fazem) isso(...). O panorama passará **(após a conclusão da transposição)**<sup>54</sup> a ser: haverá fartura, saúde, educação e emprego! Não vou falar do efeito “criação de emprego”, porque é dever de toda pessoa responsável, LER (sic) o Projeto.

<sup>53</sup> “*Transposição: só ela vencerá o flagelo das secas*”, publicado originalmente na Folha de Pernambuco, em 11 de fevereiro de 2008.

<sup>54</sup> Parênteses e negrito meus.





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(VALENÇA, 2008)<sup>55</sup>

A posição social ocupada pelo articulista (e que ele deixa claro ao final dos artigos quando cita, inclusive, seu nível de instrução - *sertanejo, advogado, escritor, jornalista, piloto, ensina oratória, radialista, caririzeiro*) o permite ter uma visão acerca da transposição muito diferente de Frei Gilvander Luís que, ao contrário deste, ainda vive na região onde nasceu e, desta forma, se afirma como um “verdadeiro” representante dos povos que sofrem com a seca e a falta de água, e que sofrerão ainda mais com o projeto governamental.

### Frei Gilvander Luís e as “Vozes do Sul”

Frei Gilvander Luís Moreira, ao contrário de Fernando Valença, não teve seu texto publicado no site governamental do Ministério da Integração Nacional. Todavia, fez-lo no livro intitulado ***Trans Posição Francisco***, de 2009, publicado pela editora Editorial, de São Paulo,

---

<sup>55</sup> “A transposição no país do desperdício”. Publicado originalmente na Folha de Pernambuco, em 22 de junho de 2008.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

obra esta que conta com vários artigos, cartas de movimentos sociais e opiniões de estudiosos sobre a questão do processo de transposição do São Francisco.

Gilvander Luís, em sua carta resposta, *material de análise* deste artigo, datada de 15 de fevereiro de 2009, oferece uma crítica ao artigo acima relatado de Valença, publicado em 11 de fevereiro de 2008. Assim como o primeiro autor, este segundo também principia seu discurso afirmando ser um “sofredor” da seca e dos infortúnios do semi árido, não o nordestino, como Valença, mas mineiro:

Assim como você [Fernando Valença], fui criado no Semi-árido, não o nordestino, mas o mineiro. Fui criado em Arinos, noroeste de Minas. Tirei muita água na cisterna, no braço, tocando um saril que trazia o balde para cima, cisterna de 22 metros de profundidade. Quando a cisterna secava, buscávamos água na gruta da Onça. Quando esta secava, buscávamos água no rio Claro (que cai no rio Uruçuaia, um dos grandes afluentes do Velho Chico), no ombro, no jegue, à cavalo. Tomei muito banho em dois litros de água na badia. Logo, Fernando, senti na minha própria pele o que é sobreviver no semi-árido, na escassez de água. Aprendi a ter encantamento, respeito e veneração pelas águas. (MOREIRA, 2009).

De princípio, percebe-se uma diferenciação em termos de argumentação entre Fernando Valença e Fré Gilvander. O primeiro afirma que, em consequência de suas experiências de vida, acredita no processo transpositório como um caminho para a questão da seca. Percebe-se, daramente, portanto, que para ele a interferência do homem sobre a natureza, no caso, o São Francisco, é algo necessário e aceitável. Já o

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

segundo, em virtude exatamente da mesma experiência, diz que aprendeu a respeitar e venerar as águas, de modo a não interferir de forma alguma nos processos naturais do Rio.

Ao analisar o discurso de frei Gilvander Luís, nota-se ainda a sua busca para representar discursivamente os grupos marginalizados, numa tentativa de validar ainda mais o seu respectivo discurso. Para tal, durante toda a carta, vale-se também de opiniões, fragmentos de textos de outros estudiosos, com o objetivo claro de não somente oferecer a Fernando Valença a possibilidade de reflexão sobre o assunto, mas, acima de tudo, de buscar formas de comprovar a sua posição sobre a questão. Ao citar uma audiência realizada pelo governo na Bahia, questiona:

Quem iria participar desta audiência? É pura formalidade.. assim como outras atitudes autoritárias vindas de cima, desconsiderando a acumulação feita pelas comunidades, com discussões impositivas, cooptação de lideranças comunitárias e políticas.. algo, portanto, nada democrático. Os que vivem na região conhecem suas elites econômicas, os interesses das grandes empreiteiras, os planos do agronegócio de exportação, e a parca destinação, apenas 4% da água, para a dessedentação humana e animal. (MOREIRA, 2009).

Esses marginalizados, geralmente habitantes do Rio, e suas comunidades, são representados por uma parte da sociedade (no caso, o governo da Bahia) que busca compreendê-los de uma maneira superficial, criando representações não raras vezes equivocadas da cultura e vivência populares. Logo: “não se trata de levar a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

verdade/ conhecimento a esses grupos, mas de construir a compreensão da vida social com eles em suas perspectivas e vozes, sem hierarquizá-los”. (MOITA LOPES, 2006, p.96)

Segundo Silvano Santiago (2004, p. 59):

As diferenças étnicas, linguísticas, religiosas e econômicas, raízes de conflitos intestinos foram ao longo do tempo escamoteadas em favor do ideal patriótico das “comunidades imaginadas”, de um todo nacional íntegro de uma comunidade limitada e soberana (p. 58). Para Silvano, na construção do ideal patriótico que promove o engrandecimento do estado-nação ocorre a extinção da memória individual do marginalizado em favor da artificialidade da memória coletiva. “Da aldeia pátria para a aldeia global, o marginalizado, excluído da possibilidade de representação social (e, portanto identitária) e oprimido pela estrutura preponderante, tende a se sentir cada vez mais desterrado.

Dessa forma, há de se considerar as intermitentes “batalhas” discursivas, conciliadas, principalmente, nas práticas que cada um dos grupos define como argumentação para a materialização de suas arguições que, por sua vez, são perpassadas por relações de poder muitas vezes tênues e abalroadas por processos de identificação e representação sociais.

### **Relações de poder, discurso e representação social**

Fica claro que esses discursos assumem posições de poder, um em relação ao



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

outro. No entanto, não uma relação de poder baseada em aspectos somente econômicos, uma possível leitura a partir do fato de Fernando Valença atualmente pertencer à classe média alta pernambucana e Frei Gilvander se assumir das classes “minoritárias” e mais baixas da sociedade

Essas posições de poder se dão em virtude da utilização dos procedimentos discursivos que ambos utilizam para comprovar seus pontos de vista. Ao tomarem o discurso para si, e se considerarem atores sociais capazes de representar os respectivos grupos aos quais se filiam, tanto Valença, quanto Frei Gilvander, estabelecem um processo de negociação dos sujeitos, onde os dois, a partir de um ponto comum (as origens), constituem, num contexto real, diferentes formas de representar a população ribeirinha do São Francisco e o povo nordestino que será “beneficiado” pela transposição em seu embate discursivo.

Conforme assevera Foucault, em a “Ordem dos Discursos” (1981, p.174),

Quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos mecanismos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? [...] a análise do poder ou dos poderes pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia?

Foucault questiona justamente o fato de o poder ser pensado somente relativo à hegemonia, ou a questões de classe, ou seja, meramente econômicas. Nesse sentido, ambos os sujeitos, Fernando Valença e Frei Gilvander Luís, apesar de representarem,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de certa forma, esses segmentos da sociedade que estabelecem relações de contato geralmente tensas em virtude das relações tradicionalmente hegemônicas, de poder e submissão, respectivamente, passam a ter um grau de igualdade em virtude das relações de seus discursos. Segundo Deleuze (2005, p.35), citando Foucault:

O poder não tem essência, ele é operatório. Não é atributo, mas relação: a relação de poder é um conjunto das relações de força, que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades. O poder investe (os dominados), passa por eles e através deles, apóia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apóiam-se por sua vez nos pontos em que ele os afeta.

Além disso, ao criarem suas respectivas imagens, construídas, sobretudo, através desta autobiografia pautada no semi árido, visam claramente estabelecer um elo de credibilidade com os eventuais leitores, assumindo uma espécie de ritual do discurso, onde processos de representação tornam o discurso mais efetivo, dentro de uma determinada institucionalização, determinada, *a priori*, pelo sentimento de pertença que cada um tem em relação ao grupo que defende, favorável ou não favorável à transposição.

Isso mostra um processo de representação social (simbolizado nas figuras 1 e 2 abaixo), marcado pelas mesmas circunstâncias de enunciação<sup>56</sup>, ou seja, pelos

---

<sup>56</sup> Aqui me refiro às condições, contexto histórico/social (no caso, o processo transpositório do Rio São



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mesmos acontecimentos, fatos sociais, que a reta **(C)** corta (motivando) transversalmente os discursos de Valença e Gilvander. Esses acontecimentos e fatos sociais **(reta C)** toca a reta horizontal **(A)** que simboliza o discurso de Fernando Valença, influenciado pela compreensão sobre os fatos da sociedade (*representação social*) que o segmento dos adeptos à transposição tem; mas também toca a reta paralela que simboliza o discurso de Frei Gilvander **(B)**, igualmente influenciado pela compreensão sobre estes mesmos eventos que os segmentos dos não adeptos possuem.

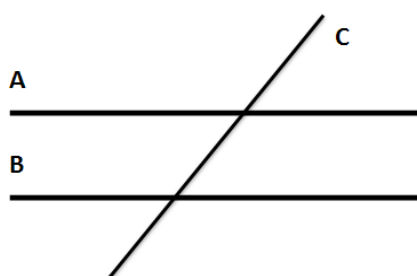


Fig.1

No entanto, na fig.1, a reta **(C)** não toca as retas **(A)** e **(B)** no mesmo ponto, indicando as diferentes representações que cada grupo tem de um mesmo acontecimento e que os mesmos fatores de produção do discurso não propiciarão, necessariamente, discursos “iguais”. Nesse ínterim, essa reta, inclinada e transversal **(C)** é que propicia o surgimento dos discursos **(A)** e **(B)**. No entanto, ambas as retas

---

Francisco) que marcam a manifestação dos sujeitos.

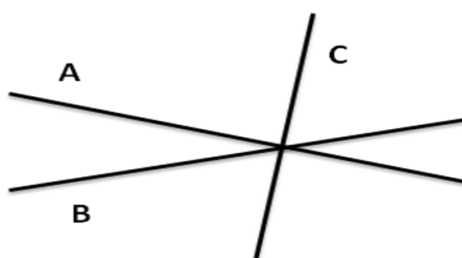


*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desses discursos, representados por Valença **(A)** e Gilvander **(B)**, caminham paralelamente na elaboração e construção das realidades e das representações sobre essas realidades, remetendo ao contexto sócio cultural de ambos.

Por outro lado, ao tomar as origens (semi árido) de Fernando Valença e Frei Gilvander Luís, como um acontecimento social comum a ambos, elas também podem ser simbolizadas pela reta **(C)**. A fig. 1, portanto, representaria um primeiro momento, o instante da produção discursiva. Já na fig. 2 as retas **(A)** e **(B)** se tocariam em **(C)**, representando o nível da enunciação, quando estes mesmos fatos, acontecimentos, condições sociais, propiciam o cruzamento, o toque entre ambos os discursos. A necessidade, por exemplo, de um debate sobre as políticas para a seca no nordeste, é um ponto em comum, que propicia este encontro entre as retas **(A)**, **(B)** e **(C)**.



**Fig2**

Logo, através dessa situação de paralelismo (Fig.1), pode-se conhecer que um mesmo contexto induz diferentes representações de uma mesma realidade, em que diferentes formações ideológicas marcar iam a forma e o modo de interpretação, adequação e utilização dessas representações. Segundo MUSSALIN, (2006, p.124-





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

25):

Falar-se-á em formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto da luta de aparelhos) susceptível de intervir com uma força confrontada com outras na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais”, nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras.<sup>57</sup>

Já o contato entre ambos os discursos (Fig.2) mostra que nenhum deles sobressai hegemonicamente sobre o outro. A relação de poder se dá neles através do atravessamento de um no outro, das relações de interdependência que os marcam e afetam a situação de produção e circulação na sociedade.

Essa situação de produção se dá, sobretudo, através da coleta de dados e formação de opinião que é influenciada, em primazia, pelo grupo social no qual cada enunciador se encontra. A situação de circulação, por sua vez, inicia-se da relação de acatamento dos receptores, que também fazem parte desse mesmo grupo de argumentação, ou que terão o “poder” de distinguir dentre esses dois principais grupos, aquele que acolhe as suas perspectivas sobre o assunto em foco, assumindo, *a posteriori*, um possível posicionamento crítico:

<sup>57</sup> HAROCHE, C., PECHEUX, M. (1971), citados por Mussalin, Fernanda. *Análise do Discurso*. In MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Cristina, (org.). Introdução à lingüística: domínio e fronteira. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2006, p. 121-130.

As pessoas que coletam fatos sobre a sociedade e os interpretam não começam do zero cada relato que fazem. Usam formas, métodos e idéias que algum grupo social, grande ou pequeno, já tem à sua disposição como maneira de fazer este trabalho. (...) Uma comunidade interpretativa é composta de dois atores sociais que, de um lado, teria uma organização de pessoas que faz rotineiramente representações padronizadas de um tipo particular, os “produtores” e, de outro, os “usuários”, aqueles que aplicam rotineiramente para objetivos padronizados ao falar sobre sociedade. (BECKER, 2009, p. 27).

E, ao tratar aqui da sociedade, também é necessário compreender como ela, repleta de discursos, em níveis contextuais, organiza-se e cria identidades, dentro de variados processos estruturais, aos quais está irremediavelmente ligada.

### **Estrutura social e identidade**

A partir das considerações feitas acima, percebe-se que ambos os autores são sujeitos representativos de um grupo coletivo, e, portanto, em seus discursos não surgem apenas características pessoais, individuais de cada um. Ao tomar por estudo os discursos de ambos, torna-se extremamente necessário remeter a uma análise linguística mais apurada, principalmente com o objetivo de perceber a linguagem como fonte da subjetividade e, sobretudo, a estrutura subjacente ao contexto que caracteriza o processo discursivo de ambos.

Um ponto que logo vem à tona ao pensar-se estas questões seria quais fatores sociais, culturais ou sócio culturais, fazem com que ambos tenham diferenças tão significativas em seus respectivos pontos de vista. Já que a vivência em regiões



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

assoladas pela seca e pela falta de dignidade é um ponto comum entre os dois, o que os faz assumir em os discursos que assumem, respectivamente contrário e não favorável ao processo transpositório?

Meurer, ao citar Halliday (1978), oferece um caminho para a compreensão desses fatores, quando propõe a definição de determinados critérios sociológicos que tenham como base alguma teoria da estrutura social. Em síntese, Meurer sugere maior problematização das noções sociológicas sobre a interação entre o discurso e o contexto.

Nesse sentido, torna-se necessário entender como se dá o “plano de fundo” para a construção desses discursos, elemento este que estaria além da simples descrição contextual. Giddens (1984), citado por Iñiguez (2004), assevera que:

O discurso afeta as estruturas sociais e, ao mesmo tempo, está determinado por elas. Assim, o discurso corrobora tanto para a manutenção quanto para a mudança social. Porém, para que a descrição entre discurso e estrutura social tenha validade, é preciso considerar:

- . que a linguagem é parte da sociedade; é um processo social; é condicionada social e historicamente; ou seja, há uma relação interna e de dualidade estrutural: os fenômenos lingüísticos são fenômenos sociais e os fenômenos sociais são fenômenos lingüísticos;
- . que a ordem macrosocial é, antes de tudo, uma ordem de representação, ou seja, a soma de referências presentes e extraídas de microsituações. No âmbito da linguagem, essa posição ajuda a diferenciar os analistas do discurso dos analistas da linguagem, pois



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

determina a posição do analista frente ao objeto. (...)

Logo, há uma forte ligação entre os processos de subjetivação e os processos identitários, assim como entre o discurso e as estruturas sociais. A subjetividade se liga às ações identitárias em virtude da fluidez destas; e é na linguagem e todas as suas formas de utilização, principalmente simbólica, que o sujeito se constrói. Assim, se uma identidade é necessariamente social, e se ela é a forma como um indivíduo interpreta, dá valor, encontra sentido no mundo, a compreensão da subjetividade é, necessariamente, também compreensão dos processos de identificação que envolvem as pessoas e as suas práticas.

Estes processos de identificação estão permeados e envoltos por estruturas socialmente estabelecidas nas mínimas relações humanas, nas relações dos sujeitos com a sociedade e a realidade que os rodeia. Essas interações propiciam o aparecimento das práticas sociais que são, como MEURER propõe, ao citar GIDDENS (1979, p. 117): “pontos de articulação entre atores humanos desempenhando papéis em estruturas sociais específicas(...)”, e ainda: “aquilo que as pessoas fazem, as atividades em que se engajam ao conduzir a vida social” (MEURER, 2004, p.138).

Trata-se de uma linha tênue que atravessa as práticas discursivas, organizando, regrando e integralizando os discursos, através, sobretudo, da agência humana e das formas de significar e simbolizar o mundo, através da linguagem e das



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### estruturas de legitimação, significação e dominação:

Em sua função de propriedades estruturadoras dos sistemas sociais, as regras e os recursos são implementados ou instanciados simultaneamente em diferentes domínios sociais: no nível pessoal, institucional e no nível da sociedade em geral (...) e por que as estruturas são socialmente construídas, o que os indivíduos consideram legítimo ou não e os significados que atribuem a eventos e fenômenos variam dependendo das formas de dominação, legitimação e significação envolvidas. (MEURER, 2004, p.151)

Ambos os sujeitos, Fernando Valença e Frei Gilvander Luís, teriam seus discursos fundamentados nessas estruturas, socialmente construídas, e não seria possível estudá-los em sua emergência sem considerá-las. O papel dessas estruturas é fundamental nesse âmbito, pois são elas que “propiciam” o nascer do sujeito, que, através da linguagem e de todos os processos de simbolização e apropriação cultural, pode representar aquilo que vivencia e, a partir de então, criar o seu discurso, cuja essência maior talvez seja a alteridade.

### **Considerações Finais**

Um projeto promissor como o da transposição, envolvendo um rio tão significativo para o país por sua relevância cultural, econômica e política, com 2,8 mil quilômetros de extensão, cortando mais de 500 municípios, e com uma média aproximada de 12 milhões de pessoas vivendo em sua bacia, certamente não poderia



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

deixar de gerar muita discussão e polêmica.

É justamente nesse contexto de receio e esperança, medo e angústia, em que jogos de poder se delimitam a todo instante que, seja os movimentos sociais, pessoas em geral, representantes públicos, os habitantes do rio, seja os grandes proprietários de terra, todos oferecem opiniões acerca da temática. Essas opiniões firmam-se em enunciados, unem-se e se transformam em um segmento significativo, caracterizante de cada um dos grupos. Uma vez representados por sua linguagem, por seu posicionamento social, essas pessoas deixam de ser somente uma única voz para se tornarem partes de um conjunto de vozes, em processos de subjetivação muitas vezes complexos.

Fernando Valença e Frei Gilvander Luís, nesse trabalho, através de seus discursos, ofereceram um *corpus* que possibilitou perceber elementos sociais e culturais significativos e fundamentais para a compreensão da importância da transposição do Rio São Francisco. Tornou possível entender como os sujeitos sofrem interferência da memória e de sua identidade social que, por sua vez, são calcados em processos de representação os mais variados possíveis, baseados em sentimentos de pertença, de afinidade, de compreensão e de coexistência.

Portanto, muito mais do que estudar as questões que envolvem o embate discursivo entre o grupo dos favoráveis e o dos não favoráveis ao processo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

transpositório, essa pesquisa propiciou a compreensão de que os elementos do discurso são vários e que cada sujeito, ao assumir essa condição, passa a ter em si as mais diversas vozes, provenientes das mais diversas experiências sociais que, em sua maioria coletivas, marcam e tornam os indivíduos seres capazes de determinar, ainda que dentro de estruturas maiores, o seu papel dentro da sociedade.

### Referências

- ARAÚJO, Christianne E. **O sertão mundializado na transposição do Rio São Francisco**. 2007. Acesso em: out/2009. Disponível em: < [www.politicasuece.com.br](http://www.politicasuece.com.br)>.
- BECKER, Howard. **Falando da Sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyda: 1996. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Ed. Graal, 1979.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- HAROCHE, C., PECHEUX, M. (1971), citados por Mussalin, Fernanda. **Análise do Discurso**. In MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Cristina, (orgs). *Introdução à lingüística: domínio e fronteira*. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2006, p. 121-130.
- INIGUEZ, L. **Prática de análise do Discurso**. In: INIGUEZ, L. (Coord.) *Manual de análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 105-160.
- MEURER, J. L. **Ampliando a noção de contexto sistêmico-funcional na análise crítica do discurso: Linguagem em (Dis) curso**. Tubarão (SC), V.4. 2004
- MOITA LOPES, L.P. **Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização de construtos que têm orientado a pesquisa**. In. MOITA LOPES, L.P. (Org) *Por uma*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lingüística aplicada interdisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006. P.85-107.

MOREIRA, G.L. **Carta de frei Gilvander Luís Moreira a Fernando Valença**. In: MEIRO LUMEIRO, J; VAITSMAN, M; NICOLAU, C. E; MIZUKAMI, L.; GALHARDO, J; TUBELIS, P. *“Trans Posição Francisco”*. São Paulo: Ed. Editorial, 2009. (p. 65-72)

MUSSALIN, F. **Análise do Discurso**. In MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Cristina, (org.). *Introdução à lingüística: domínio e fronteira*. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2006, p. 121-130.

SEARLE, J.R. **Mente, Linguagem e Sociedade: filosofia no mundo real**. RJ: Rocco, 2000.

VALENÇA, L.. **“Transposição: só ela vencerá o flagelo das secas”; “A transposição no país do desperdício”; “A transposição é um direito do Povo”**. In: **Site do Ministério da Integração Nacional**. Disponível em: <http://www.mi.gov.br/saofrancisco/opinicoes/index.asp> Acesso em: 13 de janeiro de 2013.

**Sites de pesquisa complementar:** [www.asabrazil.org.br](http://www.asabrazil.org.br) e [www.saofranciscovivo.com.br](http://www.saofranciscovivo.com.br)





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## O manifesto dos pioneiros da Escola Nova de 1932

Por: Elis Regina da Luz

### Resumo

O movimento da Escola Nova, no Brasil, provocou mudanças na forma de pensar a educação no início do século XX. Intelectuais da época, no desejo de reorganizar a educação, elaboraram o documento “O Manifesto dos Pioneiros”. Nele está contida a proposta de reorganização de educação em defesa dos princípios de uma escola pública, laica, obrigatória e gratuita. O presente estudo situa-se no campo da História educacional, onde será feita uma análise geral das principais ideias presente no documento “Manifesto dos Pioneiros”. Para desenvolver meu trabalho utilizei de pesquisas bibliográficas a cerca do tema, ao desenvolver esse trabalho foi possível perceber a importância do documento para a educação brasileira.

**Palavras-Chave:** Educação; Política; Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova.

### Resumo

*La Nova Lernĵa Movado en Brazilo provokis ŝanĝojn laŭ la maniero de edukado estis pensita komence de la 20a jarcento. Intelektuloj de la tempo, en sia deziro reorganizi edukadon, ellaboris la dokumenton "La Manifesto de la Pioniroj". Ĝi enhavas la proponon de reorganizo de edukado en defendo de la principoj de publika lernejo, sekulara, deviga kaj senpaga. La nuna studo situas en la kampo de eduka historio, kie ĝenerala analizo de la ĉefaj ideoj ĉeestantaj en la dokumento "Manifesto de la Pioniroj" fariĝos. Por disvolvi mian laboron, mi uzis bibliografiajn esplorojn pri la temo, en la disvolviĝo de ĉi tiu verko ebla percepti la gravecon de la dokumento por brazila edukado.*

**Ŝlosilvortoj:** Edukado; Politiko; Manifesto de la Novaj Lernĵaj Pioniroj.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **Abstract**

*The New School movement in Brazil caused changes in the way of thinking about education in the early twentieth century. Intellectuals of the time, in their desire to reorganize education, elaborated the document "The Manifesto of the Pioneers". In it is contained the proposal of reorganization of education in defense of the principles of a public, secular, compulsory and free school. The present study is in the field of educational history, where a general analysis of the main ideas present in the document "Manifesto of the Pioneers" will be made. In order to develop my work, I used bibliographical research about the subject, in developing this work it was possible to perceive the importance of the document for Brazilian education.*

**Keywords** Education; Policy; Manifesto of the New School Pioneers

### **Introdução**

O movimento da Escola Nova teve início, no Brasil, em meados 1920 e tomou corpo na década de 1930, tendo como ponto forte o documento “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” elaborado por intelectuais da época, como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira entre outros. Esse documento apresentava a proposta de reorganizar a educação brasileira em defesa dos princípios de uma educação única, pública, laica, obrigatória e gratuita.

Na década de 1930, o Brasil estava passando por fortes mudanças, impulsionadas pelo governo de Getúlio Vargas, o que significa que os setores político, econômico e educacional foram afetados. Nesse contexto, a educação passou a ser repensada, vindo ao encontro do movimento da Escola Nova e por causa dele, foi



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

escrito o “Documento o Manifesto dos Pioneiros” que teve um papel importante durante esta década.

Nesse sentido, a proposta de pesquisa se concentrará em apresentar o contexto político e educacional, entre o ano de 1920 até meados de 1930, no Brasil. Em seguida, objetiva-se fazer um estudo sobre o documento “O Manifesto dos Pioneiros” e, por meio destes dados, apresentar o princípio de escola “laica” contido no documento, para que possamos compreender melhor a educação nas décadas de 1920 e 1930.

Para desenvolver este trabalho realizei uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseada em leituras, fichamentos e revisões bibliográficas a qual serviu basicamente para subsidiar meu trabalho, uma vez que esta é uma das fontes essenciais para o desenvolvimento de qualquer pesquisa.

O presente estudo situa-se no campo da educação, e justifica-se por apresentar um dos períodos mais importantes da educação no Brasil; e teve como fonte principal as produções de autores como Anísio Teixeira, Fernando Azevedo e Lourenço Filho. Além disso, também serão utilizadas produções de Gadotti (1999), Gonçalves Junior (2012), Vidal (2007), dentre outros autores que escreveram sobre o referido tema em livros e artigos publicados até o momento.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **Contexto político brasileiro (1920- 1930)**

Na década de 1920 e 1930 o Brasil passou por fortes mudanças no contexto político. Este período marca o início do processo de industrialização no país, mas para isso foi necessário investir em vários seguimentos da sociedade como na economia, educação e cultura.

Após a chegada de Getúlio Vargas no governo, foram feitos vários investimentos em propagandas, nas artes e na educação do país com intenção de criar uma identidade nacionalista nos jovens e trabalhadores, com objetivo de tornar sua política ainda mais centralizadora além de ter um caráter estritamente nacionalista.

Durante o governo provisório de Getúlio Vargas foi instituído a “criação do Ministério da Educação, a reforma do ensino secundário, comercial e superior, e nomeando como primeiro Ministro da Educação o Pioneiro Francisco Campos” (SANTOS, 2003, p.47).

Conforme Martins (2012, p. 2), com a chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, “[...] uma das primeiras medidas do ministro foi verificar a situação em que se encontrava a educação em todo o Brasil na tentativa de elaborar um plano de reformas.” Pois a educação se encontrava dividida naquele período.

Esse plano de reformas, veio de encontro aos anseios dos intelectuais, do movimento da Educação Nova, como podemos perceber em um dos trechos do



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

documento “ O M anifesto dos Pioneiros da educação N ova de 1932” em que aponta as reformas anteriores como aquelas “[...] em que impressiona vivamente a falta de uma visão global do problema educativo[..]. Além disso o representava uma certa hostilidade ao ensino tradicional.

E ainda expressa que “Em lugar dessas reforma parciais, que se sucedem, na sua quase totalidade, na estreiteza crônica de tentativas empíricas, o nosso programa concretiza uma nova política educacional[...], (Revista HISTEDBR, n. Especial, 2006, p.190).

A nova realidade brasileira com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, num contexto de crise econômica internacional, vai por um lado provocar um conjunto de mudanças educativas – criação do Conselho Nacional de Educação e dos Conselhos Estaduais, a instituição de um novo Estatuto das Universidades Brasileiras, a reorganização do ensino secundário, entre outras – mas simultaneamente instigar uma maior reflexão sobre o rumo que a educação devia ter e qual o seu papel no contexto de desenvolvimento que se almejava, (ALVES, 2010, p.171).

Sabendo que o contexto político interfere e promove transformações em uma sociedade, de modo geral, de acordo com Cunha (2007, p.163), a “revolução de 1930 determinou o início de uma nova era na História do Brasil, que só termina em 1945 (...)”, quando Getúlio Vargas deixa o poder.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Esta breve apresentação sobre o contexto político e nos auxilia a compreender melhor as mudanças ocorridas, principalmente, na educação brasileira, e mais precisamente na década de 1930, quando se inicia um novo governo. Nesse período, estavam espalhadas pelo país vários tipos de escolas como as escolas étnicas de imigrantes, algumas escolas públicas, e ainda uma boa parte de escolas particulares sob a tutela da Igreja.

### **Contexto educacional**

Sabe-se que a educação, no Brasil, passou por muitas mudanças até chegar a ser a educação que conhecemos. Pretendemos apresentar neste subtítulo um resumo dos diferentes tipos de escola que antecederam a chegada do movimento Escola Nova, no Brasil, para compreendermos melhor o que levou e como se deu a implantação deste novo modelo educacional.

O pensamento pedagógico brasileiro praticamente até o final do século XIX era restritamente religioso, quando intelectuais e estudantes brasileiros trouxeram da Europa o “pensamento iluminista”, e foi por meio destes estudantes que tinham “formação laica, positivista e liberal, que a teoria da educação pode dar alguns passos, embora tímidos” (GADOTTI, 1999, p.230).

Isso ocorre, principalmente, através da Proclamação da República, que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estabelece a separação da Igreja com o estado e estabelece o ensino laico, entretanto até a década de 1920, Igreja ainda exercia poder sobre a educação brasileira:

A Igreja ainda comandava o campo educacional e a prestação de serviços educacionais pelas ordens religiosas, passando a construir a principal diretriz da política expansionista da organização eclesial. Ao final da década de 20, a Igreja ainda exercia o controle de 70% das instituições de ensino privado em funcionamento nos país (NUNES 2007, p.378).

Na capital do estado de São Paulo, na época, no início do século XX, de acordo com Nunes (2007, p. 377) as escolas primárias eram poucas e isoladas, os alunos eram matriculados por “exame dos dentes” e por meio desse exame era possível saber se a criança já poderia frequentar essas escolas, que na maioria foram “Casas alugadas eram transformadas em escolas e tornavam-se foco de epidemias. Faltava ar, faltava luz, faltava água. E as doenças se propagavam [...]” por isso muitas crianças se afastavam da escola, período este em que a Igreja ainda tinha forte influência.

E ainda segundo Nunes 2007, além da disseminação da fé na Igreja nas escolas, os rituais ou procedimentos disciplinares eram pautados na violência “[...] os castigos físicos a que eram submetidas as crianças registrava, em casa as bordoadas, socos, uso de chicote, pancadas com cabo de vassoura, tamanca, correias e tabuas.”

Vale denotar, que em meados de século XIX, início do século XX, de acordo



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com Kreutz (2007), começaram a vir para a América, uma grande quantidade de imigrantes europeus, tanto que o Brasil ficou em segundo colocado no recebimento dos mesmos. Estes imigrantes trouxeram consigo suas “tradições escolares” formaram inúmeras escolas de étnicas diferentes, elas eram comunitárias e muitas vezes de caráter religioso.

O período em que mais recebemos estes imigrantes ficou marcado entre 1910 e 1920, momento este que fica marcado na história brasileira pela “ênfase na formação da nacionalidade” em que se buscavam conceitos que identificassem esse povo.

Conforme Kreutz (2007, p.351) “O nacionalismo desencadeava um movimento de afirmação de unidade simbólica, necessária para a modernização econômica. Apoiava-se na expansão de um sistema escolar igualitário, com a função de difundir uma cultura uniforme.” O que de fato tornou-se uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento dos pais.

Entretanto, a educação não tinha apenas este caráter, conforme Gonçalves Júnior (2012, p.59), ela colaborou também para a implantação do regime positivista e a propagação das ideias do novo regime político, sendo pautada em seguir as “[...] orientação positivista do ensino intensificando a luta pela escola pública, leiga e gratuita, bem como o ensino das ciências.”

Segundo Nunes (2007, p. 387) no final da década de 1920 e meados da





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

década de 1930, a educação passou a ser controlada por “educadores liberais” momento em que também o modelo Educacional brasileiro começa a ser substituído pelo americano, pela interferência de Lourenço Filho.

Nesse sentido, podemos perceber que de acordo com Camurra e Teruya (2008, p.6) “A escola era vista como desarticulada da sociedade e ligada a instituições que representavam resistências às mudanças de caráter modernizante, tal qual a Igreja Católica.”

Entretanto conforme Gadotti (2002, p.233) “Os católicos e os liberais, representavam grupos diferentes correntes históricas opostas porém não antagônicas.” Enquanto uma defendia a educação tradicional pautada em princípios religiosos e a outra democrática, mais ambas não se preocuparam com a análise da sociedade.

Diante do contexto da educação brasileira apresentado, é nítida a necessidade de organização de um sistema escolar, que está presente no propósito do movimento Escola Nova que se concretiza por meio do documento “Manifesto dos pioneiros da Escola Nova de 1932”.

### **O movimento da Escola Nova**

O movimento da Escola Nova teve início no final do século XIX, foi um dos principais idealizadores americano John Dewey, que defendia a necessidade de uma



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

inovação na forma de pensar a educação. Seus estudos influenciaram muitos pensadores, mas, principalmente, os brasileiros Anísio Têxera e Fernando de Azevedo.

A educação como conhecemos hoje no Brasil, é advinda do movimento da Escola Nova na década de 1930, e a partir do documento que data um marco muito importante na educação brasileira, momento em que começaram a ocorrer as maiores mudanças na educação.

[...] especialmente pela, atuação dos partidários do movimento denominado Escola Nova, trazendo em seu bojo, propostas inovadoras para a época como a laicidade do ensino, coeducação dos sexos, a escola pública para todos e a renovação pedagógica de centrar o ensino no aluno, e não mais nos programas e/ ou no professor, como na Escola Tradicional (SANTOS, 2003, p.47).

Além destes o movimento conta no total com 30 princípios dentre eles ainda vale destacar a o laboratórios da pedagogia prática “visa dar um novo protagonismo ao aluno e uma função de aprendizagem”; a atenção aos trabalhos manuais, “[...]encarados não apenas numa dimensão



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

técnica, mas sobretudo como um poderoso meio de educação intelectual[...]” dentre outros princípios, (ALVES, 2010, p.169)

Conforme Saviani (2008, p.63), o movimento da Escola Nova surgiu para superar a educação tradicional apontada por Lourenço Filho. “Esta confiança do modernismo num presente que difundia, quase que progressiva e automaticamente, as ideais novas encontra-se muito espalhada no meio educacional.” Que se apresentava contra a educação tradicional presente até o momento.

De acordo com Nogueira (2001), “ expressão Escola Nova não se refere apenas a um só tipo de escola, mas a um conjunto de princípios”, (NOGUEIRA, 2001, p.25). M unidos de desejo de uma renovação na educação com novos métodos a fim de modificar a educação tradicional presente até o momento.

Os ansios por uma educação renovada conforme Vidal (2007, p.498), a partir dos anos vinte, se expressava na ideia de incorporar “toda a população infantil” a qual daria base para a difusão de “valores, morais e sociais”, conforme o desejo de uma “nova sociedade moderna construída a partir dos preceitos do trabalho produtivo e eficiente” valorizando os termos de tempo, movimento e valorização das psicologias experimentais.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Conforme também acrescenta Nogueira (2001), em seu trabalho, o movimento Escola Nova valorizava a individualidade de cada um, se opondo a educação tradicional que exigia dos alunos a submissão e a obediência, para que uma educação melhor possa ocorrer ela deve respeitar os princípios de uma Escola Única “uma escola constituída por todos os elementos da sociedade, é à base da educação numa democracia social”; A escola e o trabalho seriam utilizados como um instrumento para os ensinamentos da escola, pois nela se aprendia fazendo (NOGUEIRA, 2001, p.37, 38).

Segundo Martins (2012), Lourenço filho se empenhou muito em divulgar o movimento Escola Nova no Brasil sempre pautado na concepção pedagógica a qual:

Não se refere a um só tipo de escola, ou sistema didático determinado, mas a todo um conjunto de princípios tendentes a reverter as formas tradicionais do ensino. Inicialmente esses princípios derivaram de uma nova compreensão de necessidades da infância, inspirada em conclusões de estudos da biologia e da psicologia. Mas alargaram-se depois, relacionando-se com outros muito numerosos, relativos às funções da escola em face de novas exigências, derivadas de mudanças da vida social. (LOURENÇO FILHO *apud* MARTINS 2012, p. 7).

Nesse sentido, segundo Vidal (2007, p.498) “o trabalho individual e eficiente torna-se a base da construção do conhecimento infantil” a escola, portanto, deveria



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

oferecer aos seus alunos a “observação” e a “experimentação” para poder elaborar seus próprios saberes.

Então, “em 1930 a burguesia urbana-industrial chega ao poder e apresenta um novo projeto educacional” (GADOTTI, 1999, p.232). Nesse momento é que a educação pública passou a ocupar um lugar nos interesses do governo, que viu nela um grande potencial de desenvolvimento em massa, logo depois em 1932 o documento “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova” foi publicado.

Até aquele momento, as tentativas de mobilizações dos idealizadores e participantes do Movimento Escola nova foram mal sucedidas. “Estes, diante da demora na tomada de medidas educacionais, lançaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” (RIBEIRO, 1998 p.106).

A busca por uma educação melhor tão defendida pelo movimento da Escola Nova tornou-se cada vez mais forte. Na década de 30 começaram a se efetivar as mudanças propostas pelo movimento, e teve continuidade pelas próximas décadas.

### **O Manifesto dos Pioneiros de 1932**

Na década de 1930, este documento data um marco muito importante para a educação brasileira, por meio dele aconteceram as principais mudanças na educação, através do movimento Escola nova.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Conforme Gonçalves Júnior (2012, p.73), “em 1932, um grupo de pensadores brasileiros apoiados em uma teoria liberal, publica um texto chamado *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*.” Para os idealizadores havia necessidade de uma inovação na forma de pensar a educação, pois eles não acreditavam na educação tradicional, para eles a aprendizagem devia ocorrer de forma ativa e não passiva como ocorria naquela época.

O Manifesto expressa uma visão moderna da educação, pela valorização da individualidade e da personalidade, buscando naturalizar um modelo de cidadão moderno, com uma personalidade individual e livre, reservando para a escola uma posição de neutralidade, frente às diferenças sociais (CAMURRA; TERUYA 2008, p.3).

E ainda de acordo com as autoras Camurra e Teruya (2008), entre as ações do movimento Escola Nova, a que mais impulsionou tal movimento no Brasil foi a construção do documento “o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” lançado em 1932, para reorganizar a educação brasileira.

A partir da década de 1930 começou a se manifestar o desejo de mudanças com mais ênfase nas propostas, reformas na educação brasileira propostas pelo movimento da Escola Nova, e sistematizada no documento “Manifesto dos Pioneiros” em busca de uma unificação e organização do ensino no país pautados nos princípios



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de uma escola única, pública, laica, gratuita, obrigatória e da co-educação dos sexos, com intuito de universalizar a educação em todo o país para assim revolucionar os métodos de ensino e superar o modelo da educação tradicional até aquele momento.

De acordo com Aranha (1996, p.198), o documento trata também de fazer uma crítica a dualidade de ensino até o momento. Uma das escolas era destinada a classe ditista e aos grupos mais favorecidos da sociedade e a outra para a educação popular para a população mais pobre, nesse sentido, o documento buscava a criação de “uma escola única”. Além de constatar a “tomada de consciência” de modo geral das necessidades de uma urgente melhoria na educação brasileira.

A preocupação com a educação brasileira é evidentemente forte como podemos perceber no “Manifesto dos Pioneiros”, neste em trechos do documento:

Estabelecimento de um sistema completo, com uma estrutura orgânica, conforme as necessidades brasileiras, as novas diretrizes econômicas e sócias da civilização atual e os seguintes princípios gerais: a) A educação é considerada em todos os seus graus como uma função social e um serviço essencialmente político que o Estado é chamado a realizar com a cooperação de todas as instituições sócias; b) Cabe aos estados federados organizar, custear e ministrar o ensino em todos os graus, de acordo com os princípios e as normas gerais estabelecidos na Constituição e em leis ordinárias pela união, a quem compete à educação na capital do país, uma ação supletiva onde quer que haja deficiência de meios e ações fiscalizadora, coordenadora e estimuladora pelo Ministério da Educação; c) O sistema deve ser estabelecido nas bases de uma educação integral; em comum para os



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

alunos de um ou outro sexo e de acordo com as suas aptidões naturais; única para todos, e leiga, sendo a educação primária (há 12 anos) gratuita e obrigatória; o ensino deve tender progressivamente à obrigatoriedade até os 18 anos e à gratuidade em todos os graus ( AZEVEDO *apud* RIBEIRO 1998, p.108).

Podemos perceber nesse trecho do documento, uma preocupação muito grande com os indivíduos para quem se faz a educação.

No “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” estavam contidos, além de princípios para a educação, as “[...] diretrizes de uma política escolar, inspirada em novas ideias pedagógicas e sociais planejadas para a civilização urbano-industrial” (RIBEIRO, 1998, p. 123).

Além disso o documento trata de reelaboração dos princípios do movimento da Educação Nova conforme ALVES (2010, p.174) “Nas palavras dos Pioneiros, vemos os princípios da Educação Nova, reforçamos o sentido de renovação educativa(...)” mais os princípios do movimento não foram totalmente descartados, e tiveram papel importante nessa revisão feita pelos pioneiros.

Sendo assim, da passa a ser vista de outro modo a contemplar toda a sociedade, defendia a escola única, e com a obrigatoriedade do ensino para ambos os sexos, de forma gratuita afirmando a responsabilidade do Estado manter os custos





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de todo a educação em todos os seus graus.

### **O Princípio de Escola Laica**

O documento “Manifesto dos Pioneiros” está pautado em princípios e valores visando sempre o respeito e a dignidade humana.

Nele está contido o princípio de escola laica como forma de respeitar aos diferentes tipos de crenças e contestar o modelo tradicional utilizado para ensinar na época, a qual era predominante naquele Período. Conforme o significado da palavra segundo domingos (2009, p. 47), “Pode-se dizer que a origem da palavra laico ou leigo remonta à Antiguidade e refere-se ao que não é clerical, ao que pertence ao povo cristão (...)” Neste sentido:

A laicidade, que coloca o ambiente escolar acima das crenças e disputas religiosas, alheio a todo o dogmatismo sectário e subtrai o educando, respeitando-lhe a integridade da personalidade em formação a pressão perturbadora da escola quando utiliza como instrumento de propaganda de seitas ou doutrinas. (Revista HISTEDBR, 2006, p.193).

Entretanto, este princípio feria os interesses da Igreja Católica a qual era principal agente educadora do período, pois como podemos perceber neste trecho do documento, apresenta a defesa de uma educação laica independente de qualquer instituição religiosa, o qual “ameaçavam o monopólio da Igreja Católica em relação



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

às muitas funções sociais, inclusive na educação escolar.”(MACHADO; TERUYA, S/N p.7).

Nesse sentido, podemos compreender o impasse gerado pelo interesse religioso da Igreja, pois este princípio representava uma ameaça ao domínio religioso que ela exercia até o momento sobre a educação, a qual representava uma forma muito eficiente para a disseminação de valores religiosos.

A Igreja ou qualquer tipo de religião tem uma função alienatória, que muitas vezes passa despercebida pela maioria das pessoas e faz com que ela, “[...] influencie os indivíduos a sua volta e faça mais adeptos dessa crença, ou seja, disseminando as culturas religiosas a fim de atingir a maior hegemonia possível” (DUARTE; eNETO, 2013, p.51).

Entretanto segundo Domingos (2009, p.45) “A laicidade não é o antirreligioso na sociedade, mas o arrreligioso na esfera pública. É a separação entre fé (domínio privado) e instituição (Igreja = instituição de domínio público).”

Nesse sentido, podemos entender a preocupação dos intelectuais em formular uma educação única no país, que respeita se aos outros tipos de crença e não privilegiassem entidades religiosas de nenhum modo, pois seria contra os princípios e valores expresso no documento organizado por eles o que acontecia muito até o momento é que a Igreja possuía a maior parte das escolas. Com objetivo de garantir e



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

assegurar o direito a uma educação que respeite cada indivíduo da nossa sociedade, em suas particularidades e condições de vida.

### **Considerações finais**

No início do século XX, a partir das mudanças que estavam acontecendo no país, sentiu-se a necessidade de reformular a educação. Para isso, intelectuais e educadores da época formularam o documento “O manifesto dos Pioneiros” nele estavam contidos os princípios necessários para uma educação nova, que cumprem com uma função social de reorganizar também a sociedade, porém a criação desse documento teve implicações com a principal responsável pela educação até o momento a Igreja Católica.

Diante deste estudo, podemos destacar as muitas contribuições da construção do documento “Manifesto dos Pioneiros” como a organização de um sistema educacional pautado nos princípios de uma escola pública obrigatória, laica, em que vale destacar a parte que se refere ao respeito aos diferentes tipos de crenças a qual traz uma contribuição muito importante para a sociedade brasileira.

Destacamos que não podemos nos limitar apenas para as contribuições, pois o documento também apresenta uma finalidade política econômica para o atual governante da época, Getúlio Vargas, como na formação de mão de obra para a indústria, além de representar também um caráter nacionalista que permeia o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

documento, além de promover o desenvolvimento econômico do país, e garantir o progresso a ordem social.

Ao desenvolver este trabalho, experimentamos a sensação de estar em um espiral do conhecimento, pois a cada livro ou artigo estudado nos faz refletir e repensar sobre o quanto ainda a ser estudado, nesse sentido podemos perceber pontos de vista, e ideias diferentes que ora se divergiam hora conversavam entre si.

### Referências

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- ALVES, Luís Alberto Marques. "República e Educação: Dos princípios da Escola Nova ao Manifesto dos Pioneiros" *In Revista da Faculdade de Letras - HISTÓRIA - Porto*, III Série, vol. 11, - 2010, pp. 165-180
- CAMURRA Luana; TERUYA Tereza Kazuko. **Escola Pública: Manifesto dos Pioneiros de Educação Nova e o Direito à Educação**. 1ª Simpósio Educacional de Educação XX Semana de pedagogia, Unioeste - Cascavel, PR, 2008.
- Disponível:<<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/4/Artigo%2015.pdf>> Acesso em: 22 de fev. 2016, as 17:10.
- DOMINGUES Marília De Franceschi. "Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância" *In Revista de Estudos da Religião* setembro / 2009 / pp. 45-70 ISSN 1677-1222.
- DUARTE, André Luis; NETO, Luiz Bezerra. "Reflexões Sobre A Influência Religiosa Nas Escolas Do Campo E De Seus Intelectuais" *In Cadernos da Pedagogia*. São Carlos, Ano 6 v. 6 n. 12, p. 49-59, jan-jun 2013.
- Disponível:<<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/501/201>> Acesso em: 01 de mar. de 2016, as 20:00 hs.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- GADOTTI, Moacir. **História Das Ideias Pedagógicas**. Editora ática, SP, 1999.
- GONÇAVES JÚNHOR, Ernando Brito. SILVA, Adnilson J. WEIDE, José da Silva. **Filosofia da Educação no Brasil: Conceitos e Contextos**. Azul Editora e Assistência Gráfica, 450 exemplares, 2012.
- MACHADO, Sudeen Fernanda; TERUYA Tereza Kazuko. **O Manifesto De 1932 E As Repercussões Na Formação De Professores Da Rede Pública De Ensino**. UEM, S/N.
- NOGUEIRA Raimundo de Sá Frota. **A Prática Pedagógica de Lourenço Filho no Estado do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2001.
- KREUTZ, Lúcio. NUNES, Clarice VIDAL, Daina G. **500 anos da Educação no Brasil**. Belo Horizonte 3 ed. Autêntica, 2007.
- MARTINS, Iane Campos. **Positivismo E Esolanovismo: Um Olhar Sobre Os Escritos Educacionais De Craveiro Costa**. VI Colóquio Internacional, São Cristovão-SE /Brasil, 2012.
- Revista HISTEDBR on Iane, **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)** Campinas, n. especial, p.188-204, ago. 2006- ISSN:1676-2584.
- RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da Educação Brasileira: A Organização Escolar**. Campinas, SP: autores associados, 1998. -(Coleção memória da educação)
- SANTOS, Clóvis Roberto dos. **Educação Escolar Brasileira: Estrutura, administração, legislação**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2003.
- SAVIANI, Demerval. **Educação Brasileira: Estrutura e sistema**. Campinas, SP: autores associados, 2008.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## War and the environment. A reflection on the impacts of war on East Timor

Por: Julião Pereira<sup>58</sup>;

racalde@ufg.edu.br

Nelson Roberto Antoniosi Filho<sup>59</sup>

&

<sup>58</sup> É Doutor em Química pela Universidade Federal de Goiás – UFG, é Mestre em Química pela Universidade Federal de Goiás – UFG e Graduado em Química pela Universidade Nacional de Timor-Leste. É autor de artigos científicos em periódicos na mídia internacional.

<sup>59</sup> É Pós-doutor em Química pela Universidade de São Paulo – USP, é Doutor em Ciências: Química Analítica pela Universidade de São Paulo – USP e Graduado em Química pela Universidade de São Paulo – USP. É servidor público federal, docente do Ensino Superior, lotado na Universidade Federal de Goiás – UFG, na cidade de Goiânia. Atua nas seguintes Linhas de Pesquisa: Química do meio ambiente; Química analítica; Bioequivalência de medicamentos; Petroquímica e Química de alimentos. Atua nos seguintes Projetos de Pesquisa: Desenvolvimento de normas técnicas ABNT / NBR para a determinação de esteroides e produtos de oxidação em óleos e gorduras residuais (OGR) e em biodiesel; Prospeção de microalgas extremófilas para a produção de biodiesel e coprodutos de alto valor agregado; Projeto biotimor: produção de biodiesel, aromas e purificadores de água para o desenvolvimento do Brasil e do Timor-Leste; Normas técnicas ABNT / NBR para determinação do teor de biodiesel em misturas BX utilizando cromatografia gasosa e análise por injeção de fluxo; Pesquisa, desenvolvimento e inovação em tecnologias para a produção e uso de biodiesel derivados de óleos microalgas; Ecotoxicologia e análise de poluentes ambientais. Atua no seguinte Projeto de Extensão: Programa de monitoramento da qualidade de combustíveis em Goiás e Tocantins. Atua no seguinte Projeto de Desenvolvimento: Desenvolvimento de processos e produtos inovadores a base de vitaminas e antioxidantes derivados de rejeitos industriais e da agroecologia. É membro do Corpo Editorial do periódico "Idea". É revisor dos seguintes periódicos: "Revista Ciência e Engenharia"; "Fuel"; "Acta Scientiarum - Tecnologia"; "Acta Scientiarum – Health Sciences"; "Chemosphere"; "Journal of Cereals and Oilseeds"; "African Journal of Biotechnology"; "Journal of Polymers and the environment"; "Renewable energy"; "Environment Science and pollution research international"; "Energy & Fuels"; "Journal of the Brazilian Chemical Society" e "Química nova".

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Aldo Muro Júnior<sup>2</sup>

aldo.muro@ing.unipi.it

**Abstract**

*Whenever people think of war, they often reflect on the tragic loss of human life. They seldom consider the loss and damage caused to nature. War, since the beginning of its history, has never been close to the happiness, tranquillity and security of humanity and even the spectrum of war that causes people to be traumatised. The activities that correlate the war that affected life and the environment are productions, testing an explosion of nuclear weapons. Land and naval bombers, landmines, and Depredation, defoliation and toxic pollution. An example, the war that took place in Southeast Asia after World War II in 1975 on the invasion of Indonesia on the island of Timor. Indonesian forces moved hundreds of thousands of people into concentration camps, where they were famine and disease. Indonesian aircraft bombers spread chemical agents throughout the island, where they resulted in various diseases that affected animals and the population. Although many people die in lack of access to food. The land was burned along with animals intended for farming.*

**Keywords** *Environment; war; Timor-Leste; constitutional environmental law.*

**Resumo**

Sempre que as pessoas pensam em guerra, elas frequentemente refletem sobre a trágica perda da vida humana. Eles raramente consideram as perdas e danos causados à natureza. A guerra, desde o começo de sua história, nunca esteve próxima da felicidade, tranquilidade e segurança da humanidade e até mesmo do espectro da guerra que leva as pessoas a serem traumatizadas. As atividades que correlacionam a guerra que afetou a vida e o meio ambiente são produções, testando uma explosão de armas nucleares. Bombardieiros terrestres e navais, minas terrestres e depredação, desfoliação e poluição tóxica. Um exemplo, a guerra que ocorreu no Sudeste Asiático



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

após a Segunda Guerra Mundial em 1975, na invasão da Indonésia na ilha de Timor. As forças indonésias deslocaram centenas de milhares de pessoas para campos de concentração, onde estavam famintos e doentes. Bombardieiros de aviões indonésios espalharam agentes químicos por toda a ilha, onde resultaram em várias doenças que afetavam animais e a população. Embora muitas pessoas morram em falta de acesso a comida. A terra foi queimada junto com animais destinados à agricultura.

**Palavras-chave:** Ambiente; Guerra; Timor-Leste; Direito ambiental constitucional.

### Resumo

Kiam ajn homoj pensas pri milito, ili ofte pripensas la tragikan perdon de homa vivo. Ili malofte konsideras la perdojn kaj damaĝojn kaŭzitajn de la naturo. Milito, de la komenco de sia historio, neniam estis proksima al la feliĉo, trankvilo kaj sekureco de la homaro kaj eĉ al la spektro de milito, kiu kaŭzas traŭmatojn de homoj. La agadoj, kiuj korektas la militon, kiu influis la vivon kaj la medion, estas produktadoj, provantaj eksplodon de nukleaj armiloj. Landaj kaj ŝipaj bombistoj, landaj minoj kaj depredado, senhonorigo kaj venena pluado. Ekzemplo estas la milito okazinta en Sudorienta Azio post la Dua Mondmilito en 1975, en Indonezio de la invado de Timor. Indoneziaj fortoj delokigis centojn da miloj al koncentrejoj, kie ili malsatis kaj malsanis. Indoneziaj aviadilaj bombistoj disvastigis kemiajn agentojn tra la insulo, kio rezultigas diversajn malsanojn influantajn bestojn kaj la loĝantaron. Kvankam multaj homoj mortas pro manko de aliro al manĝo. La tero forbruliĝis kune kun bestoj destinitaj al agrikulturo.

**Ŝlosilvortoj:** Medio; Milito; Timor-Leste; Konstitucia media juro.

### Introduction

Whenever people think of war, they often reflect on the tragic loss of human life. They seldom consider the loss and damage caused to nature. War, since the





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

beginning of its history, has never been close to the happiness, tranquillity and security of humanity and even the spectrum of war that causes people to become traumatised.

War has marked the human experience since the beginning of time.

The demands of war profoundly affect the environment! War is a nefarious activity for obvious reasons, and no satisfactory explanation justifies human beings, as a species, from practising it. Whenever there is an internal or international war or rebel uprising, the media covers them extensively. One aspect that is often not covered, in the short or long term, is the impact generated on the ecosystems involved in the warring regions.

The activity impacts the environment.

In experimental processes, manufacturing, maintenance and use of conventional weapons, chemical, biological or nuclear weapons in the war, caused unimaginable radioactive poisoning and propagation. Waste from these activities has contributed to environmental degradation and pollution.

Concerning the whole activity of the war, uranium was used, which is a radioactive element, in all explosives and weapons of war.

After the use of depleted uranium during the Gulf War (1991), War in the Balkans (Bosnia – 1994, Kosovo and Serbia – 1999), Much failure and misleading



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

opinions or calamitous predictions emerged.

During the Gulf War, about 300 tonnes of depleted uranium were abandoned during the overflights of aircraft and combat cars fire shells in Kuwait and southern Iraq, in an area of 20,000 km<sup>2</sup>. In particular, depleted uranium contributed to the "Gulf War syndrome", where about 100,000 U.S. soldiers and the UN Task Force were met and diagnosed with leukaemia correlated with exposure to depleted uranium (MCCLAIN et al, 2001, p. 115)

The war-related activities that have affected life and the environment are production, testing and explosion of nuclear weapons. Ground bombers, using aircraft and ships, landmines, defoliation by toxic agents, propagated by aerial sprinkling, depredation by several poisonous agents, correctly said, radioactive or carcinogenic.

### **Nuclear weapons production, testing and explosion**

Nuclear weapons technology was developed during World War II and expanded as an industrial enterprise of vast range and complexity in

Cold War between the United States and the Soviet Union.

Nuclear weapons They continue to dominate the concerns about the potential dangers of radioactivity to the environment. The radiation that is launched in the environment, in many phases of production and analysis processes, poses a severe



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

threat to the health of biota, including human beings.

Nuclear explosions produce destructive immediate and late effects.

The immediate effects (explosion, thermal radiation, the reaction of ionising radiation) are produced and cause significant destruction within seconds or minutes of a nuclear detonation.

In the attack on Hiroshima, accidents including fatalities were found: the burns (including those caused by the storm of fire that followed) were the most severe detriments. Two-thirds of the people who died in the first stage of the nuclear explosion suffered burns on a larger scale.

According to Bethe (1991). The explosion and burn injuries were found in 60 to 70% of all the survivors examined. People close enough to suffer the disease from the radiation were within the radius of the lethal effects of the explosion and burns flash.

As a result, only 30% of the injured survivors presented radiation-induced diseases. Of those who escaped the explosion or burning and who were treated for their burns, were victims of diseases caused by the radiation (GIANNOU, 1997, p. 1453).

The effect of the long-term nuclear explosion caused radioactive fallout and other possible environmental effects, inflicted damage over an extended period and which may last for centuries, and may, furthermore, cause adverse effects on local Far away from the detonation site.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Radioactive products are much more dangerous when depositing in the soil, a phenomenon known as fallout.

The rate of influence in which the liquid precipitation influences human health depends very much on the altitude at which the explosion occurs. There is less influence when the explosion occurs at lower altitudes, causing deleterious effects on the human organism, when at higher altitudes, damaging, however, in a more severe way the environment.

Although not as deadly as direct precipitation, other environmental factors can be very damaging by radiation. The high temperature of the nuclear fireball, followed by rapid expansion and cooling caused damage to the ozone layer, seeing that large amounts of nitrogen oxide, is formed from the reaction of oxygen to nitrogen, present in the atmosphere, being that This reaction is very similar to what happens in internal combustion engines, with widely studied, known and disseminated consequences.

### **The bombing by aircraft and ships**

The bombing of urban infrastructure, which constitutes the artificial environment of a significant fraction of the world's human population, always causes a forced departure from the survivors, to places that have not been destroyed and

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

where they can shelter, Turning it into a society of refugees.

During World War II, when the quality of the era was significantly affected by the military technology of the time, the practice of bombing civil settlements became increasingly prevalent, and hundreds of thousands of people died as a result.

In the air bombing of Tokyo in March 1945, it is estimated that there were 100,000 to 200,000 deaths. During the attack 70 German cities, including Hamburg, in 1943; And in Dresden, in 1945, casualties were counted between 500,000 and 800,000 people. About 200,000 people died due to the acute effects of the atomic bombs on Hiroshima and Nagasaki in 1945 (Bed, 1986).

The bombing of cities and the destruction of forests, farms, transport systems and irrigation networks during World War II has produced devastating environmental consequences. Moreover, by the end of the war, there were almost 50 million refugees and displaced persons (PROUD FOOT, 1956).

In the last year of the war in World War II, the coastal lands and the northern part of France were torn apart by bombing. In Holland, south of the Zuyder Sea, there was flooding, with the destruction of dykes and many ports were obstructed with unexploded munitions and sunken ships. The high damage had been done for most cities in Europe, with the most affected, including Warsaw, Berlin, Hamburg, Dresden, Düsseldorf, Bologna, Le Havre, Rouen, Brest, Pisa, Verona,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Lyons, Budapest, Leningrad, Kiev and Krakow.

### **Landmines**

As a result of the last 50 years of wars in Europe, Africa, Asia and Latin America, estimates: 70 The 100 million of antipersonnel landmines are still active, and At the world level, another hundred million are always stocked (Bethe, H., 1991).

Nearly 400 million was spread across all continents since World War II; And with the proliferation of civil wars, waged by irregular forces, the use and dissemination of landmines as a preferred method of protection and Earth accelerated.

Currently, Landmines are without taking into account the requirements of international law to mark, map, monitor and remove them. Desarte, most of the victims of mine explosions are civilians involved in farming or foraging activities. Reliable regional estimates of the incidence of injury and death rates are difficult to find. A statistical reference often cited adds that landmines kill or injure about 500 people a week (DHA, 1996).

The Kosovo field was the most affected by the antipersonnel landmines, practically being armed with mines, adequately placed on all sides. One year after international efforts to remove them, it is estimated that 1,415 suspected minefields remain active. Since June 1999, there has been a cease-fire and, consequently, return



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

of the civilian population to urban centres and rural areas. The monthly number of casualties and injuries, by landmines or by explosions of cluster bombs, decreased from the return of the population to their originating site. Data indicate that the number of deaths by mines in the year 2,000 reached the optimal level of no occurrence, and only one year before, quantified 44 incidences. The injured cases, in turn, went from 109 severe accidents to 15, from 1999 to 2000 (ICG, 2000).

Landmines damage the environment through one of the four mechanisms: fear of mines denies access to abundant natural resources and arable land; Populations are forced to move, preferably in marginal and fragile environments, to avoid mined fields which accelerates migration and depletion of biological diversity; And Explosions of landmines disrupt the essential processes of soil and water.

The revision of the experiences of the twentieth century indicates that the persistence of active mines and unexploded munitions haunt the old areas of battle and that, despite the intensive localisation and deactivation efforts, millions of hectares remain under Ban in Europe, North Africa and Asia. In Libya, a third of its land mass is considered to be contaminated by mines and by munitions on a possible stage of the explosion, originating from the Second World War. (SGA IER, 1985).

When these mines explode, besides causing severe injury and death to humans,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

domestic animals and wildlife, they break down the systems of the soil, destroy the life of plants and disrupt the flow of water, accelerating the disruption of the ecosystem Hit.

The interactions between natural disasters and buried landmines, still active and inertia in achieving their disarmament, increasing concern for mined areas, with the protection of the population and the environment.

As an example of this interaction between mines and natural disasters, the case of floods in Mozambique may arise during the years 1999 and 2000, which has shifted hundreds of thousands of landmines, left by the civil war, and the concern with the whereabouts of them delayed the recovery operations of flood-affected areas.

The effort inflicted to mark the known minefields resulted in a considerable delay in the recovery of areas affected by flood waters, only possible, by providing a mapping team sent by the community International (ICBL, 1999).

### **Depredation, defoliation and toxic pollution**

Attempts to harm the environment as tactics of war against the formal enemy and as a means to instil terror in the general population have been described throughout history.

During the Second World War, there are reports of cases of rupture of dykes





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

and the destruction of a land dam by burnings, have been well documented (WESTING, 1977).

It is common sense that extensive use of environmental destruction as a strategic war practice can be seen until the time of the use of defoliants in the Southeast Asian war, for example, the use of dioxin-based pesticides and Dibenzofurans (Orange effect), which until today cause genetic mutations in Vietnamese children (third generation).

From 1965 to 1971, the United States sprayed 3,640 km<sup>2</sup> From South Vietnam's arable land with herbicides, using an estimated total amount of 55 million, 50 pounds of herbicides.

The justification for the use of pesticides in the war was to sublate the enemy, removing it from their natural trenches in areas of dense forests, their power supplies and means of coverage (WESTING, 1980)

This widespread use of chemicals to destroy agricultural fields, forests and water springs has no historical precedents, and the environmental consequences are still relatively unexplored in the scientific literature

Many wars fought since Vietnam, such as the Persian Gulf War, which occurred in January and February 1991, demonstrate how war technologies and the warfare industry can be Used To create widespread environmental chaos.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

The release of about 10 million barrels of oil from Kuwait, by Iraq, in the waters of the Persian Gulf, oil spills in the war between Iraq and Iran caused high contamination to an ecosystem that has been suffering abuse for decades (UNEP, 1991).

Oil deposits in the Gulf have fed the region's economy for half a century. However, other non-living resources (for example, for desalination of seawater) and living resources, such as coastal ecosystems, fish, birds, and other species groups, are taking on growing importance in the realisation of Development Goals. The environment of gulf and resources is influenced by natural processes and the pressures arising from a range of human activities.

Recent wars, or that the terms of humanitarian aid of the "complex humanitarian emergencies" have been assessed as to their potential, by creating refugee camps, to inflict damage on the local environment where the fields are situated.

In the case of refugee camps in the region of Great Lakes African 1994-1997, Mozambique, Sudan, in the border region between Afghanistan and Pakistan, and in East Timor, during the years 2006 to 2009, as a result of the political crisis that caused the civil war, the refugee camps were created in many places in own capital Dili and other districts of East Timor.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

The creation of these refugee camps affected the environment in matters of deforestation, invasion of vulnerable ecosystems and national parks, water pollution and degradation of basic sanitation, air pollution and the loss of endangered species.

### **East Timor: UM of the world's youngest countries and their suffering during the struggle for their independence Geography and a brief history of East Timor Island**

East Timor is a small country that is in the eastern half of the island of Timor, located in the far reaches of Southeast Asia, which is between the South China Sea and the Indian Ocean. The island area occupies 30,000 square kilometres (Waldman, 2003), which is shaped like a crocodile, according to the interpretation of the local imagery.

Dili is the capital of the country that lies at 08 ° 35', 125 ° 35' and Baucau is the second largest city in the country. The total population in 1999 was 859,900 inhabitants, and population growth rose to 1,084,971, according to the last census in 2007.

Natural Resources of the country, they are the object of envy to the neighbouring countries. Mother Nature blessed him with a variety of Natural Resources. Some of these Natural Resources include gold, petroleum, natural gas,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

manganese and marble

These valuable Resources They are found scattered all over the country. The Government of East Timor is acutely aware of how to use this much stock of Natural Resources.

In the area of agriculture, coffee is one of the main income crops that obtain revenue for the country through the external market. East Timor is the smallest coffee producing country in the world, but the Arabian variety is one of the best types of coffee that attracts buyers from all over the world to East Timor.

In addition to the coffee, East Timor has other natural products, intended for export: coconut, sandalwood and marble.

Glimpsing The history of the people of East Timor for their struggle of independence, the population went through the suffering of war, which lasted long 24 years with Indonesia after.

Previously, the island was a colony of Portugal.

The Portuguese Colonized the island of East Timor, in the early 16th century, to seek the exploitation of sandalwood-a kind of noble wood, used in the manufacture of furniture and perfumery.

Geopolitical disputes between Portugal and Holland led to the demise of the western part of the island after the conclusion of an international treaty in 1859.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

However, the island has not suffered invasion and exploitation of only those three countries. Even Imperial Japan occupied East Timor during the Second World War period, specifically between 1942 and 1945.

On 28 November 1975, after a brief civil war between the political parties of East Timor in the short term, the independence of the Democratic Republic of East Timor was proclaimed, however, only nine days after its so dreamed and fleeting independence, Indonesia invaded the novel Nation, keeping it under occupation for the next 24 years.

The secret documents published by the National Security and Archive of George Washington University, prove that the United States Government has waved favourably to the Indonesian invasion of East Timor in the year 1975, culminating in the death of about 200,000 Timorese, during a quarter of a century that followed (BURR, 2001).

Indonesia launched its invasion hours after the president of the United States Gerard Ford and the premiere Henry Kissinger came out of an official meeting with the President of Indonesia, Soeharto, the dictator in Jakarta – Indonesia.

The United States of America doubled the military aid to Indonesia in transfers of new weapons and especially helicopters inactivity of the East Timor invasion, which also served to sprinkle the orange effect, mutilating future generations



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

of Timorese and injuring death their environment.

Soon after, in 1976, Indonesia took over Timor as its twenty-seventh province, called the Indonesian language, East Timor, on the grounds of That part of the Timorese population supported integration with Indonesia.

Indonesian forces moved by hundreds of thousands of people in concentration camps, are left subject to famine and disease.

The Indonesian air bombers, they spread chemical agents throughout the island, where they culminated several diseases that affected animals and the population, that killed more people than the famine generated by the lack of access to food, caused by the burning Of the land and animals destined for livestock, by the Indonesians.

Concomitantly, the Indonesian armed forces carried out a vast movement of murders, torture, kidnappings (which caused people to disappear, leaving no trace for their families only), political arrests, and other abuses of Human rights Against the Timorese population.

The abuses were notorious That the Indonesian armed forces were doing on women. In addition to suffering arbitrary detention, torture and summary execution, they faced rape and all kinds of sexual abuse.

Other forms of violence against women have taken the form of harassment,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Forced sterilisation, Intimidation and compulsory marriage Of these and other humanitarian setbacks occurring on the island, it can be said that, in psychological terms, there was a regular contributor to a shame felt in the population with such abuses.

### **Life in East Timor after the war**

The colonisation and the war that affected life and the environment in East Timor has left a brutal experience in the history of Timorese human life

With the departure of Indonesia from the territory of East Timor in 1999, the Timorese land bequeathed the damage of the entire infrastructure of the Indonesian government that occupied the island for more than two decades.

Schools and hospitals that were built by the Indonesian Government itself, during the time of integration, were destroyed before leaving, by the oppressive forces themselves, in Shriekmaw genocide.

At the same opportunity, houses were destroyed and furthered the riches of the Timorese population, by the armed forces of Indonesia along with the militia groups (Timorese, who supported the occupation of Indonesia and were prepared by their military).



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Several families were separated. Hundreds of people took refuge in Australia, Portugal and Indonesia, fearful that the same fact occurred in 1975 when independence only took a few days. They took shelter or were taken compulsorily by the military withdrawing.

Currently, the Timorese population lives in tranquillity concerning safety after release. Even so, the Timorese still face several daily problems arising from the Indonesian occupation.

In the social area, there is a tremendous unemployment rate, and half of the Timorese population is unemployed.

Health still suffers from the effects of wars because there are different types of diseases and the infant mortality rate is enormous.

The natural environment was extremely mistreated, presenting vast areas of deforestation. The rural population Depreda the fauna by slaughtering trees for the exploitation and marketing of Madeira.

Much of the forests have already been consumed as a result of this predatory culling, faced with the need for the population to subsist.

The topic of the environmental problem on the island is basic sanitation. Only 5% of the population has treated water supply.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Acknowledgements** The last author acknowledges the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEGO.

## References

- Bethe, h. **The Road from Los Alamos** American Institute of Physics, 1991.
- Burr, William and Michael I. Evans. **The National Security Archive – East Timor Revisited**. The George Washington University. USA, 2001.
- Department of humanitarian affairs. **Mine Clearance and Policy Unit. Land mines facts** New York: United Nations, 1996.
- Giannou, C. Antipersonnel landmines: facts, fictions, and priorities. **BMJ**, Geneva, v. 315, n. 7120, nov. 1997, p. 1453-1454.
- International campaign to ban landmines. **Landmine monitor report 1999: toward a mine-free world**. New York: Human Rights Watch, 1999.
- International crisis group. **Kosovo report card**. Pristina/Brussels. Balkans, v. 100, ago 2000.
- Modain de, et al. Biological effects of embedded depleted uranium (DU): summary of Armed Forces Radiobiology Research Institute. **Sci Total Environ**. Bethesda v. 8, n. 274, jul. 2001, p. 115-118.
- Postel, T. A review of the physics of large urban fires. **National Academy Press** Washington, 1986.
- Proudfoot, Mj. **European refugees 1939–1952: a study in forced population movement**. Evanston (IL): Northwestern University Press, 1956.
- Sgaier, K. **Explosive Remnants of World War II in Libya: impact on agricultural development**. In: Westing AH, editors. *Explosive remnants of war: mitigating the environmental effects*. London (UK): Taylor & Francis; 1985.
- United Nations Environment Programme. **Introductory report of the Executive**



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Director. Environmental consequences of the armed conflict between Iraq and Kuwait.** New York: UNEP; 1991 May 10. Report no UNEP/GC.16/4/Add.1.

Waldman, M., 2003. **Geografia de Timor Leste.** Dili - Timor Leste

Westing, AH. **Weapons of mass destruction and the environment.** London (UK): Taylor & Francis, 1977.

Westing, AH. **Warfare in a fragile world: military impacts on the human environment.** London: Taylor and Francis, 1980.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## O conhecimento e o problema corpo-mente em Karl

Por: José Provetti Junior<sup>60</sup>

[jose.provetti@ifpr.edu.br](mailto:jose.provetti@ifpr.edu.br)

### Resumo

Esse texto destina-se a compreender o pensamento do filósofo Karl Raymund Popper sobre o problema do conhecimento inserido na questão do problema da relação corpo-mente. Para tanto, proceder-se-á à análise crítica a respeito de suas teses sobre o conhecimento objetivo e subjetivo, a respeito de seu Mundo três e o surgimento deste enquanto evolução emergente.

Palavras-chave: Epistemologia; Filosofia da Mente; Karl R. Popper; Interacionismo.

### Resumo

*Ĉi tiu teksto celas kompreni la pensadon de la filozofo Karl Raymund Popper pri la problemo de scio enigita en la problemon de la menso-korpa rilato. Tiucele, kritika analizo estos farita de liaj tezoj pri objektiva kaj subjektiva scio, lia Tria Mondo kaj ĝia apero kiel emerganta evoluo.*

**Ŝlosilvortoj:** *Epistemologio; Filozofio de la menso; Karl R. Popper; Interagismo.*

### Abstract

*This text intended to comprehend the thought of the philosopher Karl Raymund Popper around the problem of knowledge inserted into the question of the problem of mind-body connection. Therefore, it will behave to critical analysis about his theses on the objective and subjective knowledge, about his three World, the emergence of this while emerging developments.*

---

60 Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Toledo/ PR, Mestre em Cognição e Linguagem pela UENF, professor de Filosofia do Instituto Federal do Paraná, campus de Assis Chateaubriand, coordenador, pesquisador e professor do Grupo de Pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias do IFPR – Assis Chateaubriand, pesquisador do Grupo de Estudos Karl R. Popper – UNIOESTE – Toledo, pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA – UERJ e autor do livro “A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental” (2011).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Keywords** *Epistemology; Philosophy of mind; Karl R. Popper; Interactionism..*

Em “O conhecimento e o problema corpo-mente” (2002a) Popper propõe uma teoria da interação corpo-mente, que se fundamenta na relação desta teoria com o surgimento do evolucionismo, com a linguagem humana e com a sua tese a respeito do Mundo 3.

A teoria do Mundo 3 centra-se em um conceito que infere as noções de distinção entre conhecimento subjetivo e objetivo, a teoria da evolução e da emergência da linguagem enquanto processo evolutivo, a existência de um saber objetivo, que é produto autônomo da mente humana e compreender que o modo como a mente é usada é um sistema fiscalizador na resolução de problemas fundamentais da existência.

Popper trabalha a questão da distinção entre os conhecimentos objetivo e subjetivo, fala sobre a autonomia do Mundo 3, versa sobre este e a evolução emergente, expõe sua teoria sobre a questão da descrição, da argumentação e da imaginação linguística.

Tendo em vista o proposto nesse artigo, proceder-se-á à análise à apresentação das reflexões do filósofo tentando criticá-las a fim de compreendê-las.

Popper (2002a, p. 15), expõe dois problemas dos quais trata: a existência de dois tipos de conhecimentos, o objetivo e o subjetivo e a relação corpo-mente.

Indica que de maneira geral, os epistemólogos pouco tematizam o conhecimento objetivo, dando preferência ao conhecimento subjetivo, dado sua factualidade. Ou seja, tendo como fato inquestionável a existência fenomênica do conhecimento subjetivo.

Mais os teóricos do conhecimento se referem ao conhecimento subjetivo do que ao conhecimento objetivo, insinuando que o conhecimento objetivo devém do



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

subjetivo, que muito contribuiria para a formação do conhecimento objetivo.

Segundo o comum dos epistemólogos, para Popper, o conhecimento objetivo é constituído por diversos elementos do conhecimento subjetivo e é o princípio do conhecimento objetivo.

Ora, Popper (2002a, p. 16) posiciona-se contrário a essa maneira de se raciocinar há pelo menos trinta anos<sup>61</sup>, ou seja, para o autor analisado, o conhecimento subjetivo é que é constituído pelo conhecimento objetivo e, portanto, seria justamente ao contrário do que a tradição epistemológica costuma ajuizar o que se daria.

Popper defende essa tese partindo do princípio de que o conhecimento objetivo é internalizado através do contato social e da educação, a partir do momento que é criado pelo homem e, portanto, em epistemologia é de extrema importância buscar compreender o conhecimento objetivo e sua evolução, para a partir disso, procurar algum entendimento a respeito dos princípios do conhecimento subjetivo, pois como reforça Popper (2002a, p. 16) “o conhecimento subjetivo recebe mais do que dá”.

Popper fundamenta a sua abordagem a respeito do conhecimento, partindo do que denomina “questões controversas ou grandes questões”. Estas necessariamente partem do problema do conhecimento, a saber: a) o problema da racionalidade; b) o problema do progresso do conhecimento científico; c) o problema da função civilizadora deste; d) o problema da responsabilidade moral do cientista; e) o problema da dívida coletiva para com a civilização; f) o problema do papel da Universidade e da tradição em confronto com a crítica e g) o problema de que o conhecimento pode ser discutido de modo crítico e racional, enquanto os demais problemas podem degenerar em palavras vazias.

---

61 A obra compulsada pelo autor deste artigo data do ano de 2002, porém o *copyright* remete-se a 1996 e na “Nota do autor”, Popper assina com a data de 1993. Portanto supõe-se que o filósofo defenda essas teses ao menos desde 1963.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nessa medida, discutir o problema do conhecimento se mostra necessário para parametrizar as demais questões que Popper apresentou como controversas e que, embora importantes, tendem a perder-se em opiniões mais ou menos bem fundamentadas, enquanto o miolo da discussão que pode nortear os demais debates. Trata-se do problema do conhecimento, portanto.

Para abordar a questão do conhecimento Popper (2002a, p. 17) apresenta o problema hoje ainda significativo no campo da filosofia da mente, a saber, a questão da relação entre o mundo físico e o mundo dos estados ou processos mentais.

O problema acima indicado remonta a uma antiga e profícua tradição filosófica, que pode-se afirmar ter sido sistematizada por Platão, com sua teoria das Ideias e correlatas. Que fora acentuado no período Moderno com Descartes, com o *cogito ergo sunt* e posteriores.

Ao compreenderem o homem numa perspectiva dualista não conseguiram fundamentar satisfatoriamente para seus críticos de ontem e de hoje, as bases do relacionamento entre o mundo físico e o mundo dos estados mentais.

Popper apresenta uma dinâmica comunicacional para representar as interações existentes entre os estados físico e mentais. No caso de um comunicante (emissor), em trato com outra pessoa (receptor), se daria o seguinte processo: o emissor elaboraria mentalmente o objeto de sua comunicação, que seria codificada em seu idioma usual e verbalizado, sendo emitida a mensagem ao receptor. Este, por sua vez captaria sensorialmente o som codificado do emissor, o decodificaria e elaboraria mentalmente seu conteúdo, prosseguindo a vênua durante a comunicação entre ambos.

Para explicar as interações entre os estados físicos e mentais Popper estabelece o princípio de que “(...) devemos considerar como real aquilo que se influencia mutuamente (...)”. Ora, se numa simples comunicação entre dois falantes de algum código, que possuem simultaneamente um corpo e expressam conteúdos mentais através



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de alguma comunicação, observam-se as interações mútuas entre elementos físicos e mentais. Logo, Popper afiança que com base nesse princípio, tanto os elementos físicos quanto os mentais são reais.

Nesse particular, Popper (2002a, p. 18) se define como um “cartesiano *dualista*”, em seguida precisando melhor sua posição teórica afirma-se um “*pluralista*”, devido a admitir a existência de três Mundos. Considera o que denomina de “Mundo 3” é a teoria mais importante das soluções experimentais propostas até ao presente.

O Mundo 3 é composto por produtos da mente humana que em sua fenomenologia podem ser manifestar de maneira unitária, isto é, físico ou mentalmente ou, ainda, de maneira mista, ou seja, produtos mentais objetivos-físicos ou mentais subjetivos, isto é, objetivos-subjetivos.

Segundo Popper (2002a, p. 19) não se pode compreender o Mundo 2 (o dos estados mentais), sem que se compreenda que a sua principal função é produzir os objetos do Mundo 3. Ou seja, para Popper os estados mentais representados pelo que denomina de “Mundo 2” é a fonte geradora do que denomina “Mundo 3” (o dos produtos da mente humana).

No entanto, para bem se compreender as relações existentes entre os Mundos 2 e 3 de Popper haverá de se levar em consideração que o Mundo 3, após a sua criação pela mente humana torna-se autônomo, isto é, os produtos da mente humana uma vez descobertos por ela acionam um sistema de autonomia que indiferentemente da vontade humana em desenvolver-lhes os desdobramentos, apresentam-se-lhes como novos e inusitados problemas.

Em contrapartida, de-terminam o Mundo 2 e sucessivamente este vem a adequar-se a essas novas proposições interativas, simultânea e instantaneamente no que Popper denomina de “sistema de dádiva”, isto é, do Mundo 3 recebe-se mais do que se dá.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Com isso Popper esclarece que existem em sua tese três Mundos: o Mundo 1, composto por elementos físicos; o Mundo 2, formado por elementos mentais e o Mundo 3, constituído pelos produtos da mente humana (do Mundo 2).

Os três Mundos são interativos e co-de-terminantes, isto é, na medida em que alguma alteração se dá em um, os outros mais ou menos imediatamente se adequam às alterações, constituindo-se assim, um complexo sistema compensatório que Popper denomina de “realidade”.

A realidade, para Popper, portanto, caracteriza-se enquanto virtualidade e é ditável ou, ainda, editável linguisticamente pelo homem como indivíduo e espécie, em seu processo de interação biológica com o seu meio ambiente, tanto quanto os demais animais.

Apenas se admitindo a existência do Mundo 3, acredita o filósofo ser possível compreender as questões relativas ao problema corpo-mente, da tradição filosófica e do campo contemporâneo da filosofia da mente. Talvez, até do da filosofia da consciência, pois em se considerando as interações entre os Mundos 2 e 3, em sua interface objetiva, pode-se eventualmente aventurar-se algum pesquisador por essa seara tão em moda atualmente.

No entanto, mesmo com a solução popperiana, verificam-se questões que subjazem ao problema dos três Mundos, como por exemplo, as que Popper apresenta: 1. sobre a liberdade humana; 2. a respeito do domínio sobre a vida; 3. a questão da criatividade humana e 4. o problema das relações com o que se executa, o trabalho e como progredir através dele.

Para Popper (2002a, p. 22), essas questões podem ser aclaradas com a investigação em torno do conhecimento objetivo, pois este seria de cunho biológico e enquanto produto da mente humana, portanto, integrante do Mundo 3. Necessariamente ele repercutiria sobre os elementos do Mundo 1, isto é, o mundo físico, determinando-





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lhe enquanto “leitura linguística” classificável como realidade pelo Mundo 2.

Recordando que o componente do Mundo 3 é o conhecimento objetivo e este se compõe de suposições, hipótese ou teorias, problemas e argumentos, isto é, produtos mentais. Pode-se inquirir: de onde vem o Mundo 3 especificamente?

Para o filósofo seria um produto da evolução biológica humana, que emergiria do Mundo 2 por meio das interações deste com o Mundo 1, em consequência das ações pertinentes à sobrevivência. Assume o papel de amplificador de soluções que o Mundo 2 proporia em sua busca intencional de interação com o Mundo 1 e os problemas existenciais relativos à sobrevivência dos indivíduos e da espécie. Dito isso persiste a pergunta: como evolui o conhecimento objetivo?

Popper defende a tese de que enquanto produto dos estados mentais do homem em processo de sobrevivência, o conhecimento objetivo, no e pelo Mundo 3 trata-se de uma estratégia de resolução de problemas por meio do estabelecimento de teorias experimentais e pelos ensaios de eliminação de erros, sempre desembocando em novos problemas que modificados em sua proposição original mostram-se quase que inteiramente novos, pouco restando neles da proposição original.

Nesse sentido, a luta pela sobrevivência não se estabelece apenas entre os indivíduos mais ou menos aptos, mas radicalmente instaura-se no âmbito das teorias, que enquanto competitivas, somente as mais aptas sobrevivem. Embora guardem certa instância de provisoriedade válida até o estabelecimento de novos problemas e ensaios resolutivos *ad infinitum*.

Nesse sentido, Popper (2002a, p. 25) compara a formação de teorias, isto é, o conhecimento objetivo, como uma espécie de “(...) mutação exterior ao corpo, uma mutação exossomática”.

O conhecimento objetivo caracteriza-se como uma espécie de estratégia de poder, possibilitada ao homem através do Mundo 3 em interação com os Mundos 1 e 2,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de maneira a ampliar o potencial de resolutividade de questões ambientais e de toda ordem que impliquem necessariamente a sobrevivência.

Em se admitindo essa tese de Popper, faz-se necessário concordar com ele quanto à predominância do conhecimento objetivo sobre o subjetivo, pois tendo em vista que o conhecimento objetivo decorre das relações interativas entre os elementos dos Mundos 1 e 2 e que estas estabelecem problemas que inferem a questão da sobrevivência.

Uma vez que se admita a existência do Mundo 3 e do conhecimento objetivo, tal qual o descreve Popper, necessariamente, o conhecimento subjetivo recebe mais do que dá ao objetivo, justificando-se, portanto, a crítica que o epistemólogo dirige à tradição gnosiológica que tem no conhecimento subjetivo a fonte do conhecimento objetivo.

Tal afirmação se sustenta, sobretudo, se se levar em consideração e como válidas as teorias psicogenéticas da aprendizagem humana, como as de Piaget, Wallon, Bernestein e, sobretudo a teoria histórico-crítica de Vygostsky.

Todos esses defendem a realização de internalizações conceituais (dos ditos esquemas), importantíssimos para a construção da linguagem humana. Nesse sentido, para Popper (2002a, p. 26) raramente torna-se objetivo o conhecimento subjetivo, a menos que seja formulado em alguma linguagem, pois de maneira predominante, o conhecimento subjetivo é composto pelo que indica como “(...) potencialidades inatas, isto é, tendências e disposições.”

Ora, dessa maneira, o conhecimento subjetivo seria o conjunto de informações, memória e expectativas que o organismo possui e, portanto, o conhecimento subjetivo seria uma espécie de “tendência” de ação situacional, que Popper assinala como decorrente da seleção natural. Pouco contribuindo para a elaboração do conhecimento objetivo, mas o gerador, por excelência, do Mundo 3 enquanto estratégia amplificadora



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de poder sobre o meio ambiente.

Diferentemente da concepção de conhecimento inato platônica, que partia da noção tradicional da reencarnação da alma devido ao seu insucesso no processo de contemplação das Ideias, na procissão divina, Popper assinala que os conhecimentos inatos são propensões de expectativas do organismo para agir e reagir de determinada maneira, mediante alguma situação desafiadora. Mas que enquanto conhecimento subjetivo, raramente contribui para a formação do conhecimento objetivo, no Mundo 3.

Nesse sentido, em seu caráter biológico e evolutivo, o Mundo 2 aciona a criação e acessibilidade linguística ao Mundo 3, em constante interação com este e o Mundo 1 altera os conhecimentos inatos, linguisticamente, tanto quanto altera os elementos dos Mundos 1 e 3.

Porém, de maneira totalmente desproporcional isso se dá, pois na medida em que o Mundo 2 interage com o Mundo 3, este mais lhe proporciona do que do Mundo 1 algo retira, parametrizando, portanto, a própria leitura que o Mundo 2 faz e pode realizar dos elementos e fenômenos provenientes do Mundo 1.

Assim, o conhecimento objetivo é formado de problemas, teorias e argumentos, enquanto o conhecimento subjetivo é constituído de disposições ou tendências, no sentido de expectativas.

Com o exposto até ao presente verifica-se que a tese de Popper (2002a, p. 40) qualifica a teoria empirista do conhecimento como totalmente equívoca, pois a maior parte das tendências humanas que formam seu conhecimento é inata ou hereditária. O restante, nada mais é do que modificações dessas inclinações ou propensões inatas, provenientes do conhecimento objetivo. Anulando-se assim, as filosofias que pressupõem a relação ensino-aprendizagem a partir da tábula rasa aristotélica.

Para esclarecer a exposição, Popper (2002a, p. 44) estabelece a distinção entre pensamentos objetivos e subjetivos, considerando-se que por pensamento subjetivo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

entende que seja um processo mental que difere segundo a ocasião e a pessoa, acontecendo em certo momento.

Já o pensamento objetivo caracteriza-se como sendo o conteúdo de uma afirmação ou o encadeamento de um argumento ou, ainda, a dificuldade de uma questão que se apresenta enquanto desafio de sobrevivência a um indivíduo ou espécie, isto é, ao Mundo 2.

Segundo a tese popperian acima descrita, a distinção entre os pensamentos subjetivo e objetivo é que o primeiro é apenas mental, privado, ocasional e particular, enquanto o pensamento objetivo é o conteúdo lógico de alguma proposição e, por conseguinte é acessível, comunicável em alguma linguagem humana e, portanto, comunicável, socializável, universalizável entre os membros da espécie.

No entanto, uma das características mais notáveis dos elementos do Mundo 3 é que são autônomos, isto é, a despeito da consciência que os homens tenham ou não de sua existência ele existe e encadeia novos problemas independentes do que motivou o homem a acessá-lo, ampliando-se por assim dizer, a consequência é que do conhecimento objetivo se tira mais do que se dá.

Esse processo se estabelece através da linguagem, que Popper afirma ter dois aspectos: : palavras, conceitos, designações ou termos, significados, definições e conceitos – o primeiro. Afirmações; proposições, teorias, hipóteses ou asserções, verdade, derivações e proposições primitivas – o segundo.

Em se relacionando um grupo com o outro, Popper (2002a, p. 48) afirma que:

*As palavras podem formular afirmações. Conceitos, designações ou termos podem formular proposições, teorias, hipóteses ou asserções. Estas podem ser significativas e verdadeiras. O significado e a respectiva verdade podem ser*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*reduzidas por meio de definições a derivações. E conceitos primitivos a proposições primitivas.*

Nesse sentido, os termos relacionados no primeiro grupo (palavras, conceitos, designações etc), embora sejam análogos aos do segundo grupo (afirmações, proposições, teorias, etc), não são importantes em sua teoria do conhecimento objetivo. Já as outras são de suma importância, pois constituem os elementos do Mundo 3.

Popper afirma que o Mundo 3 é uma ferramenta exossomática do homem e que a sua origem se estabelece pelo processo de seleção natural, desde os animais até ao homem.

No entanto, embora os indícios de algo semelhante ao Mundo 3 existam nos animais, o homem foi o único que produziu o que o autor denomina de “conhecimento objetivo” propriamente dito.

Os animais possuem linguagem, e enquanto tal, isso lhes caracteriza como usuários de um instrumento exossomático que antecedeu evolutiva e geneticamente o Mundo 3 humano. O que se pode derivar que os animais também possuem uma base genética inata, que não conseguem desenvolver conhecimento objetivo, mas se aproximam bastante do conhecimento subjetivo humano.

Ou seja, no âmbito da história natural, o elo de aproximação entre animais e homens seria o uso da linguagem e a base genética inata para alcançar, em certa medida, os rudimentos do Mundo 3, por parte dos animais e a plena inserção neste Mundo, por parte dos homens, ambos através da linguagem.

Na e pela linguagem, portanto, encontra-se o ponto de proximidade e simultaneamente de afastamento entre os animais e os homens, pois há algo na linguagem humana que lhes permite elaborar debates críticos e descrições, além de se expressar e de se comunicar, como o fazem os animais.

O Mundo 3, tal qual o descreve Popper existe devido aos homens, para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

solucionar problemas biológicos. Nesse sentido, dado a proximidade dos animais no que se refere à base genética inata e ao uso da linguagem, o filósofo afirma que qualquer animal em seu respectivo meio ambiente aciona algo semelhante à base do Mundo 3 e de seus problemas.

O que leva a crer que o Mundo 3 existe independentemente da mente humana, isto é, à despeito da consciência que se tenha ou não de sua existência.

Popper (2002a, p. 56) assinala as diferenças entre os Mundos 3 e o 1. A primeira consiste em que entre estes existe o que o filósofo chama de “Mundo 2”. A segunda é que o Mundo 3 produz efeitos sobre o 2 e o 1, mas em relação ao Mundo 2, o 3 é uma espécie de “amplificador” dos poderes deste sobre o Mundo 1.

Nesse sentido, de “amplificador” dos potenciais interativos conscientes inerentes ao Mundo 2, o Mundo 3 é iniciado pelo homem e sua linguagem, sendo por conseguinte, a ética e/ ou a moral um produto linguístico humano.

Popper crê que não existe finalidade no campo moral, tanto quanto no científico devido ao constante estabelecimento de novos problemas, que fazem se repensar constantemente as afirmações científicas e morais.

Por isso o Mundo 3, enquanto produto da mente humana é real, tanto quanto o Mundo 1. Embora uma teoria seja abstrata ela é tão real quanto uma montanha, na medida em que ambos permitam que os homens interajam com elas. E na razão direta dessa interação o mundo se modifica, modificando-se mais ou menos imediatamente, os elementos dos três Mundos.

Popper (2002a, p. 63) inicia sua reflexão em torno do Mundo 3 e a evolução emergente, reforçando a ideia e ampliando-as com novos exemplos. Afirma que o Mundo 1 é composto de objetos físicos, incluindo organismos. O Mundo 2 é constituído pelas experiências mentais conscientes e o Mundo 3 é formado pelos produtos da mente humana, as teorias.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No âmbito dessa reclassificação, Popper (2002a, p. 65) informa que sua teoria descende de uma linhagem que o liga à poesia helênica de Hesíodo, às filosofias de Xenófanes de Cólofon, a Heráclito de Éfeso, a Parmênides de Eleia, a Arístocles de Atenas (Platão)<sup>62</sup>, a Aristóteles de Estagira, aos filósofos estoicos, a Plotino de Alexandria, a Leibniz, a Bolzano, a Frege e talvez a Hesserl.

No entanto, nessa obra se dispõe a falar apenas de Platão, Bolzano e de Frege para esclarecer a respeito da filiação teórica de seu Mundo 3.

Segundo Popper, sua teoria dos três Mundos se fundamenta estruturalmente na teoria das Ideias tradicional de Platão<sup>63</sup>, isto é, o primeiro mundo de Platão é o único mundo real e divino, à semelhança do Mundo 3 de Popper. Contudo, o mundo das Ideias de Platão não contém problemas nem argumentos e teorias.

Nele existem apenas conceitos, isto é, Ideias para Platão e Formas para Aristóteles. Essas Ideias são objetivas e observáveis pela intuição intelectual, tanto quanto os objetos físicos são observáveis pelos olhos.<sup>64</sup>

O segundo mundo de Platão é o da alma (*psyché*) ou espírito. Popper (2002a, p. 65) informa que a alma humana habitava o mundo das Ideias antes de reencarnar<sup>65</sup> e delas distingue-se com nitidez, mantendo-se a última personalidade que vivera, conforme se vê em Provetti Jr. (2007).

A necessidade da reencarnação em Platão, segundo Popper (2002a, p. 65) é uma espécie de “perda da graça”, por meio da qual a alma se insere no mundo três de

62 Para aprofundamentos remeta-se o leitor ao livro *The world of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment*, de Popper (2002b), em versão para o Português pelo autor deste texto.

63 Para acessar informações sobre a nova interpretação de Platão remeta-se o leitor a Reale (2004) e a Provetti Jr. (2007), que embora se distinga algo significativamente das versões tradicionais vinculadas ao paradigma interpretativo de Schleiermacher, provavelmente compulsadas por Popper, mantém a mesma abordagem desenvolvida por Popper, porém ampliada e reduzindo-se alguns pontos da crítica do filósofo ao pensador ateniense.

64 Para aprofundamentos remeta-se o leitor para Provetti Jr. (2011; 2007).

65 Para aprofundamentos remeta-se o leitor a Provetti Jr. (2011; 2007; 2000).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Platão, a saber: o dos corpos físicos.

Devido ao processo de “queda”, que é descrito no “Fédro” de Platão (s/ d) com a denominada “procissão divina”, isto é, cada alma segue o deus a que é afeita e durante as revoluções tentam equilibrar a atuação da parelha alada, composta pelos cavalos branco e negro durante a contemplação das Ideias.

Na medida em que observam o maior número de Ideias robustecem as asas da parelha, enquanto que se não conseguirem dominar o cavalo negro, que prejudica a contemplação, por pouco visualizarem as Ideias, as asas fenecem e a queda é o fanal que leva as almas nessa situação a sofrerem uma amnésia, que durante a reencarnação só pode ser atenuada através do exercício filosófico.

O que segundo Platão viria a libertar a alma dos ciclos paligenésicos, restituindo-a ao mundo das Ideias e à plenitude de seu patrimônio mnemônico das contemplações anteriores e decorrentes do conjunto de suas existências no mundo sensível.

Popper (2002a, p. 65) estabelece a diferença entre sua teoria e a de Platão. O ateniense sustenta a teoria da queda ou degeneração dos seres humanos, que são forçados a reencarnarem e praticarem a filosofia para se recordarem das Ideias contempladas. Para se libertarem dos ciclos reencarnatórios.

A de Popper fundamenta-se na teoria de que há uma ascensão evolucionista biológica, que se inicia no Mundo 1, se especializa no âmbito do Mundo 2 por meio da linguagem e com o homem alcança a acessibilidade ao Mundo 3. Que vem a amplificar a margem de manobra e poder do Mundo 2 sobre o Mundo 1 e 2, sempre de maneira interativa.

Para Platão, seu mundo das Ideias é formado por conceitos deificados ou diz-se melhor “hipostasiados”, isto é, “(...) considerar uma em si aquilo que não passa de um fenômeno (...) ou de uma relação (...)” (JAPIASSU & MARCONDES, 1993, p. 119).





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Já os de Popper, o equivalente ao Mundo das Ideias de Platão é o seu Mundo 3, que é formado por teorias, argumentos e de problemas em aberto. Nesse sentido, Popper assinala, no entanto, que ambas as teorias tem na linguagem um elo de ligação que é histórico.

Tanto Platão quanto Popper afiançam que é a linguagem um elemento de diferenciação cognitiva que cria uma certa distinção existencial na maneira pela qual o conhecimento pode ser elaborado, apropriado e comunicável.

Para Platão, através da terceira navegação, constante do “Fédon” (1996) a linguagem possibilitaria a Sócrates emergir das preocupações dos físicos pré-socráticos à compreensão do mundo dos números matemáticos, o dos entes matemáticos, das Ideias e dos Primeiros Princípios do *Uno* e da *Díade do Grande-e-do-Pequeno*, conforme se verifica em Reale (2004).

Para Popper, a linguagem é a função inata da base biológica animal e humana que elabora o Mundo 2 e possibilita ao primeiro alguns ensaios exossomáticos no Mundo 3. Ao segundo, viabiliza a formulação de algum conhecimento subjetivo a ser projetado no Mundo 3, mas que sobretudo este é que vem a fecundar prodigiosamente o conhecimento do Mundo 2 através do conhecimento objetivo determinando-lhe, inclusive, as diversas possibilidades teóricas do Mundo 2 ler e interagir com o Mundo 1.

Em síntese, as distinções são que para Platão em seu mundo das Ideias existem palavras, conceitos e significações, enquanto que para Popper, em seu Mundo 3 existem afirmações, teorias e verdade. Para Popper (2002a, p. 65), os elementos constitutivos do mundo das Ideias de Platão são menos importantes do que os de seu Mundo 3, o que fundamentaria a mais importante distinção de sua teoria da do ateniense, embora sua ligação estrutural.

No entanto, Popper (2002a, p. 66) assinala que a fonte teórica de sua proposta não reduz-se apenas a Platão, mas que remete-se também a Bolzano, isto é, a Bernard



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Bolzano, matemático, teólogo e filósofo Tcheco que vivera em entre 1781 e 1848.

Segundo Popper, esse pensador introduziu o que denominou de “mundo das afirmações como tal” que seria real, mas não do mesmo tipo de realidade do mundo físico. Lamentavelmente Bolzano não explicou as relações entre o seu mundo das afirmação como tal e o mundo físico, mas diferentemente da tradição platônica, que multimilenarmente acabou sendo classificada como “fantasiosa” ou, no mínimo, “muito teórica” ou “abstrata”, por ter sido vítima de um grande erro de interpretação anacrônica.

O pensamento de Bolzano teve a vantagem de trazer o mundo das afirmações como tal para o âmbito da realidade, mesmo sem explicar suas interações.

Popper (2002a, p. 67) afirma que aperfeiçoou sua teoria dos três mundos com os trabalhos de Gottlob Frege, que havia assinalado a necessidade de distinguir com rigor os aspectos psicológicos dos lógicos, instando a classificar estes consecutivamente como: o primeiro como “*Processos* do pensamento subjetivo ou atos de reflexão ou, ainda, pensamentos no sentido objetivo”.

O segundo, como “*Conteúdos* do pensamento objetivo ou conteúdos de atos de reflexão ou pensamentos no sentido objetivo.

Segundo Popper (2002a, p. 68), Frege foi o primeiro a propor o terceiro reino (ou Mundo 3) como “(...) o domínio do pensamento objetivo no sentido objetivo. Formado por conceitos e proposições verdadeiras e falsas.” No entanto, Frege não mencionou argumentos. Portanto, de maneira explícita, Popper indica a fonte teórica e histórica de onde procede sua teoria do Mundo 3, isto é, de Platão, de Bolzano e de Frege.

No entanto, tanto quanto Bolzano e Frege, Popper ao vincular-se a esta tradição também depara-se com a tradicional oposição a essa tese, que remonta a Antístenes de Atenas, fundador da escola cínica, aos nominalista medievais, a Hobbes, a Locke, a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Berkeley, a Hume, a Mill, a Russel, que Popper acusa de ser “ambíguo” e à tradição linguística, exceto Bühler. A Hegel, a Husserl e a Dilthey. Estes tendendo ao psicologismo. Finalmente, à tradição monista, positivista lógica, behaviorista e fisicalista da filosofia da mente contemporânea.

Popper (2002a, p. 68) informa que usou pela primeira vez os termos “Mundo 3” em 1966, em um artigo que tinha um outro material como base argumentativa, publicado entre 1933-34. Porém, mesmo depois de tantos anos, ele se classifica no livro como efetivamente “fora de moda”.

Isso se dá no que se refere à corrente majoritária que tenta explicar as relações corpo-mente no sentido monista, fisicalista e reducionista. No entanto, para o filósofo, a sua teoria do Mundo 3 é a única que possibilita lançar alguma luz de certa qualidade sobre a questão corpo-mente.

As características de seu Mundo 3 são: a) autonomia; b) é obra humana; c) é real; d) funciona sob o sistema de dádiva e recebimento, que Popper indica como sendo o efeito de “uma transformação energética”; e) emerge do reino animal, o que levou o filósofo a explicá-lo à luz da teoria da evolução.

Apesar de remeter-se aos trabalhos de Charles Darwin, Popper (2002a, p. 70) compreende que a teoria do britânico não é totalmente adequada, pois ela explica o “(...) aumento global de formas diferentes recorrendo à hereditariedade associada à mutabilidade (...)”.

No intuito de aperfeiçoar a teoria de Darwin, Popper (2002a, p. 71) afirma que os organismo sempre estão a resolver problemas, mesmo durante o sono, constituindo isso a sua primeira tese, isto é, há uma permanente resolução de problemas.

Isso se aplica também às partes dos organismos. Tal resolução de problemas se dá através dos *comportamentos de ensaio*, exibidos no processo de eliminação de erros, ocorrendo de maneira infinita.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Os indivíduos semelhantes seriam o que Popper (2002a, p. 71) denomina de “armas das espécies”, considerando por este termos (espécie) como algo abstrato que quer dizer “a abrangência de todos os indivíduos do mesmo grupo taxionômico.

As espécies produzem os elementos que a compõem pela mistura do material genético hereditário e por meio do ensaio os gêneros de formas individuais são formados.

Popper não crê em uma ação aleatória ou acidental das composições genéticas hereditárias. Acredita que os comportamentos de ensaio eliminam com rapidez e sempre se relacionam com a resolução de um problema específico, dando-se o mesmo no que tange à relação dos indivíduos com as espécies, no processo de seleção natural ou qualquer outro pelo qual tal ação se dê durante a conquista do meio ambiente pela espécie.

Nesse sentido, o que chama a atenção de Popper na teoria da evolução é o que ele denomina de “arma comportamental”, pois segundo ele (2002a, p. 74) tratam-se do “(...) verdadeiro motor de todo o desenvolvimento, constituindo-se na genuína entrada para onde tentamos penetrar. (...).

É por isso que na teoria de Popper, aproveitando-se da teoria da evolução de Darwin, “(...) o comportamento é mais importante do que a anatomia. (...) Para explicar a evolução (...)”. O que Popper chama de “arma comportamental” é o elemento da teoria evolutiva a partir do qual tudo o mais deriva, inclusive qualquer mudança anatômica, pois segundo o filósofo, são decisivas, em particular, as nossas preferências.

Porque se qualquer característica ou uma especificação do comportamento perdurar por uma certa quantidade de tempo, pode vir a se tornar o que Popper (2002a, p. 74) denomina de “tradição”, isto é, vir a tornar-se um comportamento preferencial dentre uma imensa gama de outras possibilidades.

Na medida em que tal comportamento torna-se tradicional, isto é, um dado



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modelo comportamental é assumido enquanto padrão, segundo o filósofo, pode dar-se o que vem a chamar de “implantação hereditária” dessa característica, por meio de pequenas, mas reais mutações anatômicas para que se obtenha o sucesso para se alcançar a tal postura comportamental eleita pelo organismo como tradicional.

Nesse sentido, para Popper, as mutações só vem a se dar se a tradição não tiver outras hipóteses viáveis, o que viria a impedir a especialização da implantação hereditária rumo à perfeição do que o organismo adotou como sua preferência.

Note-se aqui que Popper necessariamente parte de um princípio voluntarista (liberdade) do estabelecimento de alguma preferência. Por exemplo, alimentar, que o organismo vem a adotar como meta a ser satisfeita e nessa medida, configura seu relacionamento para com o seu meio ambiente estabelecendo-se os parâmetros de satisfação e preparando-se estratégica e comportamentalmente para atender às suas necessidades.

Infere-se assim, a aceitação do filósofo de algum grau de consciência e intencionalidade do organismo enquanto arma comportamental da espécie.

No caso humano isso não traz estranhamento, em especial devido às explicações que Popper fornece a respeito da psicologia humana enquanto postura comportamental observável, que estabelece a demonstração objetiva das interações que o Mundo 2 estabelece entre os Mundos 1 e 3. No entanto, e quanto ao animal ou, ainda, os vegetais, no sentido de espécimes?

No livro, Popper menciona apenas o caso dos animais e que por possuírem linguagem, enquanto organismos que acessam algo do Mundo 3, devem possuir alguns graus de consciência e de liberdade. Porquê, efetivamente verificam-se comportamentos intencionais em determinados indivíduos de certas espécies, cuja a tradição descreve o mesmo caminho que Popper afiança ao estabelecimento de implantes hereditários aos homens.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ora, em se considerando a implantação hereditária de alguma especialização como de imenso valor de sobrevivência ao longo de um substancial período de tempo, Popper com isso afirma que as implantações hereditárias tem uma base genética que devido ao tempo de exposição voluntária do organismo, na resolução de problemas ambientais para alcançar o que estabeleceu enquanto parâmetro de satisfação, dão-se mudanças anatômicas.

Enquanto especializações comportamentais, podem ser uma imensa vantagem momentânea, mas simultaneamente, preestabelece o que Popper denomina de “armadilha”, pois ao se especializar em dada situação mais ou menos voluntariamente, desde que venham a se alterar as condições ambientais, põem-se em risco os indivíduos que compõem essa espécie.

Portanto, a fim de se inventariar o exposto até ao momento estabelecer-se-á as distinções entre as teorias de Popper e a de Darwin.

Para Darwin, a sua teoria da evolução por meio da seleção natural se refere à sobrevivência em geral e em específico menciona a luta dos indivíduos de todas as espécies pela sobrevivência.

Para Popper, sua teoria foca-se em problemas bem específicos, por exemplo, a preferência a se consumir certo tipo de alimento.

O problema gerado por essa preferência comportamental do organismo estabelece a necessidade de se propor alguma teoria experimental para que através do processo de eliminação de erros chegue a um novo conjunto de problemas, pois a eliminação de erros não é uma mera luta pela sobrevivência entre os indivíduos, mas implica a necessidade de se evitar alguns comportamentos para se alcançar o objetivo de se solucionar os problemas em questão.

Nesse sentido Popper propõe a sua teoria da emergência de novas formas, que surgem enquanto armas da espécie para dominar seu meio ambiente, na posição de



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

soluções experimentais. Ao atingir a resolução de tal problema, logo se mostram novos desafios ambientais e nessa medida, os novos problemas surgem no âmbito da evolução, tendo como base o comportamento e as inovações comportamentais, na medida em que se caracterizam como a verdadeira arma evolutiva.

Portanto, o desenvolvimento de novos objetivos comportamentais dos indivíduos e das espécies assinalam suas preferências e capacidades de satisfazê-las. Tal situação gera modelos comportamentais que aumentam ou diminuem o que Popper denomina de “base genética do comportamento”.

O que implica o aparecimento de um novo problema de sobrevivência que dado as suas características promovem a adaptabilidade através da especialização genética.

A teoria de Popper tem no comportamento do organismo individual, das espécies, dos gêneros ou o que Popper chama dos *phyla*, o verdadeiro motor da evolução.

O comportamento do organismo ante os desafios ambientais pela sobrevivência, portanto, tem parte de sua base na composição genética de caráter hereditário e parte na amplitude de reações comportamentais possíveis, que podem ser encaradas como teorias experimentais.

A preferência que os organismos desenvolvem por meio de seu comportamento é considerada como um elemento crucial para a manutenção da qualidade da tradição, isto é, a preferência vem a determinar o direcionamento que a tradição adota e nesse particular a implantação hereditária apenas se estabelece, na medida em que após um longo período de tempo em que o organismo se mantém inalterado efetua-se alguma modificação anatômica.

Isso se dá apenas se não estiverem disponíveis outros modelos comportamentais, o que acaba por comprometer a segurança existencial do organismo e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da espécie, na medida em que houver qualquer modificação ambiental.

O comportamento depende da hereditariedade em maior ou menor grau, pois os comportamentos sempre visam a solucionar problemas ambientais e existenciais. O comportamento, nesse sentido é a tradição que vem a constituir-se em teorias experimentais ou no que Popper chama de “armas dos indivíduos ou das espécies”.

Sua teoria não contém a ideia de previsão da adaptabilidade, mas por outro lado ela implica na ideia de anadaptabilidade. Por isso, a implantação genética de uma especialização pode vir a tornar-se letal no futuro, mesmo que haja algum sucesso durante algum tempo, mas depois pode redundar em extinção num futuro breve.

Disso decorre a teoria de Popper que atesta que a ascensão genética consiste numa tendência para um aumento da variedade para espécies cada vez mais diferenciadas, ao invés do que afirma Darwin, que defendia ser a ascensão genética geral. Coisa que Popper acredita não existir.

Nesse sentido, apenas diante do surgimento de novos problemas ocorrem modificações comportamentais que implicam na elaboração ou adaptação de novas tradições, que tenderão ou não, com o passar do tempo e a variedade de opções, à especialização com alguma modificação anatômica.

É importante compreender que nessa teoria de Popper os novos problemas emergem dos problemas ambientalmente dados e das preferências que os organismos adotam e, portanto, com o surgimento de novos problemas e estes pouco lembram os problemas originais.

Com isso se encerra esse artigo sobre o pensamento de Popper a respeito do conhecimento e o problema corpo-mente, ressaltando-se que no processo de interatividade entre seus três mundos, mediatizados na e pela linguagem, os processos de adaptabilidade ou anadaptabilidade dos indivíduos e espécies aos desafios de seu meio ambiente proporcionam um constante sistema existencial interacionista e





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

emergentista de propensões.

A tônica motivacional dessas interações é o aparecer de inusitadas questões que podem ou não se tornar uma mudança anatômica, determinando-se o extinguir ou as transformações necessárias à subsistência dos indivíduos ou espécies, a partir do comportamento preferencial em questão.

Desse ponto comportamental preferencial elementar constata-se, então, em Popper, que a linguagem é simultaneamente o elemento de aproximação e de distinção, no reino animal, entre a humanidade e as demais espécies.

Pois ao homem, por meio de suas interações existentes entre os Mundos 1, 2 e 3, diferentemente dos animais, o que fica em jogo diante de uma testagem existencial são suas teorias. Podendo essas serem executadas e inócuas sem que se comprometa a vida de seu enunciante.

Quanto aos demais demais viventes, a questão é estrita e imediatamente determinante, pois literalmente é tudo ou nada que está envolvido. Donde conclui-se com Popper (2002a) que o conhecimento subjetivo mais recebe do que dá ao objetivo, na medida em que enquanto estratégias de dominação do ambiente calcadas na e pela linguagem, o Mundo 3 mais e mais amplifica e condiciona a estruturação da realidade aos Mundos 2 e 1.

### **Referências**

JAPIASSU, H. & MARCONDES, D. . **Dicionário básico de filosofia** . Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

PLATÃO . **Fédon** . São Paulo: Abril Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_ . **Fedro** . Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/ d.

POPPER, K. R. **O conhecimento e o problema corpo-mente** . Lisboa: Edições 70, 2002a.

\_\_\_\_\_ . **The world of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment** . London and New York: Routledge, 2002b.

PROVETTI JR., J. . **A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental** .



*ΙΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Umuarama: JPJ Editor, 2011.

\_\_\_\_\_. **O dualismo *psyché-sôma* em Platão** . Campos dos Goytacazes: UENF. Dissertação apresentada como quesito de conclusão do mestrado em Cognição e Linguagem, 2007. Disponível no sítio [http://www.pgcl.uenf.br/2013/pdf/COGNICAO\\_6587\\_1268069635.pdf](http://www.pgcl.uenf.br/2013/pdf/COGNICAO_6587_1268069635.pdf)

\_\_\_\_\_. **A alma na Grécia: a origem do indivíduo** . Rio de Janeiro: UERJ. Monografia apresentada como quesito de conclusão de curso de graduação em Filosofia. Circulação restrita, 2000.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **Observatório das Artes do IFPR: uma ferramenta de apoio para acompanhar a produção artística e cultural na instituição**

**Por:** Luciana Milcarek66  
luciana.milcarek@ifpr.edu.br

### **Resumo**

O artigo apresenta os resultados obtidos do mapeamento cultural realizado com os professores de Arte, do Instituto Federal do Paraná (IFPR) o qual é parte integrante do Projeto de Pesquisa “*Arte e Cultura no IFPR: uma perspectiva de otimizar a aprendizagem e as relações humanas na Educação Profissional e Tecnológica.*” O projeto abrange os Eixos Tecnológicos de Desenvolvimento Educacional e Social, Produção Cultural e Design e Informação e Comunicação, envolvendo duas principais áreas do conhecimento, sendo: Linguística, Letras e Artes (Subárea: Artes), Ciências Humanas (Subárea: Educação / Especialidade: Tecnologia Educacional) e visa resgatar a promoção e concretização de atividades culturais e artísticas nos *Campi* do Instituto Federal do Paraná (IFPR) a partir do levantamento referente a realização de projetos de pesquisa e/ou extensão, na área de Arte e Cultura. A coleta de dados referente aos projetos de Extensão e de Pesquisas realizadas no IFPR, entre os anos de 2010 a 2016 foi realizada pela Plataforma *Stela Experta*, com arquivo gerado em 13/12/2016, sendo a última atualização dos currículos *Lattes* na Plataforma em 05/12/2016 e durante o ano de 2017, a coleta foi realizada com utilização de Formulário Eletrônico (*Google Form*) disponibilizado via e-mail, para que os professores de Arte, inserissem dados referentes aos projetos realizados em seus respectivos campus. Deste mapeamento cultural resultou o Observatório das Artes do IFPR que consiste em um espaço virtual, elaborado para divulgação tanto das atividades artísticas e culturais, como outros assuntos relacionados,

---

66 Mestra em Engenharia da Produção, na área de Mídia e Conhecimento com ênfase nas Tecnologias Educacionais, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Especialista em Metodologia de Ensino de Arte pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, Graduada em Tecnologia de Gestão Pública pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR, Graduada e Licenciada em Educação Artística pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP. É servidora pública federal, Técnica em Assuntos Educacionais, do Instituto Federal do Paraná – IFPR, lotada no campus de Campo Largo/ PR. É pesquisadora colaboradora do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR, atuando na Linha de Pesquisa de Educação, Cognição e Linguagem. Coordenou o Projeto de Pesquisa Arte e Cultura no IFPR: uma perspectiva de otimizar a aprendizagem e as relações humanas na Educação Profissional Tecnológica ( Maio 2016/Maio 2018) do qual resultou o Observatório das Artes do IFPR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

proporcionando um resgate histórico que contribuirá para que as ações sejam disseminadas, desenvolvendo um olhar – sensível, estético, criativo – e a reflexão sobre sua própria identidade, seus valores e os conhecimentos construídos na Educação Profissional e Tecnológica.

**Palavras-chave:** Arte; História; Tecnologia; Educação.

### **Resumo**

*La artikolo prezentas la rezultojn akiritajn de la kultura mapado farita kun artaj instruistoj de la Federacia Instituto de Paraná (IFPR) kiu estas integra parto de la Esploro-Projekto "Arto kaj Kulturo ĉe IFPR: perspektivo de optimumigado de lernado kaj homaj rilatoj." en Vokacia kaj Teknika Edukado. "La projekto kovras la Teknologiajn Aksojn de Eduka kaj Socia Disvolviĝo, Kultura Produktado kaj Dezajno kaj Informo kaj Komunikado, kun du ĉefaj scioj: lingvistiko, leteroj kaj artoj (subaro: artoj), homaroj (Subareo: Edukado / Specialaĵo: Teknologia Teknologio) kaj celas savi la akceladon kaj efektivigon de kulturaj kaj artaj agadoj ĉe la Federacia Instituto de Paraná (IFPR) kampuso surbaze de la enketo pri esplorado kaj / aŭ etendaĵoj en la areo. de Arto kaj Kulturo. Kolektado de datumoj pri la Ampleksaj kaj Esplorprojektoj efektivigitaj ĉe IFPR, de 2010 ĝis 2016, estis realigita de la Stela Experta Platformo, kun dosiero generita la 13/12/2016, estante la plej nova ĝisdatigo de la programoj Lattes en la Platformo. 05/12/2016 kaj dum 2017, la kolekto estis farita per la elektronika formularo (Google Form) disponebla per retpoŝto, por artinstruistoj enigi datumojn pri la projektoj efektivigitaj en iliaj respektivaj kampusoj. Ĉi tiu kultura mapado rezultigis la IFPR-Observatorion pri Artoj, kiu konsistas el virtuala spaco, destinita por la disvastigo de kaj artaj kaj kulturaj agadoj, same kiel aliaj rilataj temoj, provizante historian savadon, kiu kontribuos al la disvastigo de agoj, disvolvante sentivan aspekton. , estetika, kreema - kaj la pripensado pri sia propra identeco, iliaj valoroj kaj la scio konstruita en Vokacia kaj Teknologia Eduko.*

**Ŝlosilvortoj:** Arto; Historio; Teknologio; Edukado.

### **Abstract**

*The article presents the results of the cultural mapping carried out with the professors of Art, from the Federal Institute of Paraná (IFPR), which is an integral part of the Research Project "Art and Culture at the IFPR: a perspective to optimize learning and human relations in Professional and Technological Education." The project covers the Technological Axes of Educational and Social Development, Cultural Production and Design and Information and Communication, involving two main areas of knowledge:*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*Linguistics, Letters and Arts (Subarea: Arts), Humanities (Subarea: Education / Specialization: Educational Technology) and aims to rescue the promotion and accomplishment of cultural and artistic activities in the Campuses of the Federal Institute of Paraná (IFPR) based on the survey regarding the accomplishment of research and / or extension projects in the area of Art and Culture. The collection of data related to Extension and Research projects carried out at IFPR between 2010 and 2016 was carried out by the Stela Experta Platform, with a file generated on 12/13/2016, the last update being the Lattes curriculum in the Platform in 05/12/2016 and during the year 2017, the collection was made using an Electronic Form (Google Form) made available by e-mail, so that Art teachers could insert data referring to the projects carried out in their respective campus. This cultural mapping resulted in the IFPR 's Arts Observatory, which consists of a virtual space, designed to disseminate both artistic and cultural activities and other related issues, providing a historical rescue that will contribute to the dissemination of actions, developing a sensitive view, aesthetic, creative - and the reflection on its own identity, its values and the knowledge built in Vocational and Technological Education.*

**Keywords:** Art; History; Technology; Education.

### **Introdução**

Nas concepções e diretrizes dos Institutos Federais<sup>67</sup>, um novo arranjo educacional é proposto visando abrir novas perspectivas para o ensino, por meio de uma combinação do ensino de ciências naturais, humanidades e educação profissional e tecnológica. (PACHECO, 2011, p.50)

A partir da problemática de como a Arte e a Cultura podem otimizar a aprendizagem e as relações humanas na Educação Profissional e Tecnológica, em 2016 foi iniciado o projeto de pesquisa: “*Arte e Cultura no IFPR: uma perspectiva de otimizar a aprendizagem e as relações humanas na Educação Profissional e Tecnológica.*”

Com base nos Princípios da Tecnologia Social onde está implícita a crença na

---

67 A criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia ocorreu com a Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

capacidade do indivíduo e o respeito à sua cultura, entende-se que somente por meio da compreensão da cultura local e da participação efetiva do indivíduo é possível gerar transformação social. (FREITAS; SEGATTO, 2014, p.313)

Como nas concepções dos Institutos Federais encontram-se questões como a de firmar-se como um efetivo polo cultural e de que a Arte deverá ser incentivada e fazer parte da formação dos alunos, o desenvolvimento desta pesquisa é conduzido com base nos pressupostos teóricos metodológicos da pesquisa qualitativa por se tratar de uma abordagem que ressalta a importância da experiência vivida e não na generalização.

A mera observação não é levada em conta, mas sim uma observação intencionalizada, orientada e seletiva que busca criar um quadro de referências. (CABRAL, 2016)

Considerando ainda o modelo hipotético-dedutivo onde segundo Popper<sup>68</sup>, a busca do conhecimento não se dá a partir da simples observação de fatos e inferência de enunciados, mas pressupõe um interesse do sujeito em conhecer determinada realidade que o seu quadro de referências já não mais satisfaz, realizou-se um mapeamento cultural referente a realização de projetos de pesquisa e/ou extensão, no âmbito do IFPR que visam o estímulo e promoção de atividades culturais e artísticas, para o reconhecimento cultural e artístico no IFPR, buscando tais informações com o grupo de professores de Arte. A ação busca dar mais visibilidade e fomentar a articulação entre servidores, artistas, agentes culturais, gestores e espaços culturais onde o IFPR está presente.

A pesquisa qualitativa se volta para a compreensão e interpretação de dados e discursos de seus participantes e supõe um contato direto do pesquisador com o ambiente e situação investigada, dependendo da relação entre observador e observado e

---

68 Karl Raimund Popper (Viena, 28 de julho de 1902 — Londres, 17 de setembro de 1994) foi um filósofo da ciência austríaco naturalizado britânico. É considerado por muitos como o filósofo mais influente do século XX a tematizar a ciência.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

repousando sobre a interpretação e técnicas de análise do discurso (D'AMBRÓSIO, 2004, p. 12-13).

Entende-se que tais ações comunitárias inclusivas e interculturais sendo disseminadas, motivam quanto às novas formas da construção do processo cognitivo, crítico e criativo da comunidade acadêmica e desenvolvem um olhar sensível – estético, a percepção, a criatividade e a reflexão sobre sua própria identidade, seus valores e os conhecimentos construídos na Educação Profissional e Tecnológica.

### ***Plataforma Stela Experta***

A *Stela Experta*© foi criada pela mesma equipe que desenvolveu a Plataforma Lattes para o CNPq. O domínio desse conhecimento foi essencial para oferecer a melhor e mais completa solução de apoio à gestão estratégica de informações em CT&I.

A Plataforma *Stela Experta* tem como objetivo ofertar às Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras serviços de apoio estratégico nas áreas de gestão de ensino, pesquisa, extensão e inovação.

A ferramenta integra automaticamente os dados dos currículos *Lattes* de professores, pesquisadores, alunos e colaboradores da instituição de modo a apoiar a implementação de políticas de gestão, além de possibilitar a contextualização desses dados de acordo com a nomenclatura utilizada pela própria instituição.

O *Stela Experta* – IFPR é uma ferramenta de gestão do conhecimento institucional empregada na busca de potencialidades para o Ensino, a Pesquisa e a Extensão e que integra os dados dos Currículos *Lattes* dos servidores do IFPR, de modo a apoiar a implementação de políticas de gestão, além de possibilitar a contextualização desses dados de acordo com a nossa necessidade.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A produção, o desenvolvimento e a difusão do conhecimento científico estão nos fundamentos do Estatuto do IFPR (vide Art. 3º a 5º; 35º a 37º)<sup>69</sup>. Dentre as formas de registro e monitoramento da produção institucional está o preenchimento do Currículo Lattes, oportunizando oficialidade e publicidade das atividades do servidor que atua nesta autarquia educacional.

O Currículo *Lattes* de cada servidor (os quais são estimulados a sua constante atualização em tempo nunca superior a 6 (seis) meses), e as informações fornecidas pela própria instituição fomentam a Plataforma para contextualizar os dados no ambiente institucional e assim disponibilizar novos indicadores e opções de consulta.

Com a ferramenta, é possível identificar quem são as pessoas que detêm o conhecimento sobre determinado assunto e quais têm sido os temas prioritários de trabalho na instituição. Assim, é possível fazer consultas em quatro grandes grupos:

Pessoas (Encontrar especialistas na instituição, descobrir o seu perfil e os temas com os quais atuam);

Produções (Conhecer as produções da instituição, descobrir o perfil e os principais temas das publicações);

Projetos (Conhecer os projetos desenvolvidos na instituição, descobrir o perfil e os principais temas desses projetos);

Grupos de Pesquisa (Conhecer os grupos de pesquisa montados na instituição, descobrir o perfil e os principais temas desses grupos).

Além disso, utilizando filtros como: ano de início e ano de fim do trabalho; natureza; situação da pesquisa; nomes dos participantes; titulação máxima do participante; formação; curso de atuação do pesquisador; lotação institucional; número de patentes por área / por campus / por pesquisador, entre outros itens. O *Stela Experta*

---

<sup>69</sup> Os documentos institucionais citados neste artigo estão disponíveis em : <http://reitoria.ifpr.edu.br/>.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

– IFPR também gera e exporta gráficos e planilhas a partir das buscas feitas.

Nas instituições de ensino e pesquisa, a gestão estratégica constitui-se em processo vital quando destinada ao avanço da produtividade científica, à melhoria da qualidade dos cursos oferecidos e ao apoio às demandas intelectuais da sociedade.

Para a realização da coleta de dados, utilizou-se inicialmente a Plataforma *Stella*, da qual foram extraídos dados a partir do Currículo *Lattes* dos servidores, no que se refere a realização de projetos de pesquisa e extensão na área de Arte e Cultura. A partir do primeiro levantamento, verificou-se a inconsistência que pode ocorrer, tendo em vista a forma de preenchimento do currículo. Não tendo palavras chaves específicas, o sistema não consegue reconhecer alguns dados importantes como formação específica e projetos. Mediante a planilha extraída, optou-se por uma segunda coleta de dados utilizando-se um formulário eletrônico elaborado no *Google Form*, para auxiliar na análise dos dados.

Com a revisão da metodologia e readequação dos encaminhamentos, priorizou-se delimitar a pesquisa aos professores de Artes do IFPR, sendo encaminhado o link do formulário eletrônico para a lista de e-mail destes.

O banco de dados tornou-se parte integrante do Observatório das Artes do IFPR<sup>70</sup> que visa contribuir com a universalização das informações e disponibilizando as potencialidades artísticas e culturais da instituição.

### **A criação do Observatório**

Um “Observatório” é um dispositivo de observação criado por organismos, para acompanhar a evolução de um fenômeno, de um domínio ou de um tema estratégico, no tempo e no espaço. Na origem de um observatório deve existir uma

---

70 O Observatório das Artes do IFPR poderá ser acessado a partir do 2º semestre de 2018, pelo link na página principal da Reitoria ou diretamente no endereço: <http://reitoria.ifpr.edu.br/observatorio-das-artes/> pois no fechamento deste artigo a cerimônia oficial de lançamento estava sendo organizada.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

problemática que possa ser traduzida sob a forma de objetivos, que permitam definir indicadores, cujo cálculo necessita a integração de dados e permita a realização de sínteses.

No contexto acadêmico, esta expressão ganhou espaço na denominação de grupos de pesquisa sociais, focados em diagnosticar quali e quantitativamente os resultados de projetos, ações e práticas sociais.

Os resultados esperados com o desenvolvimento de um Observatório, em linhas gerais são disponibilizar a informação; desenvolver uma cultura de gestão de busca e uso da informação para finalidades de políticas e tomada de decisão; motivar a buscar ainda mais informação e aumentar sua utilidade, o que facilita um melhor uso do Observatório e uma melhor capacidade de resposta.

O projeto de pesquisa iniciou com necessidades de pesquisa teórica, definições de metodologias e decisões nas tomadas de encaminhamentos. Na fase de diagnóstico da realidade artística cultural no âmbito institucional, uma das etapas previstas no cronograma, a coleta de dados de ações e projetos de extensão e pesquisa no âmbito do IFPR foi delimitada aos professores de Artes da instituição, tendo em vista as sugestões vindas da participação na Comissão Institucional de Cultura<sup>71</sup> que ampliaram a importância da realização do mapeamento cultural.

O Observatório das Artes do IFPR em sua primeira versão ( a ser disponibilizado no 2º semestre de 2018), além da lista de projetos mapeados no período de 2010 a 2017, contém informações sobre: Agentes Culturais (com mapa interativo do Paraná e a distribuição dos *Campi*, onde é possível localizar nome e contato dos professores de artes, agentes culturais e pesquisadores); Calendário de Eventos; Cursos

---

<sup>71</sup> Em maio de 2016, a Pró-Reitoria de Extensão, Pesquisa e Inovação (PROEPI), por meio da Diretoria de Extensão, Inclusão e Cultura (DIEXT), tornou público o RESULTADO FINAL do Edital PROEPI nº 05/2016, com os nomes dos servidores e alunos do Instituto Federal do Paraná (IFPR) e membros externos para compor a Comissão de Cultura com o objetivo de elaborar o Plano Institucional de Cultura do IFPR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ofertados na Área de Arte e Cultura nos diversos *Campi* do IFPR; Materiais sobre Arte e Cultura ( Bibliografia, legislação, links, outros); Projetos de Pesquisa; Projetos de Extensão; Políticas Institucionais de Cultura e Políticas Públicas de Cultura (Figura 1. Layout da página principal do Observatório das Artes do IFPR).

The screenshot shows the main page of the Observatório das Artes website. At the top, there is a navigation bar with links for 'Nossos Cursos', 'Conheça os Campi', and 'Fale Conosco', along with a search bar labeled 'Google Pesqui'. Below the navigation bar, the page title is 'Página Principal » Observatório das Artes'. The main content area features a large orange banner with the logo 'OBSERVATÓRIO DAS ARTES'. Below the banner, there is a welcome message: 'Bem-vindo ao Observatório das Artes do Instituto Federal do Paraná'. The text describes the observatory's mission: 'O Observatório das Artes do IFPR consiste no espaço de divulgação das atividades propostas e da criação de tempos e espaços que utilizam a Arte, contribuindo assim na formação de mediadores culturais capazes de fomentar e planejar projetos artísticos e culturais em que ações comunitárias inclusivas e interculturais sejam disseminadas, motivando quanto às novas formas da construção do processo cognitivo, crítico e criativo da comunidade acadêmica e desenvolvendo um olhar sensível – estético, a percepção, a criatividade e a reflexão sobre sua própria identidade, seus valores e os conhecimentos construídos na Educação Profissional e Tecnológica.' Below this text is a button that says 'Saiba mais sobre o Observatório'. At the bottom, there is a grid of eight icons representing different services: 'Agentes Culturais', 'Calendário de Eventos', 'Cursos Ofertados na Área', 'Materiais sobre Arte e Cultura', 'Projetos de Pesquisa', 'Projetos de Extensão', 'Políticas Institucionais de Cultura', and 'Políticas Públicas de Cultura'. On the left side of the page, there is a sidebar with several menu items: 'OBSERVATÓRIO DAS ARTES', 'Saiba mais sobre o Observatório das Artes', 'Licitações', 'SISTEMAS', 'Inventário', 'Acesso à Informação', and 'Portal da transparência'.

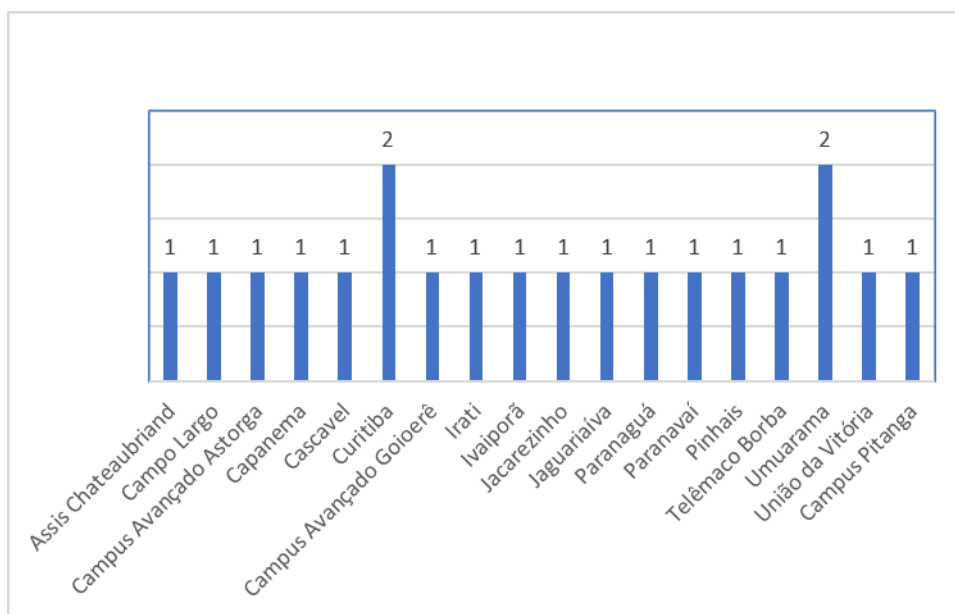
Quanto à pesquisa realizada, os dados obtidos foram parciais, mas para ampliar a participação, o formulário eletrônico ficará permanente na página para inclusão de novos dados à medida que a comunidade acadêmica participar, colaborando com a inserção destes, no item denominado Quero Me Cadastrar. Com isto, a participação estará aberta a toda comunidade acadêmica interna e a agentes culturais externos. O Observatório da Arte só será completo, se houver participação dos envolvidos no preenchimento do formulário, pois é construído de forma colaborativa e coletiva.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em relação à análise de alguns dados resultantes da pesquisa, foi encaminhado o link do formulário eletrônico para um total de 44 professores, totalizando 20 o número de participantes que preencheram o formulário, no período correspondente a setembro a dezembro de 2017, representando 18 Campus, conforme o Gráfico 1. Campus participantes no mapeamento cultural.

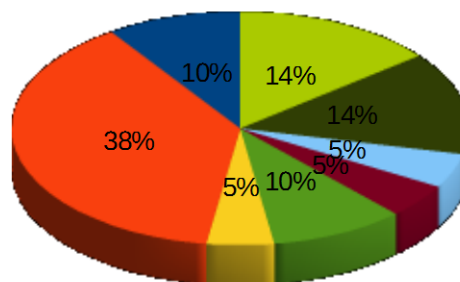


Em relação à formação acadêmica dos 20 professores de Artes participantes destacam-se 38% em Artes Visuais, 14% em Teatro, 14% em Música, entre outras áreas conforme o Gráfico 2. Áreas de Formação Acadêmica.



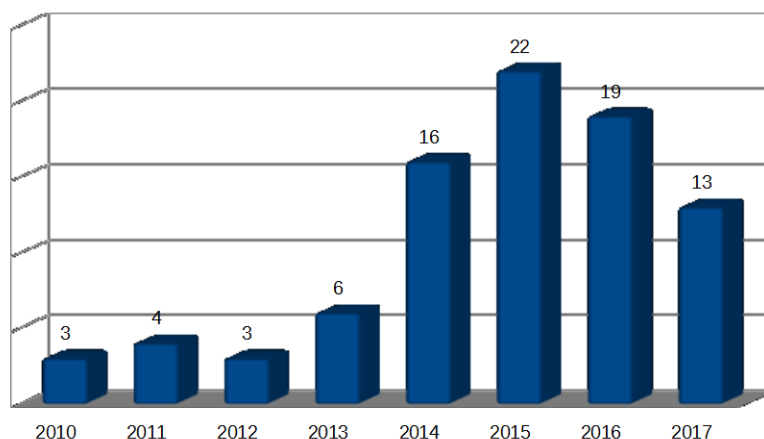
**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



- Artes ( Não especificado)
- Artes Visuais
- Áudio e Vídeo
- Design
- Educação Artística com Habilitação em Música
- Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas
- Música
- Teatro

Referente aos projetos de extensão na área de Arte e Cultura realizados entre o período de 2010 a 2017, conforme citado pelos participantes do mapeamento cultural, no ano de 2015 houve um significativo aumento das ações, conforme demonstra o Gráfico 3. Quantitativo de projetos de extensão realizados entre 2010 e 2017.

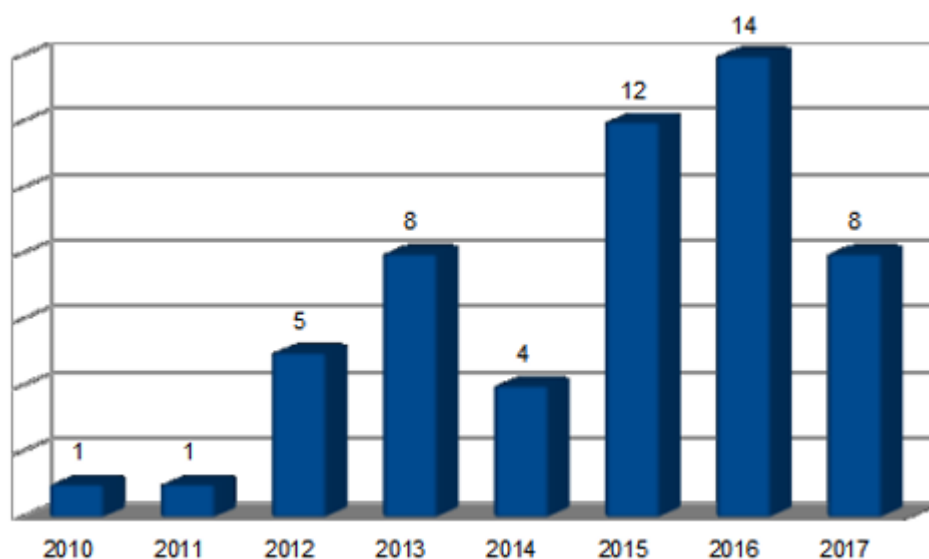




*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referente aos projetos de pesquisa na área de Arte e Cultura realizados entre o período de 2010 a 2017, conforme citado pelos participantes do mapeamento cultural, no ano de 2016 houve o maior número de registros, conforme demonstra o Gráfico 4. Quantitativo de projetos de pesquisa realizados entre 2010 e 2017.



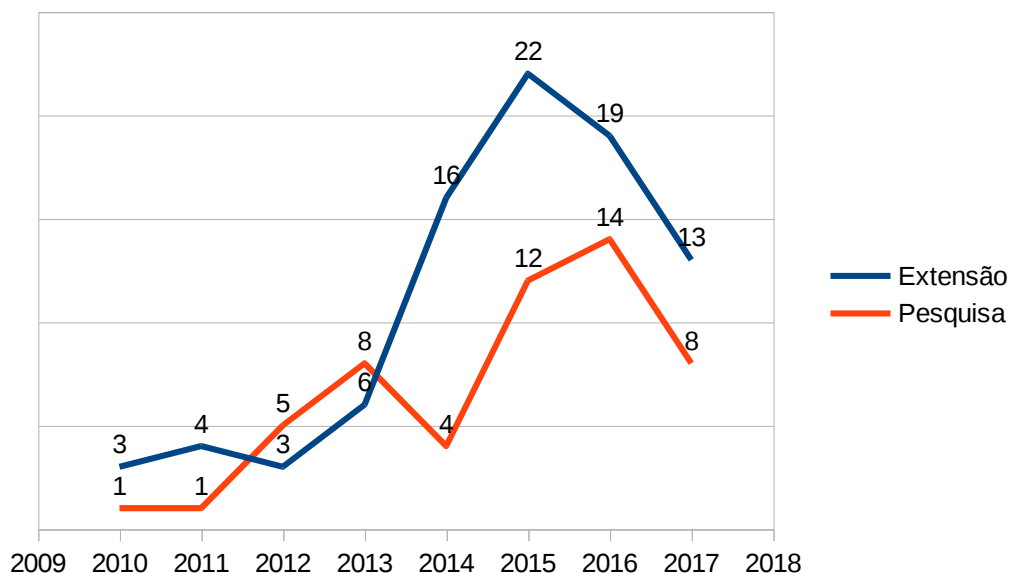
No decorrer da pesquisa sendo o enfoque a realização de projetos de pesquisa e extensão na área de Arte e Cultura no período de 2010 a 2017, verificou-se que no respectivo período, houve um aumento não só na produção cultural e artística, como no número de professores da área de Artes, nos diferentes Campi, a partir do ano de 2014, com a realização de concursos específicos.

Com os dados coletados nesta pesquisa, as ações envolvendo projetos de extensão aparecem em número mais significativo conforme Gráfico 5. Projetos de Extensão e Pesquisa mapeados na área de Arte e Cultura realizados entre 2010 a 2017 no IFPR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



Conforme mencionado, apesar da conclusão da pesquisa, o Observatório será uma ferramenta com atualização permanente, sendo ampliados os itens de sua composição para utilização no âmbito institucional, bem como espera-se a participação dos professores de Artes, Agentes Culturais e Pesquisadores na área de Arte e Cultura, inserindo assim novas informações a serem compartilhadas, demonstrando a produção artística e cultural no IFPR.

### Considerações Finais

A criação do Observatório das Artes do IFPR constitui um espaço para busca, registro, arquivo, divulgação, entre outras ações referentes à produção artística cultural institucional.

Após a conclusão da pesquisa, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão, Pesquisa, Pós-graduação e Inovação ( PROEPPPI ) que tem como objetivo o planejamento, a estruturação e o desenvolvimento das políticas de incentivo às



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

atividades de extensão social e tecnológica, pesquisa científica e aplicada, inovação e propriedade intelectual e pós-graduação em toda rede formada pelos *Campi* do IFPR, o Observatório das Artes ficará vinculado a Diretoria de Extensão, Arte e Cultura (DIEXT), iniciando novas metas para o Observatório de Artes do IFPR.

Um breve relato da criação dos Núcleos de Arte e Cultura do IFPR como política institucional, os mesmos aparecem primeiramente no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2014/2018 (Revisão 2017/2018), aprovada pela Resolução nº 13 de 24/03/2017, nas Políticas de Cultura (pág. 68-71), foram então propostos no I Encontro de Professores de artes do IFPR, que ocorreu em 31/08/2017 e 01/09/2017, na Casa da Cultura de Astorga, onde na sequência foi elaborada uma minuta de Regulamentação dos Núcleos de Arte e Cultura do IFPR no I Encontro de Arte e Cultura do IFPR, que ocorreu durante o VI Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação do IFPR – VI SE2PIN, a qual foi aprovada pela Resolução nº 69 de 13/12/2017, do Conselho Superior do IFPR.

Diante deste cenário, os Núcleos terão a tarefa de fomentar, valorizar e fortalecer a formação, a difusão, a articulação, a produção e a fruição artística e cultural, assessorando na interlocução da gestão da política artística e cultural da instituição, articulada ao Ensino, Pesquisa e Extensão e o Observatório das Artes se torna uma ferramenta de apoio, favorecendo a integração de uma rede de participantes e sistemas específicos para compartilhar informação e prover o gerenciamento e distribuição da informação.

O Observatório das Artes do IFPR poderá contribuir na construção de uma rede de saberes que entrelaça arte, cultura, trabalho, ciência e tecnologia em favor das comunidades locais (interna e externa), identificando-se com a concepção dos Institutos Federais que é o da atuação em rede e





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

revelando-se um espaço privilegiado de aprendizagem, pesquisa e extensão, utilizando a transferência de tecnologias, as quais são capazes de gerar mudanças nas relações humanas.

### Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei no 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 dez. 2008, Seção 1, p. 1.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Concepção e Diretrizes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia**. Brasília: MEC/SETEC, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Cultura. **Plano Nacional da Cultura**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/plano-nacional-de-cultura-pnc->>. Acesso em: 27 de junho de 2018.

CABRAL, J. F. P. **A concepção de ciência de Karl Popper**. In: Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/filosofia/a-concepcao-ciencia-karlpopper.htm>>. Acesso 28.06.2018.

D'AMBROSIO, U. Prefácio. In: **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática. Coleção Tendências em Educação Matemática**. São Paulo: Editora Autêntica, 2004.

FREITAS, C. C. G; SEGATTO, A. P. **Ciência, tecnologia e sociedade pelo olhar da Tecnologia Social: um estudo a partir da Teoria Crítica da Tecnologia**. Cadernos EBAPE.BR. Rio de Janeiro, v.12, nº 2, p. 302-320, abr./jun. 2014.

PACHECO, Eliezer (Org.) **Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. São Paulo: Moderna, 2011.

SANTOS, W. Jr. P. **O princípio da Falseabilidade e a noção de ciência de Karl Popper**. In: Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/filosofia/o-principio-falseabilidade-nocao-ciencia-karlpopper.htm>>. Acesso em 28.06.2018.

SILVA, G. C. **A Teoria Crítica da Tecnologia e a Educação**. In: 4º GETIC Seminário de Gestão do Conhecimento em Educação e Tecnologia da Informação. UNICAMP 2005. Disponível em:

< [www.fe.unicamp.br/getic/arquivos/Apres\\_Gildemarks\\_Costa\\_e\\_Silva.pdf](http://www.fe.unicamp.br/getic/arquivos/Apres_Gildemarks_Costa_e_Silva.pdf) > Acesso em: 28.06.2018.

*Stela Experta* – IFPR. Disponível em: <http://reitoria.ifpr.edu.br/wp-uploads/2017/12> Acesso em: 27 de junho 2018.

m: 26 de jun. de 2018.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **Isolamento existencial e a busca ontológica pela experiência do sagrado em “O Amanuense Belmiro” (1937), de Cyro dos Anjos**

**Por:** Rafael Lucas Santos da Silva<sup>72</sup>  
i3rafael@hotmail.com

### **Resumo**

Trata-se de discutir aqui as implicações das reflexões analíticas de Mircea Eliade (1907-1986) e Peter Berger (1929-2017) a respeito da experiência do sagrado nas sociedades contemporâneas, isto a fim de construir uma análise do romance “O amanuense Belmiro”, de Cyro dos Anjos (1906-1994). Na medida em que Belmiro Borba é um indivíduo incapaz de instaurar valores e de encontrar um sentido da vida, a hipótese de leitura é que ele não possui modos de absorver no próprio ser experiências sagradas por viver em uma conjuntura social em que não há estruturação de espaços simbólicos próprios para esta experiência. Publicado em 1937, o discurso narrativo desenvolve-se a partir do contexto da administração pública, delineando o personagem como um pequeno burocrata frustrado, que mantém uma relação conflituosa com a realidade social que o cerca por malograr na estruturação de relações com o sagrado. Isso nos leva a inferir que as implicações da falta de experiências do sagrado provocam o sentimento de uma vida efêmera, inserida em um vácuo de sentido, dado os estudos de Berger e Eliade considerarem a experiência do sagrado como um marco cognitivo que permite um modo rico e diverso da apreensão do real.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira; Experiência do Sagrado; Crise existencial; Filosofia da Religião.

### **Resumo**

*Ĉi tiu artikolo diskutas la implicojn de la analizaj pripensoj de Mircea Eliade (1907-1986) kaj Peter Berger (1929-2017) pri la sperto de la sanktulo en nuntempaj socioj, por konstrui analizon de la romano "O amanuense Belmiro". "De Cyro dos Anjos (1906-1994). En la mezuro, ke Belmiro Borba estas individuo nekapabla establi valorojn kaj trovi signifon en la vivo, la lega hipotezo estas, ke li havas neniun*

---

<sup>72</sup> É mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, especializando em Literatura Brasileira pela Faculdade de Educação São Luís – FESL, é Graduado e Licenciado em Letras – Português-Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e é Técnico em Hidrologia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*manieron absorbi sanktajn spertojn en sia propra estaĵo vivante en socia konjunkcio en kiu ne ekzistas strukturo de la vivo. simbolaj spacoj propraj al ĉi tiu sperto. Eldonita en 1937, la rakontista diskurso disvolviĝas el la kunteksto de publika administrado, delikante la rolulon kiel frustritan burokraton, kiu konservas konfliktan rilaton kun la socia realaĵo ĉirkaŭanta lin, ne sukcesante strukturi rilatojn kun la sanktulo. Ĉi tio kondukas nin konkludi, ke la implicoj de la manko de spertoj de la sanktulo provokas la senton de efemera vivo, enigita en malplenan signifon, konsiderante ke la studoj de Berger kaj Eliade konsideras la sperton de la sankta kiel kognan kadron, kiu permesas riĉan reĝimon. kaj malsama al la aprezo de la realo.*

**Ŝlosilvortoj:** *Brazila literaturo; Sankta sperto; Kriza ekzistenco; Filozofio de Religio.*

### **Abstract**

*This paper discusses the implications of Mircea Eliade's (1907-1986) and Peter Berger's (1929-2017) analytical reflections on the experience of the sacred in contemporary societies, in order to construct an analysis of the novel "O amanuense Belmiro", by Cyro dos Anjos (1906-1994). To the extent that Belmiro Borba is an individual incapable of establishing values and finding a meaning for life, the reading hypothesis is that he has no way of absorbing into his own being sacred experiences by living in a social context in which there is no structuring of symbolic spaces for this experience. Published in 1937, its narrative discourse develops from the context of public administration, outlining the character as a frustrated little bureaucrat, who maintains a conflicting relationship with the social reality that surrounds him by failing to structure relationships with the sacred. This leads us to infer that the implications of the lack of experiences of the sacred provoke the feeling of an ephemeral life, inserted in a vacuum of meaning, since the studies of Berger and Eliade consider the experience of the sacred as a cognitive framework that allows a rich and diverse mode of perceiving the real.*

**Keywords:** *Brazilian literature; Experience of the Sacred; Existential crisis; Philosophy of Religion.*

### **1. Considerações iniciais.**

Dedicando-se como funcionário público em gabinetes políticos e ao exercício de funções burocráticas na administração estadual e federal, a ponto de ocupar alto cargo burocrático no Tribunal de Contas do Distrito Federal a pedido de Juscelino Kubitschek (1902-1976), a obra ficcional de Cyro Versiani dos Anjos (1906-1994) é



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

composta por apenas três romances, publicados entre 1937 e 1956.

São os romances *O amanuense Belmiro* (1937), *Abdias* (1945) e *Montanha* (1956), que despertaram grande interesse crítico, de modo que, com o lançamento do segundo romance, Cyro dos Anjos conquistou o prêmio da Academia Brasileira de Letras (ABL). A respeito de seu romance de estreia, Antonio Candido (2004) publicou um rodapé no jornal *Folha da Manhã* no qual considerava *O amanuense Belmiro* “uma obra-prima, sem dúvida alguma” (CANDIDO, 2004, p. 80). O crítico literário sustentava que a estrutura do romance era impressionante, transmitindo “a impressão de acabamento, de segurança, de equilíbrio, de realização quase perfeita, [que] revelam o artista profundamente consciente das técnicas e dos meios do seu ofício [...]” (CANDIDO, 2004, p. 80).

Publicado em 1937, em pleno ano de instauração da ditadura do Estado Novo, Cyro dos Anjos parte do contexto de administração pública para compor o romance *O amanuense Belmiro* a partir da experiência de um pequeno burocrata frustrado, que mantém uma relação conflituosa com a realidade social que o cerca. O discurso narrativo ocorre entre 1934 e 1936, incorporando nuances ideológicas e políticas do decênio de 1930, a ponto de Bueno (2006) considerar que “nenhum livro registrou de forma tão aguda um momento de tensão na vida brasileira do que este” (BUENO, 2006, p. 571). O personagem-narrador Belmiro Borba é filho de uma oligarquia rural do interior de Minas Gerais que tivera muitas posses e influência política, e por isso está internalizado na obra a decadência da República Velha em face da modernização capitalista cujo auge de complexificação do seu sistema econômico principia no decênio de 1930.

Trata-se, com efeito, de um período importante na cultura brasileira, dado o florescimento extraordinário do romance durante essa década, pois surgem, além do autor de *O amanuense Belmiro*, Rachel de Queiroz (1910-2003), Graciliano Ramos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(1892-1953), Jorge Amado (1912-2001), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Murilo Mendes (1901-1975), para só citar, entre muitos, alguns nomes indiscutíveis. A forma literária desses autores está relacionada a diferentes processos históricos que culminaram também em 1930, como a crise cafeeira, a Revolução, a decadência das Oligarquias, a modernização industrial etc., de modo que muitos escritores visaram explorar as consequências sociais dessas transformações. Esse foi um diferencial conforme propõe Bosi (2006), visto que “ao realismo ‘científico’ e ‘impessoal’ do século XIX preferiam nossos romancistas de 30 uma visão crítica das relações sociais” (BOSI, 2006, p. 389).

Contudo, neste artigo propõe-se uma análise pouco aprofundada pela recepção crítica do romance *O amanuense Belmiro*, ao buscarmos uma articulação com os Estudos da Religião. O relevante teórico russo Bakhtin (2011) salientou não ser possível “falar de um ‘método salvador único’ nos estudos literários” (BAKHTIN, 2011, p. 362). Assim, o autor refletiu sobre o caráter dialogal de todo enunciado discursivo, propondo que,

Antes de mais nada, os estudos literários devem estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos (BAKHTIN, 2011, p. 360).

Compreende-se, assim, que os Estudos da Religião também pode ser uma chave de leitura da semiótica literária, como pretendemos nesta análise. Metodologicamente, assim, será posto em prática a interdisciplinaridade entre Estudos Literários e Estudos da Religião, para indicar um caminho possível para a apreensão e análise do sagrado no romance *O amanuense Belmiro*. Composto por 94 capítulos, o romance possui o seu discurso narrativo registrado na fisionomia de um diário pelo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

narrador-personagem, que se debruça entre o memorialismo e o cotidiano prosaico sempre em introspecções íntimas. O diário é escrito durante um ano e meio, entre o natal de 1934 e os primeiros meses de 1936, cujo término é pelo fato de Belmiro constatar ter “falido na vida, por não ter encontrado rumos” (ANJOS, 1983, p. 184). Em outras palavras, Belmiro Borba conclui seu diário considerando-se incapaz de organizar simbolicamente as experiências caóticas de sua vida.

Será exatamente esta plausibilidade de uma vida ordena e significativa que vem a constituir o fenômeno religioso para o filósofo e historiador de religiões Mircea Eliade. O autor de *O Sagrado e o Profano* é conhecido por sua perspectiva antirreducionista do fenômeno religioso, pois ao longo de seu trajeto de pesquisador buscou realizar uma hermenêutica que compreendesse a essência do fenômeno religioso. Por isso sempre considerou que

Querer delimitar este fenômeno [religioso] pela fisiologia, pela psicologia, pela sociologia e pela ciência econômica, pela linguística e pela arte, etc... é traí-lo, é deixar escapar precisamente aquilo que nele existe de único e de irreduzível, ou seja, o seu caráter sagrado (ELIADE, 2008, p. 01).

Não há dúvida para Eliade (2008) de que a experiência do sagrado permite a cada indivíduo inferir sentido à sua existência. Nessa perspectiva, portanto, Eliade (1989) conclui que o termo *religião* “não implica necessariamente a crença em Deus, deuses ou fantasmas, mas que se refere à experiência do sagrado e, conseqüentemente, se encontra relacionado com as ideias de ser, sentido e verdade” (ELIADE, 1989, p. 09).

À luz dessas considerações, a hipótese de leitura é que Belmiro Borba não possui modos de absorver no próprio ser experiências sagradas por viver em uma conjuntura social em que não há



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estruturação de espaços simbólicos próprios para esta experiência. Sendo assim, no presente artigo, retoma-se primeiramente implicações das reflexões analíticas do filósofo e historiador das religiões Mircea Eliade (1907-1986) e do sociólogo Peter Berger (1929-2017) a respeito da experiência do sagrado nas sociedades contemporâneas, para em seguida utilizá-las como chaves de análise do romance em questão.

## **2. A autoafirmação ontológica pela experiência do sagrado.**

Mircea Eliade e Peter Berger elaboraram estudos que nos possibilitam compreender que é uma necessidade antropológica do sujeito fazer que até mesmo as transações mais triviais de sua vida cotidiana tornem-se imbuídas de profunda significação. A espécie humana não possui condições estruturais biológicas que lhe capacite viver como um mero animal em um mundo natural. Neste, nem as cigarras, as abelhas, os cetáceos e os primatas possuem modos de realizar uma apreensão subjetiva de suas experiências biográficas, pois estão estruturados biologicamente a agirem instintivamente no ambiente específico de suas espécies. Em contraste com qualquer outra espécie animal, o humano possui a expressiva capacidade de transcender seu ambiente circunstante para empreender formações socioculturais.

Uma vez que se encontra em uma instabilidade congênita, que sua estrutura biológica é inacabada, não há outro modo para o homem sobreviver, em qualquer distribuição geográfica do planeta, a não ser de realizar esse empreendimento de buscar estabilidade em dado contexto sociocultural criado por si mesmo. Berger resume o fado dessa incessante busca ao expressar que “biologicamente privado de um mundo do homem, [...] o mundo humano deve ser modelado pela própria atividade do homem” (BERGER, 2009, p. 18). A vida do indivíduo só se torna possível na medida em que ele conjuntamente a outros indivíduos, os quais por meio da interação social conseguem



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

criar um mundo de significado criado humanamente, posto que “o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo”, explica Berger (BERGER, 2009, p. 19).

O indivíduo infla-se de importância, portanto, quando consegue que o seu modo de agir se repita com regularidade e seja diretamente recíproco em interações sociais duradouras. A este processo de se conseguir produzir um mundo socialmente modelado pela própria atividade humana, no qual a totalidade da vida de um indivíduo torna-se subjetivamente significativa, Berger (2009) o denomina *exteriorização*. A partir dos elementos sistemáticos de sua teoria sociológica do conhecimento, o autor de *O Dossel Sagrado* concebe que as formações socioculturais surgem pelo fenômeno da exteriorização.

Tal fenômeno constitui, pois, a contínua efusão do indivíduo no contexto sociocultural a que pertence. Dessa maneira, Berger afirma que devido ao fato dos indivíduos serem “congenitamente forçados a impor uma ordem significativa à realidade” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 35), o fenômeno da “exteriorização é uma necessidade antropológica” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 17). Com isto, “o mundo humanamente produzido atinge o caráter de realidade objetiva” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 22), sendo posteriormente interiorizada, a ponto de que uma percepção aguda da fabilidade da estrutura ordenada e significativa que o cerca inflija “ao indivíduo intoleráveis tensões psicológicas, tensões que se fundam no fato radicalmente antropológico da socialidade” (BERGER, 2009, p. 35); como consequência, “a realidade e a identidade são malignamente transformadas em figuras de horror destituídas de sentido” (BERGER, 2009, p. 35).

O ser humano é um animal inteiramente aberto à experiência, todavia sempre utiliza de estratégias para que sua biografia individual não se torne uma insanável obscuridade cognoscitiva. Concordamos com o argumento de ser um horror maligno o





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fato da perda da plausibilidade de sentido, pois, utilizando a contundente expressão de Becker, essa experiência revela que “a vida pode não passar de um interlúdio insignificante de um perverso drama de carne e osso que chamamos de evolução” (BECKER, 2007, p. 230).

A rigor, por mais que o indivíduo recorra incessantemente a estratégias que o faça evitar essa experiência arrasadora e apavorante, nada separa seus empreendimentos da total fabilidade. De acordo com Berger (2009), o fenômeno antropológico da exteriorização é uma “qualidade protetora”, uma vez que a partir da experiência da perda da plausibilidade de sentido “o indivíduo não só começará a perder as suas posturas morais, com desastrosas consequências psicológicas, como também se tornará inseguro quanto às suas posições cognitivas” (BERGER, 2009, p. 35). Berger explica, por sua vez, que o homem sempre estará vulnerável a passar por essa experiência. Isto porque “*toda* realidade social é precária. *Todas* as sociedades são construções em face do caos [...] são ameaçadas ou entram em colapso” (BERGER, 2009, p. 21, grifos do autor).

Essa vulnerabilidade é bastante óbvia. Como a estrutura biológica da espécie humana não possui os meios para dar estabilidade à conduta humana, o empreendimento de uma formação sociocultural que não entre em colapso é empiricamente inexequível. O colapso ocorre exatamente por causa dessa inviabilidade e insuficiência da estrutura, que não permite que a socialização — o processo no qual uma geração interioriza o consenso perdurável no tocante aos traços mais importantes da formação sociocultural — seja realizada com êxito.

O antropólogo cultural Becker considera que esse é o estágio em que cada indivíduo presente “a sombra da imperfeição” (BECKER, 2007, p. 236) de suas próprias condutas, o que os forcem a reexaminar toda sua fraqueza e desamparo:



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Sentimo-nos diminuídos pelas deficiências humanas. Nossos interiores se sentem vazios e angustiados, nossas vidas, sem valor, quando vemos a inevitável insignificância do mundo expressa através dos seres humanos que vivem nele. [...] A razão é que, por ser um ser finito, ele também está condenado, e vemos essa condenação em sua fabilidade na própria deterioração. A redenção só pode vir de fora do indivíduo, do além, da *nossa conceituação da fonte máxima das coisas*, da perfeição da criação. Ela só pode vir quando sacrificamos nossa individualidade, abrimos mão dela, admitimos nossa condição de criatura e nosso desamparo (BECKER, 2007, p. 196, grifos do autor).

Essa redenção a qual se refere Becker trata-se da transcendência absoluta que visa a criação de um cosmos sagrado. Dentre as buscas de estabilidade, de criar uma estrutura de ordem e significância, o empreendimento humano de criar um cosmos sagrado é o mais importante, pois representará “o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 81). Tanto assim, que Berger e Luckmann (2004) asseguram que “durante a maior parte da história da humanidade foi simplesmente impensável uma sociedade sem uma religião que dissesse respeito a tudo e a todos” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 41).

Tanto Berger e Eliade concebem o fenômeno religioso como essa abertura para o sagrado. Eliade, por sua vez, considera a experiência do sagrado com extrema importância, porque a transcendência que esta propicia ao indivíduo, em face das rotinas normais do dia a dia, significa uma afirmação ontológica sobre o verdadeiro modo de ser no mundo. “Quanto mais religioso é o homem, mais real ele é, e mais ele se desvia da irrealdade de um devir privado de significação”, explica Eliade (ELIADE, 2008, p. 374).

Para que a experiência do sagrado seja ao indivíduo uma afirmação ontológica, ela precisa se opor à uma experiência profana. A respeito dessa oposição Eliade afirma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que “sagrado/profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo-real” (ELIADE, 2008, p. 13).

Rohden lembra, muito a propósito, que “toda realidade profana é não significante, neutra [...]. Para Eliade somente a experiência do sagrado confere significação” (ROHDEN, 1998, p. 42). O homem concebe o sagrado como uma realidade imensamente poderosa; por isso a experiência do sagrado representará ao indivíduo “ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia” (ELIADE, 2008, p. 14). Se há, portanto, uma necessidade antropológica do ser humano em construir um mundo socialmente ordenado e significativo, Eliade não dúvida que a possibilidade de tal construção “está intimamente relacionada com a descoberta do sagrado” (ELIADE, 1989, p. 09), uma vez que é a partir dessa descoberta que os seres humanos conseguem evitar “o caótico e perigoso fluxo das coisas, os seus aparecimentos e desaparecimentos fortuitos e sem sentido” (ELIADE, 1989, p. 09).

O sagrado possibilita, então, que os homens construam imensos edifícios de representação simbólica, que os fazem expandir suas experiências para além do cotidiano profano. Eliade explica que a consequência disso radica no fato de que o homem

Já não se sente um fragmento impermeável, mas um cosmos vivo aberto a todos os outros cosmos vivos que o rodeiam. As experiências macrocósmicas deixam de ser para ele *exteriores* e, enfim, *estranhas e objetivas*; elas *não o alienam de si mesmo* mas, pelo contrário, conduzem-no a ele próprio, revelam-lhe a sua própria existência e o seu destino. *Os mitos cósmicos e toda a vida ritual apresentam-se assim como experiências existências do homem arcaico*: este último não se perde, não se esquece de si como *existente* quando se conforma com um mito ou intervém num ritual. Pelo contrário, ele reencontra-se e compreende-se, porque esses mitos e rituais proclamam acontecimentos macrocósmicos, que dizer, antropológicos e, em última instância, “existenciais” (ELIADE, 2008, p. 372, grifos do autor).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Entendido isto, ver-se-á que a experiência sagrada revela-se a verdadeira possibilidade do indivíduo enfrentar a angústia da sua insignificância, de esquecer sua instabilidade congênita. O profano é tudo aquilo que desorienta o indivíduo, jogando-o em meio ao caos no qual, por sua vez, se agita em vão.

### **3. Belmiro Borba e os impasses da experiência do sagrado.**

O romance de Cyro dos Anjos insere-se no marco histórico-social da decadência progressiva das oligarquias devido ao processo de modernização pelo qual o país começou com a ascensão de Getúlio Vargas (1882-1954) ao poder. O personagem-narrador Belmiro Borba nasceu no interior de Minas Gerais, filho de um poderoso fazendeiro, mas torna-se um simples funcionário público. Em muitos dos fragmentos do seu diário, há nítida presença de vergonha em relação aos seus antepassados, por considerar-se como um desgosto na linhagem da família dos Borbas.

Composto por 94 capítulos, o romance tem o seu discurso narrativo registrado na fisionomia de um diário pelo narrador-personagem, que se debruça entre o memorialismo e o cotidiano prosaico sempre em introspecções íntimas. O diário de Belmiro traz em seu conteúdo a sua aventura interior, de quem quer conhecer a si mesmo por intermédio de suas próprias histórias. Aos 38 anos, Belmiro Borba principia a escrita do seu diário, com a intenção inicial de recordar-se da infância, assegurando que “é plano antigo o de organizar apontamentos para umas memórias que não sei se publicarei algum dia” (ANJOS, 1983, p. 19). Assim, ao justificar o começo da escrita, Belmiro afirma estar interessado pelo passado: “meu desejo não é, porém, cuidar do presente: gostaria de reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta aos meus olhos” (ANJOS, 1983, p. 20).

Curiosamente, contudo, no decorrer do diário nem o passado de Vila Caraíbas emerge com feição definida capaz de se impor ao presente, nem este atua com



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

intensidade suficiente para tapar de vez os sulcos da memória e, assim, o projeto inicial falha, de modo que, em vez de um livro de memórias, o diário se relaciona sobremaneira aos acontecimentos vivenciados com seus amigos, Silviano, Florêncio, Glicério, Redelvim e Jandira, bem como os incidentes domésticos junto as irmãs Emília e Francisquinha.

Belmiro Borba sente-se definitivamente estrangeiro na vida, cindido entre sua nostálgica interioridade e uma realidade social indiferente. O discurso narrativo revela tão somente um indivíduo voltado para seu próprio eu, cuja introspecção se vale até mesmo de um simples fenômeno meteorológico:

Na manhã de hoje, o sol nasceu forte e o chão me queimava os pés. Quando, após instantânea formação de nuvens, veio a chuva, subiu do solo um hálito intenso e fecundante. Foi um pé-d'água violento e rápido, mas o cheiro de terra impregnou-me as narinas o dia inteiro. Qual a relação entre tal acontecimento meteorológico e nossa sensibilidade? Eu não saberia precisá-la e apenas poderei dizer que um homem rural, adormecido, despertou em mim, com seu primitivismo, sua força e, simultaneamente, seus temores. Ao passo que sentia veemente apelo da terra e um desejo vivo de evadir-me para lugares e épocas distantes, para certa gleba da fazenda velha, reservada ao plantio, onde os homens, curvados, abriam covas, punham sementes e as cobriam, eu experimentava indizível angústia que resistia a toda tentativa de análise (ANJOS, 1983, p. 65).

Belmiro Borba reside na “patética Rua Erê” (ANJOS, 1983, p. 20), junto a suas irmãs Emília e Francisquinha. Trata-se de uma área periférica da capital de Belo Horizonte, onde é funcionário público na Seção de Fomento Animal, com o cargo de amanuense. Um emprego nunca aceito pelo seu pai: “Um burocrata! Exclamava com desprezo. Coitado do velho. Queria fazer-me agrônomo” (ANJOS, 1983, p. 15). Nada é exposto sobre o seu trabalho, é apenas o lugar “onde os homens esperam pachorramente a aposentadoria e a morte” (ANJOS, 1983, p. 197).

Além disso, sabemos que tem o hábito de frequentar um pequeno grupo de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

amigos, composto por Silviano, Florêncio, Glicério, Redelvim e Jandira. Mas desde o início do romance, Belmiro nutre a preocupação de que o círculo de amizade acabe pelos posicionamentos políticos opostos:

Desde muito, as discussões vêm azedando nossa pequena roda e vejo que ela não tardará a dissolver-se, pois há forças de repulsão, mais que afinidades, entre estes inquietos companheiros. Enquanto Glicério e Silviano se inclinam para o fascismo, Redelvim e Jandira tendem para a esquerda. Só eu e o Florêncio ficamos calados, à margem. Isso não quer dizer que me poupem. Redelvim me chama comodista e vive a dizer que, no meu "cepticismo de pequeno burguês (a expressão é dele), sirvo, afinal, ao capitalismo. Silviano, ao contrário, me repreende pelo que denomina "irreprimível vocação plebeia" (ANJOS, 1983, p. 42).

Assim, é amargo cogitar o fim desse círculo — o que ocorrerá no decorrer do tempo exposto no diário —, a ponto que Belmiro registre que “de bom grado, eu sacrificaria minha ideia mais nobre para não perder um amigo” (ANJOS, 1983, p. 172).

O discurso narrativo se constrói a partir do cotidiano do amanuense que por sua vez se resume ao roteiro casa-trabalho-bar/amigos-casa, que nos permite relacionar com a pobreza de experiência que é característica dos tempos modernos. Os próprios registros em seu diário são bastante espaçados, ficando por vezes mais de uma semana sem escrever, por não ter tido nenhuma experiência digna de narração.

A falta de ter algo útil para narrar é o que podemos depreender da seguinte reflexão de Belmiro:

Na verdade, dentro do nosso espírito as recordações se transformam em romance, e os fatos, logo consumados, ganham outro contorno, são acrescidos de mil acessórios que lhes atribuímos, passam a desenrolar-se num plano especial, sempre que os evocamos, tornando-se, enfim, romance, cada vez mais romance. Romance trágico, bufo ou sem nenhum sentido, conforme cada um de nós, monstros imaginativos, é trágico, é cômico ou absurdo (ANJOS, 1983, p. 83-84).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em grande parte, as introspecções íntimas de Belmiro são sobre a identidade: “Afinal, são inúteis essas tentativas de análise e de interpretação de nós mesmos. Há, em nós, abismos insondáveis, que jamais exploraremos, onde se recolhem, pelo tempo que lhes apraz, as combinações múltiplas, várias, tantas vezes contraditórias” (ANJOS, 1983, p. 90). Assim, podemos considerar que por sua condição decadente, pelo choque entre Vila Caraíbas e Belo Horizonte, a consciência de Belmiro é idealista abstrata, sempre desmaterializando aspectos sociais e políticos concretos: “Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico” (ANJOS, 1983, p. 188).

A escrita do diário é a sua única possibilidade de organização do caos e da falta de sentido de sua vida. Nesse sentido, Eliade (1992) considera que:

[...] quase se poderia dizer que, na medida em que se realiza, a própria existência humana é uma iniciação. Em suma, a maioria dos homens “sem religião” partilha ainda das pseudo-religiões e mitologias degradadas. Isso, porém, não nos surpreende, pois como vimos, o homem profano descende do homo religiosus e não pode anular sua própria história, quer dizer, os comportamentos de seus antepassados religiosos, que o constituíram tal como ele é hoje. (ELIADE, 1992, p.170)

Eliade (1992) refere-se diversas vezes ao vazio existencial resultante na modernidade do recalque da dimensão do sagrado. Percebemos no decorrer do discurso narrativo do romance *O amanuense Belmiro* que Belmiro Borba, realmente, se distanciou do sagrado, deparando-se assim com um vácuo de sentido para a sua vida. Belmiro, portanto, faz justamente este movimento de olhar para dentro de si e tem consciência disso, apesar deste movimento gerar sofrimento:

A variação violenta dos quadros, numa noite de carnaval em que fomos abandonados pelos amigos e em que nossa porção de espaço foi invadida por outros seres, leva-nos a um mergulho



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mais profundo nos nossos abismos. Novas melancolias são despertadas, o homem sofre, e o amanuense põe a alma no papel. (ANJOS, 1975, p.18).

Há muitas complexidades que uma investigação sobre a experiência do sagrado necessita enfrentar. Os estudos de Eliade salientam que dificilmente haverá uma época onde o sagrado inexistente, pois “o sagrado é um elemento da estrutura da consciência, e não um estágio na história da consciência” (ELIADE, 1989, p. 10). A existência é um problema que precisa de uma resposta sagrada, o que permitiu que durante a maior parte da história humana, os estabelecimentos religiosos fossem monopólios da sociedade, monopólios de legitimação da vida individual e coletiva.

O filósofo e crítico literário Steiner publicou na década de 1970 uma obra que visou declarar que a sensibilidade da existência evidenciava uma nostalgia do absoluto. Para Steiner (2003), o declínio da “doutrina cristã deixou atrás de si um enorme vazio. Onde existe um vácuo, manifestam-se novas energias e substitutos” (STEINER, 2003, p. 11). O autor de *Nostalgia do absoluto* não tinha dúvidas de que a experiência do sagrado é fundamental para o homem, por isso considerou que “a história política e filosófica do Ocidente ao longo dos últimos 150 anos poderá ser vista como uma série de tentativas de preenchimento do vazio deixando pela erosão da teologia” (STEINER, 2003, p. 11). Assim, a experiência do sagrado volta-se sobretudo às ideologias políticas. Conforme assinala Merquior, o pensamento “ideológico propriamente dito é uma peculiaridade da sociedade moderna e da sua florescência urbano-industrial” (MERQUIOR, 1972, p. 107).

Merquior, também em obra publicada na década de 1970, considera que o declínio do Cosmos sagrado e da doutrina cristã proporcionou “a necessidade de lançar mão de mitos compensatórios, de sucedâneos altissonantes e exibicionistas da legitimidade natural [...] numa palavra, de *narcóticos ideológicos*” (MERQUIOR, 1972,





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

p. 110, grifo do autor).

Realmente, ocorre no romance a busca pela experiência do sagrado através da adesão a movimentos políticos.

No século XX, nenhuma das grandes utopias derivadas das ideologias políticas logrou êxito, o que permitiu que as dúvidas surgissem, levando ao fato de que as ideologias políticas perdessem também a plausibilidade de sentido. Bauman (2000) assinala em seus estudos sociológicos esse “definhamento da política” (BAUMAN, 2000, p. 16), a partir do qual a sociedade contemporânea consiste numa “época ‘pós-ideológica’ ou ‘pós-utópica’, não nos preocupamos com uma visão coerente da boa sociedade e trocamos a preocupação com o bem público pela liberdade de buscar satisfação pessoal” (BAUMAN, 2000, p. 13).

Essa consequência é bastante óbvia. A crença ingênua de fazer o próprio homem a transcendência para uma experiência do sagrado desconsiderou o que Becker denominou “a sombra da imperfeição” (BECKER, 2007, p. 236), referente a própria conduta humana devido a estrutura biológica da espécie humana não possuir meios de estabilidade. Ao concordarmos com Berger no fato de que “todos os mundos socialmente construídos são intrinsecamente precários. Amparados pela atividade humana, são eles constantemente ameaçados pelos fatos humanos do egoísmo e da estultice” (BERGER, 1985, p. 42), percebemos que o homem e as ideologias políticas como experiência do sagrado são ainda mais precários que o Cosmos sagrado.

Dessa maneira, ocorreu outra crise existencial, uma vez que “interpretações firmes da realidade tornam-se hipóteses. Convicções tornam-se questões de gosto. Preceitos tornam-se sugestões” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 60). Tudo isso levou o indivíduo a um vazio de significado, a viver uma vida inapelavelmente profana. Pois na forma sociocultural contemporânea não há mais valores comuns, que determinam a maneira de agir do indivíduo nas diferentes áreas da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vida, o que dificulta, por sua vez, a formação do senso de responsabilidade e o cultivo de hábitos críticos.

Assim, o desdobramento psicológico contemporâneo corresponde ao paroxismo de uma situação na qual o indivíduo não mais possui modos de absorver no próprio ser experiências sagradas. Tendo em vista a experiências do sagrado como uma autoafirmação ontológica, Eliade explica que “toda crise existencial põe de novo em questão, ao mesmo tempo a realidade do Mundo e a presença do homem no Mundo: em suma, a crise existencial é *religiosa*” (ELIADE, 1992, p. 101, grifo do autor).

Tais considerações argumentam que a experiência do sagrado implica o abandono da existência profana no sentido em que “a iniciação obriga a assumir a responsabilidade de homem” (ELIADE, 1992, p. 92). Em outras palavras, Eliade explica que independente do período sociocultural

*O homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades, ou seja, participa da realidade (ELIADE, 1992, p. 97).

O sociólogo Bauman e o historiador Lasch assinalam como grave o desmantelamento dos vínculos humanos, este último, que considera o narcisismo como a melhor metáfora para a sociedade contemporânea, afirma que o “narcisista não consegue identificar-se com alguém, sem ver o outro como uma extensão de si mesmo, sem obliterar a identidade do outro” (LASCH, 1983, p. 17).

Lasch (1983) assinala também como grave a desvalorização do passado, cujo resultado, tendo em vista o desmantelamento dos vínculos humanos, é o “vazio interior” (LASCH, 1983, p. 43), posto que na sociedade contemporânea o indivíduo “possui o mundo intrapsíquico tão pobremente povoado” (LASCH, 1983, p. 64). Conclui-se, pois,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que a vida do indivíduo contemporâneo está radicada “na experiência subjetiva do vazio e do isolamento” (LASCH, 1983, p. 64).

Belmiro Borba isola-se em sua casa, na Rua Erê. Ele escreveu o seu diário durante um ano e meio. Principiou na época de natal e, exatamente um ano depois, em dezembro novamente, o narrador-protagonista constata ter “falido na vida, por não ter encontrado rumos” (ANJOS, 1983, p.184). É o fato de não encontrar sentido para sua própria vida o motivo que o leva a desistir da escrita, justificando a desistência da seguinte forma:

Dediquei todo o domingo à leitura dos quatro cadernos de que já se compõe esta espécie de Diário. Não havendo outras, uma vantagem encontraremos em deixar no papel o registro dos acontecimentos de nossa vida: veremos surgir aos nossos olhos, para instrução e advertência nossa um ser bem diferente daquele que supúnhamos encarnar. Quantas contradições, quão diversos estados de espírito, que inexperiência, que desconhecimento de nós próprios! Há pouco mais de um ano escrevi a primeira página. [...] De agosto a janeiro, quase que escrevo dia por dia. A vida ganhou movimento, colorido, emoção. Agora, o calor se vai, o movimento amortece, as coisas desbotam e se tornam mais frias do que antes. [...] E os amigos se desviaram de mim. [...] Minha vida encolhe-se na Rua Erê, como dentro de um caramujo (ANJOS, 1983, p. 184-185).

### **Algumas observações finais**

Com efeito, acreditamos que o diário de Belmiro é sintomático de uma busca ontológica pela experiência do sagrado. O sagrado possibilita, então, que os homens construam imensos edifícios de representação simbólica, que os fazem expandir suas experiências para além do cotidiano profano. Eliade (2008) explica que a consequência disso radica no fato de que a experiência do sagrado revela-se a verdadeira possibilidade de o indivíduo enfrentar a angústia da sua insignificância, de esquecer sua instabilidade congênita. Contudo, Belmiro não alcança o sagrado pelo próprio fato de querer fazer de seu grupo de amigos essa experiência do sagrado, quando na realidade se trata de uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

experiência profana. Ao concordarmos com Berger (1985) no fato de que “todos os mundos socialmente construídos são intrinsecamente precários. Amparados pela atividade humana, são eles constantemente ameaçados pelos fatos humanos do egoísmo e da estultice” (BERGER, 1985, p. 42), percebemos que o encontro com um grupo de amigos como experiência do sagrado é ainda mais precário.

Evidentemente, nossa investigação não é exaustiva. A experiência do sagrado, e o fenômeno religioso em geral, são de uma complexidade labiríntica. Não se trata apenas da crença em deuses, pode ser também a esperança em ideologias políticas, bem como pode haver resquícios do sagrado quando na sociedade contemporânea o consumo transformou-se em insígnia identitária.

Sérias questões de nossa sociedade contemporânea precisarão ser enfrentadas, com vistas a possíveis soluções. Merquior (1972) assinala que não é mais possível “ignorar o estado patológico do conjunto da cultura moderna [derivado] do deserto de valores e a existência mecânica do homem moderno” (MERQUIOR, 1972, p. 128). De forma semelhante, Berger e Luckmann (2004) assinalam que o indivíduo contemporâneo está imerso “tanto nas incertezas de sentido quanto na indecisão do julgamento moral” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 87). Ao longo de nossa investigação, tentamos demonstrar que esses diagnósticos resultam do fato de que o desdobramento psicológico contemporâneo corresponde ao paroxismo de uma situação na qual o indivíduo não possui mais modos de absorver no próprio ser experiências sagradas. Assim, tentamos exemplificar esse fato com o romance *O amanuense Belmiro*, cujo personagem Belmiro Borba chafurda na angústia da insignificância, por não conseguir estruturar experiências do sagrado.

### **Referências bibliográficas.**

ANJOS, Cyro. *O amanuense Belmiro*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- BAUMAN, Z. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. Os estudos literários hoje. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BECKER, E. Os fracassos do heroísmo. In: \_\_\_\_\_. *A negação da morte*. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2009.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A Construção da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. 24<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 44<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BUENO, Luis Gonçalves. Cyro dos Anjos. In: \_\_\_\_\_. *Uma história do romance brasileiro de 30*. São Paulo: UNESP, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Estratégia. In: \_\_\_\_\_. *Brigada ligeira*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2004.
- ELIADE, M. *Tratado de história das religiões*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Origens: História e sentido na religião*. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1989.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MERQUIOR, J. G. Metamorfose da consciência cristã e do ideal heroico nos tempos modernos. In: \_\_\_\_\_. *Saudades do Carnaval: Introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro: Forense, 1972.
- ROHDEN, C. S. *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- STEINER, G. Os messias seculares. In: \_\_\_\_\_. *Nostalgia do absoluto*. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Divulgação

**As origens gregas do racionalismo popperiano**

Iniciadores do modo discursivo racional inaugurado na Hélade Arcaica e que se mostraram a fonte da rica matriz do desenvolvimento racional e científico posterior. Popper levanta a questão da crítica ao método indutivo da ciência positivista, localizando-o historicamente no que denominou "mito baconiano" e em certa tendenciosidade de Aristóteles ao criar o método indutivo com base no procedimento socrático do elencho. Supõe-se compreender a relevância do convite de Popper quanto ao regresso aos gregos e sua motivação originária quanto à cosmologia e à teoria do conhecimento, através da possibilidade de melhor compreender a lógica da investigação científica popperiana, investigando as bases histórico-filosóficas de sua argumentação que, conforme se acredita, está diretamente estabelecida no veio do pensamento pré-socrático.



É mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela UNIOESTE e em Cognição e Linguagem pela UENF, é especialista em História, Arte e Cultura pela UEPG e em Saúde para professores e alunos dos Ensinos Fundamental e Médio pela UFPR, é graduado e licenciado em Filosofia pela UERJ. Servidor público federal, docente de Filosofia EBTN no IFPR.



978-613-0-16981-7

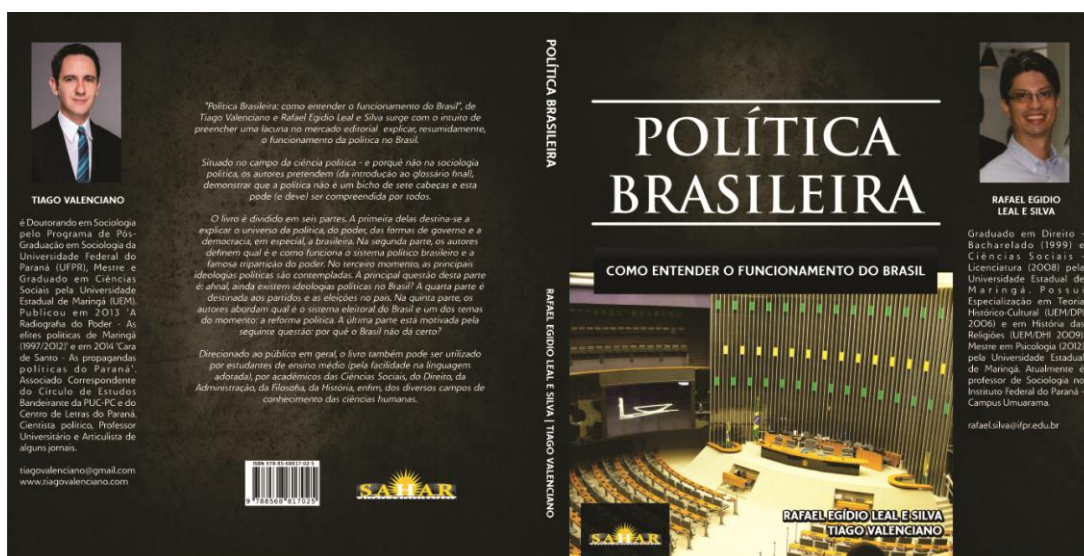
Por: José Provetti Junior É disso que fala a obra: propõe-se a apresentar os resultados de uma pesquisa em torno das bases filosóficas da visão popperiana do conhecimento, pois se supõe, através da obra de Popper, **O Mundo de Parmênides: ensaios sobre a ilustração pré-socrática (TWP)**, a ideia de retorno aos gregos no que respeita à atitude originária destes quanto à filosofia. Iniciadores do modo discursivo racional, inaugurado na Hélade Arcaica e que se mostraram a fonte da rica matriz do desenvolvimento racional e científico posterior. Popper levanta a questão da crítica ao método indutivo da ciência positivista, localizando-o historicamente, tanto no que denominou “mito baconiano” quanto



ΙΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

em certa tendenciosidade de Aristóteles ao criar o método indutivo, com base no procedimento socrático do *elencho*. Supõe-se compreender a relevância do convite de Popper quanto ao regresso aos gregos e sua motivação originária quanto à cosmologia e à teoria do conhecimento, através da possibilidade de melhor compreender a lógica da pesquisa científica popperiana, investigando as bases histórico-filosóficas de sua argumentação que, conforme se acredita, está diretamente estabelecida no veio do pensamento pré-socrático. O que possibilita compreender o conjunto da obra popperiana como sendo uma tentativa do filósofo em construir um sistema cosmológico autenticamente fundante, alinhado com o filosofar helênico arcaico, com vista aos desafios da filosofia e da ciência contemporâneos, no que se refere à Epistemologia.



**Por:** Tigo Valenciano & Rafael Egidio Leal e Silva

Vivenciamos na atualidade uma forte turbulência política em todos os âmbitos. Nunca a política esteve tão desacreditada como agora. Assistimos uma crise forte da qual ainda sabemos como será seus rumos e desdobramentos. Apesar deste mar revolto e de incertezas, o pensamento brasileiro é brindado com uma obra importante, fruto de profunda reflexão de seus autores, Tiago Valenciano e Rafael Egidio Leal e Silva.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O livro “Política Brasileira: como entender o funcionamento do Brasil”, nasce como o preenchimento de uma lacuna no mercado editorial e principalmente na ciência política. A obra dos escritores tenta explicar, de maneira resumida, como funciona a política no Brasil, dentro do âmbito da ciência política.

Tiago e Rafael pretendem, de maneira simples e objetiva, explicar desde a introdução ao glossário final, que a política não é um bicho de sete cabeças e que, apesar das incompreensões da atualidade, deve ser compreendida pelos brasileiros.

Esta obra é organizada em seis partes. A primeira destina-se a explicar o universo da política, do poder, das formas de governo e a democracia, em especial, a do Brasil. Na segunda parte, os autores Tiago e Rafael definem qual é e como funciona o sistema político brasileiro e a tripartição do poder. Na terceira parte, as principais ideologias políticas existentes são estudadas. E a principal questão discutida aberta nesta parte é: afinal, ainda existem ideologias políticas no Brasil? Na sequência, na quarta parte, os autores demonstram os partidos e as eleições no país. Na quinta, os autores abordam qual é o sistema eleitoral do Brasil e um dos temas do momento: a reforma política. A parte final tende a demonstrar porque a política no Brasil é algo tão complexo de ser compreendido. O trabalho é encerrado como um glossário com os principais conceitos abordados no livro.





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



### **VOCABULÁRIO PENTALÍNGUE: *KVINLINGVA VORTARETO***

Por: Luiz Fernando Pita<sup>73</sup>

&

Maira Nobre<sup>74</sup>

Nossa prática pedagógica como professores de língua estrangeira mostra-nos que, a par das regras gramaticais, ortográficas e de pronúncia pelas quais os estudantes têm necessariamente de passar, um dos maiores empecilhos para um desenvolvimento mais rápido no idioma desejado é a aquisição de um vocabulário. Embora o aluno diversas vezes domine os conteúdos mencionados, faltam-lhes as palavras exatas para se expressarem.

---

73 Doutor em Letras Português-Latim pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é mestre em Literaturas Hispânicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e graduado em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É pesquisador-efetivo e Coordenador de Pesquisa do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR, vinculado a Linha de Pesquisa de Idioma Internacional Neutro – Esperanto. É Diretor de Ensino da Associação Esperantista do Rio de Janeiro – AERJ.

74 É doutora em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestra em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e graduada e licenciada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É Diretora do Departamento de Divulgação da Associação Esperantista do Estado do Rio de Janeiro – AERJ e Primeira-Secretária da Cooperativa Cultural dos Esperantistas – CCE.



**IF-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Por isso, resolvemos trazer a público a presente obra, que, longe de ser completa, oferece ao estudante o vocabulário de uso mais frequente nas situações que um falante de língua estrangeira vivencia.

### JPJ Editor



Site do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/>

O sítio do Grupo de pesquisas foi elaborado para a veiculação das produções de ensino, pesquisa e extensão dos pesquisadores-efetivos, pesquisadores-colaboradores e pesquisadores-júniors da equipe investigativa.

Corresponde à demanda do Projeto de pesquisa, que visa a socialização e democratização de todos os saberes e conhecimentos produzidos pela equipe investigativa, nos moldes de geração de Filosofia, Ciência e Tecnologias sugerido pelo referencial teórico do Grupo, o filósofo e epistemólogo Karl Raymund Popper.

O sítio é composto por páginas de “Atualidades”, “Coordenações”, “Quem somos e o que pensamos”, “Lista de pesquisadores”, “JPJ Editor”, se subdividindo este site em: “Títulos”, “Vídeos-aula”, “Orientações para pedidos físicos de livros ou vídeos” e “Centro de análise de obras para publicação”.

O sítio do Grupo também possui o site para a “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológicas”, órgão de divulgação científica do Grupo.

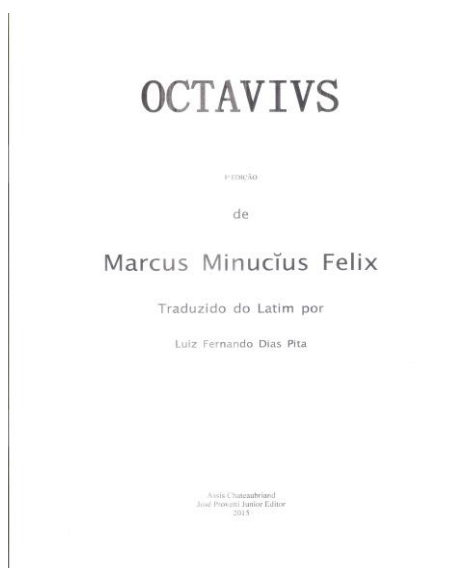


**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Há um link para Reportagens com professores e pesquisadores que já travaram conhecimento em alguma das atividades do Grupo de pesquisa. (Em construção). E um link para você se comunicar com a Coordenação Geral do Grupo de pesquisas e expor sua opinião e sugestões sobre o conteúdo do site.

Acesse e conheça os serviços públicos, estatais e gratuitos oferecidos pela equipe investigativa do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR!



**OCTAVIVS**

**De Marcus Minucius Felix**

**Tradução do Latim por Luiz Fernando Dias Pita**

**OCTAVIVS** foi escrito por Marco Minúcio Félix entre os anos de 175 e 190 d. C., e é apenas graças a um



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

feliz acaso que podemos, hoje, contar com essa peça-chave para preencher os bastante desfalcados quebra-cabeças da evolução da literatura em língua latina e o da aculturação do Cristianismo nas porções ocidentais do Império Romano, pois a obra chegou até nós unicamente por um grato engano de algum copista medieval que, confundindo seu título com a palavra "*octauus*", isto é, "o oitavo", incluiu-o como o oitavo livro do *Aduersus nationes*, de Arnóbio.

A historiografia cristã nos ensina que o processo de divulgação do Cristianismo começa, ainda no século I, pelo trabalho dos apóstolos juntos às sinagogas espalhadas pelas cidades de expressão grega do Oriente do Império, conseguindo aí formar os primeiros núcleos cristãos. Tais convertidos eram, como o próprio São Paulo, judeus que, por força da convivência, vinham, há já algumas gerações, construindo um diálogo entre sua tradição religiosa e a cultura helenística presente nessas cidades.

**É DISSO QUE TRATA essa obra:** é um empolgante e profundo diálogo entre o autor, patricio romano cristão e seus melhores amigos, romanos, a respeito das bases e fundamentos filosóficos da então nova religião. Tão perseguida pelo governo e incompreendida pelos cidadãos, vítima de preconceitos e de sincretismos com outras seitas do Império. Quem é mais próprio? As ideias do carpinteiro galileu ou a religião civil de Roma?

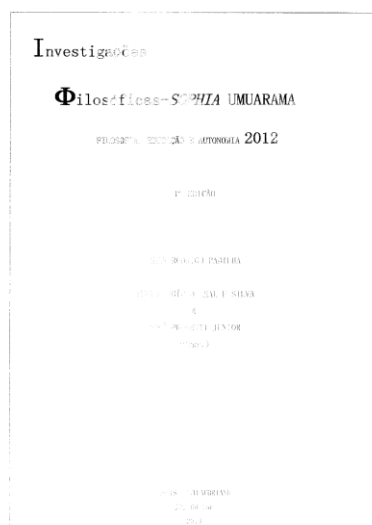
A obra se encontra disponível, gratuitamente, no sítio

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!ttulos/ch3p>



**IF-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



**Investigações Filosóficas-Sophia: Umuarama – 2012 – Filosofia, Educação e Autonomia**

**Organizado por:**

**Alan Rodrigo Padilha**

**Rafael Egidio Leal e Silva e**

**José Provetti Junior**

**Investigações Filosóficas-Sophia: Umuarama – 2012 – Filosofia, Educação e Autonomia** é a transcrição dos seminários realizados durante o primeiro ano de realização do Projeto de extensão IF-Sophia, na cidade de Umuarama, versando sobre questões relacionadas a Filosofia enquanto processo de promoção da educação e autonomia humana.

**É DISSO QUE TRATA esta obra:** da análise crítica, por vários filósofos brasileiros, do papel dos saberes



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosóficos na promoção da autonomia cidadã, através da educação, tendo como referência alguns dos importantes pensadores contemporâneos da atualidade.

A obra se encontra disponível, gratuitamente, no sítio

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!ttulos/ch3p>

#### Outros títulos da JPJ Editor



#### O dualismo em Platão

Por: José Proveti Junior

O **DUALISMO EM PLATÃO** tenta compreender as relações psyché-sôma (alma-corpo). Essa motivação se fundamenta nas dificuldades engendradas pela Filosofia da Mente para estudar, refutar ou justificar a mencionada relação. Para aproximação do assunto intentou-se analisar o que Platão compreende por alma (psyché) e corpo (sôma), nas seguintes obras: “Timeu”, “Fédon”, “Fedro”, a “República”, “Apologia de Sócrates”, “Mênnon”, “Banquete”, “Sofista” e “Político”.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Embora seja uma pequena fração do conjunto das obras de Platão, acredita-se que essa amostragem seja suficiente para tentar alcançar o mencionado objetivo.

A hipótese que se defende é que não é possível a um grego da época de Platão conceber uma separação diametralmente oposta e radicalmente incomunicável entre o que a tradição filosófica convencionou chamar de Mundo Sensível e Mundo Inteligível, ou em outras palavras, aquilo que viria a fundamentar a distinção atual na Filosofia da Mente entre o mental e o físico.

É DISSO QUE TRATA esta obra: da análise crítica de uma amostragem das obras de Platão a respeito dos conceitos de alma e corpo, suas relações, imbricações e consequências, sob o enfoque a História Psicológica, das Ideias e das Mentalidades envolta no problema contemporâneo do campo da Filosofia da Mente que tenta explicar o que é a mente humana e suas interações com o corpo.

A obra se encontra disponível, gratuitamente, no sítio

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!ttulos/ch3p>



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



### **A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental**

**Por: José Provetti Junior**

**TRADICIONALMENTE no campo filosófico, as concepções de** indivíduo, interioridade, subjetividade e demais correlatos ao conceito de indivíduo são creditados a Descartes, que viveu no século XVII, com sua reflexão metafísica que conclui com o famoso “penso, logo existo” (1996: 265-275).

No entanto, ao historiador da filosofia cabe a tarefa de investigar as raízes históricas da famosa asserção cartesiana e remontando à tradição filosófica anterior ao pensador francês, percebe-se que é possível investigar a rede de filiações conceituais que eclodirão em Descartes, advindas dos inícios do pensamento filosófico, na Grécia, em especial, no que se refere ao conceito de alma e pelo que se entendia sobre isso no pensamento pré-socrático.

Nessa medida, “A Alma na Hélade: a origem da subjetividade ocidental” é um trabalho no qual procurou-se estudar as bases do pensamento pré-socrático, as latências das noções de subjetividade e indivíduo ocidental sob a





**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

perspectiva do desenvolvimento dos conceitos de alma, imortalidade e sobrevivência da alma ao fenômeno da morte.

Dessa investida de compreensão a respeito do pensamento e vivência psicossociais dos helênicos pré-socráticos, buscou-se demonstrar como se deu o afastamento dos deuses do cotidiano existencial das representações helênicas que os homens da época tinham a nítida percepção da desvinculação divina de seu dia a dia, observada através das doutrinas dos filósofos do período posterior a Sócrates, bem como os deslocamentos de valor aplicado à noção de *areté*, pelo corpo cívico.

**É DISSO QUE TRATA esta obra:** da análise crítica e histórica das bases culturais do pensamento filosófico grego em torno do conceito de alma sob a perspectiva da História das Mentalidades, das Ideias e Psicológica, buscando tornar mais compreensível a Filosofia pré-socrática.



$I\Phi$ -Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **Chamadas públicas**

1. Janeiro/ 2019 – História Antiga: novas perspectivas.

### **Próximas chamadas**

1. Abril/ 2019 – Religião no mundo Antigo.

### **Informações através do sítio:**

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/>

**<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/>**